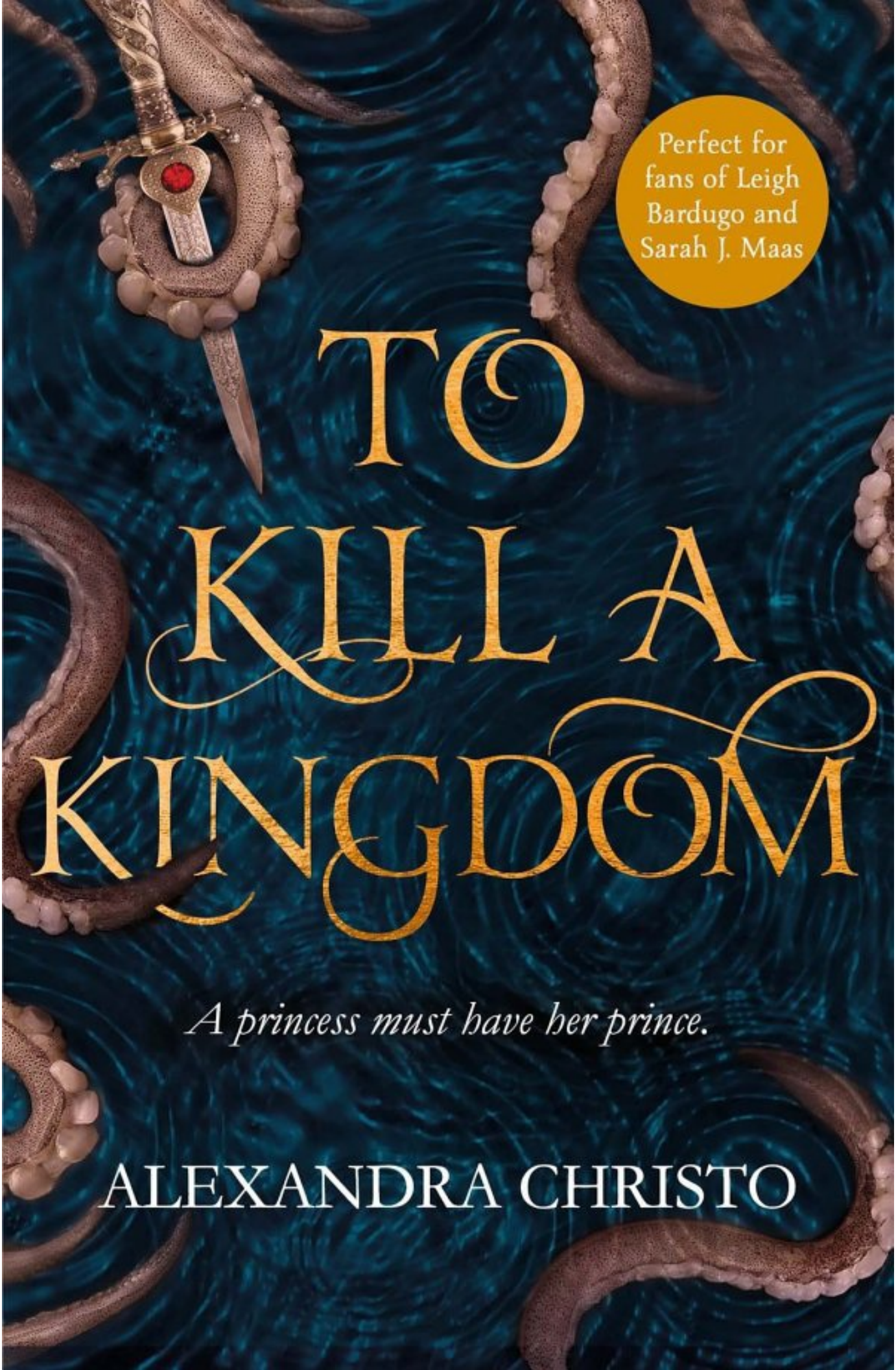

Perfect for fans of Leigh Bardugo and Sarah J. Maas
TO KILL A KINGDOM
A princess must have her prince.
ALEXANDRA CHRISTO

# TO KILL A KINGDOM

ALEXANDRA CHRISTO



1. Lira
2. Lira
3. Elian
4. Elian
5. Lira
6. Elian
7. Elian
8. Lira
9. Elian
10. Lira
11. Elian
12. Elian
13. Lira
14. Elian
15. Lira
16. Lira
17. Elian
18. Lira
19. Lira
20. Elian
21. Elian
22. Lira
23. Elian
24. Lira
25. Lira
26. Elian
27. Lira
28. Lira

29. Elian
30. Lira
31. Elian
32. Lira
33. Elian
34. Lira
35. Lira
36. Elian
37. Lira
38. Elian
39. Elian
40. Lira
41. Lira
42. Lira
43. Elian

Tradução por: Whitethornteca: Drive e Traduções.
Siga nosso Twitter: @whitethornteca

*Para aqueles que eu amo, que nunca teve a chance de ver isso acontecer*



# 1

# *Lira*

EU TENHO UM CORAÇÃO para cada ano de vida.

Há dezessete escondidos na areia do meu quarto. De vez em quando, eu pego através da telha, só para verificar se eles ainda estão lá. Bem enterrado e sangrento. Eu conto cada um deles, para ter certeza de que nenhum foi roubado durante a noite. Não é um medo tão estranho de se ter. Corações são poder, e se há uma coisa que minha raça anseia mais que o oceano, é poder.

Eu ouvi coisas: contos de corações perdidos e mulheres arpoadas grampeadas no leito do oceano como punição por sua traição. Deixadas para sofrer até que seu sangue se torne sal e se dissolva em espuma do mar. Estas são as mulheres que recebem a recompensa humana de seus parentes. Sereias mais peixe do que carne, com uma parte superior do corpo para combinar com as escamas decadentes de suas barbatanas.

Ao contrário das sirenas, as sereias esticam as cascas e membros azuis no lugar do cabelo, com uma mandíbula que deixa a boca esticar até o tamanho

de pequenos barcos e engolir tubarões inteiros. Sua carne azul-escura é pontilhada de barbatanas que se espalham por seus braços e espinhos. Ambos, peixe e humano, com a beleza de nenhum dos dois.

Elas têm a capacidade de ser mortal, como todos os monstros, mas enquanto as sirenas seduzem e matam, as sereias permanecem fascinadas pelos humanos. Elas roubam bugigangas e seguem navios na esperança de que o tesouro caia do convés. Às vezes elas salvam a vida dos marinheiros e não recebem nada além de encantos em troca. E quando elas roubam os corações que nós mantemos, não é pelo poder. É porque elas acham que, se comerem o suficiente, podem se tornar humanos.

Eu odeio sereias.

Meu cabelo cai nas minhas costas, tão vermelho quanto meu olho esquerdo – e só meu esquerdo, é claro, porque o olho direito de cada sirena é a cor do mar em que nasceram. O meu, é do grande mar de Diávolos, com águas de maçã e safira. Um pouco de cada, então acaba sendo nenhum dos dois. Nesse oceano está o reino marinho de Keto.

É um fato bem conhecido que as sirenas são lindas, mas a linhagem de Keto é real e com isso vem sua própria beleza. Uma magnificência forjada em água salgada e privilégio real. Temos cílios nascidos de lascas de iceberg e lábios pintados com sangue de marinheiros. É uma maravilha que precisamos da nossa música para roubar corações.

— Qual você vai tomar, prima? — Kahlia pergunta em *Psáriin*.

Ela se senta ao meu lado na rocha e olha para o navio à distância. Suas escamas são profundas e seu cabelo loiro mal chega aos seios, cobertos por uma trança de algas alaranjadas.

— Você é ridícula — digo a ela. — Você sabe qual.

O navio segue preguiçosamente as águas calmas de Adékaros, um dos muitos reinos humanos que prometi livrar de um príncipe. É menor que a maioria e é feito de madeira escarlate que representa as cores do país.

Os humanos gostam de exibir seus tesouros para o mundo, mas isso só os torna alvos de criaturas como Kahlia e eu, que podem facilmente identificar um navio real. Afinal, é o único da frota com a bandeira da madeira pintada e do tigre. O único navio em que o príncipe Adékarosin navega.

Presa fácil para aqueles com vontade de caçar.

O sol pesa nas minhas costas. Seu calor pressiona contra o meu pescoço e faz meu cabelo grudar na minha pele molhada. Eu sofro pelo gelo do mar, tão

afiado de frio que parece facas gloriosas nas fendas entre meus ossos.

— É uma pena — diz Kahlia. — Quando eu estava espionando ele, era como olhar para um anjo. Ele tem um rosto tão bonito.

— O coração dele será mais bonito.

Kahlia abre um sorriso selvagem.

— Faz um tempo desde sua última morte, Lira — ela brinca. — Tem certeza de que não está sem prática?

— Um ano dificilmente é um tempo.

— Depende de quem está contando — suspiro.

— Então me diga quem é para que eu possa matá-lo e acabar com essa conversa.

O sorriso de Kahlia é descrente. O tipo reservado para os momentos em que estou mais apavorada, porque esse é o traço que as sirenas devem valorizar mais. Nosso horror é estimado. Amizade e irmandade são ensinados a serem estranhos. Nossa lealdade é reservada apenas para a rainha do mar.

— Você está um pouco sem coração hoje, não é?

— Nunca — digo. — Há dezessete debaixo da minha cama.

Kahlia sacode a água do cabelo dela.

— Você provou tantos príncipes.

Ela acha que isso é algo de que se orgulhar, mas é porque Kahlia é jovem e pegou apenas dois corações. Nenhum deles da realeza. Essa é minha especialidade, meu território. Um pouco da reverência de Kahlia é por isso. A maravilha de saber se os lábios de um príncipe têm um gosto diferente dos de qualquer outro humano. Eu não posso dizer, porque os príncipes são tudo que já provei.

Desde que nossa deusa, Keto, foi morta pelos humanos, tornou-se costume roubar um coração a cada ano, no mês de nosso nascimento. É uma celebração da vida que Keto nos deu e um tributo de vingança pela vida que os humanos tiraram dela. Quando eu era jovem demais para caçar, minha mãe fez isso por mim, como é a tradição. E ela sempre me dava príncipes. Alguns tão jovens quanto eu era. Outros velhos e franzidos, ou filhos do meio que nunca tiveram a chance de governar. O rei da Armonia, por exemplo, já teve seis filhos e, nos meus primeiros aniversários, minha mãe me trouxe um por ano.

Quando eu tinha idade suficiente para me aventurar por conta própria, não me ocorreu esquecer a realeza e alvos de marinheiros como o resto da minha

espécie, ou até mesmo caçar os príncipes que um dia assumiriam seus tronos. Eu não sou nada senão uma fiel seguidora das tradições da minha mãe.

— Você trouxe sua concha? — Pergunto.

Kahlia retira o cabelo do caminho para mostrar a concha laranja em volta do pescoço. Uma parecida com a minha, apenas alguns tons mais sangrentos do que a da minha garganta. Não parece muito, mas é a maneira mais fácil de nos comunicarmos. Se as segurarmos em nossos ouvidos, podemos ouvir o som do oceano e a música do palácio subaquático do Keto que chamamos de lar. Para Kahlia, pode funcionar como um mapa para o mar de Diávolos se estivermos separadas. Estamos muito longe do nosso reino e levou quase uma semana para nadarmos até aqui. Como Kahlia tem quatorze anos, ela tende a ficar perto do palácio, mas eu era quem decidia que deveria mudar, e como princesa, meus caprichos são tão bons quanto a lei.

— Nós não vamos nos separar — Kahlia diz.

Normalmente, eu não me importaria se um dos meus primos estivesse preso em um oceano estrangeiro. Como um todo, eles são um bando tedioso e previsível, com pouca ambição ou imaginação. Desde que minha tia morreu, eles se tornaram nada mais do que adoradores lacaios para minha mãe. O que é ridículo, porque a Rainha do Mar não está lá para ser adorada. Ela está aí para ser temida.

— Lembre-se de escolher apenas um — instruo. — Não perca seu foco.

Kahlia acena com a cabeça.

— Qual deles? — ela pergunta. — Ou vai cantar para mim quando eu estiver lá?

— Nós seremos as únicas cantando — digo. — Vai encantar todos eles, mas se você se concentrar em um deles, eles vão se apaixonar por você com tanta determinação que mesmo quando se afogarem, eles não gritaram nada além de sua beleza.

— Normalmente, o encantamento é quebrado quando eles começam a morrer — Kahlia diz.

— Porque você se concentra em todos eles e, no fundo, eles sabem que nenhum deles é o desejo do seu coração. O truque é querer tanto quanto eles te querem.

— Mas eles são nojentos — diz Kahlia, embora não pareça que ela acredita tanto quanto quer que eu pense que ela acredita— Como podemos esperar que os desejemos.

— Porque você não está lidando com marinheiros agora. Você está lidando com a realeza e com a realeza vem o poder. O poder é *sempre* desejável.

— Realeza? — Kahlia fica de boca aberta. — Eu pensei…

Ela se afasta. O que ela achava era que os príncipes eram meus e eu não compartilhava. Isso não é falso, mas onde há príncipes, há reis e rainhas, e eu nunca tive muita utilidade para nenhum deles. Os governantes são facilmente descartados. São os príncipes que detêm o fascínio. Na sua juventude. Na fidelidade de seu povo. Na promessa do líder que eles poderiam se tornar um dia. Eles são a próxima geração de governantes e, matando-os, eu mato o futuro. Assim como minha mãe me ensinou.

Eu pego a mão de Kahlia.

— Você pode ter a rainha. Eu não tenho interesse no passado.

Os olhos de Kahlia estão acesos. Seu olho direito tem a mesma safira do Mar Diávolos que conheço bem, mas o esquerdo tem um amarelo cremoso que mal se destaca do branco, que brilha com uma alegria rara. Se ela roubar um coração real para seu décimo quinto aniversário, isso certamente lhe valerá clemência da raiva perpétua de minha mãe.

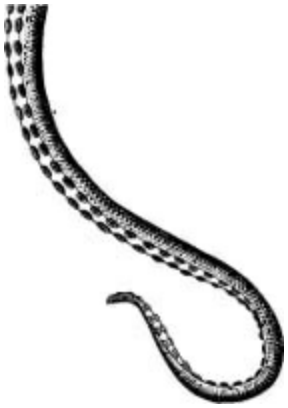
— E você vai levar o príncipe — diz Kahlia. — Aquele com o rosto bonito.

— O rosto dele não faz diferença — solto sua mão. — É o coração dele que vou pegar no fim.

— Tantos corações — sua voz é angelical. — Logo você ficará sem espaço para enterrar todos eles.

Lambo meus lábios.

— Talvez — digo. — Mas uma princesa deve ter seu príncipe.



# 2

# *Lira*

O NAVIO ESTÁ ÁSPERO sob as lombadas dos meus dedos. A madeira está lascada, a tinta rachando e descascando o corpo. Corta a água de uma maneira que é muito irregular. Como uma faca sem corte, pressionando e rasgando até cortar. Há podridão em alguns lugares e o mau cheiro faz meu nariz enrugar.

É o navio de um pobre príncipe.

Nem todos os membros da realeza são iguais. Alguns são decorados com roupas finas, jóias insuportavelmente pesadas, tão grandes que se afogam duas vezes mais rápido. Outros estão escassamente vestidos, com apenas um ou dois anéis e coroas de bronze pintadas de ouro. Não que isso seja importante para mim. Um príncipe é um príncipe, afinal.

Kahlia fica ao meu lado e nós nadamos com o navio enquanto ele rasga o mar. Está em velocidade constante e conseguimos acompanhar facilmente. Esta é a agonizante espera, enquanto os humanos se tornam presas. Algum

tempo se passa antes que o príncipe finalmente pise no convés e olhe para o oceano. Ele não pode nos ver. Estamos muito perto e nadamos rápido demais. Através do rastro do navio, Kahlia olha para mim e seus olhos fazem a pergunta. Com um sorriso tão bom quanto qualquer aceno de cabeça, retorno seu olhar.

Nós emergimos da espuma e separamos nossos lábios.

Cantamos em uníssono perfeito na língua de Midas, a língua humana mais comum e que uma sirena conhece bem. Não que as palavras importam. É a música que os seduz. Nossas vozes ecoam no céu e rolam de volta pelo vento. Nós cantamos como se houvesse um coro inteiro de nós, e enquanto a assombrosa melodia ricocheteia e sobe, se transforma no coração da tripulação até que finalmente o navio desacelera até parar.

— Você ouve, mãe? — Pergunta o príncipe. Sua voz é alta e sonhadora.

A rainha está ao lado dele no convés.

— Eu não acho…

Sua voz vacila quando a melodia a submete. É um comando, e todo ser humano para, corpos congelados enquanto seus olhos vasculham os mares. Eu fixei meu foco no príncipe e canto mais suavemente. Em instantes, seus olhos caem para os meus.

— Deuses — ele diz. — É você.

Ele sorri e desliza uma única lágrima do seu olho esquerdo.

Eu paro de cantar e minha voz se transforma em um zumbido suave.

— Meu amor — O príncipe diz. — Finalmente encontrei você.

Ele agarra as bordas e espia, o peito contra a madeira, estendendo a mão para me tocar. Ele está vestido com uma camisa bege, as cordas soltas no peito, mangas rasgadas e levemente mordidas. Sua coroa é de uma fina folha de ouro que parece que poderia quebrar se ele se mover muito rapidamente. Ele parece desolado e pobre.

Mas então olho para seu rosto.

Macio e redondo, com pele envernizada como madeira e olhos com um tom penetrante mais escuro. Seus cabelos balançam e enrolam firmemente em sua cabeça, uma bela confusão de loops e espirais. Kahlia estava certo; ele é angelical. Magnífico mesmo. Seu coração fará um bom troféu.

— Você é tão bonita — diz a rainha, olhando para Kahlia com reverência. — Não sei como nunca pensei nisso.

O sorriso de Kahlia é primordial quando ela alcança a rainha, chamando-a

para o oceano.

Eu volto para o príncipe, que está freneticamente estendendo a mão para mim.

— Meu amor — ele implora. — Venha a bordo.

Balancei minha cabeça e continuei a cantarolar. O vento geme com a canção de ninar da minha voz.

— Então vou até você! — ele grita, como se fosse uma escolha.

Com um sorriso alegre, ele se joga no oceano, e com o esguicho de seu corpo, vem um segundo, que eu sei ser a rainha, jogando-se à mercê da minha prima. Os sons de suas quedas despertam algo na tripulação e, num instante, estão gritando.

Eles se inclinam sobre a borda do navio, uns cinquenta agarrados a cordas e à madeira, observando o espetáculo abaixo com horror. Mas ninguém ousa atirar-se ao mar para salvar seus soberanos. Eu posso sentir o medo deles, misturado com a confusão que vem da súbita ausência da nossa música.

Encontro os olhos do meu príncipe e acaricio sua pele macia e angelical. Delicadamente, com uma mão na bochecha e outra descansando nos ossos finos do ombro, eu o beijo. E enquanto meus lábios provam os dele, eu o puxo para baixo.

O beijo se quebra uma vez que estamos longe o suficiente. Minha música já acabou há muito tempo, mas o príncipe continua apaixonado. Mesmo quando a água enche seus pulmões e sua boca se abre em um suspiro, ele mantém seus olhos em mim com um olhar glorioso de paixão.

Enquanto se afoga, ele toca seus dedos nos lábios.

Ao meu lado, a rainha de Kahlia se debate. Ela agarra sua garganta e afasta minha prima. Irritada, Kahlia se agarra ao tornozelo e a mantém profundamente abaixo da superfície, o rosto da rainha zombando enquanto ela tenta escapar. É inútil. O encanto de uma sirena é um vício.

Eu acaricio meu príncipe morrendo. Meu aniversário não é até duas semanas. Esta viagem foi um presente para Kahlia: para segurar o coração da realeza em suas mãos e nomeá-la em décimo quinto aniversário. Só preciso roubar um coração daqui a uma quinzena, então estou quebrando nossa regra mais sagrada. No entanto, há um príncipe morrendo lentamente na minha frente. Pele marrom e lábios azuis com o oceano. Cabelo correndo atrás dele como algas negras. Algo sobre sua pureza me faz lembrar da minha primeira

morte. O menino que ajudou minha mãe me transformou na fera que sou agora.

*Um rosto tão bonito*, Penso.

Corro o polegar sobre o lábio do pobre príncipe, saboreando sua expressão pacífica. E então solto um grito como nenhum outro. O tipo de barulho que mata ossos e garras na pele. Um barulho para deixar minha mãe orgulhosa.

Em um movimento, eu mergulho meu punho no peito do príncipe e tiro seu coração.

# 3

# *Elian*

TECNICAMENTE, EU SOU UM ASSASSINO, mas gosto de pensar que essa é uma das minhas melhores qualidades.

Eu levanto minha faca para a lua, admirando o esmalte de sangue antes que ele se infiltre no aço e desapareça. Foi feito para mim quando fiz dezessete anos e ficou claro que matar não era mais apenas um hobby. Não era apropriado, disse o rei, príncipe Midasan carregar lâminas enferrujadas. E agora eu carrego uma lâmina mágica que bebe o sangue de sua matança tão rápido que mal tenho tempo para admirá-lo. O que é muito mais decente, aparentemente. Se não fosse um pouco teatral.

Eu penso na coisa morta no meu deck.

O *Saad* é um navio poderoso que se estende ao tamanho de dois navios cheios, com uma tripulação que poderia ter mais de quatrocentos, mas tenho exatamente a metade disso porque valorizo a lealdade acima de tudo. Lanternas pretas velhas adornam a popa e a proa se estende a frente em uma adaga penetrante. O *Saad* é muito mais que um navio: é uma arma. Pintado à um azul marinho da meia-noite, com velas do mesmo creme que a pele da rainha e um deck do mesmo polimento que o do rei.

Um deck que é atualmente o lar do cadáver ensanguentado de uma sirena.

— Não deveria derreter agora?

Esse é Kolton Torik, meu primeiro amigo. Torik está em seus quarenta e poucos anos, com um bigode branco puro e uns bons quatro centímetros de altura mais alto que eu. Cada um de seus braços é do tamanho de cada uma das minhas pernas, e ele é nada menos do que corpulento. Nos meses de verão como estes, ele usa shorts cortados, o tecido desgastado por seus

joelhos e uma camisa branca com um colete preto amarrado com uma fita vermelha. O que me diz que, de todas as coisas que ele leva a sério – o que, na verdade, é quase tudo –, seu papel quase como pirata provavelmente não é um deles. É uma contradição para tripulantes como Kye, que não leva absolutamente nada a sério e ainda se veste como um membro honorário dos infames ladrões Xaprár.

— Eu me sinto estranho apenas olhando para isso — diz Torik — Todo humano na parte de cima.

— Se diverte olhando para cima, não é?

Torik cora e vira sua atenção para longe dos seios expostos da sirena.

É claro que entendo o que ele quis dizer, mas em algum lugar ao longo dos mares esqueci como ficar horrorizado. Não há como olhar além das barbatanas e lábios vermelho-sangue, ou os olhos que brilham com duas cores diferentes. Homens como Torik - bons homens - veem o que essas criaturas poderiam ser: mulheres e meninas, mães e filhas. Mas eu só posso vê-las como são: monstros e bestas, criaturas e demônios.

Eu não sou um bom homem. Não acho que eu seja um há muito tempo.

À nossa frente, a pele da sereia começa a se dissolver. Seu cabelo derrete para o mar verde e suas escamas espumam. Até mesmo o sangue dela, apenas um momento antes de ameaçar manchar o convés do *Saad*, começa a ensaboar até que tudo o que resta é espuma do mar. E um minuto depois, isso também desaparece.

Sou grato por essa parte. Quando uma sirena morre, ela volta para o oceano, o que significa que não há queima de corpos impróprios. Nenhum despejo de cadáveres apodrecendo no mar. Posso não ser um bom homem, mas sou bom o suficiente para achar isso preferível.

— E agora, Cap?

Kye desliza a espada de volta ao lugar e se posiciona ao lado de Madrid, minha segunda companheira. Como de costume, Kye está todo vestido de preto, com couro e luvas de retalhos que terminam na ponta dos dedos. Seu cabelo castanho claro é raspado dos dois lados, como a maioria dos homens da Omorfiá, onde a estética é valorizada acima de tudo. Que, no caso de Kye, também inclui a moral. Felizmente para ele – e, talvez, para todos nós – Madrid é uma especialista em decência nas pessoas. Para uma assassina treinada, ela é estranhamente ética, e seu relacionamento conseguiu impedir Kye de escorregar até as pistas mais escorregadias.

Dou um sorriso para Kye. Eu gosto de ser chamado de Cap. Capitão. Qualquer coisa que não seja Meu Liege, Meu Príncipe, *Sua Alteza Real Sir Elian Midas*. Seja o que for que os devotos gostem de cuspir entre as constantes reverências. Cap me serve de uma maneira que meu título nunca fez. Eu sou muito mais pirata que príncipe, de qualquer forma.

Tudo começou quando eu tinha quinze anos e, nos últimos quatro anos, não conheço nada tão bem quanto conheço o oceano. Quando estou em Midas, meu corpo dói para dormir. Há um cansaço constante em agir como um príncipe, onde até as conversas com aqueles que estão na corte e que me parecem um deles se tornam cansativas demais para ficar acordado. Quando estou a bordo do *Saad*, mal durmo. Nunca pareço estar cansado o suficiente. Há uma vibração constante e pulsante. Choques como um raio que atiram em minhas veias. Estou sempre alerta e cheio de excitação ansiosa, tanto que, enquanto o resto da minha tripulação dorme, deito no convés e conto as estrelas.

Eu crio formas delas, e dessas formas eu crio histórias. De todos os lugares que eu fui e irei. De todos os mares e oceanos que eu ainda não visitei e os homens que ainda tenho que recrutar e os demônios que ainda tenho que matar. A emoção nunca para, mesmo quando os mares se tornam mortais. Mesmo quando ouço a canção familiar que atinge a minha alma e me faz acreditar no amor como se fosse a primeira vez. O perigo só me deixa mais sedento.

Como Elian Midas, príncipe herdeiro e herdeiro do trono de Midasan, fico mais do que um pouco aborrecido. Minhas conversas são sobre o estado ou as riquezas ou qual baile vou comparecer, ou qual senhora tem o vestido mais fino ou se há algum que acho que vale a pena uma farra. Toda vez que ancoro em Midas e sou forçado a cumprir esse papel, parece que o tempo está perdido. Um mês, uma semana, um dia, não posso voltar. Uma oportunidade perdida ou uma vida não salva. Mais um da realeza que é como se eu tivesse entregado à Maldição dos Príncipes.

Mas quando sou apenas o Elian, capitão do *Saad*, me transformo. Quando o barco atraca na ilha escolhida para o dia, desde que eu tenha minha tripulação, posso ser eu mesmo. Bebo até que eu esteja tonto e faço piadas com mulheres cuja pele parece quente com aventuras. Mulheres que cheiram a rosa e cevada e, ao ouvirem que sou um príncipe, riem e dizem que isso não me dará uma bebida grátis.

— Cap? — Pergunta Kye. — Declare o jogo.

Subo os degraus até o convés da proa, puxo o telescópio de ouro do meu cinto e o pressiono para meus olhos de armação de kohl. Na borda da proa, vejo o oceano. Por milhas e milhas. Eras, até. Nada além de água limpa. Lambo meus lábios, famintos pela emoção de mais.

Há realeza em mim, mas mais do que isso há aventura. É indecente, meu pai disse, que o herdeiro Midasan tenha uma faca enferrujada, ou navegue em mar aberto e desapareça por meses, ou ainda tenha dezenove anos e ainda não tenha uma esposa adequada, ou use chapéus em forma de triângulos e farrapos com corda solta no lugar do fio de ouro.

Indecente, ser um pirata e caçador de sirena no lugar de um príncipe.

Eu suspiro e viro para encarar a proa. Tanto oceano, mas ao longe, longe demais para distinguir, há terra. Lá está a ilha de Midas. Lá está minha casa.

Olho para minha tripulação. Duzentos marinheiros e guerreiros que veem minha missão como ahonrosa e corajosa. Eles não pensam em mim como aqueles na corte, que ouvem meu nome e imaginam um jovem príncipe que precisa obter exploração de seu sistema. Esses homens e mulheres ouviram meu nome e prometeram sua lealdade eterna.

— Ok, seu grupo desordenado de moelas de sirena — ligo para eles. — Virem a moça para a esquerda.

Minha tripulação ruge sua aprovação. Em Midas, eu me certifico de que eles sejam mimados com o máximo de bebida e comida que quiserem. Barrigas cheias e camas com lençóis de seda. Muito mais luxo do que eles estão acostumados a dormir no *Saad*, ou nas camas cheias de feno das pousadas que encontramos nas terras que passam.

— Minha família vai querer ver como nos saímos — digo a eles. — Estamos indo para casa.

Um trovão de vibrações. Eles aplaudem em triunfo com o anúncio. Sorrio e decido manter a alegria no meu rosto. Eu não vou vacilar. É uma parte fundamental da minha imagem: nunca ficar chateado ou irritado ou desencorajado. Sempre responsável pela minha própria vida e destino.

O navio vira duramente, balançando em um amplo círculo enquanto minha tripulação corre ao redor do convés, ansiosa pelo retorno à Midas. Eles não são todos nativos; alguns são de reinos vizinhos como Armonía ou Adékaros. Países em que eles se cansaram, ou aqueles que foram jogados no caos após a morte de seus príncipes. Eles são de todos os lugares e suas casas não estão

em lugar algum, mas eles chamam Midas de casa porque eu chamo. Mesmo que seja mentira para eles e para mim. Minha tripulação é minha família e, embora eu nunca possa dizer isso – talvez, não precise dizer – o *Saad* é meu verdadeiro lar.

Para onde estamos indo agora é apenas outro pit stop.

# 4

# *Elian*

EM MIDAS, O OCEANO reluz ouro. Pelo menos, essa é a ilusão. É azul como qualquer outro mar, mas a luz faz coisas. Coisas inexplicáveis. A luz pode mentir.

O castelo eleva-se acima da terra, construído na maior pirâmide. É trabalhada de ouro puro, de modo que cada pedra e tijolo é uma extensão reluzente de luz solar. As estátuas se espalham no horizonte, e as casas nas cidades mais baixas são todas pintadas da mesma forma. Ruas e pedras brilham em amarelo, de modo que quando o sol bate no oceano, reluz num reflexo inconfundível. É só durante as partes mais escuras da noite que o verdadeiro azul do Mar de Midasan pode ser visto.

Como o príncipe de Midasan, meu sangue deveria ser feito desse mesmo ouro. Cada terra nos cem reinos tem seus próprios mitos e fábulas para sua realeza: Os deuses esculpiram a família Págos da neve e do gelo. Cada geração dotada de cabelos como leite e lábios azuis como o céu. As realezas de Eidýllion são os descendentes do Deus do Amor, e assim qualquer um que eles tocam encontrará sua alma gêmea. E os monarcas de Midasan são criados a partir do próprio ouro.

A lenda diz que minha família inteira não sangra nada além de tesouro. Claro, eu sangrei muito. Sirenas perdem toda a serenidade quando se transformam de caçadores para presas e pedaços de suas unhas se encaixam em meus braços. Meu sangue foi derramado mais frequentemente do que qualquer outro príncipe, e eu posso confirmar o fato de que nunca foi ouro.

Isso, minha tripulação sabe. Eles são os que limpam as minhas feridas e costuram a minha pele novamente. No entanto, eles entretêm a lenda, rindo e

acenando duvidosamente sempre que as pessoas falam de sangue dourado. Eles nunca trairiam o segredo da minha ordinariedade.

— É claro — Madrid dirá a qualquer um que perguntar. — O capitão é feito a partir das partes mais puras do sol. Vê-lo sangrar é como olhar nos olhos dos deuses.

Kye sempre irá inclinar-se e abaixar a voz do jeito que só alguém quem sabe todos os meus segredos poderia.

— Depois que uma mulher fica com ele, ela chora lágrimas de nada além que metal líquido por uma semana. Parte por sentir sua falta terrivelmente, e a outra parte para recomprar seu orgulho.

— Sim — Torik sempre acrescente. — E ele também caga arco-íris.

Eu permaneço na proa do *Saad*, ancorado nas docas de Midasan. Estou inseguro com a idéia de ter meus pés em terra firme depois de tantas semanas. É sempre assim. Mais estranho ainda é pensar que vou precisar deixar as partes mais verdadeiras de mim mesmo no *Saad* antes de ir para a pirâmide e para minha família. Já faz quase um ano desde a última vez que voltei, e embora tenha sentido falta deles, não parece ter sido tempo suficiente.

Kye está ao meu lado. O resto da tripulação começou a caminhada, como um exército marchando para o palácio, mas ele raramente sai do meu lado a menos que seja solicitado. Contramestre, melhor amigo e guarda-costas. Ele nunca admitiria a última parte, embora meu pai tenha oferecido dinheiro suficiente para o cargo. Claro, na época, Kye já estava na minha tripulação por tempo suficiente para saber melhor do que tentar me salvar, e meu amigo por tempo suficiente para estar disposto a tentar de qualquer maneira.

Ainda sim, ele pegou o ouro. Ele pegou a maioria das coisas só porque podia. Veio com o território de ser filho de um diplomata. Se Kye fosse decepcionar seu pai juntando-se a mim em uma caçada de sirenas em vez de passar uma vida na política e nas negociações entre reinos, então ele não faria isso pela metade. Ele ia jogar tudo o que tinha nele. Afinal, a ameaça de deserdação já havia sido executada.

Ao meu redor, tudo brilha. Edifícios e pavimentos e até as docas. No céu, centenas de minúsculas lanternas douradas flutuam até os céus, celebrando minha volta ao lar. O conselheiro do meu pai é da terra dos cartomantes e profetas, e ele sempre sabe quando estou prestes a voltar. Cada vez os céus dançam com lanternas flamejantes ao lado das estrelas.

Eu inalo o cheiro familiar da minha terra natal. Midas sempre parece cheirar a fruta. Tantos tipos diferentes de uma vez só. Manteiga de peras e pêssegos de pedra-mole, sua carne presa ao mel misturando-se com o doce de damascos. E sob tudo isso está o cheiro desbotado de alcaçuz, que vem do *Saad* e, muito provavelmente, de mim.

— Elian — Kye coloca um braço por cima do meu ombro. — Nós devemos ir se quisermos algo para comer hoje à noite. Você sabe que eles não nos deixarão nenhuma comida se dermos a eles metade da chance.

Eu rio, mas soa mais como um suspiro.

Eu tiro meu chapéu. Eu já mudei do meu traje de mar para a única roupa respeitável que eu guardo a bordo do meu navio. Uma camisa creme, com botões em vez de fios, e calças azuis seguradas por um cinto de ouro. Não é bem adequado para um príncipe, mas também não é nada do pirata. Eu até tirei o brasão da minha família da fina corrente em volta do meu pescoço e coloquei no meu polegar.

— Certo — eu engancho meu chapéu sobre a roda do navio. — Melhor acabar logo com isso.

— Não vai ser tão ruim — Kye engata o colarinho. — Você pode acabar gostando da reverência. Pode até mesmo abandonar o navio e deixar todos nós encalhados na terra do ouro. — Ele estende a mão e bagunça meu cabelo. — Não seria uma coisa tão ruim — diz ele. — Eu gosto muito de ouro.

— Um verdadeiro pirata — Eu o empurro sem entusiasmo. — Mas você pode tirar essa idéia da sua cabeça. Vamos ao palácio, vamos ao baile que sem dúvida vão fazer em minha homenagem e partimos antes que a semana acabe.

— Um baile? — As sobrancelhas de Kye se erguem. — Que honra, meu soberano. — Ele se inclina em um arco inclinado, com uma das mãos no estômago.

Eu o empurro de novo. Mais forte.

— Deuses — eu estremeço. — Por favor, não.

Mais uma vez ele se inclina, embora desta vez dificilmente consiga não rir.

— Como você desejar, Sua Alteza.

MINHA FAMÍLIA ESTÁ NA sala do trono. A câmara é decorada com bolas flutuantes de ouro, bandeiras impressas com o brasão Midasan e uma grande

mesa cheia de jóias e presentes. Presentes do povo para celebrar o retorno do seu príncipe.

Tendo abandonado Kye ao refeitório, observo minha família pela porta, ainda sem estar pronto para anunciar minha presença.

— Não é que eu não ache que ele mereça — diz minha irmã.

Amara tem dezesseis anos, com olhos de molokhia e cabelos negros como os meus e quase sempre polvilhados com ouro e pedras preciosas.

— É só que eu mal acho que ele vai querer — Amara levanta uma pulseira de ouro na forma de uma folha e apresenta ao rei e à rainha. — Sério. — ela argumenta. — Você consegue ver Elian usando isso? Estou fazendo um favor a ele.

— Roubar é um favor agora? — pergunta a rainha. As tranças de cada lado de sua franja balançam quando ela se vira para o marido. — Vamos enviá-la para Kléftes para viver com o resto dos ladrões?

— Eu não sonharia com isso — diz o rei. — Mande meu pequeno demônio para lá eles verão isso como um ato de guerra quando ela roubar o anel da crista.

— Bobagem — eu finalmente entro na sala. — Ela seria inteligente o suficiente para ir pela coroa primeiro.

— Elian!

Amara corre para mim e joga so braços em volta do meu pescoço. Devolvo o abraço e a levanto do chão, tão animado em vê-la como ela em me ver.

— Você está em casa! — ela diz, assim que a coloco de volta no chão.

Eu olho para ela com um falso insulto.

— Por cinco minutos e você já está planejando me roubar.

Amara me cutuca no estômago.

— Só um pouco.

Meu pai se levanta do trono e seus dentes brilham contra sua pele escura.

— Meu filho.

Ele me envolve em um abraço e bate nos meus ombros. Minha mãe desce os degraus para se juntar a nós. Ela é delicada, mal alcançando o ombro do meu pai e tem traços delicados e graciosos. Seu cabelo está cortado no queixo e seus olhos são verdes e felinos, revestidos de mechas negras que lambem suas têmporas.

O rei é o seu oposto em todos os sentidos. Grande e musculoso, com um cavanhaque amarrado com miçangas. Seus olhos são um marrom que

combinam com sua pele, e sua mandíbula é afiada e quadrada. Com Midas hierática decorando seu rosto, ele se parece com um guerreiro.

Minha mãe sorri. — Estávamos começando a nos preocupar que você tivesse nos esquecido.

— Só por um tempo. — Eu beijo sua bochecha. — Lembrei-me assim que entramos. Eu vi a pirâmide e pensei: *Oh, minha família mora lá. Eu me lembro dos seus rostos. Espero que eles comprem uma pulseira para comemorar o meu retorno*.— Eu atiro para Amara um sorriso e ela me cutuca novamente.

— Você já comeu? — Minha mãe pergunta. — Há uma festa no salão de banquetes. Eu acho que seus amigos estão lá agora.

Meu pai resmunga. — Sem dúvida nenhuma comendo tudo, menos nossos utensílios.

— Se você quer que eles comam os talheres, você deveria ter esculpido-os em queijo

— Sério, Elian — minha mãe bate no meu ombro e em seguida levanta a mão para tirar o cabelo da minha testa. — Você parece tão cansado. — diz ela.

Eu pego a mão dela e beijo.

— Estou bem. Isso é apenas o que dormir em um navio faz com um homem.

Na verdade, eu não acho que pareci cansado até o momento em que saí do *Saad* e pisei no cimento pintado de ouro de Midas. Apenas um passo e a vida drenada de mim.

— Você deveria tentar dormir em sua própria cama por mais de alguns dias por ano. — diz meu pai.

— Radames — minha mãe repreende. — Não comece.

— Estou falando com o garoto! Não há nada lá fora além do oceano.

— E sirenas — eu lembro a ele.

— Ha! — Sua risada é um berro. — E é seu trabalho procurá-las, é? Se você não tomar cuidado, vai nos deixar como Adékaros.

Eu franzo a testa.

— O que isso significa?

— Isso significa que sua irmã pode ter que assumir o trono.

— Nós não teremos que nos preocupar, então. — Eu coloco meu braço em torno de Amara. — Ela definitivamente faria uma rainha melhor que eu.

Amara reprime uma risada.

— Ela tem dezesseis anos — meu pai repreende. — Uma criança deve ter permissão para viver sua vida e não se preocupar com um reino inteiro.

— Ah — eu dobro meus braços. — Ela deveria, mas não eu.

— Você é o mais velho.

— Sério? — Eu finjo refletir sobre aquilo. — Mas eu tenho um brilho tão jovem.

Meu pai abre a boca para responder, mas minha mãe coloca uma mão gentil em seu ombro.

— Radames — ela diz — Eu acho que é melhor que Elian durma um pouco. O baile de amanhã fará com que seja um longo dia e ele realmente parece cansado.

Eu pressiono meus lábios em um sorriso apertado e me inclino em uma reverência.

— Claro — eu digo e me retiro.

Meu pai nunca entendeu a importância do que estou fazendo, mas cada vez que volto para casa, fico pensando que talvez, apenas uma vez, ele possa colocar seu amor por mim acima do amor por seu reino. Mas ele tem medo porque afetaria a coroa. Ele já passou muitos anos preparando o povo para me aceitar como seu futuro soberano para mudar as coisas agora.

— Elian! — Amara me chama.

Eu a ignoro, caminhando em passos longos e rápidos, sentindo a raiva borbulhar sob a minha pele. Sabendo que a única maneira de deixar meu pai orgulhoso seria desistir de tudo que sou.

— Elian — diz ela, com mais firmeza. — Não é muito princesa correr. Ou se for, então eu farei um decreto para que não seja, se eu for rainha.

Relutantemente, paro e encaro ela. Ela suspira aliviada e se inclina contra a parede esculpida em glifos. Ela tirou os sapatos, e sem eles ela é ainda mais baixa do que eu me lembro. Eu sorrio, e quando ela vê isso, ela franze a testa e bate no meu braço. Eu estremeço e estendo minha mão para a dela.

— Você o antagoniza — ela diz, pegando no meu braço.

— Ele me antagoniza primeiro.

— Você vai ser um bom diplomata com essas habilidades de debate.

Eu sacudo minha cabeça.

— Não se você tomar o trono.

— Pelo menos assim eu teria a pulseira — Ela me cutuca com o cotovelo.

— Como foi sua viagem? Quantas sirenas você abateu como o grande pirata que você é?

Ela diz isso com um sorriso, sabendo muito bem que eu nunca vou contar a ela sobre o meu tempo no *Saad*. Eu compartilho muitas coisas com minha irmã, mas nunca como é ser um assassino. Eu gosto da ideia de Amara me vendo como um herói, e os assassinos são tão frequentemente vistos como vilões.

— Quase nenhuma — eu digo. — Eu estava muito cheio de rum para pensar sobre isso.

— Você é um bom mentiroso — diz Amara. — E por bom, eu quero dizer horrível.

Nós paramos do lado de fora do quarto dela.

— E você é muito intrometida — digo a ela. — Essa é nova.

Amara ignora isso.

— Você vai ao salão de banquetes para ver seus amigos? — ela pergunta.

Eu sacudo minha cabeça. Os guardas garantirão que minha tripulação encontre boas camas para a noite e eu estou cansado demais para engessar outra rodada de sorrisos.

— Eu vou para a cama — digo a ela. — Como a rainha ordenou.

Amara balança a cabeça, se empoleira na ponta dos pés e beija minha bochecha.

— Te vejo amanhã então — diz ela. — E eu posso perguntar a Kye sobre suas façanhas. Eu não imagino que um diplomata mentiria para uma princesa. — Com um sorriso brincalhão, ela se vira para o quarto e fecha a porta atrás dela.

Eu paro por um momento.

Eu não gosto muito da ideia da minha irmã trocar histórias com minha tripulação, mas pelo menos eu posso confiar em Kye para contar suas histórias com menos morte e sangue. Ele é inconstante, mas não é estúpido. Ele sabe que eu não me comporto do jeito que um príncipe deveria mais do que ele se comporta como o filho de um diplomata deveria. É o meu maior segredo. As pessoas me conhecem como o caçador de sirenas, e os que estão na corte pronunciam essas palavras com diversão e carinho: *Oh, o Príncipe Elian, tentando salvar a todos nós*. Se eles entendessem o que é preciso, os gritos terríveis e repugnantes que as sirenas fazem. Se eles vissem os cadáveres das mulheres no meu convés antes de se dissolverem na espuma do

mar, então meu povo não me olharia tão carinhosamente. Eu não seria mais um príncipe para eles, e por mais que eu deseje tais coisas, eu sei melhor.



# 5

# *Lira*

O PALÁCIO DO KETO FICA no centro do Mar Diávolos e sempre foi o lar da realeza. Embora os humanos tenham reis e rainhas em todas as fendas da terra, o oceano tem apenas uma governante. Uma rainha. Esta é minha mãe e um dia será eu.

Um dia sendo em breve. Não é que minha mãe seja velha demais para governar. Embora sirenas vivam por cem anos, nunca envelhecemos depois de algumas décadas, e logo as filhas parecem mães e mães se parecem com irmãs, e torna-se difícil dizer quantos anos alguém realmente tem. É outra razão pela qual temos a tradição dos corações: assim, a idade de uma sirena nunca é determinada pelo seu rosto e sim por quantas vidas ela roubou.

Ela é a primeira vez que eu quebro essa tradição e minha mãe está furiosa. Olhando para mim, a Rainha do Mar é uma soberana tirânica. Para um estranho, ela pode até parecer infinita, como se o seu reinado nunca pudesse terminar. Não parece que ela perderá seu trono em apenas alguns anos.

Como é o costume, a Rainha do Mar retira sua coroa uma vez que ela tem sessenta corações. Eu sei o número exato que minha mãe esconde no cofre embaixo dos jardins do palácio. Antes, ela os anunciava a cada ano, orgulhosa da sua coleção collection. crescente. Mas ela parou de fazer tais proclamações quando chegou aos cinquenta. Ela parou de contar, ou pelo menos parou de dizer às pessoas que ela contava. Mas eu nunca parei. Todos os anos eu contava os corações da minha mãe com a mesma intensidade que contava os meus. Então eu sei que ela tem três anos antes da coroa ser minha.

— Quantos são agora, Lira? — Pergunta a Rainha do Mar, se aproximando de mim.

Relutantemente, eu inclino minha cabeça. Kahlia fica atrás de mim, e embora eu não possa vê-la, eu sei que ela está fazendo o mesmo.

— Dezoito — eu respondo.

— Dezoito — a Rainha do Mar reflete. — O quão engraçado é você ter dezoito corações, quando seu aniversário não é por mais duas semanas.

— Eu sei, mas…

— Deixe-me dizer o que eu sei — A Rainha se instala em seu trono de carcaça. — Eu sei que você deveria levar sua prima para pegar o seu décimo quinto, e de alguma forma isso se mostrou uma tarefa muito difícil.

— Não exatamente — eu digo. — Eu peguei.

— E você também pegou uma coisinha para você também.

Seus tentáculos se esticam ao redor da minha cintura e me puxam para frente. Em um instante, sinto o estalo das minhas costelas sob o aperto dela.

Toda rainha começa como uma sirena, e quando a coroa passa para ela, sua magia rouba suas barbatanas e deixa em seu lugar poderosos tentáculos que sustentam a força de exércitos. Ela se torna mais lula do que peixe, e com essa transformação vem a magia, inflexível e grandiosa. O suficiente para moldar os mares ao seus caprichos. Rainha do Mar e Bruxa do Mar.

Eu nunca conheci minha mãe como uma sereia, mas eu não posso imaginá-la parecendo tão mundana. Ela tem símbolos antigos e runas tatuadas em seu estômago em vermelho, estendendo-se até as maçãs do rosto gloriosamente esculpidas. Seus tentáculos são pretos e escarlates, desbotando um no outro como sangue derramado em tinta, e seus olhos há muito tempo se transformaram em rubis. Até mesmo a coroa dela é uma magnífica touca que atinge o topo da cabeça e flui para fora como membros nas costas.

— Eu não vou caçar no meu aniversário como recompensa — eu admito

sem fôlego.

— Ah, mas você vai — A Rainha acaricia seu tridente negro. Um único rubi, como os olhos dela, brilha na lança do meio. — Porque hoje nunca aconteceu. Porque você nunca me desobedeceria ou me prejudicaria de qualquer momento. Você iria, Lira?

Ela aperta minhas costelas com mais força.

— Claro que não, mãe.

— E você? — A rainha dirige seu olhar para Kahlia e eu tento esconder qualquer sinal de desconforto. Se minha mãe visse preocupação em meus olhos, seria apenas outra fraqueza para ela explorar.

Kahlia nada para a frente. Seu cabelo é puxado para trás do seu rosto por uma gravata de algas e suas unhas ainda estão incrustadas com pedaços da rainha Adékarosin. Ela inclina a cabeça no que alguns poderiam interpretar como uma demonstração de respeito. Mas eu sei melhor. Kahlia nunca consegue olhar nos olhos da Rainha do Mar, porque se ela o fizesse, minha mãe poderia saber exatamente o que minha prima pensa dela.

— Eu só pensei que ela iria matá-lo — diz Kahlia. — Eu não sabia que ela levaria o coração dele também.

É uma mentira e eu estou feliz por isso.

— Bem, quão perfeitamente estúpida você é de não conhecer sua prima. — Minha mãe a olha avidamente. — Eu não tenho certeza se posso pensar em um castigo desagradável o suficiente para completa idiotice.

Eu aperto a mão contra o tentáculo que agarra minha cintura.

— Qualquer que seja o castigo — eu digo. — Eu vou aceitar.

O sorriso de minha mãe se contorce e sei que ela está pensando em todas as maneiras pelas quais isso me faz indigna de ser sua filha. Ainda assim, não posso evitar. Em um oceano de sirenas que cuidam de si mesmas, proteger Kahlia se tornou um reflexo. Desde aquele dia em que ambas fomos forçadas a ver a mãe dela morrer. E ao longo dos anos, enquanto a Rainha do Mar tentava moldar Kahlia e eu nas perfeitas descendentes de Keto. Esculpindo nossas bordas no formato certo para ela admirar. É um espelho para uma infância que eu logo esquecerei.

Kahlia é como eu. Muito parecida comigo, talvez. E embora seja o que faz a Rainha do Mar a odiar, é também a razão pela qual eu escolho me importar. Eu fiquei ao lado dela, protegendo-a das partes da minha mãe que são as mais brutais. Agora proteger minha prima não é uma decisão que tomo. É instinto.

— Como você se importa — diz a Rainha do mar com um sorriso desdenhoso. — São todos aqueles corações em que você roubou? Você pegou um pouco da humanidade deles também?

— Mãe…

— Tal fidelidade para uma criatura que não seja sua rainha — ela suspira. — Eu me pergunto se esta é a maneira que você se comporta com os humanos também. Diga-me, Lira, você chora por seus corações partidos?

Ela deixa cair seu aperto em mim, enojada. Eu odeio o que eu me torno na presença dela: banal e indigna da coroa que vou herdar. Através de seus olhos, vejo meu fracasso. Não importa quantos príncipes eu caçar, porque eu nunca serei o tipo de assassina que ela é.

Ainda não estou suficientemente fria para o oceano que me deu origem.

— Me dá o coração para que possamos acabar logo com isso — diz a Rainha do Mar, impaciente.

Eu franzo a testa.

— Dar a você — eu repito.

A rainha estende a mão.

— Eu não tenho o dia todo.

Demoro um momento para perceber que ela significa o coração do príncipe que matei.

— Mas… — Eu balanço minha cabeça. — Mas é *meu*.

Que criança incrível eu me tornei.

Os lábios da Rainha do Mar se curvam.

— Você vai dar para mim — diz ela. — Agora mesmo.

Vendo o olhar em seu rosto, eu me viro e nado para o meu quarto. Lá o coração do príncipe está enterrado ao lado dos outros dezessete Cuidadosamente, eu cavo através da telha recém-colocada e puxo o coração para fora do chão. Tem uma crosta de areia e sangue e ainda é quente em minhas mãos. Eu não paro para pensar sobre a dor que a perda trará antes de nadar de volta para a minha mãe e apresentá-la a ela.

A Rainha do Mar ataca um tentáculo e arranca o coração da minha palma aberta. Por um tempo, ela olha nos meus olhos avaliando cada reação minha. Saboreando o momento. E então ela aperta.

O coração explode em uma horrível massa de sangue e carne. Pequenas partículas flutuam como fibra de oceano. Alguns se dissolvem. Outros caem como penas no leito do oceano. Tiros mergulham em meu peito, batendo em

mim como redemoinhos enquanto a magia do coração é tirada de mim. Os solavancos são tão fortes que minhas barbatanas pegam uma concha próxima e rasgam. Meu sangue corre ao lado do príncipe.

Sangue de sirena não é nada como sangue humano. Em primeiro lugar, porque é frio. Em segundo lugar, porque queima. Sangue humano flui e pinga, mas sangue de sirena derrete através da pele.

Eu caio no chão e agarro a areia tão profundamente que meu dedo esfaqueia uma pedra e ela quebra minha unha. Eu estou em fôlego, ofegante em grandes suspiros de água e, em seguida, sufocando-o de volta momentos depois. Acho que posso estar me afogando e quase rio do pensamento.

Quando uma sirena rouba um coração humano, nos vinculamos a ele. É um tipo antigo de magia que não pode ser facilmente quebrado Ao tomar o coração, nós absorvemos seu poder, roubando qualquer juventude e vida que o humano tivesse deixado e nos ligando a ele. O coração do príncipe Adékarosin está sendo arrancado de mim, e qualquer poder que ele detém vaza para o oceano diante dos meus olhos. Para o nada.

Tremendo, eu me levanto. Meus membros se sentem pesados como ferro e minhas nadadeiras pulsam. A gloriosa alga vermelha que cobre meus seios ainda está enrolada em volta de mim, mas os fios se afrouxaram e pendem no meu estômago. Kahlia se afasta para evitar que minha mãe veja a angústia em seu rosto.

— Maravilhoso — diz a rainha. — Hora da punição.

Agora eu dou risada. Minha garganta parece arranhada, e mesmo fazer isso, o som da minha voz tão forjada de magia, tira energia de mim. Eu me sinto mais fraca do que nunca.

— Isso não foi punição? — Eu cuspo. — Arrancar o poder de mim assim?

— Foi o castigo perfeito — diz a Rainha do Mar. — Eu não acho que eu poderia ter pensado em uma lição melhor para lhe ensinar.

— Então o que mais?

Ela sorri com presas de marfim.

— A punição de Kahlia — diz ela. — Por seu pedido.

Eu sinto o peso no meu peito novamente. Eu reconheço o brilho terrível nos olhos da minha mãe, como sendo um olhar que eu herdei. Um que eu odeio ver porque sei exatamente o que significa.

— Eu tenho certeza que posso pensar em algo apropriado — A Rainha corre a língua através das suas presas. — Algo para lhe ensinar uma lição

valiosa sobre o poder da paciência.

Eu luto contra o desejo de zombar, sabendo que nada de bom virá disso.

— Não me deixe em suspense.

A rainha do mar olha para mim.

— Você sempre gostou da dor — diz ela.

Isso é o tanto de elogio que eu vou conseguir, então eu sorrio de uma forma repugnantemente agradável e digo:

— A dor nem sempre dói

A Rainha do Mar me lança um olhar de desprezo.

— É isso mesmo? — Suas sobrancelhas se contraem e minha arrogância falha um pouco. — Se é assim que você se sente, então não tenho escolha senão decretar que, no seu aniversário, você terá a chance de infligir toda a dor que você gosta quando roubar seu próximo coração.

Eu olho para ela cautelosamente.

— Eu não entendo

— Só — a Rainha continua. — Em vez dos príncipes que você está tão acostumada a matar, você adicionará um novo tipo de troféu à sua coleção — sua voz é tão perversa quanto a minha jamais foi. — Seu décimo oitavo coração pertencerá a um marinheiro. E na cerimônia do seu nascimento, com todo o nosso reino presente, você apresentará isso a eles, como você fez com todos os seus troféus.

Eu olho para minha mãe, mordendo minha língua com tanta força que meus dentes quase se encontram.

Ela não quer me punir. Ela quer me humilhar. Mostrar ao reino cujo medo e lealdade eu ganhei que não sou diferente deles. Que eu não me destaco. Que eu não sou digna de tirar a coroa dela.

Eu passei minha vida tentando ser o que minha mãe queria – o pior de todas nós – em um esforço para mostrar que eu sou digna do tridente. Eu me tornei a Maldição dos Príncipes, um título que me define em todo o mundo. Para o reino – para minha mãe – sou implacável. E essa crueldade faz com que cada criatura do mar esteja certa de que eu posso reinar. Agora minha mãe quer tirar isso de mim. Não apenas meu nome, mas a fé do oceano. Se eu não sou a Maldição dos Príncipes, então não sou nada. Apenas uma princesa herdando uma coroa em vez de merecê-la.

# 6

# *Elian*

— EU NÃO ME LEMBRO DA última vez que te vi assim.

— Como o quê?

— Arrumado.

— Arrumado — repito, ajustando meu colarinho.

— Bonito — diz Madrid.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Eu normalmente não sou bonito?

— Você não está normalmente limpo — diz ela. — E seu cabelo normalmente não é tão…

— Arrumado?

Madrid levanta as mangas da camisa.

— Principesco.

Eu sorrio e olho no espelho. Meu cabelo está bem penteado para trás do meu rosto, cada grão de sujeira fora de mim de modo que não fique um pingo do oceano em mim. Eu estou vestindo uma camisa branca com gola alta e uma jaqueta dourada que parece seda contra a minha pele. Provavelmente porque é seda. O brasão da minha família fica desconfortável no meu polegar e em cada pedaço de ouro que parece brilhar mais forte.

— Você parece o mesmo — digo a Madrid. — Só sem manchas de lama.

Ela me dá um soco no ombro e amarra seu cabelo da meia-noite longe de seu rosto com uma bandana, revelando a tatuagem de Kléftesis em sua bochecha. É uma marca para crianças levadas pelos navios negreiros e forçadas a serem assassinas de aluguel. Quando a encontrei, Madrid tinha acabado de comprar sua liberdade com o cano de uma arma.

Na porta, Kye e Torik esperam. Assim como Madrid, eles não parecem diferentes. Torik com seus shorts se desenrolando na canela, e Kye com as bochechas afiadas e um sorriso feito para trapaça. Seus rostos estão mais limpos, mas nada mudou. Eles são incapazes de ser outra coisa senão o que são. Eu invejo isso.

— Venha conosco — diz Kye, entrelaçando os dedos nos de Madrid. Ela olhada para a demonstração atípica de afeto - os dois são lutadores muito melhores do que são amantes - e se afasta para passar a mão pelos cabelos.

— Você gosta da taverna muito mais do que este lugar — diz Madrid.

É verdade. Uma horda da minha tripulação já se dirigiu ao Golden Goose, com ouro suficiente para beber até o sol nascer. Tudo o que resta são meus três mais confiáveis.

— É um baile em minha honra — digo a eles. — Não seria muito honroso eu não aparecer.

— Talvez eles não percebam — Os cabelos de Madrid se movem violentamente atrás dela enquanto ela fala.

— Isso não é reconfortante.

Kye a cutuca e ela o empurra de volta duas vezes mais forte.

— Pare com isso — diz ela.

— Pare de deixá-lo nervoso então — ele diz a ela. — Vamos deixar o príncipe ser um príncipe pelo menos uma vez. Além disso, preciso de uma bebida, e sinto que estou bagunçando essa sala imaculada apenas por estar de pé aqui.

Eu concordo.

— Eu me sinto mais pobre apenas olhando para você.

Kye se aproxima do sofá e atira uma das almofadas com fios de ouro em mim com uma pontaria tão ruim que pousa nos meus pés. Eu chuto e tento parecer puni-lo.

— Eu espero que você jogue sua faca melhor que isso.

— Não houve reclamações de sirenas ainda — diz ele. — Tem certeza de que está tudo bem para nós irmos?

Eu olho de volta para o espelho e para o príncipe diante de mim. Imaculado e frio, mal cintila nos meus olhos. Como se eu fosse intocável e eu sei disso. Madrid estava certa; Eu pareço principesco. O que quer dizer que pareço um completo bastardo.

Eu ajusto meu colarinho novamente.

— Tenho certeza.

O SALÃO DE BAILES BRILHA COMO o próprio sol. Em todos os lugares brilha, tanto que se eu me concentrar demais em alguma coisa específica, minha cabeça começa a doer.

— Quanto tempo você pretende ter seus pés em terra?

Nadir Pasha, um dos nossos maiores dignitários, gira uma taça de ouro de conhaque. Ao contrário dos outros Pashas nas quais passei a noite em conversas desocupadas – seja no raking político ou militar – ele não é tão banal. É por isso que sempre o guardo para o final quando eu consulto a corte. Assuntos do estado são a coisa mais distante em sua mente, especialmente em ocasiões em que os copos de conhaque são tão grandes.

— Apenas mais alguns dias — eu digo.

— Tão aventureiro! — Nadir toma um gole de sua bebida. — Que alegria ser jovem, não é?

Sua esposa, Halina, alisa a frente de seu vestido esmeralda.

— Bastante.

— Não que você ou eu lembrássemos — diz o Pasha.

— Não que você notasse — Eu levo a mão de Halina aos meus lábios. — Você brilha mais do que qualquer tapeçaria que temos.

A transparência do meu elogio é fácil de reconhecer, mas Halina faz uma reverência do mesmo jeito.

— Obrigada, Meu Senhor.

— É um espanto até onde você vai para cumprir seus deveres — diz Nadir. — Eu até ouvi rumores de todos os idiomas que você diz falar. Sem dúvida isso ajudará em futuras negociações entre os reinos vizinhos. Quantos são agora?

— Quinze — eu recito. — Quando eu era mais jovem, tinha em mente que poderia aprender cada idiota dos cem reinos. Acho que falhei de forma esplêndida.

— Qual é o sentido de tais coisas de qualquer maneira? — Pergunta Halina. — Não há quase ninguém vivo que não fale Midasan. Estamos no centro do mundo, Sua Alteza. Qualquer pessoa que não se incomode em aprender a língua simplesmente não vale a pena conhecer.

— Muito bem — Nadir acena com a cabeça bruscamente. — Mas o que eu realmente quis dizer, Alteza, foi a linguagem *delas*. A língua proibida. — Ele

abaixa a voz um pouco e se inclina para perto, de modo que seu bigode faz cócegas no meu ouvido. — *Psáriin*.

A linguagem do mar.

— Nadir! — Halina bate no ombro do marido, horrorizada. — Você não deveria falar sobre essas coisas! — Ela se vira para mim. — Lamentamos ofendê-lo, Sua Alteza. — diz ela. — Meu marido não quis dizer que você sujaria a língua com esse idioma. Ele tomou muito conhaque. Os vidros são mais profundos do que parecem.

Eu aceno, não ofendido. É apenas uma língua afinal de contas, e embora nenhum humano possa falar, nenhum ser humano jamais dedicou suas vidas a caçar sirenas. Não é uma surpresa imaginar que eu decidi adicionar o dialeto da minha presa à minha coleção. Mesmo que seja proibido em Midas. Mas, para fazer isso, eu precisaria manter uma sirena viva tempo suficiente para me ensinar, e isso não é algo que eu planejo fazer. Claro, eu peguei algumas palavras aqui e ali. *Arith*, aprendi rapidamente que significa *não*, mas há muitos outros. *Dolofónos*. *Choíron*. Eu só posso imaginar o que eles significam. Insultos, maldições, pedidos. De certa forma, é melhor que eu não saiba.

— Não se preocupe — digo a Halina. — Não é a pior coisa que alguém já me acusou.

Ela parece um pouco confusa.

— Bem — ela sussurra delicadamente. — As pessoas realmente falam.

— Não apenas sobre você — Nadir esclarece com um forte suspiro. — Mais sobre o seu trabalho. É definitivamente apreciado, considerando os eventos recentes. Eu pensaria que nosso rei ficaria orgulhoso de ter você defendendo nossa terra e nossos aliados.

Minha testa franze com a idéia de meu pai estar sequer perto de ter orgulho de ter um caçador de sirenas como um filho.

— Eventos recentes? — Eu pergunto.

Halina engasga, embora ela não pareça chocada.

— Você não ouviu as histórias sobre Adékaros?

Há algo terrível no ar. Ontem mesmo meu pai falou de Adékaros e como, se eu não fosse cuidadoso, Midas terminaria do mesmo jeito.

Eu engulo e tento fingir indiferença.

— É difícil acompanhar todas as histórias que ouço.

— É o príncipe Cristian — Halina diz conspiratoriamente. — Ele está

morto. A rainha também.

— Assassinado — esclarece Nadir. — Sirenas foram até seu navio e não havia nada que a tripulação pudesse fazer. Foi a música, você entende. O reino está em tumulto.

A sala entorpece. De ouro, à música, aos rostos de Nadir Pasha e Halina. Tudo fica fora de foco e sufocado. Por um momento hesito em respirar, quanto mais falar. Eu nunca tive que lidar muito com a rainha, mas sempre que o *Saad* estava perto de Adékaros, nós ancorávamos sem hesitação e o príncipe Cristian nos recebia de braços abertos. Ele garantiu que a tripulação fosse alimentada e se juntava a nós na taverna para que ele pudesse ouvir nossas histórias. Quando saiamos, ele nos presenteava com alguma coisa. Muitos países faziam isso – pequenos tokens para os quais nunca tivemos muito uso – mas era diferente com Cristian. Ele dependia apenas de colheitas escassas e empréstimos de outros reinos apenas para sobreviver. Cada presente que ele deu foi um sacrifício.

— Ouvi dizer que foi a Maldição dos Príncipes — Halina balança a cabeça com pena.

Eu cerro meus punhos.

— Quem disse?

— A tripulação disse que seu cabelo era vermelho como o fogo do inferno — explica Nadir. — Poderia ter sido alguma outra?

Eu quero discutir a possibilidade, mas eu estaria me enganando. A Maldição dos Príncipes é o maior monstro que eu já conheci, e o único que escapou da morte uma vez que eu fixo minha atenção nela. Eu tenho caçado os mares incansavelmente, procurando pelo cabelo flamejante que eu já ouvi em tantas histórias.

Eu nunca a vi.

Eu tinha começado a pensar que ela era apenas um mito. Nada mais do que uma lenda para assustar a realeza de deixar suas terras. Mas toda vez que eu penso sobre, outro príncipe aparece morto. É mais uma razão pela qual eu não posso voltar para Midas e ser o rei que meu pai quer que eu seja. Eu nunca vou conseguir parar. Não até eu ter matado ela.

— Claro, como eles poderiam saber? — Pergunta Halina. — Não é o mês certo para isso.

Eu percebo que ela está falando a verdade. A Maldição dos Príncipes só ataca no mesmo mês todos os anos. E se ela assassinou Cristian, ela está

quinze dias adiantada. Isso significa que ela mudou seus hábitos? Que nenhum príncipe está seguro em nenhum dia?

Meus lábios se contorcem.

— O mal não segue um calendário — eu digo, embora esse mal em particular sempre tenha parecido fazer isso.

Ao meu lado, alguém limpa a garganta. Eu me viro e vejo minha irmã. Eu não tenho certeza há quanto tempo ela está parada ali, mas o sorriso amigável em seu rosto me leva a supor que ela ouviu a maior parte da conversa.

— Irmão — ela pega meu braço. — Dance comigo, por favor?

Concordo com a cabeça, agradecendo o intervalo do tipo de conversa educada que o Pasha e sua esposa parecem gostar. O que me faz querer ser qualquer outra coisa senão educado.

— Nenhum pretendente está disputando sua atenção? — Pergunto a Amara.

— Nenhum que vale o meu tempo — diz ela. — E nenhum que nosso pai encantador aprovaria.

— Esses são os melhores tipos.

— Tente explicar isso quando a cabeça do rapaz estiver em cima de uma tábua.

Eu bufo.

— Então seria o meu prazer — digo a ela. — Se apenas para salvar a vida de um pobre menino.

Eu me volto para Nadir e Halina e faço uma rápida reverência, depois deixo que minha irmã me conduza pelo salão.

# 7

# *Elian*

APESAR DE SEU NOME, O Golden Goose é uma das únicas coisas em Midas que não é pintada para combinar com a pirâmide. As paredes são incrustadas de marrom e as bebidas seguem no mesmo tom. A clientela é nada menos do que brutal e, na maioria das noites, trepidação de vidro sob os pés, com o sangue remendando as mesas encharcadas de cerveja.

É um dos meus lugares favoritos.

A dona é Sakura e ela sempre foi a Sakura. Nenhum sobrenome que alguém conhece. Ela é bonita e rechonchuda, com cabelos loiro-brancos cortados acima das orelhas e olhos finos e angulosos, do mesmo tom marrom das paredes. Ela usa batom vermelho escuro o suficiente para cobrir seus segredos, e sua pele está mais pálida do que qualquer coisa que eu já vi. A maioria das pessoas adivinhou que ela é de Págos, que vê neve constante e pouco sol. Uma terra tão fria que só os nativos aconseguem sobreviver. Há rumores de que os Págese raramente migram para outros reinos porque acham o calor sufocante. Ainda não me lembro de uma época em que Sakura não possuía o Golden Goose. Ela parecia estar sempre lá, ou pelo menos, ela está lá desde que comecei a visitá-la. E embora ela seja linda, ela também é cruel o suficiente para que nem os ladrões e criminosos tentem passar por ela.

Por sorte, Sakura gosta de mim. Sempre que estou no Midas, é de conhecimento geral que vou visitar o Golden Goose, e até mesmo os criminosos não conseguem resistir à chance de conhecer o famoso príncipe pirata, seja para apertar minha mão ou tentar me enganar com os cartões. E quando eu visito, Sakura me dá um sorriso que mostra seus dentes retos e leitosos e me deixa beber de graça. Um agradecimento por atrair mais

clientes. Isso também significa que minha tripulação pode ficar muito tempo depois de fechar para discutir assuntos delicados na calada da noite com pessoas que eu não ouso trazer para o palácio.

Eu suspeito que metade disso seja porque Sakura gosta de ficar a par dos meus segredos. Mas isso não me incomoda. Como muitos segredos que Sakura sabe sobre mim, eu sei muito mais sobre ela. Muito pior. E, embora ela possa optar por vender o melhor dos meus ao maior lance, mantive seus mais valiosos mistérios por perto. Esperando pelo preço justo.

Hoje à noite meu círculo íntimo se senta ao redor da mesa torta no centro do Golden Goose e observa enquanto o homem estranho em frente a nós mexerica com suas abotoaduras.

— As histórias não mentem — diz ele.

— Isso é o que uma história é — diz Madrid. — Um monte de mentiras por fofocas não boas com muito tempo em suas mãos. Certo, capitão?

Eu dou de ombros e puxo o relógio de bolso da minha jaqueta para verificar a hora. É o presente do meu pai que não é de ouro ou novo ou mesmo principesco. É claro e preto, sem redemoinhos ornamentados ou pedras brilhantes, e no lado de dentro da tampa, em frente ao mostrador do relógio, há uma bússola.

Eu sabia que não era uma herança quando meu pai me presenteou – todas as herança da Midasan são ouro que nunca perdem o brilho – mas quando perguntei ao meu pai de onde vinha o relógio, ele simplesmente disse que me ajudaria a encontrar meu caminho. E isso faz exatamente isso. Porque a bússola não tem quatro pontos, mas dois, e nenhum representa os pontos cardeais. O norte é para a verdade e o sul é para mentiras, com um lugar de descanso entre o que indica que pode ser possível.

É uma bússola para separar os mentirosos dos leais.

— Minha informação é sólida — diz o homem.

Ele é um dos muitos que se aproximaram de mim perto do fechamento, garantindo informações para caçar a poderosa Maldição dos Príncipes. Eu coloco a palavra após a bola que eu não paro até que a encontrei, e qualquer pista que leve a isso será recebida com uma recompensa pesada. A maioria das informações era inútil. Descrições do cabelo em chamas da sereia, fala de seus olhos ou mares que ela aparentemente freqüenta. Alguns até afirmam conhecer a localização do reino submerso de Keto, que minha bússola rapidamente enxergou. Além disso, eu já sei onde está o reino: o mar

Diávolos. O único problema é que eu não sei onde é o Mar Diávolos. E nem ninguém, aparentemente.

Mas esse homem despertou meu interesse. O suficiente para que meia-noite, quando Sakura anunciou que estava fechando e fez sinal para que todos saíssem, eu dei a ela um aceno de cabeça e ela trancou as portas comigo e minha tripulação – e esse homem estranho – dentro, antes de ir para o quarto dos fundos , seja o que for que ela fez quando os príncipes requisitaram seu bar.

O homem se vira para mim.

— Estou lhe dizendo, Lorde Príncipe — diz ele. — O cristal é tão real quanto eu.

Eu olho para ele. Ele é diferente do calibre habitual que vejo no Golden Goose, refinado de uma maneira que é forçosamente precisa. Seu casaco é feito de veludo preto e seu cabelo é penteado em um rabo de cavalo arrumado, com os sapatos polidos para brilhar contra as tábuas rústicas do assoalho. Mas ele também é extraordinariamente magro – o casaco luxuoso engole seus ombros apertados – e sua pele escura é acolchoada pelo sol, como minha tripulação quando eles passam muito tempo no convés depois de um longo dia de navegação.

Quando o homem bate os dedos na mesa com impaciência, as pontas das unhas roídas se prendem nas rachaduras da madeira.

— Me diga mais.

Torik joga as mãos para cima.

— Você quer mais lixo para alinhar seus ouvidos com?

Kye produz uma pequena faca no cinto.

— Se é realmente lixo — diz ele, folheando a lâmina, — então ele vai pegar o que está vindo para ele.

Eu me volto para Kye.

— Guarde isso.

— Queremos estar seguros.

— É por isso que estou dizendo para você guardar e não jogá-lo fora.

Kye sorri e coloca a faca de volta no cinto.

Eu tiro meu copo em direção ao homem.

— Me diga mais.

— O cristal de Keto trará paz e justiça ao nosso mundo.

Um sorriso puxa meus lábios.

— Será que agora?

— Isso nos salvará do fogo.

Eu lambo a bebida dos meus lábios.

— Como isso funciona? — Eu pergunto. — Nos apertamos e desejamos uma estrela? Ou, talvez, coloque-a sob nossos travesseiros e troque-a às fadas por boa sorte.

Kye derrama um pouco de licor em um copo.

— Mergulhe em cera e acenda para queimar as chamas da guerra — diz ele, deslizando o copo para Madri.

Ela ri e leva o copo aos lábios.

— Beije-o e talvez ele se transforme em um príncipe que não fala bobagem — diz ela.

— Ou jogue na pilha de merda que foi feita — isso é de Torik, cujo rosto perfeitamente neutro só me faz rir mais, até que os únicos sons que podem ser ouvidos são os nossos risinhos e a pancada aguda enquanto a minha tripulação bate suas mãos contra as mesas.

Então, em meio a tudo isso, uma voz mortal e quieta:

— Matando a Rainha do Mar.

Eu paro de rir.

Meu olhar se volta para o homem, e eu puxo minha faca do meu cinto, sentindo sua sede de matar. Lentamente trago para a garganta do homem.

— Diga isso de novo.

Ele engole quando a ponta da minha lâmina pressiona contra sua jugular. Ele deveria estar com medo. Ele *parece* parece assustado; Seus olhos apertam o caminho certo e suas mãos tremem quando ele pega seu copo. Mas parece ensaiado, porque quando ele fala, sua voz é suave. Nenhum sinal de medo. É como se ele estivesse acostumado a ter uma faca em sua garganta.

— O cristal foi criado para trazer justiça ao nosso mundo, destruindo a Rainha do Mar — explica ele.

— Feito por quem? — Eu pergunto.

— Pelas famílias originais — diz ele. — Eles foram os maiores magos da época e juntos eles concordaram com os territórios do mundo, cada um tomando um canto para si mesmos, para que pudessem ter paz e nunca serem vítimas das velhas guerras de fronteira.

— Sim — eu digo, impaciente. — Estamos todos conscientes das famílias originais. É um conto de fadas que todas as crianças dos cem reinos sabem.

— Eu seguro minha faca com um suspiro. — Mesmo esses extorsores.

— Não é um conto de fadas! — O homem bate os punhos sobre a mesa. — O que essas histórias nunca disseram é que as famílias originais criaram a paz na terra, mas abaixo de uma batalha travada. Uma deusa governou o oceano, espalhando seu mal pelas águas. Logo ela deu à luz filhos que se tornaram demônios. Criaturas monstruosas cujas vozes trouxeram a morte dos homens.

— Sirenas.

O homem acena com a cabeça.

— Eles poderiam se transformar, existindo em terra e sob ela. Sob o domínio da deusa Keto, eles aterrorizavam a humanidade, e assim os cem mágicos combinaram seu poder e declararam guerra ao oceano. Depois de uma década de morte, eles finalmente conseguiram destruir Keto e enfraquecer os monstros que ela criou. De seus restos mortais, eles conjuraram uma lembrança que poderia destruir as sirenas para sempre.

— Se isso é verdade — eu digo — então por que eles não usaram?

— Porque as sirenas formaram uma pedra dela também. Deu à a nova rainha o poder de controlar sua espécie e prometeu mantê-los afastados. Ela até tirou a habilidade das sereias de andar em terra como demonstração de boa fé. Sem isso, eles não eram uma ameaça grande o suficiente para garantir que as famílias originais cometessem genocídio. Então eles tiveram misericórdia e formaram um tratado. A terra pertencia aos humanos e os mares pertenciam aos demônios. Se algum deles cruzasse os territórios um do outro, então eles eram um jogo justo. O cristal ficou oculto por um dia em que os cem reinos não puderam mais honrar a barganha.

Ao meu redor, minha tripulação começa a rir de maneira zombeteira, mas mal consigo ouvi-los pelo som do meu próprio pulso quando olho para o rosto da bússola.

Norte.

Resolutamente, a flecha não se move nem balança. Eu tremo em descrença e quando não tremer, eu bato contra a mesa. A seta fica onde está.

Norte.

Verdade.

A essa altura, minha tripulação retomou sua zombaria, abrindo brechas no mito e castigando o estranho por ter ousado levar contos de fadas ao seu capitão. Algo em mim, bem ali na superfície, acha que eles estão certos. Que não é nada além de contos infantis e um desperdício do meu tempo. Diz-me

para ouvir minha tripulação e ignorar a loucura. Mas a bússola nunca esteve errada, e abaixo da superfície, bem no meu íntimo, eu sei que não pode ser. Esta é minha chance de finalmente matar a fera.

— Onde está? — Eu pergunto.

Minha voz corta o riso da minha tripulação, e eles olham para mim como se eu finalmente tivesse perdido a cabeça.

O homem engole uma bebida e encontra meus olhos com um sorriso.

— Você mencionou uma recompensa.

Eu arqueio uma sobrancelha para Kye. Sem a necessidade de qualquer convencimento, ele mergulha a faca na mesa. O homem se encolhe, olhando com horror para a lâmina situada no espaço entre o polegar e o indicador. O olhar de medo em seu rosto não é tão praticado agora.

— Você receberá sua recompensa — diz Kye. — De um jeito ou de outro.

— É no único lugar que eles tinham certeza que a Rainha do Mar nunca poderia alcançá-lo — diz o homem rapidamente. — O mais longe possível do oceano. O ponto mais alto do mundo.

Meu coração afunda. O ponto mais alto do mundo. Muito frio para qualquer se aventurar e viver para contar a história.

— A Montanha da Nuvem de Págos — diz o homem.

E com isso, a esperança se esvai.



# 8

## *Lira*

UMA SEMANA É TUDO QUE tenho. Em sete dias, completarei dezoito anos e minha mãe me obrigará a roubar o coração de um marinheiro. Uma criatura melhor aceitaria a punição e ficaria feliz por tudo o que a Rainha do Mar decretou.

Eu não sou uma criatura melhor.

É tolice pensar em desobedecer a rainha novamente, mas a ideia de saber quem eu deveria e não deveria matar me choca. Isso me faz sentir cada vez mais o cão raivoso que minha mãe libera sobre quem quer que ela decida. Claro, já que matar humanos é uma ordem dada por ela, suponho que sempre tenha sido assim. Eu me acostumei a ser brutal, que quase esqueci que não começou como uma escolha, mas uma exigência. Mate os humanos. Ajude a terminar a guerra que eles começaram quando mataram Keto. *Seja uma verdadeira sereia*.

Eu penso por um momento se eu ainda seria um monstro se minha mãe e aqueles antes dela decretassem paz no lugar da guerra. Deixe a morte de Keto ser a morte da nossa batalha e transformar o ódio em passado. Somos ensinados a nunca questionar ou pensar em nós mesmos como algo diferente do que somos, e é inteligente, talvez, ignorar a ideia. Afinal, a punição por se recusar a matar estaria além da imaginação.

Eu tranco meu cabelo para o lado. Eu tenho nadado até as fronteiras do meu mar, o mais longe que eu consigo da minha mãe sem sair do reino. Eu não sei em que minha raiva se transformará se eu a ver agora. Não consigo pensar em que coisa imprudente que eu possa fazer.

Deito-me no leito do oceano e cutuco a água-viva ao meu lado. Seus tentáculos roçam meu estômago e sinto uma maravilhosa explosão de dor. O tipo que entorpece e acalma e limpa minha mente. É um lançamento como nenhum outro, e quando a dor diminui, eu faço de novo. Desta vez, eu seguro a criatura lá e deixo seus tentáculos dançarem pela minha pele. Um raio percorre meu estômago e meu coração ainda. Ela queima e coça, e deixo minha mente enevoada de agonia.

Não há nada no mundo além da dor e dos raros momentos que existem entre eles.

— Princesa bonita, tão sozinha — Vem um sussurro de *Psáriin*. — Querendo dor, querendo osso.

— Não osso, mas coração — diz outro. — Veja por dentro, veja a faísca.

Eu empurro a água-viva para longe e sento-me para olhar as duas criaturas que pairam nas proximidades. Ambos são da marinha escura, com barbatanas escorregadias e corpos de enguias. Seus braços estão cobertos de guelras negras como navalhas até os cotovelos, e seus estômagos formam músculos grandes e rígidos que pressionam contra os seios esqueléticos. Enquanto falam, suas mandíbulas soltas são tão frouxas quanto os peixes.

Sereias.

— Princesa bonita — diz o primeiro dos dois. Seu corpo está coberto de metal enferrujado, sem dúvida saqueado de navios piratas ou dado como tributo quando ela salvou um humano ferido. Ela os esfaqueou através de sua carne. Broches e punhais e moedas com arame roscado, todos perfurando-a como jóias.

— Quer ser livre? — Pergunta sua companheira.

— Livre da rainha.

— Liberta o coração dela.

— Tome um coração.

— Pegue a rainha.

Eu enrugo meu nariz para eles.

— Vá e siga um navio humano até o fim da terra até que todos caiam.

Aquele com o metal enferrujado balança o cabelo de tentáculos, e um monte de gosma corre até a cauda da enguia.

— Caia da graça.

— Não pode cair se você nunca teve.

Eles riem em silvos.

— Vá agora então — eles choram. — Vá encontrar o coração.

— Do que você está falando? — Pergunto impaciente. — Que coração?

— Ganhe o coração da rainha.

— Um coração para ganhar a rainha.

— Para o seu aniversário.

— Um coração digno de dezoito anos.

Seu tediousness grates. Sereias são coisas medonhas com mentes que trabalham em mistérios e lábios feitos de enigmas. Cansado, eu digo:

— A Rainha do Mar decretou que eu roubo o coração de um marinheiro para o meu décimo oitavo. Que eu tenho certeza que você sabe.

Eles inclinam suas cabeças no que eu imagino que seja a maneira deles de balançar a cabeça. As sereias são espiãs, de ponta a ponta, as orelhas pressionadas em todos os cantos do oceano. É o que os torna perigosos. Eles devoram segredos tão facilmente quanto poderiam soltar suas mandíbulas e devorar navios.

— Vá — eu digo a eles. — Você não pertence aqui.

— Esta é a borda.

— A borda é onde nós pertencemos.

— Você deve pensar menos da borda e mais do seu coração.

— Um coração de ouro vale o seu peso para a rainha.

Aquele com o metal rasga um broche da base da barbatana dela e joga para mim. É a única coisa da sereia que não está enferrujada.

— A rainha — eu digo devagar, torcendo o broche em minhas mãos, — não se importa com o ouro.

— Ela cuidaria do coração de sua terra.

— O coração de um príncipe.

— Um príncipe de ouro.

— Brilhante como o sol.

— Embora não seja tão divertido.

— Não para o nosso tipo.

— Não para ninguém.

Estou prestes a perder a paciência quando percebo o peso das palavras deles. Meus lábios se separam na percepção e eu afundo de volta na areia. O broche é de Midas, a terra do ouro governada por um rei cujo sangue flui com ela. Um rei para ser sucedido por um príncipe pirata. Um andarilho Um assassino de sirena.

Eu olho para as sereias, com seus olhos negros sem pálpebras como orbes sem fim. Eu sei que eles não são confiáveis, mas não posso ignorar o brilho brutal de suas palavras. Quaisquer que sejam os segundas intenções, eles não terão importância se eu tiver sucesso.

— O príncipe Midasan é nosso assassino — eu digo. — Se eu trouxer a rainha seu coração como meu décimo oitavo, então eu poderia reconquistar o favor dela.

— Um coração digno para a princesa.

— Um coração digno para o perdão da rainha.

Eu olho para o broche. Ela brilha com uma luz como eu nunca vi. Minha mãe quer me negar o coração de um príncipe, mas o coração desse príncipe seria suficiente para apagar quaisquer sentimentos ruins entre nós. Eu poderia continuar com meu legado, e a rainha não precisaria mais se preocupar com a nossa espécie sendo caçada. Se eu fizer isso, nós dois conseguiríamos o que queremos. Nós estaríamos em paz.

Eu lanço o broche de volta para a sereia.

— Eu não vou esquecer isso — digo a ela. — Quando for rainha.

Eu dou a eles um último olhar, observando enquanto seus lábios se enrolam para sorrir, e depois nadam em busca de ouro.

# 9

# *Elian*

QUATRO DIAS GASTOS EXPLORANDO a biblioteca do castelo e não encontrei exatamente nada. Numerosos textos detalham o gelo mortal da Montanha da Nuvem e - ilustram graficamente - aqueles que morreram durante a subida. O que não é um bom começo. A única graça salvadora parece ser que a família real é feita de gelo mais frio do que o resto de seus nativos. Existe até uma tradição em Págos onde os membros da realeza são obrigados a escalar a montanha uma vez que eles amadurecem, para provar sua linhagem. Não há registro de um único membro da família real que tenha falhado. Mas desde que eu não sou um príncipe Págese, isso não é particularmente encorajador.

Deve haver algo que estou perdendo. Lendas sejam amaldiçoadas. Acho difícil acreditar que algo na linhagem Págese lhes permita resistir ao frio. Eu sei melhor do que ninguém para não acreditar nos contos de fadas de nossas famílias. Se eles fossem verdadeiros, eu poderia vender meu sangue para comprar algumas informações reais.

O Págese deve ser feito mais de carne e osso do que gelo e gelo e, se for o caso, então deve haver uma explicação de como eles sobrevivem à escalada. Se eu tiver alguma esperança de me vingar pela morte de Cristian, então preciso saber as respostas. Com esse conhecimento, eu poderia encontrar uma maneira de matar a Maldição dos Príncipes e a Rainha do Mar. Se eu fizer isso, as sirenas deixadas para trás não terão mágica para protegê-las. Talvez eles até percam algumas de suas habilidades. Afinal, se a Rainha do Mar tem um cristal parecido com o que está escondido na Montanha das Nuvens, então tirar isso deve tirar alguns dos presentes que ele deu à sua espécie. Eles seriam enfraquecidos no mínimo e expostos a um ataque. E depois de um

tempo - por mais tempo que seja - nós poderíamos empurrar os demônios que permanecem para os confins do mundo, onde eles não podem fazer mal.

Eu fecho o livro e tremo um pouco com a brisa. A biblioteca está sempre aberta, aberta ou não. Parece haver algo na própria estrutura que foi projetada para me fazer tremer. A biblioteca se estende por quinze metros, wcom prateleiras brancas que se estendem do chão até os altos arcos do teto. O chão é de mármore branco e o teto é de cristal puro que cobre a sala. É um dos únicos lugares em Midas intocados pelo ouro. Nada além de um vasto branco, das cadeiras pintadas às almofadas grossas, às escadas que sobem até os volumes no topo. A única cor está nos livros - o couro, o tecido e o pergaminho - e no conhecimento que eles têm. É o que eu gosto de chamar de Sala da Metáfora, porque essa é a única explicação para a extensão do branco. Todo mundo é uma tela em branco, esperando para ser preenchido com a cor da descoberta.

Meu pai é realmente teatral.

Eu esperava que houvesse algo nos volumes para me ajudar. O homem do Golden Goose estava tão certo da sua história, e minha bússola estava tão certa de sua verdade. Não há dúvida em mim que o Cristal de Keto está lá fora, mas o mundo parece não saber nada sobre isso. Livros e livros de textos antigos e nenhum deles me diz uma coisa. Como pode algo existir se não houver um registro disso?

Contos de fadas. Eu estou caçando contos de fadas malditos.

— Eu pensei em encontrar você aqui.

Eu olho para o rei.

— Não é de admirar que eu não volte mais para casa — eu digo. — Se você tiver seu orientador me acompanhando sempre que eu estiver dentro do castelo.

Meu pai coloca uma mão gentil na parte de trás da minha cabeça.

— Você esquece que você é meu filho — ele diz, como se eu pudesse — eu não preciso de um vidente para me dizer o que você está fazendo.

Ele puxa a cadeira ao meu lado e examina os vários textos sobre a mesa. Se eu pareço fora do lugar no castelo, então meu pai definitivamente parece deslocado no branco da biblioteca, vestido de ouro cintilante, seus olhos escuros e pesados.

Com um suspiro, o rei se inclina para trás em sua cadeira como eu fiz.

— Você está sempre procurando por algo — diz ele.

— Sempre há algo para encontrar.

— Se você não for cuidadoso, a única coisa que você encontrará é perigo.

— Talvez seja exatamente isso que estou procurando.

Meu pai se aproxima e pega um dos livros da mesa. É cuidadosamente encadernado em couro azul com o título gravado em letras cinza-claro. Há impressões digitais no pó de onde tirei da prateleira.

— *As lendas de Põrós e outros contos da Cidade do Gelo* — ele lê. Ele toca a capa. — Então você está mirando em congelar até a morte?

— Eu estava pesquisando alguma coisa.

Ele coloca o livro de volta na mesa um pouco duramente.

— Pesquisando o que?

Eu dou de ombros, sem vontade de dar ao meu pai mais motivos para me manter em Midas. Se eu dissesse a ele que queria caçar um cristal mítico nas montanhas que pudesse roubar meu fôlego em segundos, não havia como ele me deixar sair. Ele encontraria qualquer maneira de manter seu herdeiro em Midas.

— Não é nada — eu minto. — Não se preocupe.

Meu pai considera isso, seus lábios marrons formando uma linha estreita.

— É um trabalho do rei se preocupar quando seu herdeiro é tão imprudente.

Eu reviro meus olhos.

— Ainda bem que você tem dois, então.

— Também é trabalho do pai se preocupar quando o filho dele nunca quer voltar para casa.

Eu hesito. Eu nem sempre posso ver olho a olho com meu pai, mas eu odeio a idéia de ele culpar a minha ausência em si mesmo. Se o reino não fosse um problema, eu o levaria comigo. Eu pegaria todos eles. Meu pai, mãe, irmã e até o conselheiro real, se ele prometesse manter suas adivinhações para si mesmo. Eu os colocaria no convés como bagagem e mostraria a eles o mundo até que a aventura fosse capturada em seus olhos. Mas eu não posso, então eu lido com a dor de sentir falta deles, o que é muito melhor do que a dor de perder o oceano.

— É sobre Cristian? — Meu pai pergunta.

— Não.

— Mentiras não são respostas.

— Mas eles soam muito melhor do que a verdade.

Meu pai coloca uma mão grande no meu ombro.

— Eu quero que você fique desta vez — diz ele. — Você passou tanto tempo no mar que esqueceu o que é ser você mesmo.

Eu sei que devo dizer a ele que é a terra que rouba quem eu sou e o mar que me traz de volta. Mas dizer isso ao meu pai não faria nada além de nos machucar.

— Eu tenho um trabalho a fazer — eu digo. — Quando estiver pronto, voltarei para casa.

A mentira tem um gosto horrível na minha boca. Meu pai, Rei de Midas e Rei das mentiras, parece saber disso e sorri com tanta tristeza que eu me dobraria se não estivesse sentada.

— Um príncipe pode ser objeto de mitos e lendas — ele explica, — mas ele não pode viver nelas. Ele deveria viver no mundo real, onde ele pode criá-los. — Ele parece solene. — Você deve prestar menos atenção aos contos de fadas, Elian, ou isso é tudo o que você vai se tornar.

Quando ele sai, penso se seria horrível ou bonito. Poderia ser realmente uma coisa tão ruim se tornar uma história sussurrada para crianças na calada da noite? Uma música que eles cantam um para o outro enquanto eles tocam. Outra parte das lendas Midasan: sangue dourado e um príncipe que uma vez navegou pelo mundo em busca da besta que ameaçou destruí-lo.

E então vem para mim.

Eu me sento um pouco mais ereta. Meu pai me disse para parar de viver dentro de contos de fadas, mas talvez seja exatamente o que eu preciso fazer. Porque o que esse homem me disse no Golden Goose não é um fato que pode ser pressionado entre as páginas de livros didáticos e biografias. É uma história.

Rapidamente, eu me puxo da cadeira e vou para a seção infantil.



# 10

## *Lira*

HÁ BRILHO E TESOURO em cada partícula de cada rua. Casas com telhados colmados por fios de ouro e lanternas extravagantes com corpos mais brilhantes do que a luz. Até a superfície da água tornou-se amarelo leitoso, e o ar é agradável com o sol da tarde.

Tudo é demais. Muito brilhante. Muito quente. Muito opulento.

Eu agarro a concha no meu pescoço para me equilibrar. Isso me lembra de casa. Meu tipo não tem medo do príncipe assassino; eles simplesmente não podem suportar a luz. O calor que corta o frio do oceano e torna tudo mais quente.

Não é um lugar para sirenas. É um lugar para sereias.

Eu espero ao lado do navio do príncipe. Eu não tinha certeza se estaria aqui – killing took the prince to as many kingdoms as it did me – o assassinato levou o príncipe a tantos reinos quanto o meu e se estivesse, eu não tinha certeza se o reconheceria. Eu só tenho os ecos assustadores de histórias para me basear. Coisas que eu ouvi de passagem dos raros que

viram o navio do príncipe e conseguiram fugir. Mas assim que eu o vi nas docas de Midasan, eu sabia.

Não é como nas histórias, mas tem a mesma atmosfera escura que cada um dos contos relatava. Os outros navios no cais são como esferas ao invés de barcos, mas este é encabeçado por uma proa afiada e é maior do que qualquer outro, com uma carcaça como o céu noturno e um deck tão escuro quanto minha alma. É um navio digno de assassinato.

Eu ainda o estou admirando a partir das profundezas da água quando uma sombra aparece. O homem se aproxima da borda do navio e olha para o mar. Eu deveria ser capaz de ouvir seus passos, mesmo dentro da água. No entanto, ele está de repente aqui, uma mão segurando as cordas para se apoiar, respirando devagar e profundamente. Forço a vista, mas sob o brilho de ouro é difícil ver muito. Eu sei que é perigoso ir à superfície quando o sol está ainda muito alto, mas eu tenho que conseguir olhar mais de perto. Lentamente, eu subo para a superfície e descanso minhas costas contra o corpo úmido do navio.

Eu vejo o brilho da insígnia real de Midasan em seu polegar e lambo meus lábios.

O Príncipe de Midas veste as roupas da realeza de uma maneira que parece negligente. Suas mangas estão enroladas até os cotovelos e os botões de seus colarinhos estão desfeitos para que o vento alcance seu coração. Ele não parece muito mais velho do que eu, mas seus olhos são duros e desgastados. São olhos de inocência perdida, mais verdes que algas marinhas e constantemente procurando. Mesmo o oceano vazio é uma presa para ele, e ele o vê com uma mistura de suspeita e maravilha.

— Eu senti sua falta — ele diz para o seu navio. — Eu aposto que você também sentiu a minha. Nós vamos encontrá-lo juntos, não vamos? E quando o fizermos, vamos matar todos os malditos monstros deste oceano.

Eu raspo minhas presas em meus lábios. O que ele acha que poderia ter o poder de me destruir? É uma noção fantasiosa de assassinato e me vejo sorrindo. Quão cruel ele é, sem a inocência que eu vi em todos os outros. Este não é um príncipe de inexperiência e potencial ansioso, mas um de guerra e selvageria. Seu coração será uma maravilha a se contemplar. Eu umedeço meus lábios e os separo para dar lugar à minha música, mas eu mal tenho a chance de respirar antes de ser puxada para debaixo d’água.

Uma sereia fica na minha frente. Ela é uma mistura de cores, rosas e verdes

e amarelos, como respingos de tinta em sua pele. Sua barbatana serpenteia e enrola, a armadura óssea de cavalos-marinhos salientando de seu estômago e braços.

— Meu! — Ela diz em *Psáriin*.

Sua mandíbula se estende como um fucinho, e quando ela rosna, se inclina em um ângulo doloroso. Ela aponta para o príncipe fora da água e bate em seu peito.

— Você não tem nada seu para reclamar aqui — eu digo a ela.

A sereia balança sua cabeça. Ela não tem cabelo, mas a pele em seu escalpo é um caleidoscópio, e quando ela se move, as cores ondulam dela como luz.

— Tesouro — ela diz.

Se eu tivesse paciência, isso simplesmente se dissiparia.

— Do que você está falando?

— Midas é nossa — a sereia guincha. — Nós observamos e coletamos e pegamos o tesouro quando ele cai, e ele é tesouro e ouro e *não é seu*.

— O que é meu — eu digo — está para mim para decidir.

A sereia balança sua cabeça.

— Não é seu! — ela grita, e mergulha em minha direção.

Ela pega o meu cabelo e puxa, cravando suas unhas nos meus ombros e me sacudindo. Ela grita e morde. Afunda seus dentes no meu braço e tenta arrancar pedaços de carne.

Não impressionada pelo ataque, eu aperto a cabeça da sereia e esmago contra a minha. Ela cai para trás, os olhos sem pálpebras abertos. Ela flutua por um momento, atordoada, então solta um grito alto e vem de novo em minha direção.

Assim que colidimos, eu uso a força para empurrá-la até a superfície. Ela ofega por respiração, ar um veneno tóxico para suas guelras. Eu rio quando a sereia agarra sua garganta com um mão e tenta me agarrar com a outra. É uma tentativa lamentável.

— É você.

Meus olhos disparam para cima. O Príncipe de Midas olha para nós, horrorizado e assombrado. Seus lábios se inclinam um pouco para a esquerda.

— Olhe para você — ele sussurra. — Meu monstro, venha me encontrar.

Eu o observo com tanta curiosidade quanto ele me observa. A forma que seu cabelo preto varre bagunçado pela sua mandíbula, caindo em sua testa

enquanto ele se inclina para dar uma olhada melhor. A profunda covinha em sua bochecha esquerda e o olhar de admiração em seus olhos. Mas nos momentos que eu escolho desviar meu olhar da sereia, a criatura aproveita a oportunidade e nos impulsiona para a frente. Nos chocamos contra o navio com tanta força que toda a embarcação geme com nosso poder compartilhado. Eu tenho pouco tempo para registrar o ataque antes que o príncipe tropece e caia na água ao nosso lado.

A sereia me puxa para debaixo d'água de novo, mas uma vez que ela vê o príncipe na água, ela recua admirada. Ele afunda como uma pedra no fundo do mar raso e impulsiona seu corpo em direção à superfície.

— Meu tesouro — diz a sereia. Ela alcança e aperta a mão do príncipe, segurando-o abaixo da superfície. — Seu coração é de ouro? Tesouro e tesouro e ouro.

Eu assobio um risada monstruosa.

— Ele não fala *Psáriin*, sua tola.

A sereia gira a cabeça em minha direção, 180 graus inteiros. Ela deixa escapar um guincho ímpio e então termina o círculo ao olhar de volta para o príncipe.

— Eu coleto tesouro — ela continua. — Tesouro e corações e eu só como um. Agora eu como os dois e me transformo no que você é.

príncipe luta enquanto a sereia o mantém preso debaixo d'água. Ele chuta e bate, mas ela está paralisada. Ela acaricia a camisa dele, e suas unhas rasgam o tecido, o fazendo sangrar. Então a mandíbula dela alcança um tamanho inimaginável.

Os movimentos do príncipe relaxam e seus olhos começam a se fechar. Ele está se afogando e a sereia planeja pegar seu coração para si. Pegá-lo e comê-lo na esperança de que se torne o que ele é. Barbatanas em pernas. Peixe em algo mais. Ela roubará o que eu preciso para recuperar a benevolência de minha mãe.

Eu estou tão furiosa que eu não consigo nem pensar antes de alcançar e afundar minhas unhas no crânio da sereia. Em choque, a criatura solta o príncipe e ele flutua de volta para a superfície. Eu aumento meu aperto. A sereia bate e arranha minhas mãos, mas sua força é nada comparada a de uma sirena. Especialmente a minha. Especialmente quando eu tenho a intenção de matar.

Meus dedos pressionam profundamente no crânio da sereia e desaparecem

dentro de sua carne arco-íris. Eu posso sentir o osso afiado de seu esqueleto. A sereia continua, mas eu não paro. Eu cavo meus dedos mais fundo e puxo.

Sua cabeça cai no chão do oceano.

Eu penso em levar para minha mãe como um troféu. Colocando em uma estaca fora do palácio de Keto como um aviso para todas as sereias que ousariam desafiar uma sirena. Mas a Rainha do Mar não aprovaria. Sereias são suas súditas, seres inferiores ou não. Eu dou mais um último olhar desdenhoso na criatura e então nado até a superfície a procura do meu príncipe.

Eu o localizei rapidamente, na beira de uma pequena porção de areia junto às docas. Ele está tossindo tão violentamente que o ato abala todo o seu corpo. Ele cospe grandes porções de água e então cai em cima de seu estômago. Eu nado tão próximo quanto posso e então me puxo o resto do caminho, até só a ponta da minha cauda ficar na água rasa.

Eu alcanço e puxo o tornozelo do príncipe, arrastando-o para baixo para que seu corpo esteja nivelado com o meu.

Eu cutuco seu ombro e quando ele não se move, eu o faço ficar de costas. Areia gruda no dourado de suas bochechas e seus lábios se separam levemente, molhados com o oceano. Ele já parece meio-morto.

Sua camisa se agarra à sua pele, sangue escorrendo através dos cortes que a sereia rasgou. Seu peito mal se movendo com sua respiração e se eu não pudesse ouvir o som fraco de seu coração, então eu certamente pensaria que ele não era nada mais do que um belo cadáver.

Eu pressiono minha mão em sua face e passo minha unha do canto de seu olho até sua bochecha. Uma fina linha vermelha borbulha acima de sua pele, mas ele não se mexe. Sua mandíbula é tão afiada que poderia me cortar.

Lentamente, eu alcanço debaixo de sua camisa e pressiono a mão contra o seu peito. Seu coração bate desesperadamente sob a minha palma. Eu inclino minha cabeça contra ele e ouço aos batimentos com um sorriso. Eu posso sentir o cheiro do oceano nele, um sal inconfundível, mas misturado abaixo de tudo está o aroma fraco de anis. Ele cheira como os doces negros dos pescadores. O óleo de sacarina que eles usam para atrair as suas capturas.

Eu me encontro desejando que ele acorde para que eu possa pegar um vislumbre de seus olhos de algas marinhas antes que eu pegue seu coração e o dê para minha mãe. Eu levanto minha cabeça de seu peito e pairo minha

mão sobre seu coração. Minhas unhas apertam sua pele, e eu me preparo para cavar meu punho mais fundo.

— Sua alteza!

Eu levanto minha cabeça. Uma legião de guardas reais corre através do cais em nossa direção. Eu olho de volta para o príncipe e seus olhos começam a abrir. Sua cabeça se deita na areia e então seu olhar foca. Em mim. Seus olhos se estreitam enquanto ele percebe a cor do meu cabelo e o único olho que combina. Ele não parece preocupado que minhas unhas estejam enterradas em seu peito, ou assustado com sua morte iminente. Em vez disso ele parece resoluto. E, estranhamente satisfeito.

Eu não tenho tempo para pensar no que isso significa. Os guardas estão se aproximando rapidamente, gritando por seu príncipe, armas e espadas prontas. Todas apontadas para mim. Eu olho para o peito do príncipe mais uma vez, e para o coração que cheguei tão perto de ganhar. Então mais rápido que a luz, eu volto para o oceano e para longe dele.

# 11

# *Elian*

MEUS SONHOS ESTÃO CHEIOS de sangue que não é meu. Nunca é meu, porque eu sou tão imortal em meus sonhos quanto pareço ser na vida real. Eu sou feito de cicatrizes e memórias, nenhumas das quais tem algum efeito real.

Já faz dois dias desde o ataque, e o rosto da sirena assombra minhas noites. Ou o pouco que eu me lembro dela. Sempre que eu tento me lembrar de algo, tudo que eu vejo são seus olhos. Um como o nascer do sol e o outro como o oceano que eu tanto amo.

A Maldição dos Príncipes.

Eu estava meio grogue quando acordei na praia, mas eu poderia ter feito algo. Alcançado a faca em meu cinto e deixado ela beber seu seu sangue. Batido meu punho contra sua bochecha e segurado ela embaixo enquanto um guarda chamava meu pai. Eu poderia tê-la matado, mas eu não o fiz, porque ela é uma maravilha. Uma criatura que tem me iludido por tanto tempo e então, finalmente, apareceu. Deixe-me ter conhecimento de um rosto que poucos homens viveram para falar sobre.

Meu monstro me achou e eu vou encontrá-lo de volta.

— Isso é um ultraje!

O rei explode no meu quarto, com o rosto vermelho. Minha mãe flutua atrás dele, vestindo um kalasiris verde e uma expressão exasperada. Quando ela me vê, franze as sobrancelhas.

— Nenhum deles pode me dizer uma coisa — meu pai diz. — De que servem os guardas marítimos se eles não guardarem o maldito mar?

— Querido — minha mãe coloca uma mão gentil em seu ombro. — Eles procuram por navios na superfície. Eu não me recordo de falarmos para eles

nadarem debaixo d’água e procurarem por sirenas.

— Isso deveria acontecer sem dizer! — Meu pai está indignado. — Iniciativa é do que esses homens precisam. Especialmente com seu futuro rei aqui. Eles deveriam saber que a vadia marinha viria atrás dele.

— Radames — minha mãe repreende. — Seu filho preferiria sua preocupação do que sua raiva.

Meu pai olha para mim, como se tivesse acabado de perceber que eu estava ali, apesar desse ser meu quarto. Eu posso ver o momento em que ele percebe a linha de suor que reveste a minha testa e escoa do meu corpo para os lençóis.

Seu rosto se suaviza.

— Você está se sentindo melhor? — ele pergunta. — Eu poderia buscar o médico.

— Eu estou bem — a rouquidão em minha voz traindo a mentira.

— Você não parece.

Eu o afasto com um aceno, odiando que de repente me sinto como uma criança de novo, precisando do meu pai para me proteger dos monstros.

— Eu não imagino alguém que aparenta seu melhor antes do café da manhã — eu digo. — Eu aposto que poderia conquistar qualquer uma das mulheres da corte, entretanto.

Minha mãe me atira um olhar de advertência.

— Eu vou demitir todos eles — meu pai fala, continuando como se minha doença não tivesse lhe dado uma pausa. — Cada dispensa de desculpas para um guarda do mar que temos.

Eu me inclino contra a cabeceira.

— Eu acho que você está exagerando.

— Exagerando! Você poderia ter sido morto na sua própria terra em plena luz do dia.

Eu me levanto da cama. Eu balanço um pouco, instável em meus pés, mas me recupero rapidamente para passar despercebido.

— Eu dificilmente culpo os guardas por terem falhado em identificá-la — eu digo, tirando minha camisa do chão. — É preciso de um olho treinado.

O qual é verdade, aliás, embora eu duvide que meu pai ligue. Ele nem ao menos parece se lembrar que os guardas marítimos observam a superfície por navios inimigos e não são, de forma alguma, exigidos a procurar debaixo

d’água por diabos e demônios. O *Saad* é a casa para os poucos homens e mulheres no mundo loucos o suficiente para tentar.

— Olhos como os seus? — Meu pai zomba. — Vamos só contratar alguns dos patifes que você passeia por aí, então.

Minha mãe vibra.

— Que ideia maravilhosa.

— Não foi! — argumenta meu pai. — Eu estava sendo irreverente, Isa.

— Ainda assim essa foi a coisa menos tola que eu ouvi você falar em dias.

Eu sorrio para eles e ando até meu pai, colocando uma mão reconfortante em seu ombro. A raiva desaparece de seus olhos e ele veste um olhar similar ao de resignação. Ele sabe tão bem quanto eu que há apenas uma coisa a ser feita, que é eu partir. Eu suspeito que metade da raiva de meu pai vem de saber disso. Depois de tudo, Midas é um santuário é um santuário que meu pai declama como um refúgio dos demônios que eu caço. Uma fuga para eu voltar se precisar. Agora

— Não se preocupe — eu digo. — Eu vou garantir que a sirena sofra por isso.

Não até que eu fale as palavras que eu percebo o quanto eu quero dizê-las. Minha casa está contaminada com o mesmo perigo que o resto da minha vida, e isso não cai bem comigo. Sirenas pertencem ao mar, e essas duas partes de mim – o príncipe e o caçador – tem permanecido separadas. Eu odeio que sua fusão não tenha sido porque fui corajoso o suficiente para parar de fingir e dizer aos meus pais que eu nunca planejei me tornar rei e que sempre que estou em casa, eu me sinto como uma fraude. Como eu penso cuidadosamente sobre toda palavra e ação antes de dizer ou fazer qualquer coisa, só para ter certeza de que é a coisa certa. O feito. Meu dois eus foram empurrados juntos porque a Maldição dos Príncipes forçou minha mão. Ela estimulou a ação de algo que eu deveria ter sido corajoso o suficiente para fazer o tempo todo.

Eu a odeio por isso.

No convés do *Saad* mais tarde naquele dia, minha tripulação se encontra ao meu redor. Duzentos homens e mulheres com fúria em seus rostos enquanto olham o arranhão abaixo do meu olho. É a única ferida que eles podem ver, embora haja muito mais escondido debaixo da minha camisa. Um círculo de unhas bem onde meu coração está. Pedaços da sirena ainda cravados em meu peito.

— Eu os dei ordens perigosas no passado — eu digo à minha tripulação — E vocês as seguiram sem nenhuma reclamação. Bem… — eu os dou um sorriso — a maioria de vocês.

Alguns deles sorriem na direção de Kye e ele saúda orgulhosamente.

— Mas dessa vez é diferente — eu respiro, me preparando. — Eu preciso de uma tripulação de cerca de 100 voluntários. Realmente, eu vou pegar qualquer um de vocês que eu possa conseguir, mas vocês sabem que sem alguns de vocês, a jornada não será possível. — Eu olho para meu engenheiro chefe e ele acena em silencioso entendimento.

O resto da tripulação me encara com fortes olhares iguais de fidelidade. Pessoas dizem que você não pode escolher sua família, mas eu fiz isso com cada e todo membro do *Saad*. Eu escolhi a dedo todos eles, e aqueles que não escolhi, me procuraram. Nós escolhemos um ao outro, cada um de nós.

— Quaisquer que sejam os juramentos de lealdade que vocês fizeram, eu não prenderei vocês a eles. Sua honra não é a questão, e quem não se voluntariar não será considerado menos. Se tivermos sucesso, todo membro desta tripulação será bem-vindo de volta de braços abertos quando navegarmos de novo. Eu quero deixar isso claro.

— Basta de discursos! — grita Kye. — Vá direto ao ponto para saber se devo levar meus johns compridos.

Ao seu lado, Madrid revira seus olhos.

— Não esqueça sua bolsa, também.

Eu sinto a risada em meus lábios, mas eu a engulo e continuo.

— A poucos dias atrás um homem veio a mim com uma história sobre uma rara pedra que tem o poder de matar a Rainha do Mar.

— Como isso é possível? — alguém pergunta da multidão.

— Não é possível! — outra voz grita.

— Alguém uma vez me disse que levar uma tripulação de criminosos e desajustados pelos mares para caçar os monstros mais mortíferos do mundo não era possível — eu digo. — Que todos nós morreríamos dentro de uma semana.

— Eu não sei sobre vocês — Kye diz — mas meu coração ainda está batendo.

Eu atiro um sorriso para ele.

— O mundo tem sido levado a acreditar que a Rainha do Mar não pode ser morta por nenhuma arma feita por homens — eu digo. — Mas essa pedra não

foi feita por homens; ela foi criada pelas famílias originais de sua mais pura magia. Se nós a usarmos, então a Rainha do Mar poderia morrer antes que ela fosse capaz de passar seu tridente para a Maldição dos Príncipes. Isso livrará toda a raça deles de qualquer poder verdadeiro de uma vez por todas.

Madrid caminha até a frente, cotovelando os homens para fora de seu caminho. Kye segue atrás dela, mas ela mantém os olhos em mim com um olhar duro.

— Tudo bem, Cap — diz ela. — Mas não é com a Maldição dos Príncipes que devemos nos preocupar?

— O único motivo pelo qual nós ainda não a transformamos em espuma é porque nós não conseguimos achá-la. Se nós matarmos sua mãe, então ela deve aparecer. Sem mencionar que é a magia da rainha que dá às sirenas seus dons. Se destruirmos a rainha, todas ficarão fracas, incluindo a Maldição dos Príncipes. O mar será nosso.

— E como nós acharemos a Rainha do Mar? — Kye pergunta. — Eu te seguiria até os confins da terra, mas seu reino é no meio de um mar perdido. Ninguém sabe onde ele está.

— Nós não precisamos saber onde seu reino está. Nós não precisamos nem ao menos saber onde o mar de Diávolos está. A única coisa que precisamos saber é como navegar até Págos.

— Págos — Madrid diz a palavra com uma carranca. — Você não está pensando seriamente *nisso*.

— É onde o cristal está — eu falo para ela. — E uma vez que o tivermos, a Rainha do Mar virá até nós.

— Então nós apenas seguimos para o reino do gelo e pedimos ao povo da neve para entregá-lo? — alguém pergunta.

Eu hesito.

— Não exatamente. O cristal não está *em* Págos. Está em cima dele.

— A Montanha da Nuvem — Kye esclarece para o resto da tripulação. — Nosso capitão quer que subamos até o topo da montanha mais fria do mundo. Uma que matou todos que tentaram.

Madrid zomba quando eles começam a murmurar.

— E, — ela acrescenta — tudo por um cristal mítico que pode ou não levar a criatura mais temível do mundo à nossa porta.

Eu olho para os dois, sem me divertir com o duplo ato, ou à súbita dúvida em suas vozes. Esta é a primeira vez que me questionam, e o sentimento não

é algo com o qual pretendo me acostumar.

— Essa é a essência disso — eu digo.

Há uma pausa, e eu tento meu melhor para não me mover ou fazer qualquer coisa além de parecer inflexível. Como eu posso ser confiável. Como se eu tivesse alguma ideia do que estou fazendo. Como se eu provavelmente não fosse fazer todos serem mortos.

— Bem — Madrid vira para Kye. — Eu acho que parece divertido.

— Eu acho que você está certa — ele fala, como se me seguir fosse uma inconveniência que ele nunca considerou antes. Ele se vira para mim. — Conte com a gente então

— Eu suponho que possa poupar algum tempo também, desde que você pediu agradavelmente! — grita outra voz.

— Mal posso dizer não para uma oferta tão tentadora, Cap!

— Vá em frente, se todo mundo está tão interessado.

Tantos deles gritaram e concordaram, prometendo suas vidas a mim com um sorriso. Como se tudo não passasse de um jogo. Com cada nova mão que surge, surge um grito de quem já concordou. Eles uivam na possibilidade de morte e em quanta companhia eles terão nela. Eles são loucos e maravilhosos.

Não sou estranho à devoção. Quando as pessoas na corte olham para mim, eu vejo a lealdade descuidada que vem com não conhecerem nada melhor. Algo natural para aqueles que nunca questionaram a ordem bizarra das coisas. Mas quando minha tripulação olha para mim agora, eu vejo o tipo de lealdade que eu conquistei. Como eu mereço o direito de levá-los a qualquer destino que eu achar adequado.

Agora só resta uma coisa a fazer antes de partirmos para a terra de gelo.

# 12

# *Elian*

O GANSO DE OURO é a única coisa constante em Midas. Todo pedaço de terra parece crescer e mudar quando estou fora, com pequenas evoluções que nunca parecem graduais pra mim, mas o Ganso de ouro é como sempre tem sido. Não plantou as flores douradas ao lado de fora de suas portas o que todas as casas uma vez fizeram, como era a moda, com remanescentes delas ainda vistas nas profundezas das flores silvestres que agora as engolem. Nem subiu pilares de areia ou pendurou sinos de vento ou remodelou seu telhado para apontar como as pirâmides. Nunca foi tocado, então sempre que eu volto e algo na minha casa está diferente, eu posso ter certeza que nunca o Ganso de ouro mudará. Nem Sakura.

É cedo e o céu ainda está laranja leitoso. Eu achei melhor visitar a escória do Ganso de oudormindo. Não me parecia sábio pedir um favor para o senhorio nascido do gelo, com ondas de clientes bêbados espiando. Eu bato na porta de madeira vermelha, e uma lasca desliza na minha articulação. Eu a retiro assim que a porta se abre. Sakura não parece surpresa do outro lado.

— Eu sabia que seria você — ela espreita atrás de mim. — A mulher tatuada não está com você?

— Madrid está preparando o navio — eu conto pra ela. — Nós partimos hoje.

— Uma pena — Sakura joga um pano de prato por cima do ombro. — Você não é nem de perto tão bonito.

Eu não discuto.

— Posso entrar?

— Um príncipe pode pedir por favores na porta, como todos os outros.

— Sua porta não tem uísque.

Sakura sorri, seus lábios vermelho escuros se curvando para o lado. Ela abre os braços, gesticulando para eu entrar.

— Eu espero que você tenha bolsos cheios.

Eu entro, mantendo meus olhos treinados nela. Não é como se eu achasse que ela poderia tentar algo desagradável - me matar, talvez, aqui mesmo no Ganso de ouro - não quando nosso relacionamento é tão rentável para ela. Mas tem algo sobre Sakura que sempre me deixado enervado, e eu não sou o único. Não tem muitos que pode gerir um bar como o Ganso de ouro, com clientes que colecionam pecado como jóias preciosas. Brigas e lutas são constantes, e na maioria das noites é derramado mais sangue do que uísque. Ainda assim quando Sakura diz que basta, os homens e mulheres cessam. Ajeitam seus respectivos colarinhos, cospem no chão encardido e continuam com suas bebidas como se nada tivesse acontecido. Indiscutivelmente, ela é a mulher mais temível em Midas. E eu não tenho o hábito de virar as costas para mulheres temíveis.

Sakura vai para trás do bar e despeja um líquido âmbar no copo. Enquanto sento em seu lado oposto, ela leva o copo aos lábios e toma um gole rápido. Uma impressão de batom vermelho escuro mancha o aro, e noto o timing fortuito.

Sakura desliza o copo para mim.

— Satisfeito? — ela pergunta.

Ela quer dizer que não está envenenado. Eu posso esquadrinhar o oceano à procura de monstros que poderiam literalmente arrancar meu coração fora, mas isso não significa que sou descuidado. Não há uma única coisa que eu coma ou beba quando estamos ancorados que não tenha sido provado por outra pessoa primeiro. Normalmente, este dever recai sobre Torik, que se ofereceu no momento que eu o levei a bordo e insiste que não está colocando sua vida em risco, porque mesmo os maiores venenos não poderiam matá-lo. Levando em conta apenas seu tamanho, estou inclinado a concordar.

Kye, é claro, recusou a responsabilidade. *Se eu morrer salvando a sua vida*, ele disse, *então quem vai te proteger?*

Eu olho o batom borrado de Sakura e sorrio, virando o copo para evitar a marca antes de tomar um gole de whiskey.

— Não há necessidade de fingimento — diz Sakura. — Você deveria apenas perguntar.

— Você sabe porque estou aqui, então.

— Toda Midas está falando sobre a sua sirena — Sakura se inclina para trás contra o armário de bebidas. — Não pense que há uma única coisa que acontece aqui e que eu não saiba.

Seus olhos estão mais afiados do que nunca e estreitos de uma forma que me diz que há poucos segredos meus que ela não saiba. Um príncipe pode ter o luxo da discrição, mas um pirata não tem. Eu sei que muitas das minhas conversas foram roubadas por estranhos e vendidas aos maiores licitantes. Sakura tem sido um desses vendedores por um tempo, trocando informação por ouro sempre que a oportunidade se apresenta. Então é claro que ela teve o cuidado de ouvir o homem que venho até mim na calada da noite, falando histórias de sua casa e do tesouro que ela guarda..

— Eu quero que você venha comigo.

Sakura ri e o som não combina com o olhar sério em seu rosto.

— Isso é uma ordem do príncipe?

— É um pedido.

— Então eu recuso.

— Você sabe — eu limpo a mancha do meu copo — seu batom está borrado.

Sakura pega a impressão de vermelho escuro na borda do meu copo e pressiona um dedo nos lábios. Quando ele volta limpo, ela olha ameaçadoramente. Eu posso vê-la claramente agora, Como a coisa que eu sempre soube que ela é. A mulher com cara de neve, com os lábios mais azuis do que qualquer olho de sirena.

Um azul reservado à realeza.

Os nativos de Págos são como nenhuma outra raça nos cem reinos, mas a família real é uma raça em si. Esculpidos em grandes blocos de gelo, sua pele é muito mais pálida, seus cabelos muito mais brancos e seus lábios são do mesmo azul que seu selo.

— Você já sabe há algum tempo? — Sakura pergunta.

— É a razão pela qual eu deixei você sair bem dessa — eu digo a ela. — Eu não queria revelar seu segredo até que encontrasse uma maneira de colocá-lo em bom uso. — Eu levanto meu copo em um brinde. — Viva a princesa Yukiko de Págos.

O rosto de Sakura não muda com a menção de seu nome real. Em vez disso, ela olha para mim sem expressão, como se tivesse passado tanto tempo

que nem sequer reconhecesse o próprio nome.

— Quem mais sabe? — ela pergunta.

— Eu não contei a ninguém *ainda* — eu enfatizo o *ainda* mais cruamente do que o necessário. — Entretanto eu não entendo porque você se importaria. Seu irmão tomou a coroa há uma década atrás. Não é como se você tivesse uma reivindicação ao trono. Você pode ir onde quiser e fazer o que quiser. Ninguém quer assassinar um nobre que não pode governar.

Sakura olha pra mim com sinceridade.

— Eu estou ciente disso.

— Então por que o sigilo? — eu pergunto. — Eu não soube de nada sobre uma princesa desaparecida, então só posso supor que sua família saiba onde você está.

— Não sou uma fugitiva — Sakura diz.

— Então o que você é?

— Algo que você nunca será — ela zomba. — Livre.

Eu abaixo meu copo com mais força do que pretendo.

— Que sorte para você, então.

É fácil para Sakura ser livre. Ela tem quatro irmãos mais velhos com pretensões ao trono antes dela e nenhuma das responsabilidades que meu pai gosta de me lembrar que ainda estão pesadas em meus ombros.

— Saí logo que Kazue levou coroa — diz Sakura. — Com três irmãos para aconselhá-lo, eu sabia que não teria sabedoria para oferecer que eles não pudessem. Eu tinha vinte e cinco anos e não tinha gosto pela vida de um nobre que não governaria. Eu disse isso aos meus irmãos. Eu disse a eles que queria ver mais do que neve e gelo. Eu queria cor. — Ela olha para mim. — Eu queria ver ouro.

Eu bufo.

— E agora?

— Agora eu odeio a sombra vil do ouro.

Eu rio

— Às vezes eu sinto o mesmo. Mas ainda é a cidade mais bonita de todos os cem reinos.

— Você saberia mais do que eu — diz Sakura.

— Ainda assim você fica.

— Lares são difíceis de achar.

Eu penso na verdade disso. Eu entendo isso melhor do que ninguém,

porque nenhum lugar que eu já viajei jamais me senti em casa. Até mesmo Midas, a qual é tão bonita e está cheia de pessoas que amo. Me sinto seguro aqui, mas não como se pertencesse. O único lugar que eu poderia chamar de casa e querer dizer isso é o *Saad*. E está constantemente se movendo e mudando. Raramente no mesmo lugar duas vezes. Talvez eu ame porque não pertence a lugar nenhum, nem mesmo em Midas, onde foi construído. E, no entanto, ainda pertence a todos os lugares.

Eu agito os restos finais do meu uísque e olho para Sakura.

— Então seria uma pena se as pessoas descobrissem quem você é. Ser um imigrante Págese é uma coisa, mas ser um nobre sem país é outra. Como eles tratariam você?

— Pequeno príncipe — Sakura umedece seus lábios. — Você está tentando chantagear seu favor?

— Claro que não — Eu digo, embora minha voz diga algo mais. — Estou apenas dizendo que seria inconveniente se as pessoas descobrissem. Especialmente seus clientes.

— Por eles — diz Sakura. — Eles tentariam me usar e eu teria que matá-los. Eu provavelmente teria que matar metade dos meus clientes.

— Eu acho que isso é ruim para os negócios.

— Mas ser um assassino tem funcionado tão bem para você.

Eu não reajo a isso, mas a minha falta de emoção parece ser a reação exata que Sakura quer. Ela sorri, tão bonita, embora esteja tão claramente zombando. Eu penso em como é uma pena que ela tenha o dobro da minha idade, porque ela é impressionante quando é cruel, e selvagem sob o pretexto.

— Venha para Págos comigo — eu digo.

— Não — Sakura se afasta de mim.

— Não, você não virá?

— Não, não é isso que você quer perguntar.

Eu me levanto.

— Me ajude a achar o Cristal de Keto.

Sakura se vira para mim.

— Aí está — não há nem sinal de sorriso em seu rosto agora. — Você quer um Págese para ajudá-lo a escalar a Montanha da Nuvem e encontrar o seu conto de fadas.

— Não é como se eu pudesse simplesmente entrar e escalar a sua montanha mais mortal sem ter ideia de com o que estaria lidando. Seu irmão

vai me deixar entrar? Com você ao meu lado, você pode me aconselhar sobre o melhor curso de ação. Diga-me o caminho que devo seguir. Ajude a convencer o rei a me dar passagem segura.

— Eu sou uma especialista em escalar montanhasa — a voz de Sakura é inteiramente sarcástica.

— Você teve que fazê-lo em seu décimo sexto aniversário. — Eu tento esconder minha impaciência. — Toda realeza Págese teve que escalar. Você poderia me ajudar.

— Eu não tenho um coração tão bom assim a ponto de te ajudar.

— Eu estou pedindo por...

— Você está *implorando* — ela diz. — E por algo impossível. Ninguém além da minha família pode sobreviver a escalada. Está no nosso sangue.

Eu bato meu punho na mesa.

— Os livros de história podem vender isso, mas eu sei mais. Deve haver outro caminho. Um segredo mantido em sua família. Se você não vier comigo então me diga o que é.

— Não importaria de qualquer maneira.

— O que isso quer dizer?

Ela corre sua língua através de seus lábios azuis.

— Se esse cristal existe na montanha, então certamente está escondido na cúpula trancado do palácio de gelo.

— Uma cúpula trancada — eu digo inexpressivamente. — Você está falando isso já que você vai junto?

— Estamos perfeitamente conscientes dessas lendas em todos esses livros infantis — ela diz. — Minha família tem tentado descobrir um jeito de entrar nessa sala por gerações, mas não há outra entrada além daquela que pode ser vista claramente e não há como forçar nossa entrada. Está magicamente selada, talvez pelas próprias famílias originais. O que é preciso é uma chave. Um cordão perdido para nossa família. Sem isso não importa quantas montanhas você tente chegar ao topo. Você nunca será capaz de achar o que você está procurando.

— Deixe-me preocupar com isso — eu digo. — Achar tesouros perdidos é a minha especialidade.

— E o ritual necessário para liberar o cristal de sua prisão? — Sakura pergunta. — Estou supondo que você descobriu sobre isso, também?

— Não há detalhes.

— Isso é porque ninguém conhece eles. Como você planeja conduzir um rito antigo se você nem sabe o que é?

Na verdade, eu pensei que Sakura poderia preencher os espaços em branco.

— O segredo está provavelmente no seu colar — eu digo a ela, esperando que seja verdade. — Pode ser uma simples inscrição que precisamos ler. E se não for, então eu vou descobrir outra coisa.

Sakura ri.

— Digamos que você esteja certo — ela diz. — Digamos que lendas são fáceis de encontrar. Digamos que até colares perdidos e rituais antigos também são. Digamos que mapas e rotas são a coisa mais ilusória. Quem pode dizer que eu já compartilhei uma coisa dessas com você?

— Eu poderia vazar sua identidade para todos — as palavras parecem mesquinhas e infantis nos meus lábios.

— Quão baixo de você — Sakura diz. — Tente novamente.

Eu paro. Sakura não está se recusando a ajudar. Ela simplesmente está me dando a oportunidade de fazer valer a pena. Todos tem um preço, até mesmo a princesa Págese esquecida. Eu só tenho que descobrir qual o dela. Dinheiro parece irrelevante, e o pensamento de lhe oferecer faz uma careta surgir no meu rosto. Ela poderia levar isso como um insulto (ela é da realeza, apesar de tudo), ou me ver mais como uma criança do que como um capitão, o que eu claramente sou em sua presença. Eu tenho que dar a ela algo que ninguém mais pode. Uma oportunidade que ela nunca mais terá e não sonhará em recusar.

Eu penso em como Sakura e eu somos parecidos. Dois nobres tentando escapar de seus países. Só que Sakura não quis sair de seu país porque ela não gostava de ser uma princesa, mas porque o trabalho se tornou inútil uma vez que seu irmão assumiu a coroa.

*Nenhum gosto pela vida de um rei que nunca governará.*

Eu sinto uma sensação de afundamento no meu estômago. Em seu coração, Sakura é uma rainha. O único problema é que ela não tem um país. Eu entendo o que minha missão vai custar se eu quiser o suficiente.

— Eu posso te fazer uma rainha.

Sakura arqueia uma sobrancelha branca.

— Eu espero que você não esteja ameaçando matar meus irmãos — diz ela. — Porque os Págese não se voltam uns contra os outros por causa de uma coroa.

— Nem um pouco — eu me componho o máximo que eu posso. — Eu estou lhe oferecendo outro país inteiramente.

Um lento olhar de percepção aparece no rosto de Sakura. Timidamente, ela pergunta:

— E que país seria esse, Sua Alteza?

Isso significará o fim da vida que amo. O fim da vida do *Saad* e do oceano do mundo que já vi duas vezes e veria novamente mais mil vezes. Eu viveria a vida de um rei, como meu pai sempre quis, com uma esposa nascida da neve para governar ao meu lado. Uma aliança entre o gelo e ouro. Eu seria mais do que meu pai imaginou, e não valeria a pena no final? Por que eu teria que procurar no mar uma vez que todos os seus monstros tenham sido destruídos? Estarei satisfeito, talvez, governando Midas, uma vez que saberei que o mundo está fora de perigo.

Mas mesmo que eu liste as razões de isso ser um bom plano, eu sei que todas elas são mentiras. Eu sou um príncipe por nome e nada mais. Mesmo que eu consiga conquistar as sirenas e trazer a paz para o oceano, eu sempre planejei ficar no *Saad* com a minha tripulação – se eles ainda me seguissem – não mais procurando, mas sempre em movimento. Qualquer outra coisa me fará miserável. Ficar parado, em um lugar e um momento, me fará miserável. No meu coração, eu sou tão selvagem quanto o oceano que me criou.

Eu respiro. Eu serei miserável, então, se é o que é preciso.

— Esse país. Se há um mapa que mostra uma rota secreta na montanha que minha tripulação e eu possamos evitar o congelamento até a morte durante a escalada, então será uma troca justa.

Eu estendo minha mão para Sakura. Para a princesa de Págos.

— Se você me der seu mapa, eu faço de você minha rainha.



# 13

## *Lira*

EU COMETI UM ERRO. Começou com um príncipe, como a maioria das histórias faz. Uma vez que senti o coração dele sob meus dedos, não consegui esquecer. E então eu observei da água, esperando que ele reaparecesse. Mas demorou vários dias antes dele aparecer de novo e uma vez que ele apareceu, ele nunca se aproximou do oceano sem uma legião ao seu lado.

Cantar para ele nas docas era bastante arriscado, com a promessa de guardas reais e transeuntes indo ao resgate do jovem caçador. Mas com sua equipe lá, era outra coisa. Eu podia sentir a diferença naqueles homens e mulheres e a maneira como eles seguiam o príncipe, moviam-se quando ele se movia, prestando muita atenção sempre que ele falava com eles. Um tipo de lealdade que não pode ser comprada. Eles pulariam no oceano atrás dele e sacrificariam suas vidas pela dele, como se eu fosse aceitar tal coisa.

Então, ao invés de atacar, eu observei e escutei como eles falavam em histórias, de pedras com o poder de destruir mundos. O Segundo Olho de

Keto. Uma lenda que minha mãe tem caçado por todo o seu reinado. Os humanos falavam em ir ao reino do gelo em busca disso, e eu sabia que seria minha melhor oportunidade. Se eu os seguisse até o mar de neve, então as águas estariam frias demais para qualquer humano sobreviver, e a tripulação do príncipe não poderia fazer nada além de vê-lo morrer.

Eu tinha um plano. Mas meu erro foi pensar que minha mãe não.

Enquanto observava o príncipe, a Rainha do Mar me observou. E quando me aventurei nas docas de Midasan em busca de comida, minha mãe ficou sabendo disso.

O cheiro de morte é perceptível. Uma linha de corpos – tubarões e polvos – tubarões e polvos se espalha pela água como uma trilha para eu seguir. Nado pelos cadáveres de animais, coisa teria me alegrado em qualquer outro dia.

— Estou surpresa que você veio — diz a Rainha do Mar.

Minha mãe parece majestosa, pairando em um círculo de carcaças. Restos escorrem dos símbolos em sua pele e seus tentáculos balançam letalmente ao lado dela.

Minha mandíbula aperta.

— Eu posso explicar.

— Eu imagino que você tenha muitas explicações nessa pequena e gentil cabeça sua — diz a rainha. — Claro, eu não estou interessada nelas.

— Mãe — minhas mãos se curvam em punhos. — Deixei o reino por um motivo.

Uma imagem do príncipe dourado pesa em minha mente. Se eu não tivesse hesitado na praia e estivesse tão preocupada em saborear o doce cheiro de sua pele, então eu não precisaria de explicações. Eu só precisaria apresentar seu coração, e a Rainha do Mar me mostraria misericórdia.

— Você salvou um humano — sua voz é tão morta quanto a noite.

E sacudo minha cabeça.

— Isso não é verdade.

Os tentáculos da rainha se chocam com o leito do oceano e uma onda poderosa de areia me derruba, me levando ao chão. Eu mordo uma tosse quando a telha pega minha garganta.

— Você me insulta com suas mentiras — ela ferve. — Você salvou um humano, e não apenas qualquer humano, mas aquele que nos mata. É porque você vive para me desobedecer? — Ela pergunta. E então, com um grunhido enojado: — Ou talvez você tenha enfraquecido. Garotinha tola enfeitiçada

por um príncipe. Diga-me, foi o sorriso dele que fez isso? Trouxe seu coração à vida e o fez amá-lo como uma sereia comum?

Minha mente gira. Eu mal posso ficar indignada com a confusão. *Amor* é uma palavra que mal ouvimos no oceano. Ela existe apenas na minha música e nos lábios dos príncipes que eu matei. E eu nunca ouvi isso da boca da minha mãe. Eu nem sei o que isso realmente significa. Para mim, sempre foi apenas uma palavra que os seres humanos estimam por razões que não posso compreender. Não há nem mesmo uma maneira de dizer isso em *Psáriin*. No entanto, minha mãe está me acusando de sentir isso. É a mesma fidelidade que eu tenho para Kahlia? Essa força que me leva a protegê-la sem nem pensar? Se isso é verdade, então torna a acusação ainda mais desconcertante, porque tudo que eu quero é matar o príncipe, e apesar de eu não saber o que é o amor, tenho certeza de que não é isso.

— Você está enganada — digo à minha mãe.

Um canto dos lábios da rainha se revolve em repulsa.

— Você assassinou uma sereia para ele.

— Ela estava tentando comer seu coração!

Seus olhos se estreitam.

— E por que — ela pergunta, — isso seria uma coisa ruim? Deixe a criatura pegar seu coração imundo e engoli-lo inteiro.

— Ele era meu — eu argumento. — Um presente para você! Um tributo para o meu décimo oitavo.

A rainha para para compreender isso.

— Você caçou um príncipe para o seu aniversário — diz ela.

— Sim. Mas mãe...

O olhar da Rainha do Mar escurece e, num instante, um de seus tentáculos se estende e me arranca do fundo do oceano.

— Você é uma coisa insolente!

Seus tentáculos se apertam em volta da minha garganta, apertando até que o oceano borra. Eu sinto o arrepio do perigo. Eu sou mortal, mas a Rainha do Mar é algo mais. Algo menos.

— Mãe — eu imploro.

Mas a rainha só aperta mais forte ao som da minha voz. Se ela quisesse, ela poderia quebrar meu pescoço em dois. Tomar minha cabeça como eu tomei a sereia. Talvez até meu coração também.

A rainha me joga no leito do oceano e eu agarro minha garganta, tocando o

local sensível, apenas para arrebatar minha mão enquanto os ossos estalam e pulsam com o contato. Acima de mim a rainha se ergue, elevando-se como uma sombra escura. À nossa volta, a água fica sem cor, tornando-se cinza e, em seguida, escorrendo para o preto, como se o oceano estivesse manchado com sua fúria.

— Você não é digna de ser minha herdeira — sussurra a Rainha do Mar.

Quando eu separo meus lábios para falar, todo o gosto é ácido. O sal do oceano é substituído pela magia ardente que chia na minha garganta. Eu mal posso respirar através da dor.

— Você não é digna da vida que lhe foi dada.

— Não — eu imploro.

Apenas um sussurro, apenas uma palavra. Uma rachadura no ar disfarçada de voz, assim como a minha tia Crestell tinha antes de ser morta.

— Você acha que é a Maldição dos Príncipes — a Rainha do Mar ruge de rir. — Mas você é a salvadora de príncipes.

Ela levanta seu tridente, esculpida nos ossos da deusa Keto. Ossos gostam de noite. Ossos da magia. No centro, o tridente rubi aguarda suas ordens.

— Vamos ver — zomba a rainha. — Se existe alguma esperança de redenção em você.

Ela bate na base do tridente no chão e sinto dor como nada que eu pudesse imaginar. Meus ossos estalam e se realinham. O sangue escorre da minha boca e orelhas, derretendo através da minha pele. Minhas guelras. Minha barbatana se divide, me rasgando no meio. Me quebrando em dois. As escamas que uma vez brilhavam como estrelas são cortadas em instantes, e sob meu peito vem uma surra que eu nunca conheci. Parece que mil punhos batendo por dentro.

Eu agarro no meu peito, unhas cavando, tentando arranhar o que está fora de mim. Liberte. A coisa presa dentro e tão desesperadamente batendo para ser liberada.

Então, em meio a tudo isso, a voz de minha mãe chama:

— Se você é a poderosa Maldição dos Príncipes, então você deve ser capaz de roubar o coração deste príncipe mesmo sem a sua voz. Sem sua música.

Eu tento me apegar à consciência, mas o oceano está me sufocando. Sal e sangue raspam minha garganta até que eu posso apenas suspirar e se debater. Mas eu aguento. Eu não sei o que vai acontecer se eu fechar meus olhos. Eu não sei se vou abri-los novamente.

— Se você quiser voltar — rosna a Rainha do Mar — então traga-me seu coração antes do solstício.

Eu tento me concentrar, mas as palavras da minha mãe se transformam em ecos. Parece que não consigo entender. Não consigo entender ou suportar focar. Eu me separei e não é o suficiente para ela.

Meus olhos começam a fechar. O preto do mar borrando nas costas dos meus olhos. A água do mar gira em meus ouvidos até que nada além de dormência permaneça. Com um último olhar para a sombra borrada da minha rainha, eu fecho meus olhos e me entrego à escuridão.

# 14

# *Elian*

A PIR MIDE DESAPARECE ATRÁS do horizonte. O sol está subindo mais alto, ouro contra ouro. Nós navegamos para a frente, deixando a cidade brilhante para trás, até que o oceano fique azul novamente e meus olhos se ajustem à vasta extensão de cor. Isso sempre leva um tempo. No início, os azuis são silenciados. Os brancos das nuvens pontilhadas de bronze, enquanto sobras de Midas flutuavam nos meus olhos. Mas logo o mundo está voltando, vívido e inflexível. O coral dos peixes e o céu azul.

Tudo está atrás de mim agora. A pirâmide e minha família e a barganha que eu fiz com Sakura. E na minha frente: o mundo. Pronto para ser levado.

Eu agarro o pergaminho na minha mão. O mapa de passagens escondidas ao longo da poderosa Montanha da Nuvem, mantido em segredo pela realeza Págese. Garantir a segurança deles enquanto sobem a montanha para provar seu valor para o povo. Eu negociei meu futuro por isso, e tudo que preciso agora é do colar Págese. Ainda bem que sei onde procurar.

Eu não contei à minha família sobre o meu compromisso. Estou guardando isso para depois de me matar. Contar para a minha tripulação era mais do que suficiente, e se as suas piadas mortificantes não tinham sido problemas o suficiente, a indignação de Madrid de que eu me negociasse para conseguir o mapa. Passar metade de sua vida sendo vendida de navio para navio a deixou com um foco inflexível na liberdade em todos os aspectos.

O único conforto que eu poderia oferecer - e parecia estranho ser aquele que oferecia conforto nesse tipo de situação - é que eu não tenho intenção de passar por isso. Não que eu esteja planejando voltar à minha palavra. Eu não sou esse tipo de homem, e Sakura não é o tipo de mulher que levaria a traição

tranquilamente. Mas há algo que pode ser feito. Algum outro acordo a ser atingido nos dará o que queremos. Eu só preciso apresentar outro jogador ao jogo.

Eu fico no tombadilho e examino o *Saad*. O sol desapareceu e a única luz vem da lua e das lanternas bruxuleantes a bordo do navio. Abaixo, a maioria da minha tripulação esqueleto - um nome apropriado para meus voluntários - está dormindo. Ou trocando piadas e histórias indecentes no lugar de canções de ninar. Os poucos que permanecem acima do convés estão quietos e subjugados de uma forma que raramente são.

Estamos navegando rumo a Eidýllio, uma das poucas paradas que temos que fazer antes de chegarmos a Págos e à chave do meu plano. Eidýllio detém o único substituto para o casamento que Sakura considerará aceitar.

No convés, Torik está jogando cartas com Madrid, o qual alega ser o melhor em qualquer jogo que a minha primeira comandante possa pensar. A partida é silenciosa e marcada apenas por respirações agudas sempre que Torik solta uma fumaça de seu charuto. Aos seus pés está meu assistente de engenharia, que desaparece lá embaixo de vez em quando para reaparecer, sentar-se no chão e continuar costurando os buracos das meias.

A noite faz algo diferente surgir em todos eles. O *Saad* é sua casa e eles estão seguros aqui, finalmente capazes de abaixar sua guarda por alguns raros momentos. Para eles, o mar nunca é o verdadeiro perigo. Mesmo rastejando com sirenas e tubarões e bestas que podem devorá-los inteiros em segundos. O verdadeiro perigo é as pessoas. Elas são imprevisíveis. Os traidores e os mentirosos. E no *Saad,* eles estão a um mundo de distância.

— Então este mapa nos levará ao cristal? — Pergunta Kye.

Eu dou de ombros.

— Talvez nos levará apenas para as nossas mortes.

Ele coloca a mão no meu ombro.

— Tenha alguma confiança — ele me diz. — Você ainda não nos enganou.

— Isso significa que ninguém estará preparado quando isso acontecer.

Kye me dá um olhar depreciativo. Nós somos da mesma idade, mas ele tem um jeito engraçado de me fazer sentir mais jovem. Mais como o garoto que sou do que o capitão que tento ser.

— Essa é o problema de correr riscos — diz Kye. — É impossível saber quais valem a pena até que seja tarde demais.

— Você está ficando realmente poético na sua velhice — digo a ele. — Só

espero que você esteja certo e o mapa seja realmente útil para nos ajudar a não congelar até a morte. Tenho muito afeto por todos os meus dedos das mãos e pés.

— Eu ainda não consigo acreditar que você trocou seu futuro por um pedaço de pergaminho — diz Kye. Sua mão está em sua faca, como se apenas falando sobre Sakura o fizesse pensar em batalha.

— Você não acabou de me dizer que os riscos podem valer a pena?

— Não do tipo que prende você em um matrimônio profano com uma *princesa* — Ele diz a última palavra como se ela fosse suja e o pensamento de se casar com outra pessoa da realeza fosse insuportável.

— Você está certo — eu digo a ele. — Mas eu vou oferecer a Sakura um prêmio melhor do que eu. Por mais improvável que isso possa parecer. É a razão pela qual estamos indo para Eidýllio em primeiro lugar, então não aja tão resignado ao meu destino ainda. Eu tenho um plano; o mínimo que você pode fazer é ter fé.

— Exceto que seus planos sempre acabam em cicatrizes.

— As senhoritas as amam.

— Não quando eles têm a forma de marcas de mordida.

Eu sorrio.

— Eu duvido que a Rainha de Eidýllio vá nos canibalizar.

— Há muita terra entre nós e ela — diz Kye. — Muito tempo para eu ser comido em algum lugar ao longo do caminho.

Apesar de seus escrúpulos, Kye não parece ser afetado pela minha evasiva. Ele nunca parece se importar com respostas elusivas e respostas vagas, quase irreverentes. É como se a emoção da caça estivesse apenas no desconhecimento. Muitas vezes, compartilhei o mesmo sentimento. Quanto menos eu soubesse, mais eu teria a chance de descobrir. Mas agora eu gostaria de saber mais do que somente aquilo que estava escrito em um livro infantil, guardado na mesa da minha cabine.

O texto fala do topo da Montanha da Nuvem, o ponto mais distante do mar, e do palácio que foi feito a partir do último suspiro congelado da deusa do mar, Keto. Um lugar sagrado que somente a realeza Págese pode entrar em suas sagradas peregrinações. É lá que eles se sentam em oração e adoram os deuses que os esculpiram. É lá que eles ficam por dezesseis dias. E é lá, no centro desse palácio sagrado, que o cristal está. Provavelmente.

Toda essa busca é baseada em rumores e boatos, e a única vantagem de

qualquer coisa é que o colar perdido impediu que Sakura e sua família entrassem na cúpula trancada. Não é provável que eu possa usar o cristal se ele já estiver em sua posse. Imaginar a conversa com o rei Págese me faz recuar. *Você poderia gentilmente permitir que eu e minha tripulação pirata pegássemos emprestada uma das fontes de magia mais poderosas do mundo por alguns dias? Depois que eu matar minha inimiga imortal, eu prometo que vou trazer de volta*.

Pelo menos, se eu for o único a encontrar o cristal, isso me dá vantagem. Mas, apesar do pequeno conforto, a conversa de Sakura sobre cúpulas ocultas e chaves perdidas em forma de colares torna as coisas mais complicadas. Se eu não encontrar esse colar, eu pechinchei tudo por nada. Então, novamente, o fato de sua família ter procurado por gerações sem sorte não significa muito. Afinal, nenhum deles sou eu.

— Você gostaria de jogar? — Madrid olha para mim. — Como sempre, Torik é um mau perdedor.

— E você é uma grande trapaceira — diz Torik. — Ela tem cartas na manga.

— A única coisa que tenho na manga são truques e talento.

— Lá! — Torik aponta. — Você ver. Truques.

Do chão, o engenheiro assistente olha para eles.

— Eu não vi nenhuma trapaça. — Ele enfia uma agulha através de um par de meias cheias de remendos.

— Há — Torik o prende ao redor do ouvido sem entusiasmo. — Você estava ocupado demais bordando.

— Eu estou *costurando* — ele contesta. — E se você não quiser, vou jogar tudo ao mar.

Torik grunhe.

— Patadas — diz ele. Então, se vira para mim. — Tudo que eu recebo é patadas.

— É tudo que você dá também — digo a ele.

— Dou meu coração e alma — protesta Torik.

— Meu erro — eu digo. — Eu não sabia que você tinha alguma dessas coisas.

Ao meu lado, Kye ri.

— É por isso que ele sempre perde — diz ele. — Sem coração e sem imaginação.

— Você tome cuidado, ou eu posso jogar você ao mar — Torik liga para ele. — O que você acha, Cap? Nós realmente precisamos de outro caçador de sirenas nesta missão?

— Kye também cozinha — diz Madrid, organizando o convés.

Torik sacode a cabeça.

— Eu acho que podemos jogar as redes e pegar o nosso próprio peixe para o jantar. Nós vamos comer bem o suficiente sem o seu lindo garoto.

Madrid não se incomoda em responder, e quando estou prestes a voltar para o seu lugar, algo me chama a atenção à distância. Uma estranha sombra no meio do oceano. Uma figura na água. Eu olho e puxo o telescópio de ouro do meu cinto.

Para Kye, eu digo:

— Noroeste — e meu amigo tira um pequeno par de binóculos de seu próprio cinto. — Você vê isso? — Eu pergunto.

— É um homem.

Eu sacudo minha cabeça.

— Acho que não — eu aperto os olhos delineados pressionando-os ferozmente no vidro. — É uma menina.

— O que uma garota está fazendo no meio do maldito oceano? — Torik sobe os degraus em direção a nós.

No convés principal, Madrid coloca as cartas de volta no pacote. Secamente, ela diz:

— Talvez ela esteja pegando seu próprio peixe para o jantar.

Torik lança um olhar para ela.

— Há tubarões por aí.

— Perfeito com arroz.

Eu reviro meus olhos.

Felizmente, a garota está flutuando e não se afogando. Estranhamente, ela não está fazendo nada além disso. Ela está ali, no oceano, sem nada e ninguém ao seu redor. Eu respiro fundo e, no mesmo instante, a garota se vira para o navio. Parece impossível, mas naquele momento eu juro que ela olha diretamente para mim. Através de mim.

— O que ela está fazendo?

Eu me volto para Kye.

— Ela não está fazendo nada — eu digo. — Ela só está lá boiando.

Mas quando me volto para olhar para trás, ela não está mais lá. E no lugar

dela, há uma quietude mortal.

— Kye! — Eu grito, correndo para a borda do navio. — Velocidade máxima a frente. Circule e prepare a bóia. Acorde o resto da tripulação e deixe-os prontos. Pode ser uma armadilha.

— Capitão, não seja imprudente! — Grita Torik.

— É provavelmente um truque — concorda Madrid.

Eu os ignoro e vou para frente, mas Kye coloca uma mão enluvada no meu ombro, me segurando.

— Elian, pare. Pode haver sirenas na água.

Minha mandíbula aperta.

— Eu não vou deixar mais ninguém morrer por causa de uma maldita sirena.

Kye esquadrinha os ombros.

— Então me deixe ir em vez disso.

Madri faz uma pausa por um momento e depois, mais devagar que o normal, ergue a arma por cima do ombro.

Eu coloco minha mão em cima da de Kye. Seu gesto não tem nada a ver com heroísmo - porque ele quer salvar a garota que está se afogando - e tudo a ver com lealdade. Porque o que ele realmente quer é me salvar. Mas se há uma coisa no mundo que eu não preciso, é ser salvo. Eu arrisquei minha vida o bastante para saber que ela está protegida.

— Não me deixe afogar — eu digo.

E então eu pulo.

A água parece unhas. Uma terrível legião de unhas de ferro que perfura minha carne até que minha respiração fica presa no meu peito. Não consigo imaginar como serão as águas do Págese em comparação. Eu não posso imaginar o país deles e a montanha deles e meus dedos permanecendo em minhas mãos enquanto eu subo.

Eu nado mais fundo e deixo minha cabeça girar.

Está escuro o suficiente embaixo da água que quanto mais eu nado, mais duvido que eu alcance a superfície novamente. Mas ao longe, mesmo nas profundezas do oceano, posso ouvir o estrondo do *Saad*. Eu posso sentir a água sendo empurrada e cortada enquanto meu navio me persegue. E então eu a vejo.

Afundando no fundo do oceano, os olhos fechados e os braços abertos como asas. Uma garota nua com cabelos até os cotovelos.

Eu nado em direção a ela por uma eternidade. Mais perto e mais fundo, até parecer que ela pode bater na areia antes de eu chegar até ela. Quando minhas mãos finalmente apertam sua cintura, estremeço com o quão fria ela está. Mais fria que o oceano.

Ela é mais pesada do que eu esperava. Uma pedra naufragada. Peso morto. E não importa o quão rudemente eu a levante, o modo minhas mãos seguram em seu estômago e meus braços apertam em torno de suas costelas, ela não se move. Eu me preocupo que seja tarde demais, mas não posso suportar a idéia de deixá-la para os tubarões e monstros.

Com uma explosão de ar, surjo na superfície da água.

O *Saad* está perto e, em segundos, uma bóia é lançada no oceano ao meu lado. Deslizo-o sobre a garota, envolvendo seu pulso mole ao redor da corda para que a tripulação possa puxá-la primeiro.

É uma visão estranha ver um corpo sem vida sendo jogado no navio. Sua pele é tão pálida contra a madeira escura do *Saad*, um pulso amarrado à bóia e o outro pendurado impotente abaixo. Quando minha tripulação finalmente me puxa para cima, eu não paro para recuperar o fôlego antes de me apressar. Eu cuspo água salgada no convés e caio de joelhos ao lado dela, querendo que ela se mova. É muito cedo. Muito cedo em nossa jornada para ter um corpo em nossas mãos. E por mais que eu goste de pensar que me acostumei com a morte, eu também nunca vi uma mulher morta antes. Pelo menos, não uma mulher que não era metade monstro.

Eu olho para a garota inconsciente e me pergunto de onde ela veio. Não há navios à distância nem terra no horizonte. É como se ela aparecesse do nada. Nascida do próprio oceano.

Desabotoo minha camisa pingando e deslizo sobre o corpo nu da menina como um cobertor. O movimento repentino parece sacudi-la e, com um suspiro ofegante, seus olhos se abrem. Eles são tão azuis quanto os lábios de Sakura.

Ela rola para o estômago e tosse o oceano, levantando-se até parecer que não há mais água nela. Quando ela se vira para mim, a primeira coisa que noto são suas sardas, em forma de estrelas. Constelações pontuaram em seu rosto como as que eu nomeio enquanto o resto da minha tripulação dorme. Seus cabelos grudam em suas bochechas, um vermelho profundo e escuro. Como se seu fogo tivesse se apagado, e restado uma cor tão perto de marrom.

Ela parece jovem - mais jovem do que eu, talvez - e, inexplicavelmente, quando ela se aproxima de mim, eu me permito ser abraçado por ela.

Ela morde o lábio com força. Está rachado e furiosamente pálido, assim como a pele dela. Há algo sobre a ação que parece quase selvagem. Algo sobre seus olhos oceânicos e o jeito que ela acaricia meu colarinho suavemente. Algo familiar e hipnótico. Ela sussurra algo, uma única palavra gutural que soa dura contra seus lábios. Eu não consigo entender, mas seja o que for, isso me deixa tonto. Eu me inclino mais perto e coloco a mão no pulso dela.

— Eu não entendo.

Ela se senta, balançando e agarra meu colarinho com mais força. Então, mais alto, ela diz de novo. *Gouroúni*. Ela cospe como se fosse uma arma e seu rosto se contorce. Uma mudança repentina da menina inocente para algo muito mais cruel. Quase assassina. Eu recuo, mas pela primeira vez não sou rápido o suficiente. A garota levanta a mão trêmula e desce pela minha bochecha. Com força.

Eu caio de volta no chão.

— Cap! — Torik me alcança.

Eu dispenso sua mão e olho para a garota. Ela está sorrindo. Um resquício de satisfação aparece em seus lábios pálidos e antes de seus olhos se fecharem e sua cabeça bater no convés.

Eu esfrego a borda do meu queixo.

— Kye — eu não tiro meus olhos da garota do oceano. — Pegue a corda.



# 15

## *Lira*

QUANDO EU ACORDO, estou presa a um corrimão.

A corda dourada está enrolada em volta de um dos meus pulsos, me prendendo a uma barreira de madeira que dá para o convés do navio. Sinto o gosto de bile que continua queimando na minha garganta, e estou com frio, o que é a sensação mais antinatural do mundo, porque passei a vida inteira me maravilhando no gelo. Agora, o frio me deixa dormente e tinge minha pele de azul. Eu imploro por calor, e o leve brilho do sol no meu rosto parece um êxtase.

Mordo meu lábio, sentindo novos dentes contra a minha pele. Com uma respiração trêmula, olho para baixo e vejo as pernas. Coisas doentes e pálidas que se cruzam desajeitadamente abaixo de mim, pontilhadas por hematomas. Alguns em grandes manchas, outros como pequenas impressões digitais. E os pés também, com os dedos rosados de frio.

Minhas barbatanas sumiram. Minha mãe me amaldiçoou. Eu quero morrer.

— Ah bom, você está acordada.

Eu arrasto minha cabeça do corrimão para ver um homem olhando para mim. Um homem que também é um príncipe, um príncipe cujo coração esteve ao meu alcance uma vez. Ele está me observando com olhos curiosos, cabelos pretos ainda molhados nas pontas, pingando em roupas perfeitamente secas.

Ao seu lado está um homem maior do que qualquer outro que já vi, com a pele quase tão preta quanto o próprio navio. Ele está ao lado do príncipe, mão no cabo de uma longa espada que pendura de uma fita no colete. E há mais duas pessoas: uma garota de pele morena com tatuagens que estendem-se pelos braços e pelas laterais do rosto, usando grandes brincos de ouro e um olhar desconfiado. De pé, defensivamente ao lado dela, está um garoto de queixo afiado que bate o dedo contra uma faca no cinto.

No convés abaixo, muitos mais me encaram.

Eu vi seus rostos. Momentos antes do mundo ficar escuro. O príncipe me salvou do afogamento? O pensamento me deixa furiosa. Abro minha boca para dizer a ele que ele não tinha o direito de me tocar, ou que ele deveria ter me deixado afogar no oceano que eu chamo de lar apenas para irritar minha mãe. Só porque ela merece. Deixar a minha morte ser uma lição para ela.

Em vez disso, eu digo:

— Você é um bom nadador — digo no meu melhor Midasan.

— E você não é — ele retruca.

Ele parece divertido e nem um pouco assustado com a criatura mortal diante dele. O que significa que ele é um idiota ou ele não sabe quem eu sou. Possivelmente os dois, embora eu não ache que o príncipe iria perder tempo me prendendo a um corrimão se ele planejasse me matar. Me pergunto o quão diferente o feitiço da minha mãe me deixou para ele não me reconhecer.

Eu olho para os outros. Eles observam o príncipe com expectativa. Esperando por suas ordens e seu veredicto. Eles querem saber o que ele pretende fazer comigo, e posso sentir o quanto estão ansiosos, pois minha identidade continua sendo um mistério. Eles gostam de estranhos ainda menos do que eu, e encarando cada um de seus rostos sujos, eu sei que eles vão me jogar no mar se o seu príncipe comandar isso.

Olho para o príncipe e tento encontrar as palavras certas em Midasan. O pouco que falei da língua tem um gosto estranho na minha língua, suas vogais se contorcendo muito devagar. As palavras tem um gosto estranho, soam como calor e ouro. Minha voz não é minha quando falo. Meu sotaque é

muito afiado para dar voltas nas palavras, e assim minha língua sibila nas estranhas letras.

Cuidadosamente, eu digo:

— Você sempre amarra mulheres ao seu navio?

— Apenas as bonitas.

A garota tatuada revira os olhos.

— Príncipe Encantado — diz ela.

O príncipe ri e o som disso me faz lamber meus lábios. Minha mãe quer que ele morra, mas ela quer que eu faça isso como uma humana para provar meu valor como futura governante do mar. Se eu pudesse apenas chegar perto o suficiente.

— Desate-me — eu ordeno.

— Você deveria me agradecer antes de dar ordens — diz o príncipe. — Afinal, eu te salvei *e* vestir você.

Eu olho para baixo e percebo que isso é verdade. Uma grande camisa preta toca minhas pernas, o tecido úmido grudado no meu novo corpo.

— De onde você veio? — pergunta o príncipe.

— Alguém jogou você no mar enquanto você estava tirando a roupa? — pergunta a garota.

— Talvez eles a tenham jogado no mar porque ela estava se despindo — diz o garoto com a faca.

Isso gera risos do resto deles.

— Perdoe-nos — diz o príncipe. — Mas não é todo dia que encontramos uma garota nua se afogando no meio do oceano. Especialmente sem outros navios à vista. Especialmente uma que me bate depois que eu a salvei.

— Você mereceu isso.

— Eu estava ajudando você.

— Exatamente.

O príncipe considera isso e, em seguida, puxa uma pequena engenhoca circular do bolso. Parece uma bússola de algum tipo, e quando ele fala de novo, seus olhos ficam atados a ele, com voz enganosamente casual.

— Eu não consigo classificar o seu sotaque — diz ele. — De onde você é?

Uma estranha sensação se instala no meu peito. Eu desvio meus olhos do objeto, odiando o que sinto quando olho para ele. Como se estivesse me encarando de volta.

— Desate-me — eu digo.

— Qual é o seu nome? — pergunta o príncipe.

— Desate-me.

— Eu vejo que você não sabe muito de Midasan — ele balança a cabeça. — Diga-me seu nome primeiro.

Ele desviou o olhar da bússola para mim, avaliando, enquanto eu tentava pensar em uma mentira. Mas é impossível porque não conheço nenhum nome humano para mentir. Eu nunca fiquei perto o bastante para ouvi-los, e ao contrário das sereias que espionam humanos sempre que podem, eu nunca me importei em aprender mais sobre minha presa.

Com um cuspe feroz, eu digo:

— Lira.

Ele olha para a bússola e sorri.

— Lira — ele repete, embolsando o pequeno objeto. Meu nome soa melódico em seus lábios. Menos como a arma que soou quando eu disse. — Eu sou Elian. — ele diz, embora eu não tenha perguntado. Um príncipe é um príncipe e seu nome é tão inconsequente quanto sua vida.

Eu inclino minha mão livre contra o topo do corrimão e me puxo para os meus pés. Minhas pernas tremem violentamente e depois se curvam abaixo de mim. Eu bato no convés e solto um silvo de dor. Elian observa, e é só depois de uma breve pausa que ele segura uma mão cautelosa. Incapaz de suportá-lo de pé sobre mim, eu aceito. Seu aperto é forte o suficiente para me levantar de volta sobre meus pés instáveis. Quando quase caio de novo, a mão dele aperta meu cotovelo e me segura firmemente no lugar.

— Você está em choque — ele pega sua faca e corta o fio que me prende ao corrimão. — Ficará estável novamente em pouco tempo. Apenas respire.

— Eu ficaria mais estável se não estivesse neste navio.

Elian levanta uma sobrancelha.

— Você era muito mais encantadora quando estava inconsciente.

Eu estreito meus olhos e pressiono a mão em seu peito para me equilibrar. Posso sentir o tambor lento de seu coração embaixo da minha mão, e em momentos sou levada de volta para Midas. Quando eu estava tão perto de roubá-lo.

Elian endurece e lentamente tira minha mão do peito, colocando-a de volta no corrimão. Ele enfia a mão no bolso da calça e tira um pequeno colar de corda. A corda tem um brilho azul, brilhando como a água sob o sol. É um líquido transformado em algo diferente, liso demais para ser gelo e sólido

demais para ser oceano. Ela brilha contra o ouro da pele de Elian, e quando ele abre a mão, revela o pingente que está pendurado. Bordas curvas acentuadas e manchadas de vermelho. Meus lábios se separam e eu toco a mão no meu pescoço, onde minha concha estava pendurada. Nada.

Furiosa, pulo na direção de Elian, minhas mãos como garras. Mas minhas pernas estão muito instáveis, e a tentativa quase me manda de volta ao chão.

— Fique calma aí, donzela — Elian agarra meu cotovelo para me segurar na posição vertical.

Arranco meu braço dele e mostro meus dentes monstruosamente.

— Dê para mim — eu ordeno.

Ele inclina a cabeça.

— Porque eu faria isso?

— Porque é meu!

— É? — Ele corre o polegar sobre as cristas da concha. — Pelo que eu sei, este é um colar para monstros, e você certamente não se *parece* com um deles.

Cerro meus punhos.

— Eu quero que você dê para mim.

Me sinto enlouquecida pela Midasan na minha língua. Seus sons suaves são muito estranhos para mostrar minha raiva. Anseio por atingi-lo com palavras da minha própria língua para ele. Rasgá-lo com as ferpas de *Psáriin*, com o qual cada palavra pode ferir.

— O que vale a pena? — pergunta Elian.

Olho para ele.

— O que você quer dizer?

— Nada é de graça no oceano — explica ele. — Qual é o valor do colar para você?

— Sua vida.

Ele ri, e ao lado dele o homem grande solta uma risada bem-humorada. Não tenho certeza do que é tão engraçado, mas antes que eu possa perguntar, Elian diz:

— Não imagino que minha vida valha muito para você.

Ele está muito errado sobre isso.

— A minha vida então — eu digo.

E eu quero dizer isso, porque esse colar é a chave para encontrar o caminho de casa. Ou, no mínimo, pedir ajuda. Se não pode me levar de volta

ao meu reino como humano, então pelo menos posso convocar Kahlia. Ela pode falar com a Rainha do Mar em meu nome e pedir-lhe para rescindir a punição, então eu não precisarei continuar assim.

— Sua vida — repete Elian. Ele dá alguns passos em minha direção. — Cuidado para quem você diz isso. Um homem pior pode levá-la a sério.

Eu o afasto.

— E você é um homem melhor?

— Gosto de pensar que sou.

Ele segura a concha até a luz do sol. Sangue contra o céu. Eu posso ver a curiosidade em seus olhos enquanto ele se pergunta o que um náufrago está fazendo com uma bugiganga. Eu penso se ele sabe o que é mesmo, ou se é apenas algo que ele viu nos pescoços de suas sirenas assassinadas.

— Por favor — eu digo, e os olhos de Elian voltam para mim.

Nunca usei essa palavra em qualquer idioma, e mesmo que Elian não saiba disso, ele parece inseguro. Há uma rachadura na bravura dele. Afinal, eu sou uma garota seminua sendo mantida prisioneira e ele é um príncipe humano. Real de nascimento e destinada a liderar um império. Cavalheirismo está em suas veias, e tudo que eu preciso fazer é lembrá-lo disso.

— Você gostaria que eu te implorasse? — eu pergunto, e a mandíbula de Elian aperta.

— Se você de me disser porque tem isso, então eu vou devolver.

Ele parece sincero, mas eu sei melhor. Os piratas são mentirosos pelo comércio e a realeza é mentirosa pelo sangue. Eu sei disso em primeira mão.

— Minha mãe me deu — eu digo.

— Um presente — Elian pondera isso. — Passou por sua família de quanto tempo atrás? Você sabe o que faz ou como funciona?

Ranjo meus dentes. Deveria saber que as perguntas dele não terminariam até que ele tirasse a verdade de mim. Eu o responderia bom grado em qualquer outro dia, mas estou indefesa neste navio sem a música da minha voz para fazê-lo se submeter. Mal posso ficar em pé sozinha. A concha é minha última esperança, e ele está me privando disso.

Me viro para ele mais uma vez. Sou rápida, mesmo como uma humana, e meus dedos se fecham ao redor de seu punho em um instante. Mas Elian é mais rápido de alguma forma, e assim que minha mão trava na dele, a faca de Elian está no meu pescoço.

— Realmente — Ele pressiona sua lâmina firmemente contra a minha

garganta, e eu sinto um pequeno golpe de dor. — Isso não foi tão inteligente.

Aperto minha mão ao redor de seu punho, sem vontade de deixar ir. O corte no meu pescoço arde, mas eu já senti dores piores e causei outras piores ainda. Seu rosto é impiedoso quando me aproximo mais dele, nada como os príncipes doces e gentis que eu matei antes. Aqueles cujos corações estão enterrados debaixo da minha cama. Elian é um soldado tanto quanto eu.

— Capitão! — Um homem emerge do convés inferior, com os olhos arregalados. — Os radares captaram o sinal de uma!

Rapidamente, Elian olha para o garoto empunhando as facas.

— Kye — diz ele. Apenas um nome, apenas uma palavra, e ainda assim o menino acena abruptamente e pula as escadas para o convés abaixo.

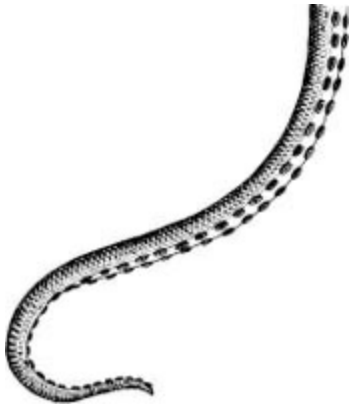
Em um instante Elian puxa sua lâmina da minha garganta e a embainha.

— Entrem em posição! — Ele grita. Ele enrola minha concha em volta do pescoço e corre para a beira do navio.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto.

Elian se vira para mim, um brilho de travessura em seus olhos.

— É o seu dia de sorte, Lira — diz ele. — Você está prestes a conhecer sua primeira sirena.



# 16

## *Lira*

EU OBSERVEI OS HUMANOS correndo de um lado para o outro do barco, puxando cordas e gritando palavras e nomes que não entendo muito bem. Em algum momento o rapaz com a faca - Kye - tropeça e corta a palma da mão. Rapidamente, a garota tatuada tira a bandana da cabeça e a joga para ele, antes de correr para o leme e movê-lo repentinamente para a esquerda. A embarcação vira muito rápido para que eu consiga permanecer de pé, e desabo no chão de novo.

Solto um grito de frustração e olho ao redor do convés em busca do meu captor. O príncipe Elian está apoiado na borda do navio, com um braço enrolado em uma corda e o outro segurando o objeto misterioso contra a luz.

— Em pé — disse ele para a tripulação. — Mantenham-na em pé.

Ele sussurra algo para si mesmo. Um monte de palavras em Midasan que não consigo pronunciar, muito menos entender, e então ele sorri para a bússola e grita:

— Agora, Torik!

O homem grande inclina a cabeça para o convés abaixo e grita ordens para a tripulação. Assim que o barulho da voz dele causa um tremor em meus ossos, um agudo assobio propaga-se pelo ar. Cubro minhas orelhas com as mãos. Não é exatamente um barulho, é mais como se fosse uma lâmina cortando através do meu crânio. O som era tão estridente que senti como se os meus tímpanos estivessem explodindo. Ao meu redor, os humanos pareciam não terem sido afetados, então abaixo minhas mãos com uma careta no rosto e tento disfarçar o meu desconforto.

— Estou indo — Elian diz por cima dos ombros, sem se virar para nós. Ele joga a bússola para uma garota. — Madrid, desça a rede ao meu sinal.

Ela acena com a cabeça ao mesmo tempo em que ele puxa um pequeno tubo do cinto e o coloca na boca. E então, ele some. Elian entra na água quase sem fazer barulho, tão silenciosamente que eu me aproximo da borda do navio para ter certeza de que ele realmente pulou. Confirmo isso ao ver pequenas ondulações na superfície e o princípe longe de ser encontrado.

— O que ele está fazendo? — Eu pergunto.

— Cumprindo o papel dele — Madrid me responde.

— Qual papel?

Ela puxa uma pequena besta do cinto e coloca uma flecha na haste da arma.

— Isca.

— Ele é um príncipe — eu comento. — Não pode ser a isca.

— Ele é um príncipe — ela diz. — Então é ele que decide quem será a isca.

Kye entrega para ela uma aljava preta cheia de flechas e me dá um olhar cortante.

— Se está tão preocupada assim, nós sempre podemos jogá-la no lugar dele.

Ignoro tanto o comentário quanto o olhar hostil em seus olhos. A mesquinhez humana não conhece limites.

— Certamente ele não consegue respirar por muito tempo — digo.

— Cinco minutos de ar — Madrid revela. — É para isso que o tubo serve. Bem útil esse pequeno objeto que o capitão encontrou há algum tempo em Efévresi.

Efévresi. A terra da invenção. É um dos poucos reinos em que tomei

cuidado de permanecer afastada, cuidadosa devido às máquinas que patrulham suas águas. Redes feitas de eletricidade e drones que nadam mais rápido que qualquer sereia. Navios que parecem mais bestas, com conhecimento e inteligência únicos.

— Quando o capitão voltar, você verá algo maravilhoso — Kye fala para mim.

— Monstros — diz Madrid. — Não são maravilhosos.

— Vê-los morrer parece bem maravilhoso para mim — Kye olha diretamente para mim. — É isso que acontece com os nossos inimigos, como você pode ver.

Madrid solta uma risada zombeteira.

— Fique atento ao sinal do capitão — ela diz.

— Ele mandou você fazer isso.

Ela sorri.

— E tecnicamente, querido, eu mando em você.

Kye coça o rosto com o dedo do meio, o que aparentemente não é um gesto educado, porque, logo depois, o queixo de Madrid cai de surpresa e ela tenta socar o ombro dele. Kye se move para fora do caminho sem esforço e agarra a mão dela no meio do ar, puxando ela em sua direção. Quando Madrid abre a boca para dizer alguma coisa, ele pressiona os lábios nos dela e rouba um beijo. Como um ladrão furtando um momento. Meio que espero que ela atire nele com a besta - eu faria isso - mas quando ele se afasta, ela apenas o empurra sem entusiasmo. O sorriso dela é cruel.

Me afasto deles e agarro a borda do navio para me apoiar. O sol aquece as minhas pernas nuas e o vento murmura suavemente no meu ouvido. O zumbido agudo diminuiu até não passar de um fraco eco ao meu redor, fazendo tudo parecer muito silencioso. Muito pacífico. Dentro do mar, nunca é tão sereno. Sempre há gritos e batidas e violência. Sempre há o oceano, se movendo constantemente e evoluindo para algo novo. Nunca imóvel e nunca igual. Em terra, neste navio, tudo é muito parado.

— Ignore o Kye — diz Madrid. Ela fica ao meu lado. — Ele é sempre assim.

— Assim como?

— Ridículo — ela fala, e então se vira para ele. — Se o sonar disparar de novo, vá embaixo do convés e dê àquele engenheiro uma amostra da sua faca.

— Sonar? — Pergunto.

— É esse zumbido — ela explica. — Não nos incomoda muito, mas as sirenas ficam enlouquecidas com ele. Afeta os nervos delas e os desativa.

Kye limpa a sujeira debaixo da unha do polegar com a faca.

— Impede elas de cantarem sua musiquinha e afogar todos nós.

Ranjo os dentes. Bem típico dos humanos usar seus truques tecnológicos sujos para lutar as guerras para eles. Eu nunca tinha ouvido falar sobre um mecanismo que consegue anular os poderes de uma sirena, mas depois de experimentar a terrível pontada no meu crânio fica fácil de acreditar. Me pergunto o quão doloroso deve ser ouví-lo na minha forma de sirena. Se seria similar à mágica de minha mãe.

— Eu sei que nós parecemos muito estar em condições precárias — diz Madrid. — A tripulação normalmente é bem maior, mas nós meio que estamos em um caso especial. O capitão diminuiu a tripulação pela metade em seu último impulso.

Encaro-a de forma estranha.

— Eu não perguntei sobre a sua tripulação.

Ela ri e empurra um cacho da face. Sem a bandana, o cabelo dela está rebelde.

— Imaginei que teria perguntas — diz ela. — Não é todo mundo que acorda e percebe que está no abominável navio caçador de sirenas na companhia do príncipe dourado. Sem dúvidas você já ouviu as melhores e piores coisas sobre nós. Só quero que saiba que apenas metade das histórias são verdadeiras.

Ela abre um sorriso largo ao dizer a última frase, sorrindo como se fôssemos antigas aliadas. Como se ela tivesse motivos para se sentir confortável ao meu redor.

— Você não pode estar à bordo do nosso navio e ficar sem saber os detalhes de tudo — Madrid fala para mim.

Kye faz um barulho de desdenho.

— Eu não acho que o capitão queira estranhos sabendo dos detalhes.

— E se ela se tornar parte da tripulação?

— Se vestir a camisa do capitão fizesse alguém se tornar parte da tripulação, metade das garotas em Eidýllio estaria navegando com a gente.

— Ótimo — Madrid fala. — Nós estamos precisando de mais sangue feminino.

— Nós temos o suficiente dele derramado no convés vindo das sirenas.

— Espuma do mar não conta — ela rebate, e o olhar desdenhoso de Kye quando falava sobre minha espécie desaparece com um sorriso largo.

— Você gosta de criar as regras quando está no comando. Não é mesmo, amor?

Madrid dá de ombros e se vira para mim, com os braços tatuados abertos como asas.

— Bem-vinda ao *Saad*, Lira — diz ela.

E então Elian emerge repentinamente do oceano.

Para meu alívio imediato, o sonar desaparece, e apesar de deixar um sibilo em meus ouvidos, a dor diminui instantaneamente. Os lábios de Kye formam um sorriso e ao mesmo tempo Elian respira profundamente, causando agitação no navio. Saindo da água, a rede faz seu caminho até a superfície, gerando fortes ondas na superfície do oceano. Dentro dela, a criatura se move violentamente e faz barulho, sua cauda emaranhada na rede sendo a única coisa entre ela e o príncipe e coração dele.

Elian está do outro lado, com a faca na mão, observando a sirena. Ela tenta arranhá-lo, mas a rede é grande e eles estão separados por pelo menos um metro. Mesmo assim, Elian parece atento, uma mão segurando na rede para mantê-lo em equilíbrio e a outra apertando a faca.

— Se vocês tiverem um minuto — Elian fala para o navio. — eu não me importaria de subir a bordo.

— Se mexam! — Torik grita para o resto da tripulação. — Eu quero a droga daquela rede aqui em cima cinco minutos atrás.

Kye corre para o seu lado e torce a corda que prende a rede ao navio. Ele se inclina para trás de modo que seu corpo inteiro compense a pesada carga que é a rede. Em alguns momentos ele fica sem fôlego com o peso. Abaixo, a sirena guincha com tanta raiva que eu posso até adivinhar o *Psáriin* que saí da língua dela. Ela está sangrando, mas não consigo ver por onde. O vermelho parece cobrir grande parte dela, como tinta em sua pele. À medida que a rede é puxada de volta ao navio, ela continua a se mover violentamente e o assobio soa de novo. Eu aperto minhas mãos na lateral do corpo para impedi-las de cobrir minhas orelhas. A sirena enlouquece. Suas mãos vão para o rosto e ela arrasta as unhas pelas bochechas, tentando acabar com o barulho. Os gritos dela soam como a morte. Um som que faz os meus dedos dos pés recém formados se dobrarem no chão do navio.

Kye puxa a corda com mais força, seus braços pingando suor. Quando a

rede finalmente alcança o topo, ele entrega a corda para outra pessoa da tripulação e corre para o lado do príncipe. Em poucos momentos, a rede é desamarrada e Elian é puxado para fora.

Kye e Madrid seguram os cotovelos dele e o afastam do perigo. Assim que eles fazem isso, eu percebo que os braços dele estão cheios de cortes. Arranhões muito parecidos como os do dia em que uma sereia tentou roubar o coração dele de mim. Rapidamente, Kye rasga uma das mangas e agarra as mãos de Elian. Elas estão furadas, com buracos profundos e escuros. O sangue é uma mistura rubro negra e nem um pouco parecido com o ouro que eu ouvi falar. A visão delas me faz parar repentinamente.

— Você está louco? — Kye berra. Ele usa sua camisa como uma atadura improvisada. — Eu não acredito que você entrou dentro daquilo.

— Era o único jeito — Elian balança as mãos embora isso piore o machucado. — Ela não teria sido atraída, caso contrário.

— Você poderia ter sido atingido em uma artéria — diz Madrid. — Não pense que iríamos desperdiçar boas suturas com você sabendo que iria sangrar até a morte de qualquer forma.

Ele sorri diante da insubordinação dela. Tudo é um jogo para ele. Para ele lealdade é ridículo e devoção é fraca em comparação ao medo. Ele é um enigma, dissimulado como governante, capaz de rir da ideia de deslealdade apesar de não ser uma opção. Não consigo entender tal coisa.

— Se você quer continuar fazendo isso — fala Kye. — Nós deveríamos investir em algumas redes seguras.

Eu olho para a rede em questão e quase sorrio. É uma teia de fio metálico e vidro. Cacos se entrelaçam entre si de modo que o metal enrolado forme uma ágil gaiola. É monstruoso e glorioso.

Dentro dela, a sirena geme.

— Ela é inteligente — diz Elian, chegando ao meu lado. — Normalmente, o zumbido as deixam tão confusas que eu fico do lado da rede e elas apenas entram. Porém, ela não fez o mesmo. Não até que eu entrei na rede.

A tripulação pega as armas e as deixam preparadas.

— Ela estava tentando ser mais esperta que você — eu digo, e Elian sorri ironicamente.

— Ela pode tentar ser mais esperta, mas nunca será mais rápida.

Eu rio zombeteiramente de sua arrogância e me viro para a criatura que ele capturou com a rede. Estou meio ansiosa para ver a sirena estúpida o

suficiente para cair numa armadilha dessas, mas ao avistar a face dela, um sentimento pouco familiar se instala no meu estômago.

Conheço ela.

A lustrosa cauda, preta como carvão, que suja ao redor do convés. O gélido cabelo preto cobrindo suas bochechas e unhas esculpidas para dilacerar. Ela rosna, descobrindo as presas, batendo violentamente a cauda contra o metal. Ao fundo, o zumbido continua, e quando acho que ela iria cantar, ela choraminga ao invés. Eu dou um passo para perto e ela estreita os olhos. Um deles marrom, o outro uma mistura de azul e sangue. Separado por uma cicatriz que se estende até o lábio.

Maeve.

— Tenha cuidado — Elian diz, sua mão suspensa perto do meu braço. — Elas são mortais.

Me viro para ele, mas ele está encarando a sirena, os olhos verdes como as algas marinhas tão cortantes quanto as unhas dela.

— *Adiastikó gouroúni*. — Maeve rosna.

*Porco repugnante*.

Suas palavras são um espelho das que eu falei quando Elian me salvou do afogamento.

— Fique calma — digo para ela, e faço uma careta quando percebo que ainda estou falando Midasan.

Quando os olhos da sirena encontram os meus, eles estão cheios do mesmo ódio que nós sempre compartilhamos uma com a outra. Quase rio ao pensar que mesmo como estranhas, nossa aversão consegue ser tão intensa, ultrapassando os laços do conhecimento.

Maeve cuspe no convés.

— Vadia humana imunda — diz ela em *Psáriin*.

Instintivamente, ando em direção a sirena, mas Elian me puxa de volta pela cintura. Me sacudo violentamente contra ele, desesperada para alcançar a provocadora garota em minha frente. Sirena ou não, não deixarei o insulto passar batido.

— Pare — A voz de Elian é abafada pelo meu cabelo. — Se você quer morrer, um de nós pode fazer isso sem causar tanta bagunça.

— Deixa ela ir — Kye ri. — Quero ver como isso termina.

Me contorço nos braços de Elian, arranhando os braços dele como o animal que eu sou.

— Depois do que ela acabou de me chamar — eu digo. — Irá terminar com o coração dela no chão.

Maeve ri alto e deixa à vista um círculo *Psáriin* na palma da mão dela. Quando os meus olhos se arregalam com o insulto, ela apenas ri mais. É um símbolo reservado para as mais ordinárias criaturas. Para as sereias que se deitam para morrer enquanto suas caudas pregadas na areia como punição. Para humanos indignos da presença de uma sirena. Fazer aquele gesto para a linhagem real é punível de morte.

— Mate-a — falo furiosamente. — *Áschimi lígo skýla*.

— Escória humana! — Maeve grita em resposta.

A respiração de Elian é quente em meu pescoço enquanto ele se esforça para me segurar.

— O que você acabou de dizer?

— Vadiazinha imunda — eu traduzo para Midasan. — *Tha sas skotóso ton eaftó mou*.

*Eu vou matá-la com minhas próprias mãos.*

Estou quase me soltando, mas assim que Elian libera o aperto em minha cintura, suas mãos logo apertam meus ombros. Ele gira meu corpo me joga contra a porta do convés abaixo. Quando ele se inclina sobre mim, sinto um perfume doce delicioso em sua respiração. Saio debaixo dele e tento me mover para frente, mas ele é muito rápido, mesmo para mim, e bloqueia meu caminho, me fazendo encostar de novo na madeira envernizada. Lentamente, ele levanta uma mão, apoiando-a na madeira acima da minha cabeça, me prendendo ali.

— Você fala *Psáriin*.

A voz dele é grave, seus olhos escuros como o sangue que vaza de sua mão. Atrás dele, a tripulação mantém um olhar atento em Maeve, mas em alguns momentos eles dão olhadas furtivas para nós. Durante a minha raiva, eu esqueci de mim mesma. Ou talvez eu tenha me lembrado. Falei em minha língua como se fosse a coisa mais natural do mundo. O que nunca seria natural para um humano.

Elian está tão perto, que se eu escutasse direito poderia ouvir as batidas do coração dele. Se eu ficasse imóvel, poderia sentir as pulsações percorrendo o ar entre nós dois. Abaixo o olhar para o seu peito, onde os fios que prendem sua camisa se afrouxaram para revelar um círculo de arranhões de unhas. Meu presente de despedida.

— Lira — ele diz. — É melhor que você tenha uma boa explicação.

Tento pensar em uma resposta, mas vejo no canto dos meus olhos que Maeve ficou imóvel com a menção do meu nome. De repente, ela está me encarando, e começa a se curvar para baixo de modo que a rede começa a perfurar seus braços.

Eu sibilo e Maeve levanta o corpo de volta.

— *Prinkípissa*! — ela diz.

*Princesa*.

Ela balança a cabeça. Ela estava preparada para morrer nas mãos dos piratas, mas agora que ela encara os olhos de sua princesa, o medo finalmente aparece em seus rosto.

— Você consegue entendê-la — fala Elian.

— Eu entendo várias coisas.

Empurro ele para longe e ele gesticula para a tripulação me deixar chegar perto da prisioneira.

— *Parakaló* — Maeve grita à medida que me aproximo. — *Parakaló*!

— O que ela está dizendo? — pergunta Madrid.

Ela aponta sua arma para Maeve, da mesma forma que toda tripulação. Eles se escondem atrás de espadas e balas, porque humanos não possuem uma força inata para defendê-los por conta própria. Só que apesar dos outros, a arma de Madrid não é bem uma arma afinal. Em algum momento do caminho, ela trocou a besta por algo muito mais letal. Metal recoberto por ouro brilha no formato de um rifle, mas uma longa lança preta descansa abaixo do cano, a ponta mergulhada no mais puro prata. Embora tenha uma arma tão elaborada, Madrid não parece ansiosa para atacar. Ela parece como se preferisse manter as mãos limpas de um assassinato.

Me viro para Maeve e vejo o medo preencher seu olhar. Nunca teve nada que chegasse próximo à tolerância entre nós, mas somente recentemente que passamos a nos considerar inimigas. Ou melhor, Maeve começou a me considerar inimiga e eu aceitei o elogio.

Olho em seu olho destruído, preenchido por sangue e envolto por cicatrizes. Eu a deixei cega, não muito tempo atrás, com a ponta cega de um pedaço de coral. Agora, toda vez que ela pisca, seu olho direito permanece aberto. Pensando bem, não consigo me lembrar o porquê fiz isso. Maeve deve ter dito algo, talvez. Fez alguma coisa que eu não gostei o suficiente para puni-la. Sinceramente, ela poderia ter feito qualquer coisa e não teria

importado, porque acima de tudo eu queria machucá-la. Por qualquer motivo e até mesmo sem nenhum. Queria ouvi-la gritar.

É como as coisas são no mar. Brutais e implacáveis. Cheio de uma crueldade interminável que não tem recompensas. Houve um tempo em que tudo o que eu mais queria era matar Maeve mas eu temia demais a ira de minha mãe para agir. Agora eu tenho essa oportunidade. Não para matá-la com as minhas próprias mãos, mas para assistir alguém fazer isso. O inimigo do meu inimigo.

— Conte para nós o que ela está falando — exige Kye.

— Ela não está falando nada — eu encaro Maeve. — Está implorando.

— Implorando.

Elian está o meu lado, com uma expressão indecifrável em sua face enquanto repete as minhas palavras. Ele segura firmemente a faca em sua mão enfaixada e quando gotas de seu sangue tocam a lâmina, elas desaparecem subitamente. Metal sugando metal. Eu conseguia sentir o feitiço emanando dela como um trovão. Os sussurros da arma implorando a ele para derramar mais sangue e assim fortalecê-la. Está inundada em magia suficiente para seduzir como uma das minhas melodias, mas Elian não cede diante da canção. Sua expressão é hesitante e faz um bom tempo que não vejo algo assim nos olhos de um assassino. Mesmo assim, Elian encara Maeve como se o fato de ela estar implorando faz com que matá-la seja errado. Sujo.

— Ela está implorando — diz ele. — Tem certeza disso?

— *Parakaló* — eu repito. — Significa ‘por favor’.

# 17

# *Elian*

EU NUNCA MATEI UMA criatura que implorou por sua vida antes.

Enquanto a sirena encolhe-se de medo no convés, estou completamente de ciente de que ela é um monstro. Ela está choramingando, mas mesmo assim o som parece malvado. Uma mistura de sibilos e lamentos guturais. Eu não tenho certeza do porquê ela parece tão assustada quando, pouco tempo atrás, a rede feita de vidro e espinhos nem a fez estremecer. Parte de mim se sente orgulhoso de que minha reputação me procede. A outra parte, talvez a mais inteligente, está certa de que não tenho nada para me orgulhar.

Encaro Lira. O cabelo sujo dela está colado em seus ombros à medida que ela balança com o movimento do navio. Tem algo sobre a estatura dela que a faz parecer perigosa, como se cada ângulo fosse uma arma. Ela praticamente não pisca enquanto observa a sirena, cujo rosto agora está desfigurado por cortes. Enquanto a olho fixamente, não vejo da garota quase morta que resgatei do oceano. Qualquer feitiço que tenha nublado a minha visão quando eu a salvei está quebrado agora, e consigo ver claramente que ela não é uma donzela em perigo. Ela é algo mais e isso me deixa curioso demais para o meu próprio bem.

O *Psáriin* sque ela pronunciou ainda ecoa no ar. Uma língua proibida na maioria dos reinos, incluindo o meu. Quero saber como ela aprendeu, quando chegou tão perto das sirenas para isso, o porquê de manter um dos colares delas no pescoço como se fosse um troféu. Eu quero saber tudo.

— Você vai matá-la? — Pergunta Lira.

Não há nenhuma suavidade em sua voz enquanto ela tenta falar a minha língua. Não tenho certeza de onde ela é, mas seja qual for o reino, claramente

não tem amor pelo meu.

— Sim.

— Será de forma rápida?

— Sim.

Ela zomba.

— Que decepção.

A sirena choraminga de novo e repete um monte de lamentos em *Psáriin*. Fala tão rápido e de modo tão gutural que mal percebo as palavras. Ainda assim, uma delas fica na minha cabeça, mais clara do que as outras. *Prinkípissa*. O que quer que isso signifique, ela pronuncia a palavra com medo e reverência. Uma combinação que raramente vejo. Em meu reino, aqueles que me reverenciam não me conhecem bem o suficiente para me temerem. E aqueles que me temem me conhecem bem demais para fazer algo tão imprudente como me adorar.

— Sua faca — diz Lira.

Minha mão forma um punho ao redor do cabo. Minha ferida goteja, e eu sinto a lâmina sugar o sangue rapidamente. Nenhuma gota seria desperdiçada.

— Ela tem uma magia estranha.

Olho para ela incisivamente.

— Eu não acho que você esteja na posição de dizer o que é estranho.

Lira não responde, e com o seu silêncio Kye dá um passo para frente.

— Capitão — diz ele. — Tenha cuidado. Ela não é confiável.

Primeiro, penso que ele está falando do monstro que está no convés e estou quase dizendo para ele que não sou idiota, quando percebo que Kye não está olhando a sirena. Seu olhar está fixo em Lira.

Se tem uma coisa no mundo que Kye nunca teve, é tato. Mas Lira não presta atenção à acusação. Ela nem ao menos olha na direção dele, como se a alegação não fosse nada além de gotas do oceano espirrando nela.

— Irei lidar com ela — falo para Kye. — Quando eu estiver pronto.

— Talvez você devesse ficar pronto agora.

Eu bato a ponta da faca contra um dedo e dou um passo para frente, mas Kye agarra o meu braço. Olho para as mãos dele que estão segurando o tecido da minha camisa. A maior força de Kye é que ele é tão desconfiado quanto eu sou imprudente. Ele não gosta de surpresas e trata toda ameaça possível como se fosse uma ameaça à minha vida. Todo aviso como uma

promessa. Mas tendo ele pra fazer isso por mim, não há necessidade de perder tempo me preocupando. Além disso, passar a vida no oceano me ensinou a ver o que os outros não conseguem e a esperar coisas que eles não. Eu sei muito bem que não deveria confiar em uma estranha em um navio pirata, porém é muito melhor confiar no instinto que confiar na dúvida.

— Você não ouviu o que eu acabei de dizer? — Ele pergunta.

Cuidadosamente, eu tiro a mão de Kye do meu braço.

— Posso te garantir que não há nada de errado com a minha audição.

— Apenas seu bom senso, então — diz Lira.

Vejo ela afastar o cabelo do rosto.

— Como assim? — Pergunto.

— Se você tivesse algum bom senso já teria matado ela — Lira aponta para a sirena. — O coração dela já estaria frio em suas mãos.

Kye levanta uma sobrancelha.

— Caramba — ele diz. — De que tipo de navio ela conseguiu ser expulsa?

Ao lado dele, Madrid ajeita sua postura, a arma nem se movendo enquanto troca o pé de apoio. Ela está inquieta, e eu consigo sentir isso da mesma forma que posso ver. Madrid não deseja matar, seja monstros ou homens. Em Kléftes, ela matou o suficiente para uma vida inteira, e em alguma reviravolta do destino isso a fez ter mais morais e escrúpulos que antes. Nenhuma das duas coisas são bem-vindas no *Saad*. Todavia, ela é a melhor atiradora que tenho, e se eu ignorar seus princípios, isso faz dela uma das melhores chances de eu acabar não morrendo.

— São as sirenas que arrancam corações — Madrid fala para Lira. — Não nós.

A faca brilha em minha mão.

— Eu já peguei vários corações.

Observo a sirena, chegando o mais perto possível sem que as minhas botas encostem na rede. Penso em Cristian se afogando no oceano, a mentira de um beijo em sua boca. Pelo que sei, as sirenas poderiam muito bem ter feito isso. Pode ter sido a Maldição dos Príncipes; eu aprendi muito com os contos que percorrem o meu reino. A assassina de Cristian pode estar no meu navio.

A sirena fala alguma coisa para Lira e eu me pergunto se ela está implorando de novo. Se Cristian implorou, ou se ele estava preso tão profundamente no feitiço da sirena que morreu de bom grado.

— Segurem ela — falo.

Uma lança dispara da arma de Madrid, perfurando o meio da cauda da sirena. Fixando ela no chão do meu navio. Resisto ao desejo de olhar para Madrid, conhecendo bem o olhar sombrio de resignação que ela tem no rosto. Da mesma forma que é uma boa atiradora, ela é uma pessoa ainda melhor.

Chuto pedaços da rede para longe e agacho ao lado da criatura aprisionada. Essa parte sempre me faz sentir menos humano, como se a forma com que mato elas atingisse um limite moral.

— Eu quero que você me responda uma coisa — falo para a sirena. — E apreciaria se você fizesse isso na minha língua.

—*Poté den tha*.

A sirena se contorce sob a lança que a prende ao *Saad*. A lança é banhada em prata, o que é mortal para a espécie dela. O lento veneno dela coagula na entrada do ferimento, impedindo que escorra pelo chão do navio, e dando tempo suficiente para parar quaisquer restos de coração que ela possa ter.

— Isso não é Midasan — digo a ela. Eu agarro minha bússola, observando os ponteiros imóveis na superfície. — O que você sabe sobre o Cristal de Keto?

Os lábios da sereia se separam e ela olha para Lira, balançando a cabeça.

— *Egó den tha sas prodósei*.

— Lira — digo. — Você não poderia ser gentil o suficiente e traduzir para nós?

— Eu nunca fui reconhecida pela bondade antes.

A voz dela está mais perto do que eu gostaria, e eu fico surpreso quando vejo a sombra dela pairando ao lado da minha. Ela é rápida da mesma forma que é silenciosa, capaz de se esgueirar até mesmo por trás de mim. O pensamento é inquietante, mas eu o empurro para o fundo da minha mente antes de pensar muito nisso. É perigoso se distrair com um monstro tão perto.

Lira se agacha ao meu lado. Ela fica quieta por um momento. Seus tempestuosos olhos azuis estreitam-se ao olhar para a lança no centro da cauda da sirena. Ela está tentando decidir alguma coisa. Pode ser que ela esteja sentindo nojo da nossa violência e pensa se deve disfarçá-lo, mas eu não vejo nenhum sinal de repulsa. Mas também é muito fácil usar uma máscara. Não revelo nada em meu olhar, apesar do sentimento doentio rastejando no meu estômago devido aos gritos da sirena. Eu afasto essa sensação, como sempre faço. Um capitão não pode se dar ao luxo de sentir culpa.

Lira se levanta e ela está novamente firme enquanto olha para a criatura moribunda.

— Talvez seria útil — diz ela, — se você tirasse o outro olho dela.

Eu vacilo por um momento e um sorriso aparece no canto dos lábios pálidos de Lira. Não sei se sorri porque a sirena parece tão assustada, ou se Lira está simplesmente satisfeita com o olhar em meu rosto. Como se ela tivesse dito aquilo apenas para ver como eu reagiria.

— Eu estaria privando ela de ver o seu sorriso vitorioso — digo.

Lira ergue uma sobrancelha.

— Ela é sua inimiga. Você não quer vê-la sofrendo?

Ela olha para mim como se eu tivesse perdido o juízo. Minha tripulação costuma olhar para mim da mesma maneira, embora não nos dias em que me recuso a torturar alguém. Há muitas coisas que o mundo pode dizer sobre os caçadores de sirenas do *Saad*, mas uma coisa que nunca poderia ser verdade, é dizer que gostamos dessa vida. Gostamos do oceano, sim, porém nunca apreciamos o ato de matar. É um mal necessário para manter o mundo seguro e por mais que seja desonroso, tem um propósito. Se eu começar a gostar disso, então eu me tornarei exatamente aquilo de quem tento proteger o mundo.

— Soldados não gostam de guerra — falo.

Lira franze os lábios, mas assim que ela abre a boca para dizer alguma coisa, sou jogado para trás, caindo de costas. Minha cabeça bate com força contra o chão, e a dor explode na minha têmpora.

A sirena está em cima de mim.

Ela me arranha e morde, soltando um uivo terrível. Me esquivo de seus ataques enquanto ela tenta desesperadamente tirar um pedaço de mim. Sua cauda é uma bagunça de sangue coagulado, rasgada bem no meio. Ela deve ter se libertado.

— Não consigo ter uma visão clara! — alguém diz. — Vou acabar acertando ele.

— Também não!

— Madrid! — Kye grita. — Madrid, atire agora!

— Eu não consigo — Ouço o som de uma arma sendo jogada no chão. — A maldita está emperrada de novo.

Luto sob a maléfica criatura. Seu rosto é uma máscara de ódio, presas e nada mais. Ela está faminta por uma parte de mim. Sendo o coração ou não,

ela vai arrancar todos os pedaços que puder.

O peso dela me pressiona no chão com força, esmagando minhas costelas. Ouço o barulho de algo quebrando, e eu mal consigo respirar devido a dor. Ao meu redor, minha tripulação grita tão alto que suas palavras se tornam quase incompreensíveis. Enquanto suas vozes se transformam em ruídos, meus braços queimam doloridos com o esforço. A sirena é muito forte. Mais forte que eu, de longe.

Então, tão repentinamente quanto surgiu, o peso desaparece. Volto a respirar.

Kye agarra os ombros demoníacos dela e arranca a sirena de cima de mim. Ela desliza pelo convés antes de colidir furiosamente com a parede da cabine. Minha tripulação pula fora do caminho para deixar seu corpo passar por eles. O som do impacto sacode o *Saad*.

A sirena crava as unhas no convés, os ombros arqueados. Ela sibila e balança para frente. Rapidamente, pego minha faca. Ignoro a furiosa dor nas minhas costelas enquanto miro a leve lâmina e depois a arremesso no ar. Ela desliza para o que resta do coração da sirena.

A maioria do sangue espirra na sua pele, mas a pequena quantidade que ameaça derramar no meu convés é rapidamente sugada pela minha lâmina. A sirena grita.

Assim que Kye me ajuda a levantar, eu o ouço respirar aliviado, e não me atrevo a mostrar que estou surpreso. Mesmo que esteja bem óbvio. É meu trabalho esperar o inesperado e fui estúpido o suficiente para virar as costas para um ser assassino.

— Você está bem? — Kye pergunta, procurando por feridas. Ele olha para o sangue em meu braço. — Eu deveria ter sido mais rápido.

O olhar em seu rosto me machuca por dentro da mesma que a sirena, e então eu dou de ombros, tomando cuidado para não estremecer enquanto a dor nas minhas costelas se intensifica a cada momento.

— Nada como um dia normal de trabalho — digo, e me viro para Madrid. — Sua arma emperrou novamente?

Madri pega sua arma jogada no chão e estuda o mecanismo da lança.

— Eu não entendo — diz ela. — Vou ter que levá-la lá embaixo para outro conserto.

Ela começa a andar para o outro lado do convés e depois para abruptamente quando percebe que o corpo da sirena está bloqueando a porta.

Madri engole em seco e espera pacientemente. Todos da tripulação fazem o mesmo. Completamente silenciosos até o momento em que a sirena começa a desaparecer. A visão sempre parece uma maravilha para eles, mesmo depois de todo esse tempo. Mas eu não olho para a criatura sem vida virando espuma no meu convés. Já vi centenas de monstros morrerem. Em vez disso, viro-me para a estranha garota que resgatei do oceano.

Lira não está mais sorrindo.



# 18

## *Lira*

MAEVE SE DISSOLVEU ATÉ DESAPARECER.

Matar uma sirena não é igual a matar uma sereia. Seus corpos em apodrecimento mancham o chão do oceano e seus esqueletos permanecem entre os corais, enquanto nós nos dissolvemos na mesma coisa da qual fomos feitas. Viramos o oceano e a espuma e o sal em nossas veias. Quando desaparecemos, não sobra nada para recordação.

Eu pensei que ficaria feliz quando Maeve morresse, mas a batalha entre as nossas espécies continua e eu acabei de ajudar os humanos em sua empreitada de nos abater. Pelo menos o príncipe não arrancou seu coração antes que ele a matasse. Nunca prestei muita atenção em lendas, a não ser que eu fosse a lenda da discussão, mas até eu conheço as histórias. Aquelas que alertam que qualquer humano que segurar o coração de uma sirena se tornaria imune à nossa música. Dizem que é por isso que nós voltamos a ser espuma do mar quando morremos, que isso não é uma maldição para nos apagar do

mundo, mas uma bênção de Keto para garantir que um humano nunca seja capaz de pegar nossos corações.

Depois que Maeve desaparece, sou levada para uma sala abaixo do convés sem janelas e que cheira a anis e ferrugem. As paredes não são paredes, mas cortinas grossas que pendem de um teto envernizado. Suas bordas úmidas encostam no chão, e devido ao movimento do navio, elas balançam e revelam inúmeras fileiras. De livros, armas e ouro. Cada cortina esconde um segredo único. No centro há um grande cubo feito de vidro preto. É grosso, com dobradiças e parafusos que são de ouro pesado. O mesmo ouro que compõe o broche da sereia enguia. É uma espécie de prisão e não parece ser projetada para humanos. Ou, se for, é projetado para o pior tipo deles.

No reino de Keto, não mantemos prisioneiros. Trair a Rainha do Mar significa desistir de sua vida, e por isso não temos escolha senão fazer o que minha mãe mandar. Se tentar desobedecê-la, ela não oferecerá segundas chances; minha punição é uma prova disso.

Eu me viro para Elian.

— Por que estou aqui embaixo?

A cada momento que passa, ele parece mais com o oceano. Uma túnica de couro marrom foi colocada por cima da camisa, com uma corda preta amarrando-a. Suas pernas são cobertas até uma metade por calças e a outra por botas marrons que vão até os joelhos. Uma cinta vai do ombro até a cintura, e nela está presa uma espada pirata. Sua faca está escondida, longe de olhos estranhos. Ainda consigo sentir o cheiro do sangue de Maeve nela.

— Você parece ser esperta — diz Elian. — Não consegue nem imaginar o motivo?

Atrás dele, Kye e Madri são como guarda-costas. Menos de um dia nesse navio e eu já sei em quem ele confia mais. O que significa que conheço sua maior fraqueza.

— Achei que os príncipes gostassem de salvar mulheres jovens que precisam de ajuda.

Elian ri, seus dentes brancos brilhando em seu rosto bonito.

— Você é uma donzela agora? — Ele pergunta. — Isso é engraçado, porque você não parecia uma quando tentou passar por cima de mim para atacar a sirena.

— Pensei que matar as sirenas era o que as pessoas neste navio faziam.

— Geralmente não fazemos isso com as mãos vazias.

— Nem todo mundo precisa de facas mágicas para fazer o trabalho sujo.

— Nem todo mundo pode falar *Psáriin* — diz ele.

Mantenho um sorriso tímido nos meus lábios, interpretando bem o meu papel.

— Eu tenho um talento para línguas.

— Seu Midasan soa diferente.

— Eu tenho um talento para linguagens interessantes — eu emendo, e os olhos verdes de Elian se enrugam nos cantos.

— E a sua língua nativa? — Ele pergunta.

— É melhor.

— Como?

— Combina mais comigo.

— Eu tenho medo de pensar o que isso significa.

Elian passa por mim e coloca a mão no vidro frio do cubo. À medida que seus dedos deslizam pela suposta prisão, eu praticamente posso sentir o frio dela através dele. A parte sirena de mim deseja sentir o gelo sob meus dedos e conhecer o frio como eu costumava conhecer. A humana em mim estremece.

— Onde é o seu lar? — Pergunta Elian.

Ele está de costas para mim e eu vejo seus lábios se moverem através de seu reflexo. Ele encara si mesmo, mantendo os olhos longe dos meus. Por um momento, não penso que ele esteja perguntando para mim. Que talvez ele esteja perguntando para ele mesmo. Um príncipe que não sabe qual reino deveria reivindicar. Então Kye limpa a garganta e Elian gira de volta para mim. Quando ele se vira, sua face está corada.

— E então? — Ele pergunta.

— Eu não achei que seria interrogada.

— A cela não deu nenhuma dica?

— Não vi uma cela — arqueio meu pescoço, olhando atrás dele como se eu não tivesse notado minha prisão iminente. — Seu charme deve ter disfarçado isso.

Elian balança a cabeça para esconder o crescente sorriso.

— Não é uma cela qualquer — ele diz. — No passado, bem no início e muito antes de conhecer melhor as coisas, construí isso com toda a intenção de usá-la para segurar a Rainha do Mar. — Ele arqueia sobrancelha. — Acha que ela consegue segurar você?

— Vai me jogar em uma gaiola? — Eu pergunto.

— Sim, a menos que me diga de onde é — diz ele. — E por que foi embora de lá.

— Não foi minha escolha.

— Por que você estava no meio do oceano sem um navio?

— Fui abandonada.

— Por quem?

Não hesito quando digo:

— Por todos.

Com um suspiro, Elian se inclina para trás e pressiona um pé contra o vidro. Ele analisa minhas palavras cuidadosamente escolhidas, girando-as em sua mente sem parar como o leme de um navio. Não gosto do silêncio que se segue e dá sensação abafada que sua calma deixa no quarto. É como se o ar esperasse pelo som de sua voz antes que ela se atrevesse a sair e se tornar audível. E eu também espero, tentando antecipar seu próximo passo. A situação é insuportavelmente familiar. Tive que ficar inúmeras vezes parada na frente da minha mãe, mordendo minha língua enquanto ela escolhia como eu deveria viver a minha vida. O que deveria fazer e quando deveria matar e quem deveria ser. Embora seja estranho assistir um humano deliberar o meu destino, não é tão estranho esperar enquanto ele é decidido por outra pessoa além de mim.

Escondida sob as minhas mentiras, há um fundo de verdade. Fui abandonada e agora estou em um navio com humanos que iriam me querer morta se soubessem o que eu era. Abaixo da superfície, minha mãe governa um reino que deveria ser meu, e se alguém questionar para onde fui, ela cuspirá qualquer mentira que me faça mais esquecível. Atingida por um arpão de um marinheiro que passava. Morta por uma simples sereia. Apaixonada por um príncipe humano. Vai fazer com que lembrem de mim mais como uma piada do que como uma lenda, e a lealdade do meu reino se dissolverá tão depressa quanto Maeve.

Eu não serei nada. Terei nada. Morrerei como alguém sem importância.

Olho para o meu colar, ainda pendurado no pescoço de Elian. Não duvido que se pressionar meu ouvido no osso vermelho, irei ouvir o oceano mar e o som da risada de minha mãe ondulando através dele.

Me viro, enojada.

— Nós atracamos em Eidýllio em três dias — Elian se afasta do vidro. —

Vou tomar minha decisão quando chegarmos lá.

— E até lá?

Um sorriso lento se espalha em seu rosto. Ele se afasta para revelar toda a glória da jaula.

— Até lá.

Assim que a ordem dele fica subentendida, Madrid agarra o meu cotovelo. Do outro lado, as mãos de Kye apertam ao redor do meu braço. Eu luto contra eles, mas o aperto deles é inquebrável. Em poucos instantes, sou levantada do chão e arrastada em direção a cela. Me contorço em seus braços, mas isso não altera em nada a direção deles.

— Deixe-me ir! — Eu exijo.

Tento chutá-los com movimentos desajeitados, mas meu corpo está espremido entre os dois, deixando pouco espaço para respirar ou se mover. Jogo minha cabeça para trás descontroladamente e fico furiosa com a falta de controle. Quão frágil e fraco meu corpo é agora. Na minha forma sirena, eu poderia rasgá-los ao meio com um único movimento. Mostro os dentes e tento morder alguma coisa, errando a orelha de Kye por meio centímetro. Ele nem pisca. Me sinto impotente.

Chegamos à jaula e eles me jogam como se eu não pesasse nada. Me levanto do chão, e quando corro de volta para a entrada, minhas palmas encontram uma parede. Meus dedo percorrem a superfície, e percebo que não é vidro, afinal de contas, mas sim cristal sólido. Bato com força contra o cristal. Do outro lado, Elian cruza os braços sobre o peito. Meu coração humano bate com raiva no meu peito, batendo com mais força que meus punhos na parede da prisão.

Aponto um dedo acusador para ele.

— Você quer que eu fique aqui até Eidýllio?

— Quero você fora do navio, no mar — diz Elian. — Mas não é como se eu pudesse fazer você andar pela prancha.

— Seu cavalheirismo não vai permitir isso?

Elian caminha até uma parede próxima e puxa uma das cortinas para revelar um interruptor circular.

— Nós perdemos a prancha anos atrás — diz ele. Depois, em uma voz muito mais baixa: — E eu perdi o meu cavalheirismo na mesma época.

Ele gira o interruptor e as sombras tomam conta.

HÁ APENAS ESCURIDÃO DENTRO da prisão de cristal. O quarto está envolto em escuridão, e embora a prisão parece impenetrável, posso sentir o cheiro de almíscar vindo do ar úmido do mundo exterior. De vez em quando, alguém aparece com comida e tenho permissão para passar alguns minutos raros com a lanterna ligada. É quase cegante, e quando paro de fechar os olhos, as luzes são apagadas e o cheiro de uma bandeja de peixe atinge meus sentidos. Não tem um gosto tão bom, mas devoro em poucos momentos.

Não sei há quanto tempo estou na gaiola de cristal, mas a promessa de Eidýllio me dá esperança. Quando chegarmos, o príncipe tentará me deixar em terra com humanos que não sabem nada do oceano. Pelo menos aqui posso sentir o cheiro de sal que me lembra de casa.

Quando durmo, sonho com corais e corações sangrando. Quando acordo, não há nada além de escuridão e o lento choque das ondas contra o casco do navio. A primeira vez que matei um humano, estava tão claro que eu não conseguia ir para a superfície da água sem fechar os olhos. A superfície mal ondulava, e em poucos momentos o sol derretia qualquer fragmento de gelo do meu reino que ainda permanecia na minha pele.

O menino era um príncipe de Kalokaíri e eu tinha doze anos.

Kalokaíri não passa de um belo deserto no meio de um mar desolado. É a terra do verão interminável, com um vento que carrega o cheiro de areia. Naqueles dias eu ainda não era considerada uma lenda, e assim a realeza navegou desprotegida como qualquer outro humano.

O príncipe estava vestido de branco, com um pano roxo enrolado ao redor de sua cabeça. Ele era gentil e destemido, e sorriu para mim antes mesmo que eu cantasse. Quando saltei para fora do oceano, ele me chamou de *ahnan anatias*, que em Kalokaírin significava ‘pequena morte’.

O garoto não estava com medo, mesmo quando eu mostrei os dentes e sibilei da mesma forma que tinha ouvido minha mãe fazer. Depois disso, pegar seu coração não foi algo tão desagradável assim. Ele praticamente veio de bom grado. Antes que eu começasse a cantar, ele estendeu a mão para me tocar, e depois que cantarolei desajeitadamente as primeiras linhas da canção, ele subiu lentamente na borda do veleiro ancorado e pulou na água até que estivesse fundo o suficiente para me encontrar.

Deixei ele se afogar primeiro. Segurei sua mão, enquanto sua respiração diminuía, e só pensei no coração dele quando tive certeza de que estava

morto. Fui cuidadosa nesse momento. Não queria que houvesse muito sangue quando a família dele o encontrasse. Não queria que pensassem que sofreu, não quando ele tinha morrido tão pacificamente.

Enquanto pegava seu coração, me perguntei se estavam procurando por ele. Teriam percebido que ele desapareceu do barco? Na superfície, estariam gritando seu nome? Será que minha mãe gritaria assim se eu nunca voltasse para casa? Já sei a resposta. A rainha não se importaria se eu fosse embora para sempre. Herdeiros eram coisas fáceis de se fazer, e minha mãe era a Rainha do Mar, sempre em primeiro lugar. Sabia que ela só se importaria com o fato de eu não ter pegado o coração do garoto enquanto ele ainda estava vivo. E então ela iria me punir por não ser monstruosa o suficiente. E eu estava certa.

Quando cheguei em casa, minha mãe estava me esperando. Ao seu redor estavam os outros membros da nossa linhagem real, em um perfeito semicírculo como se estivessem aguardando a minha chegada. A irmã da rainha do mar estava mais à frente, pronta para me cumprimentar, e cada uma de suas seis filhas se posicionaram atrás dela. Kahlia era a última delas, estando ao lado minha mãe.

Assim que a Rainha do Mar me viu, ela soube o que eu tinha feito. Pude ver isso em seu sorriso, e tinha certeza de que ela podia sentir em mim o cheiro do meu arrependimento por ter matado o príncipe Kalokaírin. E por mais que tentasse evitar olhar para ela, a rainha podia ver que eu tinha chorado. As lágrimas já tinham sumido há muito tempo, mas meus olhos permaneceram vermelhos e eu tentei com todas as forças esfregar e limpar o sangue das minhas mãos.

— Lira — disse ela. — Meu amor.

Coloquei uma mão trêmula em seu tentáculo estendido e deixei ela me puxar lentamente em um abraço. Kahlia mordeu o lábio enquanto minha mãe olhava para minhas mãos limpas.

— Você trouxe presentes para a mamãe, querida? — Perguntou a Rainha do Mar.

Assenti com a cabeça e estendi a mão para a rede amarrada na minha cintura.

— Fiz o que você me pediu — Segurei o coração do jovem príncipe, levantando-o acima da minha cabeça apresentando-o para ela como o troféu que ela queria. — Meu décimo segundo coração.

A Rainha do Mar acariciou meu cabelo, seu suave tentáculo deslizando do meu couro cabeludo para ao longo da minha espinha. Tento não piscar.

— De fato — disse a Rainha do Mar. Sua voz era suave e lenta, como o som da brisa ao amanhecer. — Mas parece que você não ouviu direito.

— Ele está morto — disse a ela, pensando que isso era certamente a coisa mais importante. — Eu o matei e peguei seu coração. — Segurei-o um pouco mais alto, empurrando-o para o peito dela para que ela pudesse sentir a quietude do coração do príncipe contra a frieza de sua pele.

— Ah, Lira — Ela segurou meu queixo com a mão, deslizando a garra do polegar na minha bochecha. — Mas eu não disse a você para chorar.

Não tinha certeza se ela queria dizer que não era pra ter chorado quando matei o príncipe, ou se não era para chorar agora, com ela me agarrando, com a nossa linhagem real assistindo. Mas meus lábios tremeram de medo da mesma forma que minhas mãos, e quando a primeira gota escorreu do meu olho vermelho, minha mãe soltou um lamento pesado. Ela deixou a lágrima deslizar em seu polegar e depois sacudiu-a da pele como se fosse ácido.

— Fiz o que você me pediu — eu disse novamente.

— Eu pedi a você para fazer um humano sofrer — disse a Rainha do Mar. — Para pegar o coração dele ainda batendo e arrancá-lo. — Um tentáculo deslizou por cima do meu ombro e ao redor do meu pescoço minúsculo. — Eu pedi para você ser uma sirena.

Quando ela me jogou no chão, lembro de me sentir aliviada. Aliviada porque sabia que, se ela fosse me matar de verdade, ela teria me esmagado com seu tentáculo. Eu poderia levar uma surra. Poderia ser humilhada e ficar ensanguentada. Se tomar alguns golpes ajudaria a melhorar o temperamento de minha mãe, então não seria tão ruim. Teria encarado isso facilmente. Mas fui tola de pensar que minha mãe puniria apenas eu. O que havia de bom em repreender sua filha quando ela poderia lhe dar uma lição em vez disso?

— Kahlia — minha mãe disse. — Você me faria um favor?

— Irmã — minha tia nadou para frente, seu rosto repentinamente miserável e repleto de dor. — Por favor, não faça isso.

— Ora, ora, Crestell — disse minha mãe. — Você não deveria interromper sua rainha.

— Ela é minha filha.

Lembro-me de odiar o modo como os ombros de Crestell se curvaram para a frente enquanto ela falava. Como se ela já tivesse aceitado a derrota.

— Silêncio agora — minha mãe falou suavemente. — Não vamos brigar na frente de nossas filhas.

Ela se virou para mim e esticou o braço para minha prima. Era como se ela estivesse me presenteando com Kahlia, da mesma forma que eu fiz com o coração do Kalokaírin. Eu não me movi.

— Mate-a — disse a Rainha do Mar.

— Mãe...

— Tome o coração dela enquanto ela ainda está gritando, da forma que você deveria ter feito com o príncipe humano.

Kahlia choramingou, assustada demais para se mover ou até chorar. Ela olhou para a mãe, depois voltou seu olhar para mim, piscando uma dúzia de vezes. Sua cabeça balançou violentamente de um lado para o outro.

Era como olhar em um espelho. Ver o horror no rosto de Kahlia era como ver uma versão de mim mesma, cada gota de terror que eu sentia estava refletida em seus olhos.

— Não consigo — eu disse. Depois, falei mais alto: — Não me obrigue a fazer isso.

Recuei, sacudindo a cabeça tão inflexivelmente que o rosnado da minha mãe se tornou um berro.

— Sua criança estúpida — disse ela. — Estou oferecendo a você uma forma de se redimir. Você sabe o que vai acontecer se você recusar?

— Eu não preciso de redenção! — eu gritei. — Fiz o que você pediu!

A Rainha do Mar apertou seu tridente e toda a compostura desapareceu de seu rosto. Seus olhos se transformaram em sombras, cada vez mais negras, até que tudo que eu via neles era escuridão. O oceano gemeu.

— Essa humanidade que infectou você deve ser reprimida — disse ela. — Você não percebe, Lira? Os humanos são uma praga que matou nossa deusa e procura nos destruir. Qualquer sirena que demonstre simpatia por eles - que imite seu amor e sua tristeza - deve ser purificada.

Faço uma careta.

— Purificada?

A Rainha do Mar empurrou Kahlia para o leito do mar, e eu estremeci quando as palmas das mãos dela bateram contra a areia.

— Sirenas não sentem afeto ou arrependimento — minha mãe fervia de raiva. — Não sabemos o que é sentir empatia por nossos inimigos. Qualquer

sirena que sente essas coisas nunca poderá ser rainha. Ela sempre será defeituosa. E uma sirena defeituosa não pode ser autorizada a viver.

— Defeituosa — eu repito.

— Mate-a — minha mãe disse. — E não falaremos mais disso.

Ela disse que essa era a única maneira que eu poderia compensar os meus pecados contra a minha espécie. Se Kahlia morresse, eu seria uma verdadeira sirena digna do tridente da minha mãe. Não seria uma impura. As emoções que eu estava sentindo eram uma doença e ela estava me oferecendo uma cura. Uma saída. Uma chance de me livrar da humanidade que ela alegou ter me infectado.

Kahlia só precisava morrer primeiro.

Me aproximei de minha prima, apertando minhas mãos atrás das costas para que a Rainha do Mar não pudesse ver o quanto elas tremiam. Me perguntei se ela poderia cheirar o sangue que eu tinha limpado das palmas das minhas mãos.

Kahlia chorou quando me aproximei, grandes uivos de terror saindo de seus pequenos lábios. Eu não tinha certeza do fazer quando me aproximei dela, mas sabia que não queria matá-la. *Pegue a mão dela e nade*, pensei. *Fique o mais longe possível da Rainha do Mar*. Mas sabia que não faria isso também, porque os olhos da minha mãe eram o oceano e ela nos veria em qualquer lugar que tentássemos nos esconder. Se eu salvasse Kahlia, nós duas seríamos mortas por traição. Então, minhas escolhas eram: pegar o coração da minha prima. Ou pegar a mão dela e morrermos juntas.

— Pare — disse Crestell.

Ela mergulhou na frente de Kahlia, criando uma barreira entre nós. Seus braços estavam abertos em defesa da filha, com as presas à mostra. Por um momento tive certeza de que ela atacaria, me cortando com suas garras e pondo um fim a essa loucura de uma vez por todas.

— Me mate no lugar dela — disse ela.

Eu empalideci.

Crestell agarrou minha mão - a minha parecia minúscula perto da dela, mas nem de perto era tão delicada - e apertou-a contra o peito.

— Pegue-o — falou ela.

Minhas primas ofegaram ao nosso redor, seus rostos contorcidos em terror e pesar. Essa era a escolha delas: assistir a morte da mãe ou ver a irmã morta. Gaguejei diante de minha tia, pronta para gritar e nadar o mais longe que

pudesse. Mas então Crestell lançou um olhar para Kahlia, que tremia no fundo do mar. Um olhar preocupado e furtivo, rápido o suficiente para minha mãe não perceber. Quando seus olhos retornaram aos meus, eles imploravam.

— Pegue-o, Lira — disse Crestell. Ela engoliu em seco e levantou o queixo. — É assim que as coisas devem ser.

— Sim — minha mãe concordou atrás de mim. Não precisei me virar para saber que havia um sorriso em seu rosto. — Ela servirá como substituta.

Ela colocou a mão no meu ombro, as unhas raspando minha pele, me prendendo no lugar antes de baixar os lábios para o meu ouvido e sussurrar.

— Lira — minha mãe disse tão baixo que minha cauda se enrolou de medo. — Cure-se e mostre que você realmente pertence ao oceano.

*Defeituosa*.

— Últimas palavras, irmã? — Perguntou a Rainha do Mar.

Crestell fechou os olhos, mas eu sabia que não era para impedir o choro. Era para esconder a fúria que preenchia suas íris. Ela queria morrer como um súdita leal e assim manter suas filhas a salvo da vingança de minha mãe. De mim.

Quando Crestell abriu os olhos novamente - um olho de um azul tão puro e o outro do tom mais incrível de roxo - ela não olhou para mais nada a não ser para mim.

— Lira — disse ela. Sua voz estava rouca. — Torne-se a rainha que precisamos que você seja.

Não era uma promessa que eu pudesse fazer, porque não tinha certeza se era capaz de ser o tipo de rainha que o reino de minha mãe precisava. Não poderia sentir nenhuma emoção, espalhando o terror ao invés de senti-lo, e enquanto minha respiração tremia, eu simplesmente não sabia se tinha isso em mim.

— Você não irá prometer? — Crestell perguntou.

Assenti com a cabeça, apesar de ser uma mentira. E então eu a matei.

Foi nesse dia que me tornei filha da minha mãe. E o momento em que isso aconteceu foi quando me tornei a mais monstruosa de todas nós. O desejo de agradá-la se espalhou através de mim como uma sombra, lutando contra cada impulso que eu sabia que ela entenderia como fraqueza. Cada lampejo de arrependimento e simpatia que a levaria a acreditar que eu era impura.

Anormal. *Defeituosa*. E em um piscar de olhos, a criança que eu era se tornou a criatura que eu sou.

Obriguei-me a pensar apenas em quais príncipes agradariam mais a minha mãe: o destemido Ágriosy, que tentou durante décadas encontrar Diávolos sob a noção equivocada de que ele poderia acabar com a nossa espécie, ou um príncipe de Mellontikós. Profetas e adivinhos que escolheram se manter fora da guerra, raramente ousando deixar um navio tocar a água. Brinquei com o pensamento de trazê-los para minha mãe como prova adicional de que eu pertencia ao lado dela.

Com o tempo, esqueci como era ser fraca. Agora que estou presa aqui em um corpo que não é meu, de repente me lembro. Deixei de ser a arma menos favorita de minha mãe para me tornar uma criatura que não pode nem mesmo se defender. Um monstro sem presas ou garras.

Passo a mão pelas minhas pernas machucadas, mais pálidas que o ventre de um tubarão.

Meus pés se encolhem enquanto um frio horrível serpenteia através de mim e pequenas saliências começar a incomodar minha nova pele. Não entendo o que isso significa, e não entendo como eu posso ter acabado de sair do oceano para andar entre humanos.

Solto uma respiração frustrada, tirando a mão da perna e tocando a pele das minhas costelas. Sem guelras. Não importa o quão profundo eu respire, a pele não se separa e o ar continua a entrar e sair de meus lábios. Minha pele ainda está úmida e a água não escorre mais pelo meu corpo como antes, penetrando em cada poro e trazendo consigo um frio insuportável. O tipo de frio que faz com que mais protuberâncias incomodem ao longo da superfície da minha pele, rastejando das minhas pernas para os meus braços frágeis.

Não posso evitar começar a temer a água fora desta cela. Se Elian me jogasse no mar, quanto tempo demoraria para me afogar?

As lanternas brilham, fracas o suficiente para dar aos meus olhos humanos um tempo para se ajustarem. Elian pressiona uma chave na gaiola de cristal, e uma parte da parede se abre. Eu ignoro o instinto de apressá-lo, lembrando-me do quão facilmente ele me prendeu na parede quando tentei atacar Maeve. Ele é mais forte que eu agora e mais ágil do que tinha acreditado. Nesse meu novo corpo, usar força não é a solução.

Elian coloca um prato na minha frente. É um caldo grosso da cor da água dos rios. Carne pálida e uvas do mar flutuam curiosamente na superfície, e o cheiro esmagador de anis sobe pelo ar. Meu estômago dói em resposta.

— Kye e eu pegamos tartarugas marinhas — explica ele. — Cheira mal,

mas tem um gosto bom pra caramba.

— Estou sendo punida — digo em uma versão fria de Midasan. — Quero que me diga o porquê.

— Você não está sendo punida — ele me diz. — Está sendo vigiada.

— Por que eu falo *Psáriin*? — Eu pergunto. — Falar uma língua é um crime agora?

— Ela é proibida na maioria dos reinos.

— Não estamos em um reino.

— Errado. — Elian se inclina contra o arco da porta. — Estamos no meu. O *Saad* é meu reino. O oceano inteiro também é.

Ignoro o insulto de um ser humano tentando reivindicar o que é meu e digo:

— Eu não recebi uma lista de leis quando embarquei.

— Bem, agora você sabe — Ele gira a chave em torno de seu dedo. — Claro, eu poderia arranjar um lugar bem mais confortável para dormir se você simplesmente parasse de ser tão evasiva.

— Não estou sendo evasiva.

— Diga-me como você pode falar *Psáriin* — A curiosidade em sua voz trai seus movimentos relaxados. — Diga-me o que você sabe sobre o Cristal de Keto.

— Você salvou minha vida e agora está trocando conforto por informações? É estranho perceber o quão rápido a bondade desaparece.

— Eu sou inconstante — diz Elian. — E tenho que proteger o *Saad*. Não posso confiar em qualquer um que suba a bordo. Eles precisam ter uma história boa o suficiente primeiro.

Sorrio com sua fala.

Se uma história é tudo que preciso, então será bem fácil. O Segundo Olho de Keto é uma lenda em nossas águas também. A Rainha do Mar procurou ele por anos quando ela começou a reinar. Enquanto as rainhas anteriores consideravam a busca como uma causa perdida desde o início, minha mãe sempre estava faminta por poder. Ela relembrou as histórias do ritual para libertar o Olho, de novo e de novo, em uma tentativa de encontrar alguma pista sobre sua localização. Contos que gerações haviam ignorado, minha mãe fez questão de memorizar. E sua obsessão significava que eu também tinha que conhecê-los. Uma vez ela me disse que o Olho era a chave para acabar com todos os humanos, do mesmo modo que era a chave dos humanos

para acabar com todas nós. Penso em seu tridente de ossos cor de carvão e no adorado rubi que fica no centro, a verdadeira fonte da magia da Rainha do Mar. Dizem que o Olho é seu gêmeo, roubado da minha espécie e escondido onde nenhuma sirena pode ir.

Minha mãe sabe tudo sobre o Olho, exceto como encontrá-lo. E então, depois de muitos anos, ela desistiu de procurá-lo. Mas fracassar igual aos seus predecessores sempre a irritou.

Paro por um instante, uma ideia tomando forma dentro de mim.

O Olho está escondido onde nenhuma sirena pode ir, mas graças a minha mãe, isso não se aplica mais a mim. Se Elian me levar até lá, então eu posso usar o Olho para fazer o maior medo da Rainha do Mar se tornar realidade. Se ela realmente acha que não sou digna de governar, vou provar exatamente o oposto usando o Segundo Olho de Keto para derrubá-la. Para destruí-la, do jeito que ela tentou me destruir.

Lambo os meus lábios.

Se Elian está realmente caçando o Olho, ele está acreditando que as histórias são verdadeiras. E ele pode acreditar na minha também. Tudo que preciso é convencer o príncipe de que sou útil, e ele pode simplesmente me deixar no convés e bem longe dos grilhões da minha jaula. Se eu conseguir me aproximar o suficiente, não precisarei das minhas unhas para arrancar o coração dele. Farei isso com sua própria faca. Assim que ele garantir o meu lugar como governante do oceano.

— A Rainha do Mar tirou minha família de mim — eu digo a Elian, mergulhando minha voz na mesma melancolia que ouvi nos chamados dos marinheiros enquanto eles observavam seus governantes morrerem. — Nós estávamos em um barco de pesca e eu fui a única que sobreviveu. Estudei sobre elas desde criança, aprendendo tudo o que é possível com livros e histórias. — Mordo meu lábio. — Quanto à linguagem, não finjo ser fluente, mas sei o suficiente. Foi fácil pegar uma delas como minha prisioneira. Meu pai conseguiu enfraquecê-la antes de morrer, e isso significava que eu poderia mantê-la em cativeiro.

Elian suspira, sem se impressionar.

— Se você vai mentir — ele diz. — Minta melhor.

— Não é mentira — Finjo ficar ofendida pela acusação. — Uma delas foi ferida durante o ataque à minha família. Somos de Polemistés.

À menção da terra guerreira, Elian dá um passo à frente. Ele enfia a mão

no bolso e tira um pequeno objeto circular. A mesma bússola que ele carregava na mão quando falamos acima no convés. Uma fina corrente de ouro está pendurada delicadamente no punho, e quando ele a abre, as pontas se juntam.

— Você realmente espera que eu acredite que você é de Polemistés? — pergunta Elian.

Tento não me ofender com a pergunta - agora eu também não acredito que era uma guerreira - mas não discuto. Não gosto do jeito que Elian olha para a bússola, como se ele estivesse confiando nela para discernir algo. Com toda mentira que cruza meus pensamentos, quase posso sentir o objeto se aproximando para rastejar nas profundezas da minha mente. Arranque as mentiras como raízes de algas. Parece impossível, mas sei o quanto os humanos gostam de seus truques.

— Minha família é caçadora — eu digo com cuidado. — Assim como você. A Rainha do Mar queria vingança porque ela se sentiu injustiçada.

O espaço entre nós enlouquece com a magia fantasma da bússola, e conjuro uma imagem do rosto de Maeve para provar ao estranho objeto que isso não é tecnicamente uma mentira.

— Torturei uma de suas sirenas para conseguir o que eu queria — digo.

— O que aconteceu com a sirena?

— Morta — digo para ele.

Elian olha para a bússola e franze a testa.

— Você a matou?

— Você acha que eu não sou capaz?

Ele suspira com a minha resposta evasiva, mas é difícil não perceber a dúvida em seus olhos enquanto ele brinca com a possibilidade de acreditar em mim.

— A sirena — diz ele. — Ela te contou alguma coisa sobre o cristal?

— Ela me contou muitas coisas. Faça uma oferta que valha a pena, e talvez eu te conto.

— Que tipo de oferta?

— Um lugar em seu navio e nessa busca.

— Você não está em posição de barganhar — diz Elian.

— Minha família estudou sobre as sirenas por gerações. Garanto que sei mais sobre elas do que você imagina. E você já viu que posso falar a língua delas — eu digo. — Isso não é uma barganha, é um acordo.

— Não estou em posição de fechar acordos com garotas em celas.

Mexo meus lábios em um sorriso cruel.

— De qualquer maneira, então, me deixe sair.

Elian ri, pega uma pistola e balança a cabeça mais uma vez.

— Você sabe — diz ele, aproximando-se da cela, — Acho que eu poderia gostar de você. O problema é que... — ele bate a arma contra a minha prisão. — Tem uma diferença entre gostar de alguém e confiar nessa pessoa.

— Eu não saberia qual é a diferença. Nunca gostei, muito menos confiei em alguém.

— Quando chegarmos em Eidýllio — diz Elian. — Poderemos beber em homenagem a isso.

O pensamento é o suficiente para me fazer estremecer. Eidýllio é uma terra dedicada ao romance. Eles celebram o amor como se fosse poder, embora tenham matado, de longe, muito mais humanos que eu. Preferiria estar cercada pelo ouro ofuscante de Midas do que estar em um reino onde a emoção é uma moeda.

— Você confia em mim o suficiente para me comprar uma bebida?

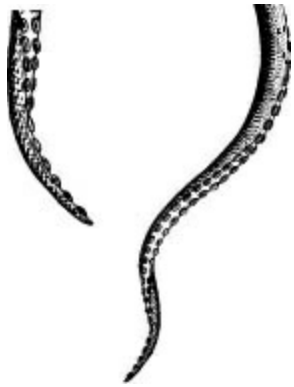
Elian guarda sua pistola e se vira para o interruptor.

— Quem disse que eu vou comprar?

— Você prometeu que me libertaria! — Grito para ele enquanto ele vai embora.

— Eu prometi a você acomodações mais confortáveis — a mão de Elian passa sobre o interruptor. — Vou pedir para Kye te trazer um travesseiro.

Dou uma última olhada em seu sorriso irônico antes da lanterna se apagar e qualquer resquício de luz na sala desaparecer.



# 19

## *Lira*

QUANDO A LUZ BRILHA ao longo da costa de Eidýllio, há um brilho cor de rosa que ilumina o céu. O sol brilha contra o horizonte, cercado por um tom miraculoso de vermelho, como coral derretido. Sou puxada das profundezas da minha cela e sou envolvida pela luz, onde há uma explosão de calor e cor, diferente de tudo que já presenciei. Há luz em cada canto da terra, mas em Eidýllio ela parece mais próxima da magia. Igual a magia incrustada na lâmina de Elian e no tridente cinzento de minha mãe. Sonhos moldados em algo mais poderoso que a realidade.

Atrás das docas, a grama é da cor de peixes neons. Um campo flutuando na água. Pequenos galhos de juníperos brotam como fogos de artifício, gotas de chuva agarrando-se às suas folhas. Elas são como orbes de luz guiando o caminho de volta à terra.

Percebo que estou aquecida. É uma sensação nova, distante dos arrepios do gelo que amava como uma sirena e da geada afiada que senti em meus dedos

humanos a bordo do *Saad*. Tirei a camisa encharcada de Elian, que se agarrava e secava contra mim como uma segunda pele. Agora uso um vestido branco esfarrapado, preso na cintura por um cinto tão grosso quanto uma de minhas pernas, e largas botas pretas que ameaçam engolir meus novos pés inteiros.

Madrid dá um passo ao meu lado.

— A liberdade está ao seu alcance — ela diz.

Dou a ela um olhar depreciativo.

— Liberdade?

— O capitão planejava deixar você livre uma vez que chegássemos aqui, não? Sem queimadura, sem machucado.

Eu reconheço o ditado. É uma frase Kléftesis do reino dos ladrões - *sem dano, sem problema* - usada por piratas que pilhavam navios passantes e qualquer terra que eles aportassem. Se ninguém foi morto, os Kléftesis não acreditam que um crime foi cometido. Seus piratas são fiés à sua natureza e não se importam com missões nobres e declarações de paz. Eles navegam por ouro e prazer e a dor que causam quando o tomam. Se Madrid é de Kléftes, então Elian escolheu bem sua tripulação. O pior dos piores para ser sua melhor arma.

— Como você confia em seu príncipe — eu digo.

— Ele não é meu príncipe — Madrid diz. — Ele não é nenhum príncipe nesse navio.

— Isso eu posso acreditar — eu digo a ela. — Ele não era nem mesmo um plebeu quando ofereci ajuda.

— Vamos ser honestas — Madrid diz. — Você está apenas procurando ajudar a si mesma.

— Existe alguém vivo que não esteja fazendo isso?

— O capitão — a voz dela contém uma fagulha de admiração. — Ele quer ajudar o mundo.

Eu rio. O príncipe quer ajudar um mundo condenado. Enquanto minha mãe estiver viva, guerra será o tudo que conheceremos. A melhor coisa que Elian pode fazer para se manter em segurança é me matar e matar qualquer um em que ele não possa confiar. Em vez disso, ele me manteve prisioneira. Desconfiado o suficiente para me trancar, mas não brutal o bastante para tirar minha vida. Ele mostrou misericórdia, e seja isso uma fraqueza ou força, é chocante do mesmo jeito.

Observo Elian descendo o navio, não se importando nem um pouco com a garota naufragada que poderia facilmente abandonar. Ele dispara em uma corrida e pula o resto do caminho, e quando seus pés tocam os tufos de grama, pequenas gotas explodem no ar como chuva. Ele tira seu chapéu e faz uma reverência para a terra. Então ele estende uma mão bronzeada para o cabelo, bagunça suas mechas negras, e desliza o chapéu de volta à sua cabeça em um floreio. Ele para um momento, olhando o cenário, suas mãos firmes em seus quadris.

Posso ouvir o exalar de sua respiração mesmo do topo do convés do *Saad*. Sua alegria é como uma rajada de vento estranho que passa por nós. A tripulação sorri enquanto observam ele encarar um mar de grama e juníperos e, a distância, uma muralha feita de luz. Um castelo espreita das linhas da cidade como uma miragem.

— Ele sempre faz isso — Kolton Torik diz.

A presença dele lança uma sombra atrás de mim, mas todo o medo que o imediato de Elian podia trazer não é real, ele não é nada do pirata assustador que parece ser. Seu rosto é calmo e tranquilo, as mãos enfiadas fundo nos bolsos dos shorts esfarrapados. Quando ele fala, sua voz é profunda mas macia, como um eco após uma explosão.

— Eidýllio é um de seus lugares favoritos — Torik explica.

Acho difícil de acreditar que o príncipe seja uma romântico. Ele parece com alguém que acharia a noção tão ridícula quanto eu. Soube em um instante que Midas não era o seu reino favorito; homens não criam lares se eles já têm um. Mas meu palpite teria sido Ágrios, uma nação valente. Ou o reino guerreiro de Polemistés que eu escolhi como minha falsa origem. Terras para soldados no precipício da guerra. Lutadores e matadores que não veem sentido em fingir ser outra coisa.

Não tinha imaginado que o infame caçador de sirenas possuísse alguma humanidade.

— É um dos meus reinos favoritos também — Madrid diz, inalando o ar. — Eles têm ruas repletas de padarias, com corações de chocolate escorrendo caramelo em cada canto. Até os cartões deles cheiram a doce.

— Por que esse é o reino favorito *dele*? — Eu aponto para Elian.

Kye arqueia uma sobrancelha.

— Adivinhe.

— O que mais você precisa na vida quando se tem amor? — Madrid

pergunta.

Kye bufa.

— É assim que as crianças chamam isso hoje em dia?

Madrid bate nele e quando Kye desvia de seu golpe, ela estreita os olhos.

— Essa era para ser a terra do romance — ela diz a ele.

— Romance é para a realeza — Kye diz ao mesmo tempo que Torik atira um saco vazio no meio do círculo que estamos formando.

Ele tirou a camisa, e eu vejo que seus braços nus estão cobertos por mosaicos de tatuagem, nenhum pedaço de pele poupado da colcha de retalhos cheia de cores. Em seu ombro uma cobra olha para baixo. Amarela, dentes a mostra, silvando a medida que seus bíceps flexionam.

— E o que o capitão é, afinal? — ele pergunta.

— Um pirata. — Kye atira sua espada no saco. — E todos nós sabemos porque piratas vêm a Eidýllio.

Madrid dispara um olhar fulminante para ele.

Arrisco outro olhar de esguelha para príncipe. O vento quente levanta as pontas de seu casaco, e enquanto puxa-as para trás, a ponta de sua faca captura meu olhar. Ela reflete a luz do sol, e então uma pequena veia preta rasteja pelo metal e rouba a luz. Suga ela até que não haja nenhum vislumbre restante na lâmina. Mordo o canto do meu lábio e me imagino segurando algo tão poderoso.

Uma faca que absorve vida e luz.

A postura de Elian fica rígida. Os nós de seus dedos embranquecem em seus quadris, e sua cabeça inclina-se levemente de volta ao navio. Para mim. Como se ele pudesse ler meus pensamentos. Quando ele se vira, faz isso de forma lenta e deliberada, e leva alguns momentos para que seus olhos encontrem os meus entre sua tripulação. Ele me encara, sem piscar, e quando penso que ele vai levantar sua mão e sinalizar para que Madrid atire em mim, ou para que Kye me jogue de volta na caverna de cristal, ele sorri. O lado esquerdo de sua boca puxa para cima, e a ação, de algum modo, parece um desafio.

E então seu olhar se foi e Elian se vira para inspecionar o resto de sua tripulação. Enquanto olha para eles, seu sorriso se torna real e largo o bastante para criar covinhas em suas bochechas cor de bronze.

— Vocês conhecem a rotina — ele diz a tripulação, subindo de volta ao convés. — Tudo afiado ou mortal nos sacos. — Ele olha para mim. — Acha

que você vai caber em um desses sacos?

Lanço um olhar feroz para ele, e sua tripulação relutantemente puxa as espadas dos cintos. Coloca flechas no chão. Revela facas nas dobras de suas calças. Levanta armas que estavam enfiadas na cintura. Em algum momento, Kye tira sua bota e a atira no saco. O sol coberto reflete a luz de uma adaga escondida na sola antes que esta seja enterrada debaixo de uma massa de armas.

Há piratas se desarmando na minha frente. Camada por camada eles removem sua proteção, tirando-a como uma segunda pele. Quando estão prontos, cada um deles parece incomodado, colocando mãos desajeitadas em seus quadris ou tentando alcançar armas que não estão mais lá.

Madrid leva seu dedão a boca e morte forte a unha, enquanto Kye estala suas articulações. Os estalos são rítmicos como as ondas.

— Por que vocês estão fazendo isso? — Pergunto, olhando a pilha de armas.

Se eu puder roubar uma, então posso usá-la no príncipe se ele tentar algo, mas nesse vestido, não há nenhum lugar para escondê-la. Suspiro em frustração, sabendo que não serei capaz de chegar perto o suficiente dele com uma arma à vista.

— Sem armas em Eidýllio — Madrid explica. Ela joga as últimas lâminas gêmeas de cada uma de suas mangas.

— É a lei — Kye continua. — Você não pode tocar o chão se estiver armado, então nós empacotamos nossas armas e as levamos para a muralha. Então deixamos os sacos com os guardas.

— Por que simplesmente não deixam elas no navio?

Madrid olha para seu arpão descartado, horrificada.

— Não se preocupe — ela sussurra para a engenhoca mortal. — Ela não falou sério.

Kye sorri e chuta um dos sacos amigavelmente.

— Não podemos arriscar deixar o nosso melhor metal no navio. Se outro navio atracar aqui, eles podem decidir revistar. É claro — ele diz, lançando um olhar significativo em minha direção, — seria realmente muito estúpido para qualquer um tentar ficar do lado errado do capitão do *Saad*.

Elian espalma uma mão no ombro de Kye. Um canudo de açúcar preto está aninhado dentro de sua boca, carregando o cheiro anis familiar.

— Mas você não pode apostar sua vida achando que as pessoas não serão

estúpidas — Elian diz. — É assim que você acaba com uma faca nas tripas.

Torik levanta o saco cheio de armas do chão e grunhe.

— Então está bem — ele diz. — Cara ou coroa para decidir qual idiota de vocês vai me ajudar a carregar esses sacos.

Kye puxa uma moeda de seu bolso. Uma pirâmide está gravada na face da frente, então eu imediatamente sei que é Midasan. O selo real é inconfundível.

— Cara você perde, coroa eu venço — Kye atira a moeda no ar mas ela passa por Torik antes que ela tenha uma chance de cair. Tão logo a moeda cai no convés aos pés de Torik, Kye fala por cima do ombro — Parece que é meu dia de sorte!

— Vou ficar com esse ouro, seu merdinha — Torik diz a ele, pegando a moeda do chão e polindo-a em sua camisa antes de colocá-la no bolso.

Elian gesticula para Madrid ajudar Torik com o saco e dá uma mordida no doce de alcaçuz. Enquanto seu braço se move do lado do corpo, eu vejo a faca ainda segura embaixo do seu casaco.

Gesticulo para a lâmina.

— Você não segue suas próprias regras?

— Não são minhas regras — Elian diz. — E além disso — ele dá um tapinha no cabo de sua faca, a zombaria preenchendo sua voz — Eu tenho imunidade diplomática.

Kye ri da grama abaixo.

— É assim chamamos a Rainha Galina agora? — Ele pergunta. — Você pode querer contar a Sua Alteza Real que título dela mudou.

— Acho que prefiro não fazer isso.

— Quando irá vê-la? — Madrid pergunta, colocando outro saco de armas em cima do ombro. — Sabe que assim que ela ouvir que atracamos, ela vai mandar guardas para escoltar você até o palácio.

— Ela sempre quer ter certeza de que nós chegamos bem — Elian diz.

Madrid bufa.

— Você quer dizer que ela sempre quer ficar de olho em nós.

Elian encolhe os ombros evasivamente e pressiona uma mão na concha do mar.

Tento ficar indiferente, mas o pensamento da concha estar ao alcance dele me deixa tonta de raiva. O reino marítimo de Keto se manteve escondido dos humanos desde o ínicio dos tempos, perdido em um labirinto de oceano e

mágica tecido pela própria deusa. O segredo de seu paradeiro é a nossa melhor linha de defesa nessa batalha em andamento, e ter essa vantagem destruída por ele – por minha causa – seria impensável.

Mesmo que a concha não funcione com humanos, Elian não é como a maioria dos humanos. Não há como dizer quanto estrago ele poderia causar se capturasse uma sirena e a obrigasse a usar seu poder para guiá-lo a nosso reino. Duvido que haja limites para o seu desejo de livrar o mundo de minha raça. Seus movimentos são tão imprevisíveis quanto seus motivos, e se há algo que eu aprendi nesses últimos dias, é que o príncipe tem um jeito de conseguir o que ele quer. Não estou preparada para deixá-lo segurar a chave para meu reino por tempo suficiente antes que perceba o que ela é.

Elian me conduz do navio para o prado flutuante, a perceptível e permanente mancha de sujeira marcando sua testa. Ele nunca parece exatamente perfeito. Cada vislumbre dele é ofuscado com um estranho desalinho, perceptível mesmo enquanto ele se destaca entre a tripulação improvisada. Parece ser uma maneira de se encaixar entre os ladrões e ladinos que ele encontrou, de modo igual a quando eu era moldada na visão de minha mãe de uma verdadeira sirena. E por causa disso, sei que suas tentativas são infrutíferas. Realeza não pode ser desfeita. Direitos de nascença não podem ser mudados. Corações são para sempre marcados por nossa verdadeira natureza.

— Quando atingirmos a muralha, nós poderemos discutir o seu futuro — Elian diz.

Aperto meus punhos, zangada com a audácia dele e com o fato de que estou sendo forçada a tolerá-la. Nunca a rainha, sempre um soldado.

— Discutir? — Eu repito.

— Disse que queria vir conosco, e quero ter certeza que será útil. Você não pode ser apenas uma prisioneira ocupando espaço no convés.

— Eu estava sob o convés — eu o lembro. — Em uma cela.

— Isso foi de manhã — ele diz, como se fosse distante o suficiente no passado para ser esquecido. — Tente não guardar rancor.

O sorrisinho que ele me dá é muita mais que um insulto e eu escarneço, não me dignando a responder. Em vez disso passo por ele e me certifico de esbarrar meu ombro no dele tão forte quanto consigo. O quanto antes eu tiver seu coração, melhor.

A MURALHA NÃO É feita de luz, mas de pétalas de rosas. Elas são de um branco puro e quando a luz do sol bate nas folhas delicadas, elas brilham como estrelas. No começo, é difícil de dizer se elas são parte da muralha ou a própria muralha em si. Pequenas aparas de flores de algum modo criando uma barreira ao redor da capital de Eidýllio. Conforme nos aproximamos, vejo a ponte levadiça de mármore sólido começar a descer, partindo as flores ao meio.

Uma vez que pisamos dentro da cidade, sou atingida pelo cheiro de pão de açúcar e hortelã. Mercados cheios de barracas se alinham nas ruas de calçada curva, cada pedra agindo como uma ondulação. Na entrada, um comerciante se inclina sobre um barril de grosso chocolate e mistura-o com uma colher que é quase do mesmo tamanho que ele. Clientes lambem mel morno dos dedos e respingam leite em camisas de cetim.

Quando abro minha boca para suspirar, o ar se carameliza na minha língua.

Nunca estive em uma cidade humana e me maravilho com sua abundância. Quantas pessoas. Quantas cores e cheiros e sabores. A maneira que suas vozes se misturam em sussurros e rugidos enquanto seus pés batem contra os paralelepípedos. Tantos corpos se movendo e colidindo. Há uma loucura enervante nisso. Como eles respiram, com tão pouco espaço? Como eles vivem, com tanta desordem? Apesar de não querer, me aproximo de Elian. Há conforto em sua presença e no quão tranquilo ele finge estar. Como se ele pudesse pertencer a qualquer lugar se realmente quisesse.

Os guardas parecem reconhecê-lo. Eles sorriem e cumprimentam o príncipe com reverências breves antes de abrir os sacos de armas que Torik deixa cair na estação deles. Apesar da faca de Elian estar coberta por sua jaqueta, ela não é completamente imperceptível e ele não se importa em escondê-la.

Os guardas se aproximam de sua tripulação, embora com cautela, e começam a revistar o primeiro deles. Sentem seus bolsos e correm suas mãos pelas linhas de suas roupas, procurando por qualquer armamento escondido. Quando chega a vez de Madrid, ela mexe as sobrancelhas zombeteiramente e Kye revira os olhos.

Eles continuam revistando ao longo do grupo, passando direto por Elian. Parece que ele estava certo sobre sua chamada ‘imunidade’. Ou a influência

de Elian se estende muito além de seu próprio reino Midasan, ou a Rainha Galina de Eidýllio realmente tem uma fraqueza por piratas.

Um guarda se aproxima de mim e gesticula para que eu estenda meus braços. Ele é mais alto que eu por pelo menos duas cabeças, com uma barba laranja desigual que se estende pescoço abaixo. Sua pele é branco como osso, uma versão menos imaculada da minha própria pele. Ou uma versão da minha antiga pele, antes da maldição de minha mãe. Ainda não vi como é minha nova aparência. Prefiro não saber como os traços humanos mancharam um rosto que já afundou navios.

O guarda dá mais um passo para perto de mim e sinto o cheiro de fumo velho em seu uniforme.

— Toque em mim — digo a ele — E eu vou quebrar cada um de seus dedos.

Seus olhos vagam sobre meu corpo, examinando como o vestido branco e amassado se agarra estranhamente aos meus ombros afiados. Ele deve decidir que eu não represento uma ameaça muito grande, porque ele rapidamente agarra meus braços e os separa como asas.

Aproveito seu descuido como vantagem, confiante de que mesmo sem minha força, ainda sou mortal. Posso não ter minhas presas, ou mesmo minha voz, mas sou a filha de minha mãe. Sou a criatura mais mortífera nos cem reinos.

Puxo meu braço estendido das mãos do guarda e puxo seu pulso, então movo meu cotovelo e faço-o estalar em sua cara presunçosa. Quando me movo, há um baque satisfatório, mas não é o som de osso quebrando.

É o som de eu sendo arremessada no chão.

O guarda segurou o meu braço e me atirou com força suficiente para meu cotovelo raspar contra o cascalho. A dor atravessa minha pele e sinto fúria como nunca senti antes. Poderia tê-lo matado com uma mão se estivéssemos no oceano. Uma canção. E ainda assim agora estou me acovardando enquanto meus braços latejam sob meu peso. Como posso esperar derrubar uma sirena treinada para ser assassina quando não posso lidar com um guarda patético?

Olho com raiva e o guarda move sua mão para o quadril, puxando a espada de seu cinto até a metade. Seus camaradas pegam suas pistolas. Posso ver a raiva em seus olhos, como se eles pensassem em me retribuir por ter tentado atacar um deles. Mas eles não atiram. Em vez disso olham para o príncipe.

Elian encara de volta com uma expressão indiferente. Ele está sentado no

balcão da estação de batedores, uma perna levantada na madeira envernizada, joelho descansando na dobra do cotovelo. Em uma mão, ele segura uma maçã da cor de botões de rosas.

— Uma recepção muito calorosa — ele diz, e pula do balcão.

O guarda seca o nariz com as costas da mão.

— Ela tentou me *bater* — ele rosna.

Elian dá uma mordida na maçã.

— Ela também ameaçou quebrar seus dedos — ele diz. — Você deveria agarrá-la de novo e descobrir se ela estava blefando.

— Eu estava apenas procurando por armas. Nós precisamos checar todos que entram no reino. É a lei.

— Não todos. — Enquanto Elian move sua mão para a cintura, e há um lampejo da faca que ele nunca parece deixar fora de sua vista. Se os guardas não a havia notado antes, eles notaram agora. E é óbvio que isso é exatamente o que Elian quer.

O guarda vacila.

— Ela poderia estar escondendo uma arma — ele argumenta, mas há menos convicção em sua voz.

— Certo — Elian acena. — Tantos lugares que ela poderia tê-la guardado. — Ele se vira para mim e estende sua mão. — Me dê o arco que você tem debaixo de sua saia e eles vão te deixar ir com um tapinha no pulso.

Sua voz é impassível e quando apenas encaro em resposta, Elian se vira de volta para o guarda e atira seus braços para cima, como se eu estivesse sendo difícil.

— Você vai ter que atirá-la na masmorra — Kye diz, aparecendo ao lado de Elian. Não tenho completa certeza de que ele está brincando. — Ela claramente faz parte de algum grupo da elite contrabandista.

Elian se vira para ele e ofega, colocando uma mão em seu coração.

— Deuses — ele diz, baixando a voz para um sussurro conspiratório. — E se ela for uma *pirata*?

Kye bufa, e após um momento percebo que estou sorrindo também.

Não consigo me lembrar a última vez que eu realmente ri. Estive tão concentrada em agradar minha mãe que encontrar qualquer alegria parecia irracional. Não que isso importasse; eu poderia ser o monstro perfeito e não andiatira nada. Se eu a desaponto, sou um fracasso. Mas se eu me sobressaio, provo meu valor como uma governante e esse é um pecado muito maior.

Penso em qual será sua expressão quando eu a presentear com o Segundo Olho de Keto e jogá-lo no chão como uma luva.

O guarda nos deixa passar e quando eles se movem para o lado, a cidade abre seus braços. Ninguém dá uma segunda olhada em mim. Me misturo às pedras, me fundindo com todos os outros rostos no mercado. Sou totalmente insignificante pela primeira vez. É tão libertador quanto enlouquecedor.

— Olhe bem — Elian diz. — Essa poderia ser sua nova casa.

Seu chapéu está pendurado ao seu lado, preso no cabo de sua faca. Escondendo a arma e chamando atenção para ela ao mesmo tempo. Ele quer ser notado. Ele é incapaz de passar despercebido.

Cruzo meus braços sobre o peito.

— Você realmente vai me deixar aqui se não me achar útil o suficiente?

— Prefiro o termo abandonar — ele diz. — Desertar. Despejar. Empurrar sem pena para fora do caminho. — Ele empurra um cacho de cabelo negro e grosso para fora de seus olhos. — Você precisa admitir que Eidýllio é melhor que a prancha — ele diz. — Ou uma cela.

Nesse momento acho que preferiria qualquer um dos dois. A sensação de terra sob meus pés é estranha, e a sua firmeza puxa meu estômago em muitas direções diferentes. Anseio por água batendo contra minhas presas ou até mesmo o balanço do *Saad*. Tudo na terra firme é muito parado. Muito permanente.

— Você não sente falta?

Não sei porque estou perguntando, como se Elian e eu tivéssemos alguma coisa em comum. Deveria partir enquanto posso. Deveria matá-lo enquanto posso. Esquecer de esperar até que ele me leve ao Olho. Esquecer de tentar derrubar minha mãe, e só tomar o coração dele como ela exigiu, garantindo meu lugar como herdeira dela novamente. Se voltar com armas humanas poderosas o suficiente, com certeza posso enfrentá-la.

Em vez disso simplesmente digo:

— Do oceano — e os olhos de Elian se estreitam.

— Ainda está lá fora — ele diz.

— Por enquanto. Nós estamos caminhando faz três horas.

— Ele nunca está longe demais, Você está esquecendo que todo esse lugar é o delta do rio.

Existem limites para o meu Midasan e quando eu encaro inexpressivamente à menção de um delta do rio, Kye solta um longo suspiro

próximo da tenda de um mercado.

— Ah, vamos lá — ele lambe o chocolate de seu dedo. — Não me diga que você não conhece a geografia centuplicada.

— É como Kardián foi feita — Madrid explica. Seu cabelo está em dois rabos altos agora, e quando ela fala, ela os aperta ainda mais. — O delta de um rio formado do Eidýllio, e os primos da família real decidiram que eles mereciam sua própria nação. Então eles o tomaram o território e se proclamaram rei e rainha.

— Esse é o meu tipo de pessoa — Kye levanta seu punho no ar como um brinde.

— Seu tipo de pessoa não é o tipo de pessoa de ninguém — Madrid diz. — Você é unicamente idiota.

— Você me conquistou em *único* — Kye diz, e então se vira para mim. — Tudo que separa Kardián e Eidýllio são rios e estuários. Eles estão por todos os lados que você olhar.

Me lembro do comentário de Torik no *Saad*, sobre como Eidýllio era o reino favorito de Elian. Na hora eu não consegui entender o porquê - o príncipe desonesto cativado por uma terra de amor parecia estranho na melhor das hipóteses e ridículo na pior – mas agora, começo a entender.

— É por isso que você gosta daqui — eu digo a Elian. — Porque o oceano nunca está longe demais.

Ele sorri, mas quando está prestes a responder, Torik coloca uma mão em seu ombro.

— Nós temos que ir andando, Capitão. O Acasos só guarda nossos quartos por duas horas depois do pôr do sol.

— Pode ir — Elian diz a ele. — Estou logo atrás de você.

Torik dá um aceno curto e quando ele se vira para ir, o resto da tripulação segue sua liderança. Exceto por Kye, que se demora na borda da multidão com uma expressão insondável. Ele aperta a mão de Madrid - apenas uma vez - e então observa enquanto ela desaparece. Quando ela não está mais à vista, ele se vira de volta para Elian e eu, seu rosto adquirindo uma seriedade súbita.

Parece que o príncipe raramente é deixado sem guarda.

— Devo uma coisa a você — Elian diz. — Ou, tecnicamente, você deve a mim, já que eu a salvei do afogamento. Mas não sou do tipo que guarda dívidas de vida. — Há um lampejo de um sorriso enquanto ele desenrola

minha concha do mar de seu pescoço. Algo parecido com esperança toma conta de mim. Meus dedos se contraem ao meu lado. — Aqui — ele diz, e a atira para mim.

Assim que a concha escarlate toca minha mão, poder flui através de mim. Meus joelhos quase cedem enquanto sinto uma força terrível retornar. Meus ossos endurecem, minha pele cristaliza. Por um momento meu coração volta ao que era. E então há um sussurro que lentamente se torna um murmúrio. Posso ouvir o chamado do Mar Diávolos e do reino de Keto. Eu posso ouvir meu lar.

E então some. Assim como meus poderes.

A sensação desaparece tão rápido quanto surgiu. Meu corpo amolece e minha pele se torna morna e macia. Ossos tão facilmente quebráveis. Coração vermelho e batendo mais uma vez.

O oceano está silencioso.

— Lira.

Levanto meus olhos para encontrar os de Elian. Ainda não me acostumei com o som de meu nome quando ele pronuncia com seu sotaque. Como uma das canções que eu costumava cantar. Uma melodia tão doce quanto mortal.

— Se você sente falta do oceano — ele diz, — então Reoma Putoder é o lugar com água mais próximo que você irá encontrar. No dia sagrado, os moradores atiram pedras na cachoeira para rezar por seus amores perdidos. O acesso é proibido durante o resto da semana, mas eu não duvido de que você será capaz de contornar isso.

Ele começa a se mover e eu entro na sua frente.

— Espere — digo. — Pensei que você tinha dito que queria que eu me provasse digna de ir com você. Te disse que tenho informações sobre o cristal que você procura e de repente você não vai nem considerar um acordo?

— Eu fiz acordos o suficiente ultimamente — Elian diz. — E a última coisa que preciso é de alguém lento nessa missão. Especialmente alguém que não posso confiar. Além do mais, você não pode me oferecer nada que eu já não saiba. — Elian ajeita seu chapéu de volta na cabeça com um giro gracioso e inclina-o para frente em minha direção. — Se você for ao Reoma Putoder — ele diz. — Tente não se afogar dessa vez.

Ele não olha para mim novamente antes de se virar para fazer seu caminho pelo mercado e na direção de Kye. Eu os vejo brevemente parados juntos e então, assim, eles desaparecem na multidão.

EU LEVO A maior parte de uma hora para encontrar o Reoma Putoder. Não peço ajuda porque meu orgulho não vai aguentar outro humano me resgatando. Principalmente, porque minha paciência não vai aguentar outro humano falando comigo. Já fui parada mais de uma dúzia de vezes por moradores me oferecendo comida e roupas mais quentes, como se eu fosse precisar disso nessa temperatura sufocante. Há alguma coisa a respeito de uma garota vagando sozinha em um vestido amassado e velhas botas piratas que os deixa nervosos.

Aposto que arrancar seus corações seria mais enervante ainda.

O Reoma Putoder é uma cachoeira com uma lagoa com a cor do mais puro branco que, em algum lugar distante, desnágua o oceano. Eu a ouvi antes de vê-la, perdida em passagens infinitas de padarias, o cheiro de pastéis se agarrando à minha pele como perfume. Soava como trovões e houve alguns instantes hesitantes em que tive certeza que era trovões. Mas quanto mais perto eu chegava, mais reconhecível era o som. Água tão poderosa que lançou arrepios através de mim.

Me sento quieta na base da cachoeira, minhas pernas suspensas sobre a borda da lagoa. É tão quente que volta e meia preciso tirar meus pés da água e deixá-los descansar sobre a grama orvalhada. No fundo da água, descansando em uma areia que parece neve, estão milhares de moedas de metal vermelho. Elas brilham no cascalho como pequenas gotas de sangue.

Mexo na concha do mar. Pressioná-la na minha orelha não traz nada além de um silêncio insuportável. Estive tentando isso desde que Elian me deixou na feira. Na caminhada para a cachoeira, eu a segurei contra mim desesperadamente, na esperança de que com o tempo fosse falar comigo novamente. Houve alguns momentos em que quase enganei a mim mesma pensando que podia ouvir o eco de uma onda. O rugido de uma tempestade marítima. A risada borbulhante de minha mãe. Realmente, o único som era o zumbido em meus ouvidos. Todo aquele poder, perdido. Uma lembrança de meu verdadeiro eu pendurada na minha frente apenas para me deixar com saudades. Me pergunto se esse é outro dos truques de minha mãe. Me deixar ficar com a concha apenas para que ela possa me provocar com os ecos de meu legado destruído.

Seguro a concha com mais força. Quero senti-la em lascas contra minha pele. Quero vê-la rachada e quebrada. Mas quando eu abro minha mão, está

intacta, não danificada, e tudo o que sobra é uma marca em minha palma. Com um grito, levanto meu braço acima de minha cabeça e atiro a concha dentro da água. Ela cai com um 'plop' e então afunda lentamente até o fundo. Eu posso ver cada momento de sua descida vagarosa até que finalmente se instala contra o leito de água.

Então há um clarão. Fraco a princípio, mas logo se espalha em orbes e brasas. Eu recuo. Em todo o tempo que usei conchas do mar para comunicação com sirenas, ou mesmo como uma bússola para meu reino, raramente vi isso. Ela ouve o meu chamado como se pudesse sentir meu desespero, alcançando as águas para procurar por outra de minha espécie. Em vez de um mapa, está agindo como um farol.

E então, quase sem demora alguma, Kahlia aparece. O cabelo loiro de minha prima desliza ao longo da água, caindo no rosto dela para que seus olhos não possam encontrar os meus.

Fico de pé em um pulo.

— Kahlia — eu digo com espanto. — Você está aqui.

Ela acena e estende sua mão. Descansando seus longos, espinhosos dedos em minha concha do mar. Ela a atira na grama aos meus pés.

— Eu ouvi seu chamado — ela diz silenciosamente. — Você já tem o coração do príncipe?

Franzo o cenho quando a cabeça dela permanece curvada.

— Qual é o problema? — Eu pergunto. — Você não pode olhar para mim agora?

Quando Kahlia não faz nada além de sacudir a cabeça, sinto uma pontada de dor. Uma vez ela me admirou tão venenosamente que fez minha mãe odiá-la por isso. Durante minha vida inteira, Kahlia permaneceu sendo a única em nosso reino com quem eu achava que me importava, e agora ela não pode nem me olhar nos olhos.

— Não é isso — Kahlia diz, como se pudesse ouvir meus pensamentos.

Ela levanta a cabeça e há um sorriso tênue em seus lábios finos e cor de rosa enquanto ela mexe estranhamente no corpete de algas ao redor de seu peito. Ela repara na minha forma humana e em vez de parecer assustada ou enojada, ela parece apenas curiosa. Ela inclina a cabeça. Seu olho amarelo-leite está aberto e brilhando. Mas seu outro olho, o que combina perfeitamente com o meu próprio, está fechado e machucado, preto.

Ranjo a mandíbula, forçando osso no osso.

— O que aconteceu?

— Precisava haver uma punição — ela diz.

— Pelo quê?

— Por ajudar você a matar o príncipe de Adékarosin.

Dou um passo ultrajado para a frente, os pés oscilando na borda da lagoa.

— Eu recebi a punição.

— A maior parte dela — Kahlia diz. — O que é motivo pelo qual estou viva ainda.

Um arrepio corre através de mim. Eu deveria ter sabido que minha mãe não ficaria satisfeita punindo uma sirena quando ela poderia punir duas. Por que me fazer sofrer sozinha? É uma lição que ela me ensinou tão frequentemente antes. Primeiro com Crestell e agora com sua própria filha.

— A Rainha do Mar com certeza é misericordiosa demais — eu digo.

Kahlia me oferece um sorriso débil.

— O príncipe ainda tem seu coração? — Ela pergunta. — Se você trazê-lo de volta, isso estará acabado. Você pode voltar para casa.

A esperança desesperada em sua voz me faz vacilar. Ela está com medo de retornar ao Mar Diávolos sem mim, porque se eu não estiver lá, então ninguém vai protegê-la de minha mãe.

— Quando nós nos conhecemos, eu estava muito fraca após quase me afogar para matá-lo.

Kahlia sorri.

— Como ele é? — Ela pergunta. — Comparado aos outros?

Considero contar a ela sobre a bússola de discernimento da verdade de Elian e da faca que ele carrega que é tão afiada quanto seu olhar, bebendo o sangue que derrama. Como ele cheira a pescadores e a sal do oceano. Em vez disso, digo algo totalmente diferente. Algo que ela vai achar muito mais atrativo.

— Ele me trancou em uma cela.

Kahlia solta uma risada.

— Isso não soa muito principesco — ela diz. — A realeza humana não deveria ser amável?

— Ele tem coisas mais importantes para se importar, eu suponho.

— Tipo o quê? — A voz dela é ansiosa enquanto ela afasta uma corda de algas de seu braço.

— Caçar lendas — eu explico.

Kahlia me lança um olhar provocador.

— Você não foi uma dessas?

Levanto minhas sobrancelhas com a indireta, satisfeita ao ver alguma luz retornar ao rosto dela.

— Ele está procurando pelo Segundo Olho de Keto — eu digo.

Kahlia nada para a frente, largando os braços na grama encharcada aos meus pés.

— Lira — ela diz. — Você está planejando algo perverso, não está? Posso adivinhar?

— Isso depende inteiramente em quanto você gosta de brincar de soldadinho para sua amada tia.

— A Rainha do Mar não pode esperar devoção se ela prega o oposto — Kahlia diz, e eu sei que ela está pensando em Crestell. A mãe que desistiu de sua vida por ela em um ato de devoção que minha própria mãe pôde apenas zombar.

Não me surpreende que Kahlia estava ávida para se voltar contra a Rainha do Mar. A única coisa que já me surpreendeu é sua fidelidade contínua em mim. Mesmo depois do que fiz. O que fui obrigada a fazer. De alguma forma, a morte de Crestell nos uniu em vez de nos separar como minha mãe tinha esperado. Não consigo evitar me sentir presunçosa com o olhar de astúcia de Kahlia. Esperado ou não, a amostra de lealdade é muito satisfatória.

— Se o príncipe me levar ao Olho, então o poder que ele tem me faria uma igual a Rainha do Mar. — Eu encaro o olhar de minha prima. — Eu posso impedi-la de ousar tocar qualquer uma de nós novamente.

— E se você falhar? — Kahlia pergunta. — O que acontece conosco então?

— Não vou falhar — eu digo a ela. — Tudo que eu preciso é compartilhar o suficiente de nossos segredos para fazer o príncipe confiar em mim e ele vai me receber bem a bordo.

Kahlia parece duvidosa.

— Você está fraca agora — ela diz. — Se o príncipe descobrir quem você é, então ele poderia matar você do mesmo jeito que ele matou Maeve.

— Você sabe disso? — Pergunto, embora eu não devesse ficar chocada. A Rainha do Mar sente a morte de cada sirena, e agora que ela está mantendo Kahlia tão próxima de si em minha ausência, não duvido que minha prima estivesse lá quando ela sentiu.

Kahlia assente.

— A Rainha do Mar tratou como se não fosse nada.

A hipocrisia daquilo me atinge. Minha mãe mostrou mais emoção quando eu matei uma relés sereia do que quando uma de nossa própria espécie foi estripada no convés de um navio pirata. Nossas mortes não são nada além de um pequeno aborrecimento para ela. Eu me pergunto se o verdadeiro motivo de ela querer matar os humanos não é tanto pelo bem de nossa própria espécie, mas apenas para que ela possa parar de sofrer as inconveniências de nossas mortes. Nós somos descartáveis nessa guerra. Cada uma de nós é facilmente substituível. Até mesmo eu.

Talvez, principalmente eu.

— Isso vai mudar logo — eu digo. Me estico e apoio uma mão no braço de Kahlia, minha palma parecendo um estranho cobertor de calor sobre o gelo da pele dela. — Vou tomar o Olho e o trono da Rainha do Mar junto com ele.

# 20

# *Elian*

NO PALÁCIO, SEMPRE É difícil saber quem está em sã consciência.

Paro sozinho no hall de entrada e aperto meu colete perto. Pareço principesco, o que é exatamente algo que odeio e, sempre, como a Rainha Galina me quer. O sol de Eidýllio sumiu há muito tempo, e com ele o céu manchado de tinta mudou para tons de meia noite. Dentro do palácio, as paredes são de um vermelho suave, mas debaixo da luz de tantos candelabros elas parecem quase laranja. Como sangue lavado.

Tento não segurar minha faca.

Loucura se move a uma velocidade inumana aqui, e mesmo eu não sou rápido o suficiente para pará-la. Me sinto desconfortável nesse lugar, sem minha tripulação ao meu lado, mas trazê-los aqui iria significar quebrar um pacto entre as famílias reais do mundo. Contar a eles um segredo que nunca deve ser conhecido por ninguém, especialmente por piratas. Então em vez de trazer minha tripulação, eu minto para eles. Minto para todo mundo atualmente. Sussurro para minha irmã histórias de como a vida de pirata é mundana. Nem mesmo pisco quando conto para minha tripulação sobre a Rainha Galina e como ela gosta de me ter só para si mesma.

Apenas Kye sabe uma ou outra coisa, o único aspecto favorável de ser o filho de um diplomata que nós encontramos até agora. Estar consciente dos segredos reais - ou saber as sujeiras dos líderes mundiais para usar quando conveniente - é algo em que o pai de Kye se especializa. E Kye, que normalmente faz questão de ser um paradoxo em sua alta linhagem, manteve esse traço. É a única coisa que ele herdou de seu pai.

— Você tem certeza de que não me quer lá? — Ele perguntou no caminho para o Acaso.

Olhei pra trás para ver se Lira ainda estava parada no centro da praça do mercado, mas estava muito cheio e nós estávamos indo muito rápido e ela era muito esquiva para ser chamativa em uma multidão.

— Preciso que a Rainha Galina confie em mim — eu disse. — E você lá não irá ajudar em nada.

— Por quê?

— Porque ninguém confia em diplomatas.

Kye acenou como se esse fosse um ponto válido, e enfiou as mãos em seus bolsos.

— Mesmo assim — ele disse. — Seria bom para você ter reforços caso Galina não goste do seu plano para manipular o reino dela.

— Sua confiança em mim aquece meu coração.

— Nada contra o seu charme — ele disse. — Mas você realmente acha que ela vai cair nessa?

— Tudo que você acabou de dizer vai exatamente contra meu charme — bato meu ombro no dele. — De qualquer modo, a tentativa é válida. Se há qualquer chance de que a Rainha Galina possa me ajudar a sair de uma aliança de casamento com alguém completamente capaz de me matar enquanto eu durmo, então eu vou tentar.

— Você diz isso como se Galina não fosse completamente capaz de matá-lo enquanto você está acordado.

Ele tinha razão, é claro. Kye sempre tinha um hábito de ter razão, especialmente onde mulheres perigosas estavam envolvidas. Ainda assim, eu o deixei para trás com os outros, porque embora um reforço seria bom, não havia uma mísera chance que Galina deixaria um pirata entrar seu palácio.

Eu olho para baixo para minha camisa para checar que meus botões estão fixos, só para confirmar – alguns crimes não serão tolerados – e fico um pouco mais ereto. Penteio o cabelo com minha mão. Já sinto falta de meu chapéu e de minhas botas e de tudo mais que mantém o *Saad* comigo quando ele está ancorado.

Mas Galina realmente odeia piratas.

Ela confia mais em mim quando pode ver o príncipe de ouro ao invés do capitão do mar. Apesar de haverem muitas coisas que nunca vou entender

sobre ela, essa não é uma delas. Eu mal confio em mim mesmo quando estou usando meu chapéu.

— Ela está aguardando você.

Um guarda sai das sombras. Ele está coberto da cabeça aos pés em armadura vermelha, nem um único pedaço de pele à mostra. Seus olhos flutuam sem rumo em um mar de tecido vermelho. É assim que a maioria dos guardas e funcionários domésticos se vestem. Para nunca terem qualquer chance de serem tocados diretamente.

Eu o observo com cuidado.

— Estava esperando por você — eu digo a ele. — A porta parece muito pesada para que eu possa abrir sozinho.

Não consigo dizer se ele sorri ou me encara com raiva, mas ele definitivamente não pisca. Depois de me olhar por um mero segundo, ele dá um passo à frente e coloca sua mão na porta.

O aposento é diferente. Não apenas do resto do palácio, mas de como era da última vez que eu estive aqui. As paredes de mármore se tornaram carvão e estão grossas com cinzas velhas e cheiro de queimado. O teto se estica para alturas intermináveis, com grandes pedaços de madeira, e nada tem cor além do chão. É a única coisa vermelha, polido até brilhar.

E no canto distante, em um trono com o formato de um coração sangrento, a Rainha de Eidýllio sorri.

— Olá, Elian.

O guarda fecha a porta, e a Rainha Galina me chama para a frente. Seu cabelo preto desliza pela cintura e para o chão em cachos apertados. Está arrumado com pétalas de rosa que saem dela como pequenas penas. Sua pele castanho escuro se mistura com o vestido de cetim que começa no queixo e termina depois dos pés.

Ela estica sua mão atrás da minha, dedos esticados como uma teia de aranha.

Eu a avalio por um momento e então ergo uma sobrancelha, porque ela deveria saber melhor. Ou pelo menos, estar consciente de que eu sei mais.

A lenda de Eidýllio diz que qualquer um que toque um membro da família real vai instantaneamente encontrar sua alma gêmea. O segredo de Eidýllio, que apenas as famílias reais dos cem reinos – e a família de Kye, aparentemente – conhecem, é um pouco diferente. Porque o dom, passado para as mulheres da família, não ajuda homens a encontrar o amor, mas a

perder suas vontades completamente. Tomados por devoção e luxúria infindáveis, até se tornarem fantoches estúpidos.

Me sento no sofá oposto aos tronos, e Galina baixa sua mão com um sorrisinho. Ela se reclina para trás e estica suas pernas para os azulejos.

— Você veio me visitar — Galina diz. — O que deve significar que você quer alguma coisa.

— O prazer de sua companhia.

Galina ri.

— Nenhum de nós é uma companhia agradável.

— O prazer de sua companhia e uma barganha mutuamente benéfica.

Galina senta-se um pouco mais ereta.

— Uma barganha, ou um favor? Eu prefiro favores — ela diz. — Especialmente quando eles deixam príncipes em dívida comigo.

O rosto de Sakura passa pela minha cabeça, e me lembro da barganha que fiz com ela. Meu reino, pelo fim da praga de sirenas.

— Tenho em dívidas suficientes com realezas — eu digo.

— Estraga prazeres — Galina provoca — Não vou pedir muito. Apenas uma região ou duas. Talvez um beijo.

Geralmente eu mantenho esse jogo de gato e rato por mais tempo. Deixo-a brincar comigo através de ameaças pouco discretas de encostar pele na pele, como se ela fosse ousar me tornar um de seus joguetes. Em um dia normal, nós fingiríamos. Eu, estando com medo de que ela fosse me tocar. E Galina, que fosse corajosa o suficiente para considerar isso. Mas a verdade é, apesar de todas as suas falhas – e da última vez que contei, haviam muitas – Galina não tem pouca alegria com suas habilidades. Até mesmo levou o rei a se virar contra ela quando ele ficou cansado de proteger o segredo dela por um casamento que não oferecia nenhuma intimidade.

Galina não segurou sua mão ou chegou perto o bastante para que suas peles se tocassem, tampouco compartilhou uma cama com ele na noite de núpcias ou em qualquer noite que se seguiu. Eles dormiam em partes distantes do palácio, em alas separadas com criados separados e comiam praticamente do mesmo jeito: em pontas opostas de uma mesa grande o bastante para sentarem vinte pessoas. Informação que nós não deveríamos saber, mas depois que o rei bebia, ele falava mais do que o suficiente sobre tais assuntos.

Diferentemente de suas predecessoras, Galina não tinha nenhum desejo de

forçar alguém a amá-la ou garantir herdeiros. Ela não queria que seu marido lentamente ficasse louco com a devoção, e em vez disso ele lentamente ficou louco por cobiça. Ele queria mais do que ela podia oferecer – seu reino, se ele pudesse – e o resultado foi um golpe mais sangrento que a maioria das guerras.

Desde sua traição, ela parece ter escolhido uma vida mais solitária. *Não haverá segundo marido, ela disse às outras famílias governantes. Eu não tenho interesse em ser traída novamente ou em passar minha maldição a quaisquer crianças. E então em vez disso ela protege berçários de Orfaná, que acolhe todas as crianças indesejadas do mundo.*

Não continuar sua linhagem é ruim o suficiente, mas escolher governar sozinha fez seu país sofrer. Com Kardiá ganhando poder, Galina precisa de alguém ao seu lado para fazer as coisas que seu dom a impedem de fazer, como se conectar com as pessoas e ser calorosa, coisas que ela tem medo de fazer. E eu preciso de alguém que possa me livrar do meu acordo com Sakura.

Caminho na direção do trono e estendo um pedaço de pergaminho.

Dessa vez, estou muito nervoso para fingimentos. A relutância de Galina em se casar novamente me diz tudo o que eu preciso saber e, em uma virada oportuna do destino, apresenta uma solução deveras interessante para um de meus muitos problemas. Raramente karma me concede tais favores.

Galina toma o pergaminho de mim e seus olhos examinam o papel, primeiro com uma expressão confusa e então com um sorrisinho intrigado. É exatamente o tipo de reação pela qual eu estava torcendo.

— Príncipe Elian — ela diz. — Como você pôs suas mãos em algo como isso?

Dou um passo à frente, o mais próximo que posso chegar sem arriscar minha sanidade.

— Do mesmo lugar que você pode conseguir tudo que já quis.

AS COISAS ESTAVAM INDO BEM. Ou melhor, elas tinham se enroscado em uma grande bagunça, e eu estava chegando perto de desenroscar. Galina se fez de recatada, mas havia uma sede inegável em seus olhos que me deu esperança. *Mutuamente benéfico*, ela meditou, jogando minhas palavras de volta para mim.

Seu apoio significaria uma coisa a menos para pensar nessa missão impossível. E com Lira finalmente fora de meu navio, eu também tenho uma pessoa a menos para me preocupar em confiar. Tudo em um dia de trabalho.

Luto para tirar o rosto de Lira de minha mente enquanto caminho pelas ruas escassas de Eidýllio. Quando devolvi a concha do mar, ela tinha uma expressão estranha em seus olhos. Como se eu fosse idiota e maravilhoso ao mesmo tempo. Como se eu fosse um tolo e ela estivesse feliz por isso.

Respiro fundo e pressiono minhas palmas contra meus olhos, tentando afastar o sono. Quando ela me disse que a Rainha do Mar tinha se vingado de sua família, me parecera sincero o bastante, e a bússola, ainda que incerta, apontava para o norte do mesmo jeito. Ainda assim, não consigo me livrar da sensação de que alguma coisa não está certa. Que não importa quantas verdades ela possa me dar, existem mentiras escondidas junto.

Ando pela rua do mercado vazio, que está cheia de migalhas. A noite é quente e doce, mesmo com a lua abafando o céu. As estrelas aqui são mais claras que na maioria dos reinos, e é difícil para mim continuar caminhando. Não sem parar e me maravilhar com elas. Deitar nos paralelepípedos e pensar sobre suas histórias, da maneira que faço a bordo do *Saad*.

Me dirijo ao Acaso. Nós ficamos aqui toda vez que aportamos em Eidýllio, porque é uma pousada e uma taverna, e existem poucas coisas que não podem ser resolvidas com sono e rum. Enquanto vou até lá, uma sinfonia de passos segue atrás dos meus. Diminuo meu ritmo e deslizo para um beco próximo marcado por bancos abandonados. É um beco fino, e uma linha de estrelas brilham no alto como postes de luz.

Me encosto na parede, sentindo os tijolos quentes contra as minhas costas. Os passos se tornam incertos, procurando. Há um pequeno momento de hesitação, quando o mundo fica silencioso e tudo que eu escuto é o sopro baixo do vento. Então os passos me seguem para dentro do beco.

Não espero meu agressor atacar. Eu saio das sombras, com mão posicionada sobre minha faca. Preparado para estripar quem quer que seja estúpido o bastante para tentar atingir o capitão do *Saad*.

Uma garota está parada na frente do beco, metade nas sombras, com o cabelo ruivo escuro se agarrando às suas bochechas. Quando ela me vê, ela coloca as mãos sobre os quadris, exasperada. Seus olhos me inundam como veneno.

— Por que você está se escondendo? — Lira pergunta. — Eu estava

tentando seguir você.

Solto um longo suspiro e embainho minha faca.

— Tenho certeza de que já me livrei de você.

Lira dá de ombros, sem se ofender, e eu considero o que custaria para irritá-la. Ela se desvia de todo e qualquer comentário como se eles não fossem nada mais que um incômodo. Como se ela tivesse coisas muito melhores para fazer do que se preocupar com o que eu ou minha tripulação pensa dela.

Lira me estuda.

— Por que você parece como um príncipe de repente? — Ela pergunta.

— Eu sou um príncipe — digo, e me movo para passar por ela.

Lira caminha ao meu lado.

— Não normalmente.

— O que você saberia sobre ser normal?

O rosto de Lira permanece impassível, e mais um vez eu falho em causar qualquer tipo de impacto. Então ela revira os olhos, como se em acordo. *Agora, eu vou agir irritada. Apenas para agradá-lo, Sua Alteza*.

— Você está certo — Lira me diz.

Ela puxa o tecido de seu vestido. É uma coisa velha e esfarrapada que Madrid encontrou enfiada em uma arca embaixo do convés. Um vestido conseguido em um saque de um navio pirata. Eu tenho quase certeza de que já foi bonito, do mesmo jeito que tenho quase certeza que estava sendo usado para limpar o arpão de Madrid no último ano. Foi o melhor que pude fazer em pouco tempo, a não ser que Lira quisesse ser vestida como um pirata, o que eu duvidava.

Ainda assim, olhando para ela agora, o homem decente em mim se sente um pouco envergonhado.

Lira para de caminhar para apertar as pontas de seu vestido em ambas as mãos e então se abaixar na direção do chão em uma reverência sardônica. Paro também, lançando a ela um olhar mordaz, e ela escarnece, o que é o mais próximo de uma risada que já ouvi dela.

— Rainha Galina não é muito fã de piratas — eu digo a ela, enquanto me viro e começo a caminhar novamente. Lira me segue. — Não é como se eu gostasse de me vestir assim.

Puxo meu colarinho, que de repente parece apertado ao redor de meu pescoço. Há silêncio, e Lira para prontamente de caminhar. Eu me viro para

vê-la, uma pergunta em meus olhos, mas ela apenas encara.

— Aqui — ela diz, e tenta alcançar minha faca.

Recuo e agarro seu pulso antes que ela tenha a chance. Lira me lança um olhar depreciativo, como se eu fosse mais idiota do que ela tinha pensado. Posso sentir seu pulso batendo debaixo de meu polegar antes que ela lentamente puxe sua mão de meu aperto.

Ela tenta alcançar minha faca novamente, hesitante, e dessa vez eu permito. Posso dizer que ela está gostando do fato de eu estar cauteloso, como se fosse o maior elogio que eu pudesse fazer. Quando a mão dela toca a faca, há uma fagulha em meu peito, como uma engrenagem sendo solta de uma máquina. Eu sempre estive conectado com a faca de um modo que tenho dificuldade para explicar. Quando Lira a toca, eu sinto um frio súbito passando da faca através de meus ossos. Eu a observo com olhos atentos, sem arriscar piscar. Ela hesita com a lâmina em suas mãos, como se considerando todas as possibilidades que ela poderia trazer. E então ela respira fundo e rapidamente corta uma linha pela manga de minha camisa.

A lâmina toca minha pele mas, milagrosamente, não derrama sangue.

Arranco a faca dela.

— O que você pensa que está fazendo? — Eu pergunto, examinando o rasgo embaixo de meu ombro.

— Agora você parece um pirata — ela diz, e continua caminhando.

Incrédulo, corro para alcançá-la. Estou prestes a dizer a ela que ela vai precisar pagar pelo estrago, ou com dinheiro – que eu duvido que ela tenha - ou com a vida, mas ela se vira para mim e diz:

— Vi o Reoma Putoder.

— Você fez um pedido?

— Talvez eu tenha roubado um.

Ela diz isso com um sorriso mordaz, mas conforme a frase some, ela levanta a mão para brincar com a concha do mar que eu devolvi. Parece estranhamente brilhante contra seu pescoço. Ela a toca contemplativamente, e eu reconheço o gesto. É algo que já fiz mais de mil vezes com o anel do selo da minha família. Quando eu penso nas pessoas que deixei para trás, ou nos fardos de um reino que nunca me sentirei pronto para governar. Se a história de Lira é verdadeira, então o colar provavelmente pertencia a sirena que matou sua família. Um talismã para lembrá-la da vingança que ela deve executar.

— Eu ainda quero ir com você — Lira diz.

Luto para continuar caminhando com passos longos e iguais. O Acaso aparece à frente, outro prédio em uma fileira de casas comuns. É três andares mais alto que os outros, com tijolo laranja e uma placa que se pendura de uma silhueta do Deus do Amor. Do lado de fora, um grupo de mulheres fuma charutos em grossos bancos de carvalho, jarras grandes de vinho aos seus pés.

Nós paramos na porta e eu levanto uma sobrancelha.

— Para vingar sua família?

— Para parar essa guerra de uma vez por todas.

— Nós estamos em guerra? — eu seguro a porta. — Que dramático.

Lira agarra minha manga rasgada.

— Isso precisa acabar — ela diz.

Eu recuo ao contato, resistindo a vontade de pegar minha faca. Preciso estar sempre em guarda.

Sacudo meu ombro do aperto de Lira e mantenho minha voz baixa.

— Não continue cometendo o erro de pensar que você pode me tocar — eu digo a ela. — Eu sou o príncipe da coroa de Midas e capitão do navio mais mortal do mundo. Se você fizer isso novamente, umas poucas noites em uma cela vão parecer um enviado dos deuses.

— A Rainha do Mar tirou tudo de mim — Lira cospe, ignorando a ameaça. Há um vinco profundo no centro da testa dela, e quando ela chacoalha a cabeça, é como se ela estivesse tentando sacudir a ruga fora. — Você não pode imaginar a dor que ela me causou. O Cristal de Keto é a única maneira de consertar isso.

Ela rosna a última parte. A maneira crua e áspera que a voz dela soam no Midasan, como se as palavras não fossem o suficiente para transmitir o que ela está sentindo, faz minha cabeça girar. Tanto dentro dela que ela não consegue colocar para fora. Pensamentos e sentimentos que nunca encontram jeitos suficientes de demonstrar.

Engulo em seco e tento me recompor.

— Você disse que sabia coisas que ninguém mais sabe. Como o quê?

— Como o ritual que você deve realizar se quiser libertar o Cristal de Keto de onde está escondido — ela diz. — Eu aposto minha vida que você não tem nenhuma ideia disso.

Não deixo a surpresa aparecer em meu rosto. Mesmo Sakura não sabia por

onde começar com o ritual que precisamos fazer, e está escondido no reino dela. Quais são as chances que uma clandestina em meu navio seria a pessoa que teria a última peça do meu quebra-cabeça? De jeito nenhum eu sou tão sortudo a esse ponto.

— Você tem um costume de usar sua vida como aposta — eu digo.

— Isso significa que você vai aceitar o acordo? — Lira pergunta.

Eu seria um tolo de concordar e confiar em uma estranha que afirma saber o único segredo que eu não sei. Não sobrevivi por tanto tempo colocando minha vida nas mãos de ex-prisioneiros. Mas não aceitar me faria um tolo ainda maior. Lira sabe falar *Psáriin*. Ela tem experiência caçando sirenas. E se eu deixá-la para trás e então não conseguir libertar o cristal quando encontrá-lo? Se eu fizer tudo só para me afogar na onda final. O ritual é a única parte de minha busca em que não tenho nenhuma ideia de como seja, e Lira está oferecendo o seu próprio plano em uma bandeja de ouro.

Se Kye estivesse aqui, ele me diria para nem pensar em considerar isso. *Boa viagem*, ele dissera quando deixamos Lira nas ruas de Eidýllio, certos que nenhum de nós a veria novamente. *Eu já tenho o suficiente para proteger você sem adicionar donzelas mortais a lista*. E ele não estava errado. Kye tinha jurado me proteger – e não apenas para meu pai, cujo dinheiro ele tinha levado mais por levar do que para selar quando acordo – mas para mim. Para si mesmo. E Kye nunca tratou seu trabalho levianamente. Mas eu também tenho um trabalho, uma missão, e sem a ajuda de Lira, eu poderia deixar o mundo à mercê dos males da Rainha do Mar e sua raça para sempre.

— Bem? — Lira pressiona. — Você vai aceitar o acordo?

— Já te disse que não faço acordos — eu digo. — Mas talvez eu aceite a sua palavra em vez disso.

Abro a porta do Acaso, e Lira passa na minha frente. Sou atingido com o cheiro familiar de metal e raiz de gengibre, e mil memórias passam pela minha cabeça, cada uma tão covarde quanto a anterior. Por todas as ideias que o nome pode sugerir, o Acaso não diz nada de sua verdadeira natureza. É um antro para apostadores e o tipo de homens e mulheres que nunca vê a luz do dia. Eles ficam com o luar, longe das cores ornadas da cidade. Eles são sombras, com dedos grudentos por dívidas e vinho forte o bastante para derrubar uma pessoa com uma única jarra.

Alguns da minha tripulação estão sentados na mesa grande e redonda no fundo e eu sorrio. Quando saí para visitar a Rainha Galina e fazer uma

negociação pelo meu futuro, uma estranha onda de náusea ameaçava meu estômago. Como enjoo marítimo, se eu pudesse sentir tal coisa. Enjoo terrestre, talvez. Estar separado deles, especialmente para uma tarefa tão importante, tinha me drenado. Vendo-os agora, estou revitalizado.

— Só para você saber — eu digo a Lira. — Se você estiver mentindo, posso matá-la.

Lira inclina o queixo para cima, olhos desafiadores e azuis demais para que eu consiga olhar diretamente para ela. No começo não tenho certeza de ela vai responder algo, mas então ela lambe os lábios e sei que é porque ela pode sentir a doçura de qualquer insulto que está prestes a lançar.

— Talvez — ela diz enquanto a luz brilha contra sua pele. — Eu irei apenas matar você primeiro.

# 21

# *Elian*

UM NEVOEIRO SE AMONTOA PERTO da janela aberta, como redemoinhos de fumaça de charuto. Com ele vem o cheiro da alvorada conforme o céu rosado mal fica escondido atrás da linha do oceano. O tempo passa rápido aqui, de um jeito que não acontece em nenhum outro lugar no reino, ou no mundo. O Acaso existe em sua própria esfera, com pessoas que nunca poderiam pertencer verdadeiramente em qualquer outro lugar. Ele lida com negócios, e atende apenas a negociantes que nunca poderiam montar tendas para oferecer seus produtos.

Torik assovia baixo enquanto dá outra mão de cartas. Seus dedos deslizam sobre as cartas, escorregadios como manteiga, passando-as sobre a mesa em montes perfeitos ao lado das pilhas de moedas vermelhas. Quando ele termina, Madrid mexe em seu baralho inexpressivamente, como se as cartas em si não importassem, apenas o que ela faz com elas. Madrid é muito boa em adaptar e nunca está satisfeita jogando com as cartas que recebeu. Gostaria de dizer que fui eu que a ensinei isso, mas existem muitas coisas que Madrid foi forçada a aprender antes de escolher o *Saad*. Quando você é levado por um navio Kléftesis de escravos, você rapidamente aprende o que precisa para sobreviver, você não pode se curvar diante do mundo; você precisa fazê-lo se curvar à você.

Infelizmente para Madrid, o que a denuncia é o fato de que ela não tem nenhum sinal. Ela nunca está disposta a terminar como começou, e apesar de isso significar que eu não posso adivinhar as cartas dela como posso fazer com a maioria das pessoas, saber que ela não vai desistir torna mais fácil adivinhar o que ela fará a seguir.

Lira nos observa predatoriamente, seus olhos brilhando o toda vez que uma mão se move ou uma moeda cai do topo de uma pilha. Posso dizer que ela vê as mesmas coisas que eu vejo; sempre que alguém coça a bochecha ou engole com força demais. Gotas de suor escorrendo a cada minuto e lábios contraídos. A entonação quando eles pedem por outra jarra de vinho. Ela percebe tudo. Não apenas isso, mas ela está fazendo anotações mentais. Arquivando seus traços e movimentos, por alguma razão. Mantendo-os seguros, talvez, para utilizá-los novamente.

Quando Kye move uma fileira de moedas vermelhas para o centro da mesa, eu observo Lira. Ela move seus lábios um pouco para a direita, e mesmo que ela não possa ver suas cartas - não há maneira possível para que ela pudesse - ela conhece seu baralho. E ela sabe que ele está blefando.

Lira encontra meu olhar e quando ela me vê encarando, seu sorriso desaparece. Fico bravo comigo mesmo por causa disso. Nunca pareço ser rápido o suficiente quando se trata de observar esses momentos por tempo o bastante para separá-los e ver como ela funciona. Por que ela funciona. Por qual ângulo ela está funcionando.

Empurro minhas moedas para o centro da mesa.

— Está silencioso demais aqui — Madrid diz.

Ela pega a jarra de vinho da mesa e enche um pouco mais seu copo, até que o vermelho se espalhe pela borda. Se Madrid é uma boa atiradora, ela é ainda melhor bebendo. Em todos os nossos anos juntos, eu nunca a vi sequer perder o equilíbrio depois de uma noite de bebedeira pesada.

Madrid toma goles de vinho cuidadosamente, saboreando a safra de uma maneira que nenhum de nós já pensou em saborear. Me recordo das lições de degustação de vinhos que meu pai me obrigou a comparecer como parte de meu treinamento real. Porque tudo indica que o Rei de Midas deve saber diferenciar um bom vinho de algo destilado em uma taverna de beco.

— Cante ‘Costa das Marés’ — Torik sugere secamente. — Talvez irá afogar a luz do sol.

— Se estamos em votação, ‘Cantiga do Rum’ vai servir. Realmente, qualquer coisa com rum.

— Você não pode votar — Madrid diz a Kye, e então arqueia uma sobrancelha para mim. — Capitão?

Dou de ombros.

— Cante o que quiser. Nada vai abafar o som de eu vencendo.

Madrid põe a língua para fora.

— Lira? — Ela pergunta. — O que eles cantam de onde você vem?

Por alguma razão, Lira acha isso engraçado.

— Nada que vocês iriam apreciar.

Madrid acena, como se fosse mais um fato que um insulto.

— ‘Sirena Abaixo do Navio’ — ela diz, olhando para Kye com um sorriso relutante. — Tem rum nela.

— Serve para mim, então.

Madrid se atira para trás na cadeira. Sua voz vem em um refrão baixo, palavras se torcendo e falando em seu Kléftesis nativo. Há algo extravagante no jeito que ela canta, e quer seja o tom ou o sorrisinho cativante desenhado no rosto de Kye enquanto ela ronrona a melodia, eu não consigo evitar tamborilar meus dedos contra meu joelho em ritmo com sua voz.

Ao redor da mesa, a tripulação faz o mesmo. Eles cantarolam e murmuram as partes que não conseguem lembrar, rugindo a qualquer menção de rum. Suas vozes se entrelaçam uma na outra, colidindo desajeitadamente pelos versos. Cada um deles canta na língua de seu reino. Traz um pedaço de seus lares para essa tripulação disforme, me lembrando de uma época, há muito tempo atrás, quando nós não estávamos juntos ainda. Quando nós éramos mais estranhos do que família, não pertencendo a nenhum lugar que viajávamos e nunca tendo condições de ir aonde talvez pertencessemos.

Quando eles cantam três refrões, eu quase espero Lira a se juntar com uma parte de Polemistés, mas ela permanece de boca fechada e curiosa. Ela observa-os com um pequeno nó em sua testa, como se não conseguisse entender o ritual.

Me inclino na direção dela e mantenho minha voz um sussurro.

— Quando você vai cantar algo?

Ela me empurra para longe.

— Não chegue muito perto — ela diz. — Você fede.

— A quê?

— Pescadores — ela diz. — Aquele óleo que eles colocam em suas mãos e aqueles doces estúpidos que eles mascam.

— Alcaçuz — eu digo a ela com um sorrisinho. — E você não respondeu minha pergunta. Você algum dia vai nos agraciar com sua voz?

— Acredite em mim, nada me agradaria mais.

Me encosto para trás em minha cadeira e abro meus braços.

— Quando você estiver pronta.

— Estou pronta para você me contar tudo o que sabe sobre o Cristal de Keto.

Sempre voltamos a isso. Nós estamos em Eidýllio há dois dias, e Lira foi incansável com suas perguntas. Sempre querendo respostas sem jamais revelar nenhum. Alguém, é claro, precisa ser o primeiro. E eu vou admitir que cansei de esperar que seja ela.

— Tudo que sei é que está em Págos — digo a ela, atento aos olhares que Kye está mandando em minha direção. Se dependesse dele, a única maneira que Lira viria a bordo do *Saad* seria se ela estivesse de volta à cela.

— Está no topo da Montanha da Nuvem — eu explico. — Em um palácio sagrado de gelo.

— Você tem uma grande habilidade de parecer saber muito sabendo pouco.

— E você tem uma grande habilidade de parecer não saber nada sabendo tudo — eu digo a ela. — Você ainda não me contou sobre o ritual.

— Se eu contar a você, então você não vai mais ter motivo para me manter por perto. E não vou desperdiçar a melhor vantagem que tenho para que você me deixar encalhada aqui.

Ela tem razão. O melhor hábito que tenho é manter apenas o que eu puder usar. E Lira é definitivamente algo que posso usar. Mesmo que pensar isso me faz soar pirata demais para o meu próprio bem, e eu imagino o desapontamento bruto de meu pai em como eu passei a tratar as pessoas como meios para um fim. Fichas de negociação que troco como moedas. Mas Lira sabe coisas importantes e está mais do que feliz em colaborar se conseguir o que ela deseja.

— Me diga outra coisa então — eu troco uma carta do baralho. — O que você sabe sobre o cristal?

— Para começar — ela diz, reprimindo. — Não é um cristal, é um olho. O olho de rubi da grande deusa do mar, tirado das sirenas para que sua nova rainha e suas predecessoras nunca sejam capazes de ter o poder que Keto teve.

— Me diga algo que eu não sei.

— Está bem — ela diz, como se fosse um desafio que atirei aos seus pés. — O tridente da Rainha do Mar é feito dos ossos de Keto e O Segundo Olho de Keto é o que lhe dá força. Quando a deusa foi morta, a sua criança mais

leal estava próxima. Ela não pôde evitar a morte de Keto, mas ela conseguiu roubar um de seus olhos antes que os humanos conseguissem tirar ambos. Com isso e com os poucos pedaços de Keto que restaram, ela moldou o tridente e se tornou a primeira Rainha do mar. Esse tridente foi passado de geração para geração, para a filha mais velha de cada Rainha do Mar. Elas usam-no para controlar o oceano e todas as suas criaturas. Enquanto a rainha o possuir, cada monstro no mar será dela. E se ela encontrar o outro olho, irá usá-lo para escravizar os humanos do mesmo jeito.

— Que história emocionante — Kye encara seu baralho. — Você inventou tudo isso agora?

— Eu não sou uma contadora de histórias — Lira diz.

— Só uma mentirosa descarada, então?

Pressiono os dedos nas minhas têmporas.

— Isso é o bastante, Kye.

— Vai ser o bastante quando nós a deixarmos aqui encalhada como planejamos.

— Planos mudam — Lira diz.

— Vamos deixar uma coisa bem clara — Kye diz a ela. — Se você pensa que só porque manipulou seu caminho para dentro dessa missão isso significa que você é parte da nossa tripulação, então você está errada. E enquanto você estiver no *Saad*, você não vai dar um passo sem que eu esteja observando. Especialmente se for para perto de Elian. Então coloque apenas um pé errado e vai aterrissar de volta naquela cela.

— Kye — eu aviso.

Lira aperta o canto da mesa, parecendo pronta para atacar.

— Você está me ameaçando? — Ela pergunta.

— Ninguém está ameaçando ninguém — eu digo.

Kye atira seu baralho na mesa.

— Na verdade, isso é exatamente o que eu estava fazendo.

— Bem, ótimo — eu digo a ele. — Agora que você a informou do fato que você é o meu guarda contratado para me proteger, talvez você possa ficar quieto por cinco segundos para que eu possa fazer uma pergunta a ela. — Eu volto a encarar meu novo membro da tripulação, ignorando a irritação no rosto de Kye.

— O que você quis dizer, *escravizar os humanos do mesmo jeito*? — Eu pergunto.

Lira solta sua mão da mesa e vira seus olhos inflexíveis de Kye para mim.

— Sirenas não são uma espécie livre — ela diz.

— Você está tentando me dizer que elas são apenas incompreendidas? Não, espere, deixe-me adivinhar: elas na verdade amam humanos e querem ser um de nós mas a Rainha do Mar controla suas mentes?

Lira nem pisca ao meu sarcasmo.

— Melhor ser uma guerreira leal do que uma prisioneira por traição — ela diz.

— Então quando eu matar a Rainha do Mar, elas podem me caçar por vontade própria — eu digo. — Isso é ótimo.

— Como você vai navegar até a Montanha da Nuvem de Págos para chegar ao olho? — Lira pergunta.

— Nós — eu a corrijo. — Você queria fazer parte disso, lembra?

Ela suspira.

— As histórias dizem que apenas a família real Págese pode escalar a montanha. — Ela me olha com ceticismo. — Você pode ser realeza, mas você não é Págese.

— Obrigado por perceber.

Deslizo mais moedas vermelhas para o centro da mesa, e Torik atira suas mãos para o alto.

— Danem-se todos vocês — ele cede, mostrando suas cartas em uma declaração dramática. — Peguem meu baralho.

Eu sorrio e deslizo duas de suas cartas para meu próprio baralho - uma que eu quero, e outra que quero que eles pensem que eu quero. Divido o resto entre Kye e Madrid, e eles não hesitam em me lançar olhares depreciativos por eu ter arruinado seus baralhos.

— Tenho um mapa — eu digo a Lira.

— Um mapa — ela repete.

— Há uma rota secreta subindo as montanhas que vai poupar semanas de nossa jornada. Existem até locais de descanso com tecnologia para construir fogueiras para impedir o frio. Não deveria ser um problema.

Lira acena, devagar e calculadamente, como se ela estivesse tentando montar um quebra-cabeça que eu ainda não dei a ela.

— Como você conseguiu o mapa? — Ela pergunta.

— Meu charme.

— Não, sério.

— Sou realmente muito charmoso — eu digo. — Eu até enganei esse pessoal para sacrificar suas vidas por mim.

— Não é por você — Madrid não desvia o olhar de seu baralho. — É pela prática de tiro ao alvo.

— Para mim é pelas experiências de quase morte — Kye diz.

— Eu fiz por mais sopas de peixe — Torik estica seus braços em um bocejo. — Deus sabe que nós quase não temos peixe todo dia do ano.

Eu me viro para Lira.

— Viu?

— Está bem, Príncipe Encantado — ela diz. — O que quer que seja, tenho certeza que vai voltar para incomodar você mais tarde. Eu prefiro aproveitar o momento do que ouvir sobre isso agora.

— Sempre a cínica.

— Sempre o pirata — ela replica.

— Você diz desse jeito como se fosse um insulto.

— Você deveria supor — ela diz. — Que tudo que digo a você é um insulto. Um dia vai acabar a sorte que o mundo dá para você.

Ela cruza os braços sobre o peito e eu esboço meu sorriso mais arrogante, como se eu desafiasse o mundo, e o destino junto com ele, a me alcançar. Mesmo sabendo que um dia eles irão, não posso deixar ninguém mais ver isso. Cada coisa se encaixa em seu lugar, ou elas desmoronam, mas de qualquer maneira, eu preciso manter as aparências.



# 22

## *Lira*

O ROSTO DE KAHLIA ESTÁ ME ASSOMBRANDO. Eu a imagino na beira do Reoma Putoder, cabeça baixa como se tentasse esconder suas feridas. envergonhada que eu pudesse ver a dor que sua mãe lhe causou em minha ausência. Eu consigo provar como uma amargura em minha boca. A angústia de Kahlia se perpetua no fundo de minha garganta do mesmo jeito que se perpetuou no dia em que segurei o coração de Crestell em minhas mãos.

Eu espreitei pelo convés, observando a tripulação se dissolverem em suas rotinas. Eles riam enquanto vigiavam a água e jogavam cartas enquanto carregavam suas armas. Todos tão em paz, nenhuma saudade de casa escondida por trás de seus olhos. Como se não se importassem de serem arrancados de seus reinos de novo e de novo, enquanto eu, sentia falta da minha cada dia mais. Como eles conseguem clamar uma vida nômade tão facilmente?

— Você está pensando demais — Madrid diz, se ajeitando atrás de mim.

— Eu estou compensando pelas pessoas nesse navio, que não pensam.

Madrid prende seu braço envolta de uma teia de aranha e se propulsiona para a borda do navio. Seus pés balançam para fora enquanto Saad se move para frente.

— Se você está falando sobre Kye — ela diz. — Então podemos concordar nisso.

— Você não gosta dele? — Pressiono minhas mãos na borda do navio. — Vocês não são companheiros?

— *Companheiros*? — Madrid boceja. — O que somos, cavalos? Nós somos parceiros — ela diz. — Tem uma grande diferença, você sabe.

A verdade é, eu não sei. Quando se trata de relações eu não sei muita coisa. Em meu reino não se há muito tempo para se conhecer alguém, ou formar uma conexão. Humanos falam de *fazer amor*, mas sereias não são nada mais que um exército. Nós fazemos amor, do mesmo jeito que fazemos guerra.

No oceano, há apenas tritões. A maioria deles servem como guardas para proteger minha mãe, protegendo o mar do reino de Keto. Eles são os guerreiros mais fortes de todos nós. Criaturas malvadas e mortais, mais malvados que suas parceiras sereias. Mais brutais que eu.

Diferente de sereias, tritões não tem nenhuma conexão com a humanidade. Sereias se parecem com humanos, e por isso há uma parte de nós que está conectada a eles. Ou talvez, eles se pareçam conosco. Nós nascemos metade mar e metade deles, e às vezes me pergunto se é de onde nosso ódio realmente vêm.

Tritões não têm esse problema. Eles são criados mais do oceano que qualquer um de nós, criados da maior de mistura de peixes mortais, com caldas de tubarões e monstros marinhos. Eles não têm desejo de interagir com o solo, nem com o propósito de guerra. Eles existem, sempre, debaixo do mar, onde são são soldados solitários e disciplinados da guarda, ou criaturas desenfreadas que vivem nas profundezas do oceano.

Sob ordens da Rainha do Mar, essas são as criaturas que somos parceiros. Antes de ser jogada nessa maldição, prometi ao Comedor de carne. Tritões não têm tempo para nomes e outras bobagens então os chamamos pelo o que são: Fantasma, Skinner, Comedor-de-carne. Enquanto sereias são peixes por completo, botando ovos para serem fertilizados fora de seus corpos, sereias não são sortudas. Nós devemos ter parceiros. E é a brutalidade e selvageria

dos tritões que fazem deles merecedores de uma combinação para criar mais de nossa raça assassina. Pelo menos é o que minha mãe diz.

— Estou feliz que o capitão concordou em lhe deixar ficar — Madrid diz.

Eu chacoalho meus pensamentos de casa e a olho duvidosa.

— Por que ficaria feliz?

— Nós precisamos começar a diminuir o números deles.

— Quem?

— Os homens — ela diz. — Desde que trouxemos a tripulação do esqueleto, tem tido muita testosterona à bordo.

— Parece mais seguro ter uma tripulação completa para essa missão.

Ela dá de ombros.

— O capitão não quis os arriscar.

— Ou ele não pôde confiar neles.

Madrid se coloca de volta no convés do navio, suas botas de fada tocando o solo amadeirado.

— Ele confia em todos nós.

Há algo defensivo em sua voz, e seus olhos estão cerrados de maneira sutil.

— Está chateada? — Pergunto arqueando uma de minhas sobrancelhas. Humanos são tão sensíveis.

— Não — Madrid diz. — Você só não devia dizer coisas como essa. Alguém pode ouvir.

— Como quem?

— Kye.

— Por que ele e Elian são bons amigos?

— Somos *todos* bons amigos — Madrid joga suas mãos para o alto. — Pare de fazer isso.

— Não estou fazendo nada.

— Você está tentando se intrometer.

Parece algo tão bobo para se ser acusado, olhando para a magnitude das coisas. Estou conspirando para roubar de volta meu direito de nascença, trair minha mãe, a assim arrancar fora o coração de Elian para que nenhum humano possa ser uma ameaça para nós. Mesmo assim, Madrid acha que meus comentários sobre suas amizades são problemáticos. Eles terão uma palavra para o que serei quando me voltar contra eles?

— Do que estão falando? — Kye pergunta, saindo da cabine abaixo do convés.

Ele me olha com uma mistura de desconfiança e curiosidade. É uma drástica mudança do relacionamento despreocupado que ele compartilha com todos a bordo do *Saad*. Se há alguém neste navio em que falhei em provar minha utilidade, é o pseudo guarda costas de Elian. Eu poderia vazar todo tipo de informação que tenho na Rainha do Mar - eu poderia até contar onde está o Mar Diávolos - e Kye ainda pensaria que eu não mereço ser mantida por perto. Suas ameaças anteriores em Eidýllio tocam em minha cabeça. Ele olha para mim como se estivesse apenas esperando que eu cometa um deslize e revele algum tipo de número que ele possa usar para convencer Elian que não sou digna de confiança. Sendo neste navio, ou no oceano de minha mãe, nunca parece haver um momento onde eu tenha que me provar, ou me preocupar que qualquer coisa que faço levará a minha ruína.

— Aparentemente, eu sou uma intrometida — conto a Kye.

Madrid ri.

— Pelo menos ela está aberta a críticas.

— Bom — Kye diz. — Eu tenho muita coisa para dizer.

— Falando em coisas para dizer — Madrid olha para meu vestido com uma careta. — Você não quer trocar de roupas em breve? Você honestamente não pode ficar presa nessa coisa pelo resto da viagem.

— Não é uma viagem — Kye diz. — É uma jornada sagrada para salvar o mundo e destruir a Rainha do Mar e nós não devíamos trazer retardatários conosco.

Madrid concorda.

— Claro — ela diz. — Mas a gente também não devemos fazer Lira usar meu pano de chão.

Eu encosto meu dedo na bainha do vestido branco. Está desfiando em seu meio, linha sendo puxada do tecido como pele. O material do tecido nem está mais branco, está mais para um cinza, grosso com o carvão de fumaça e sujeira que eu não pretendo saber a origem.

— Ela consegue se vestir — Kye murmura. Seus olhos passeiam pelo vestido amarrotado, passa pelas pontas gastas de meu cabelo ruivo. — Se você planejava alguma coisa — ele diz. — Comece dando-a um banho.

— Um banho — repito.

Ele suspira.

— Água quente e sabão. Eu imagino que eles tenham isso de onde você vem?

Madrid puxa as mangas de sua camisa em seus cotovelos, revelando relógios de sol e poesia pintados por cada pedaço de sua pele. As tatuagens em suas mãos e rosto são simples o suficiente, mas não há erros nos círculos em seus braços, depois de seus cotovelos e provavelmente subindo para acima de seus ombros também. A marca dos piratas de Kléftesis. Assassinos por contrato. Por mais que eu havia assumido que ela fosse de Klépts, eu nunca sonhei que Elian escolheria uma assassina para fazer parte de sua tripulação. Para um homem que nega estar em guerra, ele certamente escolhia bem seus soldados.

Madrid me cutuca e abaixa sua voz.

— A água não é quente, mas ele não está mentindo sobre o sabão.

— É melhor que pular no oceano — Kye contesta. — A não ser que queira que eu te dê uma prancha nova?

— Não — digo. — Teremos que deixar para próxima vez que você me ameaçar.

Ele faz uma cara feia.

— Se o capitão não estivesse olhando eu realmente teria jogado você no mar.

Eu reviro os olhos e olho para o convés superior, onde Torik está dirigindo o navio. Elian se inclina no corrimão ao lado de seu primeiro parceiro. O mesmo corrimão em que estava amarrada. Seu chapéu, paira baixo sob a sombra de seus olhos, estatura despreocupada e causal. Seu pé esquerdo está ancorado atrás de seu direito e seus braços cruzados em seu peito, mas eu consigo perceber a diferença entre aparentar estar relaxado e realmente estar. É a marca de um verdadeiro assassino, nunca mostrar seu fogo interior.

Ele nos observa com olhos de águia, retornando seu olhar para Torik de vez em quando e continua sua conversa. Na maioria das vezes ele conversa comigo em seus suspiros. Ele não faz questão de ser gentil e faz questão de enfatizar que todos os meus movimentos estão sendo vigiados. Eu não sou de confiança, e Elian faz questão que eu não me esqueça disto. é esperto, se não um pouco irritante, ms quanto mais ele me observa e vê que não estou fazendo nada, mais complacente ele ficará. E eventualmente ele esquecerá de observar. Eventualmente ele confiará em mim o suficiente para achar que não há necessidade.

— Ele não se importa que posso vê-lo — digo.

— O navio é dele — Kye diz.

— Não sou uma convidada?

— Você não é uma prisioneira — não perco o desapontamento em sua voz.

Por algum motivo isso me faz rir.

— Ele irá se entediar de me assistir o tempo inteiro.

Madrid franze o cenho, linhas se aumentando sobre suas tatuagens.

— O capitão não fica entediado — ela diz. — Não está em seus ossos.

Eu dou uma longa e fria respirada e olho novamente para a água.

— Qual o nosso próximo destino?

— Psémata — Kye diz.

— A terra da inverdade.

— Algo que você está familiarizada? — ele pergunta e Madrid o bate no ombro.

— Na verdade, minha mãe me fez aprender sobre a maioria dos reinos — eu o respondi sincera. — Ela achou que seria útil para mim saber sobre o meu. — Eu paro antes que a palavra presa escape de meus lábios. — Sobre história.

— O que você aprendeu? — Kye pergunta.

Eu dou uma rápida olhada para Elian por cima de meu ombro, que se inclina cada vez mais no corrimão, encostando seus cotovelos na madeira.

— O suficiente.

— E quantas línguas você fala?

Eu observo Kye com cuidado, consciente que isso está começando a soar como um interrogatório.

— Não muitas.

Nunca houve uma razão para que eu aprendesse mais que Midasan e mais alguns outros dialetos comuns pelos reinos. Minha própria língua, e todas suas particularidades, era mais que o suficiente. Na verdade, eu poderia escolher não falar Misadan. Há muitas sereias que não aprendem a língua, mesmo que seja tão usada no mundo humano. Nossas canções roubam corações não importa em que língua estejam.

Mesmo assim, me sinto sortuda sabendo as coisas que sei. Se eu não soubesse, o príncipe teria me matado, no momento em que eu abrisse minha boca. Uma humana que apenas consegue falar *Psáriin* não é um bom disfarce.

— O capitão fala quinze línguas — Madrid diz impressionada.

— Não esqueça de limpar a baba escorrendo em seu ombro — Kye aponta

para seu braço. — Bem aqui.

Madrid lhe dá um tapa.

— Eu quis dizer, é impressionante porque eu só falo duas.

— Claro — ele diz. — Claro que você quis dizer isso.

— Por que alguém iria querer aprender quinze línguas, quando quase todo o mundo fala Midasan? — Pergunto.

— Não deixe o capitão ouvi-la dizer isso — Madrid avisa. — Ele é todo *preserve a cultura*. — Ela diz finalizando um revirar de olhos, por mais que não há nada que ela gostaria mais de assistir do que ver sua cultura em chamas. — Ele estudou em Glóssa, mas no fim ele percebeu que ninguém consegue se aperfeiçoar em uma língua além da realeza.

— Lira não precisa saber do passado do capitão — Kye diz cauteloso. — Não quando ela pode estar tentando alguma coisa que não cheire a graxa de arma.

Madrid sorri.

— Certo — ela diz, e aponta seus dedos para mim. — O que acha de fazer algo um pouco mais ousado?

— Ousado?

Eu hesito, e o começo do sorriso de Madrid se move por suas feições de guerreira.

— Não entre em pânico — ela diz. — Eu só quis dizer menos donzela e mais aventureira.

Eu concordo com a cabeça. Eu não poderia me importar menos com o tipo de roupa que ela me vista, mas enquanto aqueça meus frágeis ossos, porque nesse momento o frio está pressionando meu corpo com o peso de centenas de sereias.

Eu olho mais uma vez para Elian. Seu chapéu protege seus olhos do sol do meio dia, mas ainda consigo senti-los em mim, me assistindo. Assistindo. Que eu dê um deslize e revele minhas verdadeiras intenções, ou talvez, fazer algo para merecer sua lealdade. Que ele assista. Se Madrid tem seu jeito, a próxima vez que ele me vir, eu serei tão pirata quanto ele.

# 23

## *Elian*

EU NÃO PERCEBO O QUÃO cansado estou até que Lira aparece do convés inferior, vestida em tudo menos um saco de lixo.

A tripulação está murmurando algo leve e fora de ordem, enquanto Kye conversa animadamente com Torik sobre dívidas antigas e serem difíceis de matar. Mesmo assim, há um silêncio quando a vemos.

O cabelo de Lira está todo para um lado, com tranças correndo por estranhas partes de seu cabelo. Grandes brincos dourados se penduram de suas orelhas, alongando seus lóbulos. Mesmo do canto, eu consigo ver o sangue seco envolta as bordas. Ela está usando um par de calças escuras com uma jaqueta combinando com um botão oval. Seus ombros florescem borlas de ouro, e o fim de sua blusa branca sai de seus pulsos. Há remendos em seus cotovelos, costurados à mão com pressa.

Lira coloca uma mão em seu quadril e tenta aparentar que não se sente autoconfiante, mas é a primeira coisa verdadeira que vejo em seu rosto desde que nos conhecemos. Ela pode parecer uma pirata, mas ela ainda tem que aprender muita coisa antes que consiga se passar por uma.

— Você só pode estar brincando comigo — Kye diz. — Eu disse para Madrid lhe dar um banho, não para vesti-la como uma princesa pirata.

— É fofo como você pensa que ela parece uma princesa — digo. — Farei questão de informá-la mais tarde.

— Estou falando sério — Kye me conta, como se eu não conseguisse pegar aquela sozinho. — Primeiro ela faz sua estadia nesse navio doce e agradável e agora ela está tentando fazê-la parecer conosco? É como se ela

quisesse que esqueçamos que ela é uma intrusa e então vamos virar as costas para ela.

— Você está tirando uma incrível teoria da conspiração de uma roupa e um par de botas.

— Não seja ingênuo — Kye diz. — Você sabe muito bem que não se deve confiar em estranhos.

Eu lhe dou um meio sorriso, rangendo meus dentes juntos. Aconselhar-me a ser cauteloso é uma coisa, mas me ensinar no convés do meu próprio navio como se eu fosse uma criança é outra completamente diferente. *Ing*nuo*. A palavra é muito familiar por debaixo de minha pele.

— Você parece com o meu pai — eu digo. — Se eu quiser um sermão, eu lhe peço um.

— Eu estou tentando te dar um conselho.

— Você está tentando me fazer mudar de ideia e está ficando velho rápido — eu suspiro, sentindo o cansaço voltar a assombrar meu corpo. - Só costumo me sentir assim durante minhas viagens para Midas. — Eu não sou um marinheiro embarcando pela primeira vez — lhe conto. — Sou o capitão desse navio e eu agradeceria se você parasse de me tratar como um príncipe inexperiente que precisa ser *aconselhado*.

Os ombros de Kye ficam rígidos, mas eu estou muito frustrado para me importar com o jeito que seu rosto fica com uma falsa calma. Neste navio, eu não devo ser um Midasan com uma leal legião de guarda-costas. Eu deveria ser um maldito pirata..

São em momentos como esses que me lembro da barganha que meu pai o ofereceu: para ficar do meu lado mais como um guardião do que um amigo, me protegendo do mundo que tanto quero explorar. Mesmo que Kye negue que esse é o motivo pelo qual está aqui, ter ele duvidando de minhas escolhas e questionando minhas ações só me faz lembrar de meu pai e sua corte. Me lembra que Kye é filho de um diplomata, acostumado a *lidar* com a realeza. E eu só apenas mais um príncipe, tirando a aventura de meu sistema antes que me torne um rei.

Eu desço a escada e vou para o convés principal. Lira tem um coldre amarrado em sua coxa, acima de suas botas que vão até os joelhos. Do cinto de tecido vermelho que envolve sua cintura há um par de algemas douradas grandes o suficiente para desembainhar uma espada. Graças a Deus, Madrid não lhe dá armas que combinam.

— Você quase se mistura — digo.

Lira torce o nariz.

— Isso não é um elogio.

Eu tiro meu chapéu e me aproximo de minha espada que se localiza na escada. É um sabre que se inicia com um forte ouro e se dissipa em um cinza escuro. O cabo é uma elaborada algema de metal que com o mapa de Midas cravado no metal, e a lâmina é levemente curvada na ponta para um ataque mortal.

Eu aponto a arma a Madrid e digo:

— Empreste algo a Lira.

Eu pergunto a Madrid porque ela é mais apegada à sua arma de fogo do que qualquer outra coisa. E porque eu sei que qualquer outro membro da tripulação ficaria hesitante em cumprir. Tentar separar um pirata de sua espada não é uma boa ideia.

— Elian.

A voz de Kye me faz pausar. É um aviso para não fazer nada estúpido e imprudente, especialmente para provar um ponto.

— Madrid — digo apontando para seu cutelo.

Ela entrega sem hesitar, desviando deliberadamente do olhar de Kye. Ela está curiosa para ver o que está para acontecer, assim como todos de tripulação estão. Eu consigo sentir seus olhos circulando sobre nós e consigo ouvir o leve murmuro em suas vozes se cessar para ver o que está para acontecer.

— Eu não sabia que conseguia sorrir — digo a Lira estudando sua feição.

— Você irá me ensinar a lutar.

Não é uma pergunta, muito menos um pedido. Ela está exigindo, mesmo que não tenha oferecido e é seu charme feminino que está estimulando a coisa toda.

E ela tem certo charme.

Eu não tenho o hábito de ensinar estranhos os meus truques, mas se Lira quiser sobreviver em minha tripulação ela precisará saber como usar uma arma. Assisti-la lidar com o guarda em Eidyllio foi vergonhoso o suficiente e mais, eu preciso que ela seja capaz de matar a Rainha do Mar. Lira não irá compartilhar nenhum de seus segredos, nem detalhes íntimos do ritual e suas nuances até que cheguemos ao pico da montanha. O que significa que eu a preciso viva e capaz de se defender caso eu não esteja perto. Principalmente

quando chegarmos em nosso próximo destino. Se Lira pensa que minha tripulação é grossa e temperamental, então ficará em choque quando conhecer o Xaprár.

— Eu vou te ensinar a como sobreviver — a corrijo. — E a primeira lição é: não fiquei desse jeito.

Eu aponto para seus pés que estão posicionados muito pertos um do outro, seus joelhos retos como unhas. Se Lira realmente estava falando a verdade sobre sua família então esperava que ela soubesse mais. Guerreiros de Polemistés não são nada mais que mercenários de nascença. Mas então, ela disse que sua família morreu quando era uma criança, então talvez não tenha tido o tempo para ser propriamente ensinada.

Eu ajusto minha posição e Lira me copia com uma determinação em seu rosto. Ela parece um espelho, até levantando seu braço para imitar a posição de meu cotovelo.

— E se eu te vencer, o que ganho? — ela pergunta.

— A habilidade de se defender.

Seu sorriso é letal.

— E se eu te matar?

— Falsa confiança não é amiga de ninguém — eu imito em um eco sem falhas de meu pai.

Então a ataco.

Lira gira sua arma em um arco, bloqueando meu primeiro golpe. Ela é rápida, mas incerta. Seus pés são desastrados e quando dá um passo para o lado seus joelhos se colidem. Ela não está acostumada a andar, muito menos a se portar corretamente para um duelo. Eu me movo novamente, com mais calma e leveza dessa vez. Nossas espadas tilintam juntas.

Eu giro novamente, e levo minha espada para cima de minha cabeça lhe dando abertura para atacar. Ela não hesita. Ela move sua espada que colide com a minha, se ela não for ganhar isso com habilidade, irá ganhar com força bruta. Não se importa que estou a ensinando, tudo que quer aprender é como ganhar.

Eu passo minha espada por seus pés, mas ela pula e me faz errar o golpe.

— Isso foi bom — eu digo. — Como sabia que iria fazer isso?

— Você é muito previsível.

Eu reviro meus olhos.

— Pare de recuar então. Quando eu atacar, é a sua missão me dar uma

defensiva. Sempre mude sua posição para que seu oponente sempre que tenha que alcançá-la.

— Guerras não são vencidas correndo — ela diz.

— Você não pode ganhar uma guerra — digo. — Alguém mais simplesmente perde.

A espada de Lira se move e um olhar de dúvida passeia por suas feições severas. Como se esperasse mais algum tipo de resposta do príncipe assassino de sereias. Quando ela não diz nada, encosto minha espada em seu peito, inquieto com o silêncio crescente.

— Me ataque — digo.

Ela se aproxima novamente com força o suficiente para nossas lâminas se colidirem. O barulho se ricocheteia depois que eu desvio. Lira me ataca de novo e de novo, com nenhum propósito além fazer algum tipo de dano. É o mesmo erro que marinheiros iniciantes cometem, atacar com nenhum propósito que não seja a morte.

— Tenha um propósito — digo, bloqueando mais uma de suas tentativas.

A respiração de Lira está rápida e pesada.

— O que isso significa?

— Você tem que decidir o que quer. O que vai fazer e onde irá machucar, e o que fazer para conseguir. Você tem que *pensar* antes de atacar.

Eu me movo para frente e Lira se esquiva, depois dá um passo em minha direção. Seus pés dançando e balançando pelo convés. Não é exatamente gracioso, mas pelo menos ela aprende rápido.

Eu avanço meu braço nela, com mais força dessa vez. Um pouco mais de força em cada golpe logo assim que seus braços vão começando a ceder. Assim quando penso que sua espada está prestes a cair, ela se vira e levanta seu cotovelo. Eu a bloqueio imediatamente, parando-a centímetros de arrancar o meu nariz. Ela está se adaptando, usando qualquer maneira que tem para vencer. Seria admirável se não fosse tão sagaz.

Eu empurro Lira e ela cai no chão com um grunhido. Ela se mexe com suas costas, cotovelos tocando o solo de madeira, ela inspira com força.

— Galantia não é o seu ponto forte.

— Eu lembrarei disso da próxima vez que você estiver afogando.

— Eu não estava afogando — Lira se levanta do chão. — Eu não consigo afogar.

— Não — digo. — Você não consegue nadar.

Ela me lança um olhar furioso e levanta sua espada, gesticulando para que fizesse o mesmo. Fico mais que feliz de fazer o mesmo, parece que consigo irritá-la no final das contas.

Lira aponta sua espada em mim, mirando em meu coração. Eu desvio do caminho e jogo o cabo de minha espada em seu estômago. Ela revida, mas seu dentes estão rangendo. Não há nenhum grito ou sinal de dor além do olhar maligno em seus olhos. Eu penso em parar, mas antes que posso fazer isso ela está vindo em minha direção novamente.

Ela deposita todo seu peso no próximo golpe e tenho dificuldade de levantar minha espada rápido o suficiente. É inesperado e eu demoro tempo demais para reagir lhe dando a abertura perfeita.

Seu punho se choca contra minha bochecha.

A dor é intensa mas passageira, e Lira pisca, surpresa consigo mesma. Estou menos surpreso por ela ter tomado a abertura do que estou surpreso por dar uma. Eu levanto minha perna, fazendo sua espada voar pelo convés. Ela tenta copiar o meu gesto levantando sua joelho e o alinhando com meu coração, mas não consegue manter seu equilíbrio, assim que seu calcanhar está no ar eu o agarro e o torço. Ela gira e cai sobre seu quadril.

Eu dou um passo em sua direção, suas palmas em contato com o convés, mas quando ela me vê se aproximando ela levanta sua cabeça e puxa sua perna. Eu consigo sentir meus pés sendo puxados mas consigo me recompor antes que colida em cima dela.

Eu dou um passo para trás e Lira se coloca de pé novamente. Nós nos olhamos como caçador e presa e eu arqueio uma sobrancelha, a desafiando a vir em minha direção, ela sorri impiedosa e pega sua arma caída.

Nós continuamos daquele jeito, armas colidindo umas com as outras, nossas respirações pesadas. Logo a luz do sol se torna distante ou talvez mesmo a do luar. Tudo está no mudo enquanto Lira move sua espada na minha mais uma vez. Eu deixo acontecer. Minha missão. Meu reino. O mundo. Eles todos existem mas não nesse momento. Nesse momento tudo o que existe sou eu, meu navio, e uma garota com o oceano em seus olhos.



# 24

## *Lira*

EU MURMURO EM SINCRONIA com o oceano, uma mão segurando o espaço vazio onde minha espada deveria estar em minha cintura, e a outra beirada do *Saad*. A noite preenche o céu com estrelas espalhadas irregularmente como os remendos de minha jaqueta.

Uma nova terra se apresenta em algum lugar palpável – o próximo destino na viagem de Elian – e a tripulação dorme pacificamente abaixo de onde estou enquanto navegamos. Acima de onde estou, a roda do navio se mantém firme, se movendo de leve para dirigir na direção certa. Mesmo sem nenhum pirata acordado para comandá-la, o navio poderoso de Elian navega sabendo sua direção.

Eu ajeito minha jaqueta assim que o vento aumenta e entra em sincronia com minha canção para acompanhar o ritmo. É uma sensação estranha ser capaz de cantar sem que ninguém sofra nenhuma consequência. Usar minha

voz no sentido completamente oposto do qual foi criado, sem mortes ou desgraça em conjunto. Deixando para trás nada além de melodia.

Me sinto em paz.

Há algo sobre a rotina fácil do *Saad* que deixa uma parte de meu coração em agonia. As noites são passadas velejando sobre a tranquilidade misteriosa do oceano, longe da ira de minha mãe, e a tripulação – até mesmo Kye, que não tem medo de não ser inteiramente cordial – oferece um conforto único.A calma harmonia que dividem me lembra de casa. De Kahlia. Eles olham para Elian do mesmo jeito que meu primo olha para mim: com devoção que não é dada com fidelidade cega, mas conquistada por algo muito mais profundo. Confiança. Amizade. Talvez até amor. No mínimo, eu posso fingir não ser filha de minha mãe. Viver como se nunca tivesse matado, e passar horas de um dia sem se preocupar que tudo o que faço pode ser usado contra mim.

Eu quase consigo ver o porquê Elian escolheu abandonar seu direito de nascença por uma vida tão nômade. Por mais que eu pretenda retornar ao mar Diávolos e tomar o lugar de minha mãe, eu não posso negar a beleza de uma vida sem o peso de reinos. Definitivamente não é a pior ideia que um príncipe já teve. Provavelmente. Pelo menos ele sabe o que quer.

A voz de minha mãe ecoa em minha cabeça, comandando-me para simplesmente desistir de destroná-la e apenas pegar o coração de Elian enquanto ainda tenho a chance. Se eu falhar em pegar o Segundo Olho de Keto, eu não irei apenas morrer, mas morrerei uma traidora para o oceano. Mas qual a alternativa? Me curvar a ela e rezar para que um dia ela me dê o trono, enquanto Kahlia estremece em sua presença? Se eu seguir as regras de minha mãe, então estou condenando Kahlia e o resto do oceano ao seu reinado. Mas se eu não segui-las, se eu ousar continuar com meu plano, então estou correndo o risco de mostrar o quão defeituosa eu realmente sou.

Eu agarro o navio com mais força, inalando o sal que infestava o ar.

Se apenas minha missão fosse simples como a de Elian focando em ser o salvador da humanidade. Pode parecer uma grande empreitada, mas não é como se ele precisasse trair tudo o que ele sempre soube. Se ele conseguir, eu posso morrer.

Pensar em Elian faz a noite ficar mais fria. Eu sei que não importa que plano eu siga irá levar na sua morte. Ou eu o mato agora, ou eu o mato depois, mas não há nenhum caminho de minha vida em que ele permaneça vivo.

Toda ação será traição. Toda escolha será um massacre. Ao contrário do que minha mãe diz, eu pareço ser o mesmo o monstro que ela queria que fosse.

Todo momento em que eu penso nisso, uma leve melodia escapa pelo ar. Uma canção de ninar distante, longe demais para reconhecê-la, mas familiar ao mesmo tempo. É sonolenta e sedutora. Tanto que levo alguns momentos para perceber que o navio está tremendo. É como se o oceano ouvisse as traições de meus pensamentos e me manda uma força maior batendo contra o *Saad*. Eu sou arremessada para frente e meu corpo colide com a borda do navio.

Eu mal consigo parar meu corpo antes que eu despenque no mar. Eu seguro um grito e olho para o calmo oceano abaixo de mim. Não há nenhuma onda a ser vista, ou uma bolha, nada, mas há uma sombra.

Pisco.

Se permanece na poça de escuridão, semi-engolida pelo oceano e se segurando firmemente ao *Saad*. Eu aperto os olhos, me aproximando da borda para olhar mais de perto.

Da escuridão, uma garra esquelética se ergue.

A sombra se arrasta em minha direção, subindo a lateral do *Saad* com uma velocidade nefasta. Eu pulo para trás bem a tempo da criatura pular no convés e agitar as velas.

Cumes cruzam seu corpo como cicatrizes, remendadas por partículas de cinza que se infiltram em sua carne. Cada uma de suas barbatanas é separada em navalhas, e seu grande tronco é entalhado em dobras sem fim, levando a braços que terminam em garras escuras. Metade-tubarão, metade algo muito mais demoníaco.

O Comedor de Carne.

Eu caio de joelhos e o monstro da minha mãe ruge. Ele corre para mim, estendendo as palmas das mãos para arrastar a mão pelo meu rosto.

— *Pórni mou* — ele ruge.

Eu não reajo à reivindicação possessiva, ou à forma repulsiva como ele diz, suas garras rasparam contra a minha pele em advertência. Eu estava cauteloso com o Comedor de Carne mesmo quando era uma sereia, mas agora que sou humana, ele poderia facilmente me destruir. Talvez seja por isso que minha mãe o enviou. Eu me pergunto por que Elian e sua tripulação não vêm correndo. É possível que eles não tenham sentido o navio balançar?

Eu me concentro novamente naquela familiar canção de ninar deslizando através do vento, fazendo meus olhos mais pesados com cada verso.

Uma canção de sereia. Certificando-se de que a tripulação permaneça em seu sono.

— *Anthrópinos* — o Comedor de Carne late.

*Humana*.

A palavra coaxa do fundo de sua garganta, estilhaçando através das rachaduras em suas presas. Com nojo. Curioso. Talvez divertido, se é possível para os tritões sentir algo tão intimamente relacionado à alegria. O Comedor de Carne segura meu queixo e empurra meu rosto para o dele, para que eu possa sentir o sangue amargo em sua respiração. Quando ele desliza seus lábios viscosos contra os meus, eu continuo mortalmente imóvel. Meus dentes rangem juntos, mas é apenas alguns segundos antes de eu sentir a carne rastejando ao longo da minha língua. Eu posso sentir a decadência nele.

O Comedor de Carne se afasta de mim e cospe. Ele bate o rabo de tubarão no ar e descobre suas presas de saliva. Ele pode sentir a humanidade em mim assim como eu posso sentir o demônio nele. Em seu desabafo, uma chamada de riso se derrama do oceano, ricocheteando no *Saad* e soprando através de suas velas. A música sobe e meu coração bate.

Os longos tentáculos de minha mãe se espalham pelo convés como óleo, tatuagens tribais familiares cortando sua pele. Sua coroa está gloriosamente afiada, rastejando pelas costas em um magnífico manto. Ela agarra o tridente e olha para mim com olhos como buracos.

— Não pareça tão assustada, querida — A Rainha do Mar carrega suas presas para um sorriso. — Mamãe está aqui.

Eu me puxo para cima de meus joelhos e olho fixamente para o chão, para dar a aparência de se curvar. Quanto mais eu olho para o grão de madeira, mais minha pele aquece, o suor se colando em minhas roupas enquanto a raiva ferve embaixo. Eu mal posso suportar a ideia de olhar para ela. Depois de tudo o que ela fez, para ela aparecer aqui – no navio de Elian, de todos os lugares – é o pior tipo de insulto.

Um silêncio conciso se estabelece entre nós e, por um momento, me pergunto qual será o próximo som. O rugido do Comedor de Carne; a risada da minha mãe;s a batida errática do meu coração furioso.

Ao invés disso ouço minha canção.

A canção de ninar mortal de antes fica mais alta, e eu levanto minha

cabeça em reconhecimento súbito, tropeçando para trás. Ele rasteja pelo convés, estendendo as mãos delicadas para balançar o *Saad*. A melodia é mais opaca do que nunca, e eu mal consigo manter o pé enquanto cresce. Ouvir parece estar perdido em uma lembrança ou um sonho impossível de ser despertado. Parece ser nascido em um mundo imaginado.

Com a mentira da minha música, não há chance de a tripulação acordar do sono.

Minha mãe pressiona um longo dedo em seu peito, e sua concha cintila contra a minha voz. Quando meus olhos começam a se embaçar, sua boca se agita.

— É apenas uma lembrança — diz ela. — Eu vou devolvê-la se você tiver sucesso.

Eu tento desesperadamente piscar a tristeza dos meus olhos.

— Você veio me insultar? — Eu pergunto.

a

— Nem um pouco — diz a Rainha do Mar. — Eu vim para ver como a Maldição dos Príncipes está se saindo. — Ela arqueia o pescoço. — Você tem o coração do príncipe escondido em algum lugar nesses trapos feios?

Não me surpreende que ela venha verificar se eu estou aderindo ao seu plano. Ser punido e empurrado na direção exata que ela traçou, como o navio de Elian seguindo seu curso, mesmo enquanto o capitão dorme. Eu sou o navio da minha mãe. Ou então ela pensa.

— Não é tão simples — eu digo.

— Ah, Lira — Ela rouba uma corda de algas de seu tridente. — As Rainhas não dão desculpas. Suponho que isso seja apenas mais uma prova de por que você não pode se tornar uma.

— Eu mereço ser rainha — eu digo. — Sou forte o suficiente para liderar nossa espécie.

— Você é fraca — ela acusa. — Você sempre foi fraca. Olhe para você agora, vestido com suas roupas humanas, com suas emoções humanas. Você sabe o que eu vejo nos seus olhos, Lira? Não é morte nem escuridão nem raiva. São lágrimas.

Eu engulo.

— Eu não sei do que você está falando.

— Eu estou falando sobre o olhar em seu rosto — diz ela. — Sua dor humana.

Eu quero argumentar, mas mesmo assim não posso negar a tristeza que pica as costas dos meus olhos. Eu senti raiva como uma sereia, mas nunca tristeza. Não desde que tomei o coração de Crestell com a mão da minha mãe firme no meu ombro. Mas ouvir minha música se partiu no navio de Elian, sabendo que neste exato momento minha mãe ainda é capaz de me usar como uma arma sem o meu consentimento, parece que está sendo espancada. E o jeito que ela olha para mim, nada preocupada, tão completamente contrastada pela preocupação que senti quando vi as feridas de Kahlia. Ou que Kye teve quando Maeve atacou Elian. Ou até mesmo o olhar no rosto do príncipe quando ele me puxou do oceano que minha mãe me deixou afogar. Como a Rainha do Mar pode vê-lo como uma fraqueza quando é a mesma coisa que une os humanos, garantindo sua força como uma unidade? Uma família.

O Comedor de Carne rosna e minha mãe estende a mão para passar uma garra no rosto dele. Ela corta uma linha em sua bochecha devagar, suavemente, e o Comedor-de- Carne rosna de satisfação.

— Seu tempo está se esgotando, Lira — diz ela, levando o dedo aos lábios. — E se você não me trouxer o coração do príncipe em breve, então vou levar o seu.



# 25

## *Lira*

QUANDO OLHO NO ESPELHO, uma estranha olha de volta. Ela absorve minha recém-descoberta pirataria e minha recém-descoberta humanidade - o rosto que o Comedor de Carne ainda reivindicou para si mesmo - e franze a testa de um jeito que marca suas feições inocentes com uma marca curiosa, bem no meio de suas sobrancelhas. Seus lábios se estreitam e ela ruga a ruga com a palma da mão.

Minha pele está vermelha do sol e meu cabelo está duro com a brisa da água salgada. Eu dou um passo à frente e toco o copo com dedos espinhosos, piscando rapidamente enquanto tomo essa versão de mim mesma. Pernas e pés. Olhos, cada um da mesma cor. Um coração humano batendo em algum lugar embaixo de tudo, pronto para minha mãe tomar.

Na reflexão, vejo Elian. Ele está atrás de mim com uma expressão divertida, encostado na porta, os braços emaranhados sobre o peito. Ele não

diz nada, e continuamos a nos observar através do caminho de vidro até que um sentimento estranho me domine, pior que medo.

Em breve estaremos em Psémata, e isso significa que Págos não estará longe. Então a Montanha da Nuvem. O Segundo Olho de Keto. A morte certa de Elian. Cada ponto do meu engano é tão perfeitamente planejado que eu deveria me sentir preparada. Mas eu não sinto. Todo mundo que vou trair é muito próximo. Minha mãe pode até estar assistindo, e isso significa que há uma chance dela descobrir o meu plano. Parece um milagre que ela não tenha sentido o cheiro em mim antes, ou escute o quão rápido meu coração humano bateu. E depois há Elian, que me deu uma lâmina em vez de me esfaquear, ficando atrás de mim agora. A misericórdia que ele pratica e a lealdade que ele conquistou são ideais que minha mãe preferiria queimar de mim - porque a misericórdia nunca é uma opção, e a lealdade é sempre aceita - mas essas mesmas emoções que minha mãe dizia me deixar fraca parecem fazê-lo forte. Ele é um guerreiro que é o meu oposto em todos os aspectos e ainda assim, de certa forma, talvez apenas na ferocidade, parecemos ser o mesmo.

No espelho, Elian continua a olhar. Eu franzo a testa quando percebo que estou de costas para ele. Eu nunca fui capaz de dar as costas para minha mãe antes.

Eu giro para encará-lo.

— O quê? — Eu pergunto.

— Você já se admirou?

— Nunca — eu digo, embora a verdade seja dita, estou feliz por me distrair dos meus pensamentos.

— Estamos prestes a atracar no Psémata. Tente se lembrar do que eu te disse.

Como se eu pudesse esquecer. O que ele me disse foi mentir, o que eu já tenho bastante prática para não pensar nisso como algo que precisava ser feito, mas algo que sempre foi.

— Se Psémata é tão perigoso — eu digo. — Então por que estamos parando aí?

— Porque precisamos conseguir alguma coisa.

Eu lanço um olhar cético para Elian.

— Você quer dizer que precisamos roubar alguma coisa.

— Bom — diz ele. — Você está aprendendo.

Eu o sigo para o convés principal, onde a tripulação está reunida. Kye enfia

a espada na alça do peito e enfia uma pistola sob o casaco. Ao invés de ir para o seu lado, Elian evita contato visual com seu guarda-costas, optando por ficar ao meu lado. Kye também não se move para sombra dele, de repente preocupado em ajustar o colarinho do casaco.

— Você acha que a terra das mentiras seria um pouco mais indulgente quando se trata de roubo — Madrid. — Mas aparentemente não é.

Eu dou a Elian um olhar mordaz.

— Você roubou algo da última vez que esteve aqui — eu digo. E agora você vai fazer de novo?

— Quem disse que fui eu quem roubou algo da primeira vez?

Sua voz é indignada, o que não me engana. Eu rolo meus olhos para ilustrar isso, e Elian suspira.

— Olha — ele diz. — Tudo o que importa é que o *Saad* não é bem-vindo.

— O *Saad* — repito. — Ou você?

— Você diz isso como se houvesse alguma diferença.

— Eu suponho que não há. — Eu torço minha concha entre meus dedos. — Vocês são igualmente densos.

Elian ri. Em voz alta, monótona e de um jeito que é quase tão zombeteiro quanto o meu comentário.

— Vamos — diz ele. — Não temos tempo para você aprender a ser engraçada.

PSÉMATA É UM TOM muito peculiar de cinza.

Há cor, mas é diluída em um estranho filme de preto. Como uma nuvem visível, cobrindo a terra com um tom de sombra e poeira. Isso me lembra de olhar através da água escura do oceano no crepúsculo, ou a sensação de olhar diretamente nos olhos da minha mãe. Uma escuridão que parece sempre presente.

Eu esfrego uma junta no meu olho e quando minha visão muda o foco, tudo parece mais escuro do que era antes. Quanto mais eu tento fazer a sombra desaparecer, mais forte ela fica. Não é de admirar que esta seja a terra das mentiras e da traição, com o ar tão cinzento e poluído como os escrúpulos das pessoas que o respiram.

O vento transpira as ruas, evitando contato visual e o barulho habitual que Elian e sua tripulação gostam de fazer. Apenas uma dúzia deles está conosco, os outros esperando no *Saad*. Eles se movem como fantasmas, flutuando em

vez de andar. Deslizando pelos pavimentos de pedra dura. Eu tropeço para manter em sintonia com eles, nem de longe tão gracioso, mas tão invisível.

Enquanto atravessamos a praça, eu inclino meu chapéu mais abaixo na minha cabeça. É ridículo, percebo, porque não existe um humano vivo que possa me reconhecer. Se qualquer coisa, eu sou o mais fantasmagórico de todos nós. Ainda assim, eu faço isso de qualquer maneira, emocionada com o leve salto do meu coração quando alguém mantém seu olhar fixo em nosso grupo por muito tempo. Quando olho para Elian, seu rosto está vazio e estóico, mas seus olhos não estão nem perto de estarem mortos. Eles piscam com o mesmo prazer sujo. É isso, percebo, que atrai a tripulação tanto quanto o oceano. O prazer de se tornar tão esquivo quanto eles são notórios.

Nós nos transformamos em um beco onde um homem espera por nós. Ele está vestido com um longo casaco preto com um colarinho branco prensado, e sua mão com anéis pesados repousa sobre uma bengala que é a mesma sombra arenosa que seu cabelo.

Elian lhe dá um sorriso, e quando o homem não o devolve, ele lhe mostra uma bolsa de moedas. Um sorriso cheio de dentes desliza para o rosto do estranho, e ele pressiona a palma da mão contra a parede de pedra cinza. Ele desliza debaixo dele, recuando como uma cortina.

Ele entrega a Elian uma pequena chave e gesticula para que possamos entrar. Quando o fazemos, a parede se fecha atrás de nós e não deixa nada além de sombras em nosso meio. A luz da tocha cintila quando fragmentos de ar sopram através da entrada de pedra. Nós nos ajoelhamos ao pé de uma escada que a sala estreita mal consegue conter. Eu chego a mexer com a minha concha. O espaço é muito pequeno, e percebo rapidamente que é o menor espaço em que já estive. Até a gaiola de cristal parece ser uma mercadoria em comparação.

— O que é isso? — Eu pergunto.

Elian lança um olhar por cima do ombro.

— Escadas — diz ele, e começa a escalá-las.

Eu não desperdiço o ar em uma resposta. Olhando para a espiral interminável, suspeito que precisarei salvá-lo. Eu não posso imaginar a subida da Montanha da Nuvem de Págos sendo árdua.

Mantenho meu silêncio enquanto subimos, imaginando se chegaremos ao topo antes que minhas pernas se soltem. Mas, da mesma forma que parece

que não vou dar mais um passo, Elian para e uma grande porta de carvalho emerge da luz que mal entra.

— Isso é dramático — eu digo, me espremendo no espaço ao lado dele. — Alguém do outro lado vai tentar nos matar?

— Desde quando você se tornou um de nós? — Pergunta Kye, e Madri o empurra nas costelas. Ele grunhe e então diz: — Tudo bem. Estou ansioso para que você dê a sua vida pela minha, camarada. — A esse ponto eu debato se devo ou não empurrá-lo de volta para baixo da escada.

Observo Elian puxar a chave do bolso e girá-la na fechadura inclinada. Quando a porta se abre, espero ser atingido por uma onda de poeira ou pelo cheiro de brasas e decadência. Em vez disso, sou atingido pela luz. Ela fica cinza e ecoa de dezenas de tochas em forma de esfera que piscam com chamas amarelas profundas.

O quarto é grande e acomodando o suficiente para um sótão escondido, com um beco de portas que levam a quartos separados. Um lustre baixo corta o meio, com contas que pastam no chão polido.

— Isso não é o que eu esperava — eu digo, surpresa com a opulência deslocada.

Elian entra mais na sala.

— Como você gosta de me lembrar — ele diz. — Eu sou um príncipe. É onde a realeza que não quer ser encontrada nunca é encontrada.

— É onde devemos ficar sempre — Kye se joga em uma cadeira de pelúcia que se inclina contra a parede mais distante. — Não há rum, mas que droga se as camas não forem boas.

— Como você vai descobrir — diz Madrid com um sorriso. — Apenas camas suficientes para metade de nós, lembra? E eu acho que é a sua vez de trabalhar no chão.

— Nós não podemos compartilhar? — Ele pressiona uma mão ferida no peito. — Muitas mulheres matariam para subir na cama comigo.

Madrid eriça-se.

— Elas são camas de solteiro — diz ela bruscamente.

Implacável, Kye coloca uma mão no joelho dela.

— Eu vou jogar você por isso.

Madri empurra a mão de sua perna.

— Cara eu ganho, coroa você é um idiota?

— Torik deveria dormir no chão — diz Kye, acomodando-se na cadeira.

— Ele está sempre falando sobre o conforto do lar sendo perigoso por nos fazer acreditar que realmente temos uma casa.

Torik lança-lhe um olho lateral.

— Eu sei o suficiente sobre facas para colocá-las onde o sol não brilha se você não for cuidadoso. — Kye sorri. — Não é uma boa forma para alguém como eu dormir no chão. Eu sou praticamente um aristocrata.

Torik lança-lhe um olhar vazio e inexpressivo.

— Você é um aristocrata — diz ele.

Eu olho para Elian, que fica como uma estátua ao meu lado. É surpreendente não ouvi-lo falar com os insultos delicados de sua tripulação, ou sorrir quando eles descuidadamente se divertem. Ele leva a mão para a nuca, sem saber o que fazer consigo mesmo quando não está sorrindo.

— Então o nosso próximo passo é se esconder aqui? — Eu pergunto.

— Nosso próximo passo é tentar pensar em como vamos colocar as mãos em um artefato antigo sem revelar quem somos — diz Elian.

— Roubar — eu corrijo. — Como você vai roubar um artefato antigo.

— Não é roubar se você está roubando de volta. — Elian desliza para fora do casaco e joga na mesa atrás dele. — O colar pertence à família Págos. Eu negociei muito para colocar minhas mãos no mapa que mostra a rota deles pela montanha, mas sem o colar, tudo isso é para nada. Ela me disse que era a chave para a cúpula oculta.

— Ela — repito. — De quem você está falando?

— A Princesa de Págos — diz Elian.

Seus olhos se voltam para Kye, e um estranho olhar passa entre eles. Kye limpa a garganta.

— Você quer dizer que ela sacrificou os segredos de sua família para jóias? — Eu zombei. — Que banal.

Elian levanta uma sobrancelha.

— Se bem me lembro — diz ele, com um olhar que é muito convencido. — Você estava disposta a sacrificar sua vida por um colar.

— Eu estava disposta a sacrificar a sua primeiro — eu digo.

MUITO DEPOIS DO RESTO da tripulação cair no sono, Elian e eu sentamos juntos. Nós traçamos as formas mais medonhas, planejando cada detalhe de seu plano, incluindo como conseguir a princesa do colar da sua família sem ter uma bala no coração. Pontos-chave que gostaria de esclarecer.

A luz do sol ameaça atravessar a minúscula janela redonda acima de nós, enterrada no arco do teto. As velas morreram em brasas fedorentas, e seu brilho fraco lançou sombras embaçadas ao nosso redor. O cheiro do amanhecer fuma no ar, e com ele o cinza entra pelo mundo lá fora.

— Eu ainda não entendo como você sabe que esses piratas têm o colar — eu digo.

— Os Xaprár são infames por roubarem da realeza — explica Elian, segurando um bastão de alcaçuz. — Se há uma herança preciosa em falta em qualquer lugar do mundo, é melhor você acreditar que Tallis Rycroft e seu bando de ladrões de piratas o têm em mãos.

— Mesmo que isso seja verdade, eles não teriam vendido agora? Que utilidade seria manter algo assim?

— Você está supondo que Rycroft precisa roubar para sobreviver — diz Elian. — Talvez ele tenha feito uma vez, mas agora ele rouba apenas para provar que pode. Um colar como esse carrega prestígio. Seria mais um troféu para ele do que um tesouro. Apenas outro artefato para provar o quão bom ele é.

— Se ele é tão bom — eu digo. — Como você vai roubar isso dele? Acho que ele pode notar sua mão correndo pelos bolsos dele.

— Desorientação. — Elian dá uma mordida no palito de alcaçuz. — Eles olham para cá. — Ele acena com a mão teatralmente. — Enquanto eu estou furtando por aqui. — Ele abana a outra mão para mim, parecendo muito satisfeito. — Contanto que você consiga parecer inocente e acima de qualquer suspeita.

— E se isso não funcionar?

— Eu tenho um plano B — Elian produz um pequeno frasco do bolso com um floreio. — É menos astuto, mas igualmente dúbio.

— Veneno?— Eu pergunto — Você estava mantendo isso para sua futura esposa?

— Não é letal — diz Elian. Para um assassino, ele parece estranhamente ofendido com a ideia. — E não. — Ele faz uma pausa, então se vira para mim com um meio sorriso. — A menos que você fosse minha esposa.

— Se eu fosse sua esposa, então eu tomaria isso.

— Há! — Ele joga a cabeça para trás e embala o frasco novamente. — Felizmente isso não é algo com que precisamos nos preocupar.

— Porque você está prometido?

Ele hesita.

— Por que você diria isso?

— Você é da realeza — digo a ele. — Isso é o que a realeza faz. Eles se casam pelo poder.

Eu penso no Comedor de Carne e no modo como a voz de minha mãe se transformou em uma canção quando ela me disse que tinha escolhido seu melhor guerreiro para continuar nossa linha. O laranja enferrujava sangue nos cantos dos seus lábios enquanto ele me olhava com uma mistura de fome e arregalado desinteresse. E no *Saad*, apenas noites antes, quando ele me reivindicou, mesmo em meu corpo humano. Um desconforto me invade a lembrança.

— Eu não quero que seja assim — diz Elian.— Quando eu casar, não será sobre poder.

— O que será então?

— Sacrifício.

Sua voz é nítida. Há uma certeza nisso, como se ele se resignasse ao fato em vez de se orgulhar dele. Ele engole, apenas alto o suficiente para me pegar desprevenida, e a ação me faz mudar, seu desconforto serpenteando pelo ar em minha direção.

Os olhos de Elian caem no chão, e eu sinto como se tivesse exposto ele ou ele se deitou nu e de repente se arrependesse. De qualquer maneira, eu não tenho certeza do que devo dizer, e algo sobre o momento parece tão pessoal - muito pessoal - que me vejo procurando algo para preencher o silêncio.

— Você está certo — digo a ele, tentando afastar a melancolia da minha voz. — Passar uma vida inteira com você seria um sacrifício.

— Oh? — Um brilho retorna aos olhos de Elian e ele sorri como se os últimos segundos não tivessem acontecido. Apagando todas as partes do passado dele, ele não quer se lembrar.

— O que você estaria perdendo? — Pergunta ele.

— Se eu me casasse com você? — Eu me levanto para me elevar acima dele, afastando a coisa que está se desfazendo dentro de mim. — Eu suponho que seria minha mente.

Eu me viro e os ricochetes de suas risadas me levam para fora da sala. Mas mesmo com essa melodia contagiante, não consigo me livrar do olhar que cruzou seu rosto quando mencionei casamento. Isso me deixa mais curioso do que deveria ser.

Penso em pensamentos sinistros, mas sei que o mais provável deles é um casamento arranjado, ordenado pelo rei Midasan a ligar seu reino a outro. Talvez o peso que Elian carrega nasça dos grilhões de uma vida real e de um reino indesejado, mas necessário do mesmo jeito. É algo que eu posso entender. Outra semelhança entre nós que eu seria cego para não notar. Nos poços de nossas almas - se eu me divirto com a noção de que tenho uma alma - Elian e eu não somos tão diferentes. Dois reinos que vêm com responsabilidades que cada um de nós tem dificuldade em suportar. Ele, as algemas de estar preso a uma terra e uma vida. Eu, preso nos confins do legado assassino da minha mãe. E o oceano chamando por nós dois. Uma canção de liberdade e saudade.

# 26

# *Elian*

ROUBAR É ALGO QUE dominei pela primeira vez quando eu tinha dezesseis anos e passei a maior parte do ano na ilha do norte de Kléftes. Tudo era novo e era tudo que eu podia fazer para não implorar a todos que conheci por um pedaço de sua história. Uma habilidade ou uma história que só eles sabiam. Eu queria tudo.

Minha tripulação quase não era uma tripulação e eu mal era um homem, muito menos um pirata. Depois de Kye, Torik foi um dos primeiros homens que recrutei, e, com o acréscimo dele, meu pai insistiu em um navio capaz de realizar a tarefa que eu mesmo tinha, enquanto insistia em algo que era mais arma do que barco.

Eu ganhei a lealdade inabalável de Torik em seu país natal, Ánthrakas, onde as minas são profundas e o carvão viaja pelo vento em uma canção. Mas embora ele fosse ótimo com uma pistola e ainda maior com uma espada, até ele não tinha estômago para a força bruta que era necessária para matar uma sirena. E com o passar dos dias, descobri que era o mesmo. Eu precisava ser mais ágil.

Kléftes cria ladrões, mas mais do que isso gera fantasmas. Homens e mulheres negociavam como gado, criados para serem demônios e assassinos e tudo o que seus senhores exigissem. Sujeito aos caprichos dos traficantes de escravos que preferem vender seu próprio povo do que perder um trinket. Eles são treinados para serem tão invisíveis quanto mortais, capazes de passar despercebidos pela noite e realizar atos que nunca poderiam ser feitos na verdadeira luz do dia.

Eu queria aprender com eles, e um dia, quando o manto de rei fosse forçado sobre mim, infligir o mesmo sofrimento neles que infligiram ao mundo. As sirenas não eram o único inimigo. Humanos podiam ser tão demoníacos, e era uma maravilha para mim que meu pai e os outros reinos não tivessem se unido para fazer uma guerra contra Kléftes. De que adianta um tratado de paz global se os reinos estivessem se salvando?

Claro, Madrid mudou isso. Quando entrei em Kléftes e a vi – tatuada e sangrando de tantas feridas, era difícil distinguir o rosto dela por baixo de tudo – percebi que algumas coisas não podiam ser consertadas. Em um mundo que criava assassinos tão facilmente quanto o nosso, o melhor que eu poderia esperar era torná-los meus. Os assassinos não podiam desfazer a morte, mas podiam encontrar novas presas. Eles poderiam encontrar um tipo diferente de dor para infligir.

Eu olho para o Xaprár enquanto eles preparam seu navio para navegar. Eles são ladrões da Kléftesis, conhecidos por entrarem em reinos e partirem com as jóias mais preciosas. Mestres de disfarce wque roubaram heranças de muitos membros da realeza para contar. Eles seriam lendas se não fossem tão insultados pelas famílias dominantes. Seria bastante fácil declarar uma recompensa por suas cabeças, mas ninguém seria corajoso o suficiente para tentar caçá-los. Ir atrás de um dos Xaprár seria como ir atrás de um membro do *Saad*. O que significa que seria suicídio. Sem mencionar que os Xaprár são bons em roubar da realeza, mas ainda melhor em roubar *para* a realeza. Ladrões de aluguel que a maioria dos familias não ousam pensar em cruzar, por medo de que precisem de seus serviços um dia

Por sorte, eu não tenho esse medo.

Eu assisto o salão Tallis Rycroft na base dos degraus poderosos da doca. Ele conta seu saque descaradamente, dedos escorregadios com o tipo de velocidade que vem apenas de anos sem ganhar nada e pegar tudo.

Eu não sou de ouvir as histórias que filtram através do nosso mundo como grãos de sal através de mãos abertas, mas há algo sobre Rycroft que sempre me colocou no limite. Ele é dono de um navio negreiro na ilha do norte. Eu não posso ter certeza de qual, e eu sei que é improvável que seja o mesmo navio que Madri teve para matar, mas não há um membro da minha tripulação que não se irrita com o nome dele. A política prevalece, porém, e declarar uma disputa com o Xaprár não valeria a pena.

Eu olho para Madri e Kye, que se colocam atrás dos arbustos ao meu lado.

Enquanto Kye se volta para mim com um olhar questionador, os olhos de Madri permanecem focados em Rycroft, sem piscar. Ela não arriscará deixá-lo fora de sua vista; ela não arrisca nada quando se trata de seus compatriotas. É por isso que Kye insistiu que ele estivesse em seu esquadrão, se não fosse por nada além de segurá-la se a hora chegasse.

Torik tomou o flanco do caminho com mais tripulantes, armas prontas para o que poderia dar errado. Abordar Rycroft com minha tripulação, em qualquer lugar fora de uma taverna, despertaria suspeitas. Eu tenho que ser cauteloso e inteligente, o que é uma sorte, porque eu gosto de pensar que eu sou sempre ambas as coisas a qualquer momento.

Eu me volto para Lira. Ela parece um retrato, com cabelos profundos de cobre retirados de seu rosto de sardas-estrelas, confirmando o fato de que ela não é capaz de mentir. Não dizendo o que quer que cruze sua mente maldita. Lira pode guardar segredos, mas ela não consegue, em qualquer extensão da imaginação, manter a paz. Embora eu tenha bastante prática em fingir, há muito fogo nos olhos de Lira para essas coisas. Algumas pessoas queimam tão intensamente que é impossível apagar as chamas. Felizmente, isso é exatamente o que eu preciso.

O capitão do Saad se aproximando de outro navio pirata com sua liga de assassinos de sirena só terminaria em morte, mas Elian Midas, príncipe e arrogante filho da mãe, passeando pelas docas com uma nova mulher em seu braço, muito descarada para ser uma detetive ou um espião... Isso só pode funcionar. Rycroft poderia simplesmente deixar a guarda o suficiente para nos deixar a bordo de sua nave. E uma vez que estamos a bordo, tudo o que preciso é que Lira confirme que ele tem o que procuramos.

— Se você está pronta — digo a Lira. — Dou-lhe permissão para arriscar sua vida por mim.

Ela levanta o queixo. Há algo na maneira como ela se comporta, que me lembra das mulheres da corte. Ela tem o ar de alguém com uma vida de nunca saber nada além de seu próprio caminho. Eu sei porque tenho uma aparência idêntica. Embora eu tente esconder isso, eu sei que ainda está lá. O direito. A teimosia que nunca pode ser verdadeiramente perdida..

Não é um olhar que pertence ao rosto de uma menina órfã perdida.

Eu faço que vou pegar sua mão e ir em direção ao navio de Rycroft, quando Kye agarra a manga da minha camisa. Ele não precisa dizer nada; Eu posso ler o olhar em seus olhos dizendo que ele preferiria ser o único ao meu

lado se nós vamos ir de frente com Rycroft. Verdade seja dita, eu me sentiria melhor tendo ele lá também. A coisa é, tão bonito como Kye poderia se achar, não acho que Rycroft concordaria, e o que preciso agora é uma companhia imperceptível, não um protetor em forma de pirata.

— Apenas confie em mim — digo a ele.

— Não é em você que eu não confio.

Lira ri, como se alguém se preocupasse com minha segurança fosse a coisa mais engraçada que ela ouviu o dia todo.

— É melhor ter cuidado — ela me diz. — Eu poderia fazer uma barganha com o Xaprár e usar esses três dias de treinamento de espada para esfaquear você nas costas.

— Como se você tivesse abandonado os luxos do *Saad* para o barco enferrujado de Rycroft — digo, apontando para o navio de Rycroft.

Não é um navio ruim, mas não é páreo para a beleza mortal do *Saad*. Com um corpo de pau-brasil e velas da cor da cinza, é mais do que merecedor de pilhagens, mas de caçar os Príncipe das Maldivas e sua mãe bruxa do mar, ou segurar um príncipe cujo coração não bate, mas bate como ondas do mar... bem, não é bem capaz disso.

— Eu não vejo muita diferença — diz Lira. — Pinte a madeira um tom mais escuro, dê ao capitão um grande chip para o ombro dele, e eu não notaria nada.

Eu arregalo meus olhos, indignado, mas Lira apenas sorri.

— Apenas lembre — ela diz, olhos azuis brilhando. — Se você quer que essa escória acredite que você e eu poderíamos ficar *juntos*... — Sua voz ecoa com incredulidade desavergonhada. — Então você precisa tirar esse chapéu ridículo.

— Só você se lembrar — eu digo quando saímos de trás dos arbustos e nos aproximamos do meu rival. — Que se formos pegos, não há nenhuma maneira de eu arriscar meu pescoço para salvar você.

Rycroft nos vê no momento em que manobram para fora da escuridão e para a luz implacável do céu estrelado. Ele não fala quando nos aproximamos, ou se move de sua posição extensa nos degraus da doca que levam ao seu navio. Mas eu sei que ele nos vê. Ele continua contando suas riquezas, mas seus movimentos são mais precisos. Não é até que estamos diretamente acima dele que ele se digna a olhar para cima com um sorriso cheio de ouro.

Objetivamente falando, Tallis Rycroft não é um homem bonito. Suas feições não parecem pertencer a ele, apenas outra coisa que ele roubou. Seus olhos são buracos negros que penetram em sua pele pálida, e seus lábios são castanhos claros – finos e curvados para cima em um sorriso permanente, encoberto por um bigode fino. Um turbante profundo da Borgonha envolve sua cabeça, e dela grandes pedaços de ouro e prata pendem como gotículas, caindo em seu rosto e no pescoço. Quando ele olha para mim, ele passa a língua nos lábios.

— Onde está o seu cão de guarda? — Pergunta ele em forte Kléftesis.

— Qual deles? — Respondo em Midasan, não querendo dar a ele a satisfação de me fazer usar a língua de ladrões e traficantes de escravos.

Rycroft se levanta e se inclina contra a corda dos degraus da doca.

— Se você está aqui, Kye e aquela prostituta tatuada não podem estar muito longe. E deixe-me adivinhar: ela tem um alvo na minha cabeça? Como um príncipe irritante ousaria me levar para fora.

Eu escolho minhas feições em surpresa.

— Que paranóia — eu digo. — Sou só eu e minha amiga, sozinha e desarmada. Realmente, você não pode ter medo de um único príncipe mijão, não é?

Rycroft estreita os olhos.

— E está aqui? — Ele lança um sorriso lascivo em direção a Lira. Mas tenho certeza de que ela não fala o idioma – não há muitos de fora de Kléftes que o fazem – seu rosto torce em desgosto medido.

— Não é um cão de guarda — digo a ele.

— Sério? — Ele desliza em Midasan e deixa um sorriso de gato de rua solto em seu rosto. — Parece uma cadela para mim.

Eu mantenho um sorriso no rosto.

— Você é tão agradável como sempre. — Eu deslizo um braço preguiçoso ao redor da cintura de Lira. Ela se eriça e então se acomoda rigidamente no meu aperto. — E depois que minha nova amiga e eu viemos admirar seu navio.

— Admirar — repete Rycroft. — Ou roubá-lo?

— Um barco inteiro? — Eu dou-lhe o meu sorriso mais merda. — É bom saber que você tem uma opinião tão alta sobre mim. — Eu me viro para Lira. — Você acha que poderia caber em sua bolsa?

— Talvez — diz ela. — Nada aqui parece muito grande.

Ela lança um olhar significativo para Rycroft e eu tusso, cobrindo minha boca para esconder a possibilidade de rir.

Rycroft rosna.

— Tudo bem — diz ele. — Eu vou fazer isso. — Ele abre os braços em uma recepção perigosa, revelando a massa completa do navio atrás dele. — Venha a bordo. Vamos conversar sobre o rum adequado para um rei.

É um jab. Uma espada de dois gumes para apontar o que eu ainda não me tornei e zombar de mim com o que um dia serei. Nunca um pirata, sempre um príncipe.

Eu aceito o convite de Rycroft com um breve aceno de cabeça e mantenho meu braço embrulhado protetoramente ao redor de Lira. Todos os meus instintos estão no limite, dizendo-me para andar atrás dele e não na frente. Observe suas mãos e seus olhos e as duas dúzias de homens que estão olhando para nós enquanto nos sentamos ao redor de uma mesa no convés do navio. Para nunca, por um único segundo, pensar que ele não me deseja morto. E que ele não vai tentar concretizar esse desejo quando eu roubar o colar Págese.

O rum que Rycroft nos oferece é da Midas, que não me incomodaria tanto se não fosse também da adega real. A garrafa é de vidro soprado, torcida na forma da nossa crista, com ouro líquido imprimindo os intrincados detalhes. A bebida em si está repleta de pó de ouro que brilha contra o reflexo do vidro. Eu não sei quando ele roubou, ou porque – se ele fez isso só porque ele podia, ou se ele fez isso só porque ele queria que eu soubesse que ele podia - mas minhas mãos cerraram em punhos debaixo da mesa.

Eu rezo para os deuses que o dedo de Madri deslize em seu gatilho.

— Como é o gosto? — Rycroft pergunta.

Lira leva a taça aos lábios e inala. Eu não tenho certeza se ela está cheirando veneno ou se ela realmente quer saborear a bebida, mas ela fecha os olhos e espera alguns momentos antes de levar a taça à boca. Há uma mancha de sangue em sua língua quando ela lambe os lábios, dos cacos de ouro que dançam dentro da garrafa.

Quando Lira passa a língua sobre os lábios, minhas mãos se abrem e a raiva se escoa de mim. Tudo o que ela faz é sensual, desempenhando seu papel da melhor maneira possível. Ou talvez ela não precise agir e simplesmente goste do modo luxurioso que os dentes de Rycroft raspam seus lábios quando ele a observa.

— É perfeitamente adorável — diz Lira, sua voz quase irreconhecível.

— Bom. — O sorriso de Rycroft poderia cortar o aço. — Eu não quero que você fique insatisfeita.

— Ah, eu não me preocuparia com isso — diz Lira. — Não agora que estou em boa companhia.

Os olhos de Rycroft se enchem de luxúria calculista. Ele pisca para ela, depois se vira para mim.

— Você vai me dizer o motivo da sua visita? — Ele pergunta. — Ou vamos continuar jogando este jogo?

Nunca houve uma opção para parar de jogar. Conduza-o e deixe que suas suspeitas o levem a melhor. Deixe-o pensar que não estou bem enquanto Lira joga com seu ego e desbanca em todas as suas palavras sem sentido. Deixe-o pensar que ele precisa observar cada movimento meu e vasculhar as docas onde minha tripulação espera. Deixe sua atenção estar em tudo menos na recém-recatada Lira. O pedaço de braço inofensivo eu estou exibindo na frente dele como o príncipe idiota que eu sou.

— Na verdade — eu digo, girando a taça de rum. — Há alguma coisa.

Rycroft se inclina para trás e ergue os pés sobre a mesa.

— Cuspa — diz ele. — Se é um negócio que você quer, podemos chegar a um acordo.

Seus olhos piscam para Lira e ela sorri timidamente. Eu não sabia que ela era capaz de parecer tímida, mas parece que eu subestimei suas habilidades de fraude. Ela envolve um pedaço de cabelo enrolado em volta do dedo, tão convincente que eu tenho que dar uma olhada para pegar o punho apertado que ela está escondendo embaixo da mesa. Seu rosto não revela nada disso.

— Um amuleto de safira amarela desapareceu das abóbadas reais de Midasan — eu digo, lembrando a mentira literalmente como praticamos. — Eu estava esperando que você soubesse alguma coisa.

As características estranhas de Rycroft se enchem de prazer. Ele arqueia os braços atrás da cabeça.

— Então você vem fazendo acusações? — Ele parece muito satisfeito com isso.

— É precioso para mim — digo a ele. — Se de repente reaparecesse ou se você descobrisse onde poderia estar, a informação seria muito valiosa. Inestimável, pode-se dizer.

Eu quase posso ver Rycroft pesar as opções se ele deve fingir que ele tem

algo meu, só para me ver contorcer, ou oferecer para me ajudar a encontrá-lo por uma taxa tão grande quanto ele gostaria.

— Eu não tenho — Rycroft me diz, como uma mariposa para a chama. — Mas eu ouvi sussurros.

*Mentiras*, eu penso *Essa merda é mentira*.

— É possível que eu saiba onde está.

Eu engulo meu sorriso e finjo intriga com a chance de que ele possa ter a localização da minha herança imaginária Midasan.

— O que essa informação me custaria?

— Tempo — diz ele. — Para eu verificar minhas fontes estão corretas. — Para ele realmente reunir fontes. — E acho que também gostaria do seu navio.

Eu sabia que estava chegando. Para cada coisa imprevisível que Rycroft fazia, havia uma centena mais facilmente adivinhada. Que melhor maneira de fazer um príncipe sofrer do que tirar seu brinquedo favorito?

Eu deixei um lampejo de irritação praticada cruzar minhas feições.

— Não vai acontecer.

— É o seu navio ou o seu amuleto — diz Rycroft. — Você tem que decidir.

— E como eu sei que você não é o único que tem isso? — Eu temporizo a minha raiva em pulsos perfeitos. — Eu não estou pagando para você me devolver algo que você já roubou.

Os olhos de Rycroft ficam sombrios com a insinuação.

— Eu te disse que eu não tinha.

— Eu não vou aceitar sua palavra.

— Então, o que, você quer que eu leve você para baixo e deixe seus dedos de merda sorridentes vasculharem meu tesouro? — Ele pergunta.

Que é exatamente o que eu quero. A razão pela qual viemos até aqui e falamos sobre o navio dele foi dar uma olhada nos espólios dele e confirmar que o colar de Sakura está entre eles.

— Se você acha que vai acontecer — diz Rycroft — Então você é mais estúpido do que parece.

— Tudo bem. — Eu olho. Mimado, impaciente. Fazendo minha parte exatamente como ele esperaria. Eu aceno uma mão desconsiderada para Lira. — Deixe-a olhar em seu lugar. Eu não me importo de qualquer maneira, mas a menos que um de nós tenha uma olhada nos inomináveis que você está

escondendo, você pode manter sua nave e assistir o *Saad* velejar para o pôr do sol sem você.

Sempre seria Lira, claro. Eu sabia que não havia uma chance no inferno que Rycroft iria deixar o capitão do *Saad* em seu tesouro. Mas para deixar um dos cativantes floozies do príncipe Midasan dar uma olhada rápida ao redor? Talvez.

— Ela — repete Rycroft com um sorriso de cobra. — Como ela vai saber o que está procurando?

— É safira amarela — digo a ele. — Ela não é uma idiota completa.

Lira me chuta embaixo da mesa com força. Rycroft lhe lança um sorriso do diabo e se vira para uma de suas sombras que se aproximam. O homem é mais velho do que eu, com a pele marcada pelo sol, e não posso deixar de pensar que ele parece familiar. Um cutelo está embainhado em seu cinto e grandes brincos estendem abismos em seus lóbulos. Quando ele se inclina para sussurrar no ouvido de Rycroft, ele tira um longo casaco de veludo do caminho.

Eu me endireito, sabendo onde eu o vi antes. O homem do ganso de ouro. Aquele que começou essa missão me apontando na direção da fraqueza do Sea Queens.

Ele é um dos Xaprár.

Foi Rycroft quem me enviou depois do cristal.

— Eu tenho uma nova pechincha para você — diz Rycroft, todos os dentes. — Agora que meus homens estão de olho em sua tripulação, que tal sermos um pouco mais honestos? Seus caras são bons em se esconder, mas eles não são Xaprár. O que eles são, está ferrado. E eles estarão mortos se você não me disser exatamente como planeja obter o Cristal de Keto.

Eu não pisco.

— Nunca ouvi falar disso.

— De quem é a vida que eu deveria trazer para você fazer sua memória? — Rycroft desliza o dedo pela borda de sua taça. — A cadela tatuada com a arma? Ou talvez eu corte o gigante com um novo sorriso? Escolha uma pessoa e eu vou pegar a parte do corpo.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Isso é muito dramático.

— Eu gosto de drama — diz ele. — Talvez a cabeça de Kye em uma bandeja?

— Que tal eu matá-lo antes que sua tripulação possa piscar?

Rycroft sorri.

— Mas então, onde seus amigos estariam? — Ele gesticula para um dos Xaprár, que serve outra dose de rum.

— Então você me mata como um comércio por suas vidas? — Eu pergunto.

Rycroft joga a cabeça para trás.

— Agora quem é dramático? Eu não arriscaria começar uma guerra com o seu pai. Ele acena com a mão. — Apenas me diga o que eu quero saber.

— Que tal você me dizer por que de repente você está tão interessado no cristal?

Rycroft se inclina para trás em sua cadeira, deixando seus dentes de ouro rastrearem um sorriso preguiçoso.

— Eu tive minha visão sobre isso por um tempo. Todo pirata gosta de caçar tesouros perdidos, e quanto mais esquivo é melhor. Você sabe disso, não é, Alteza? Rycroft puxa o colarinho para o lado. O colar não é exatamente como nas histórias. A pedra não é uma pedra, mas uma gota de azul que balança da corrente como se estivesse pronta para cair. Cada fragmento dele dança como se fosse feito de água, com pequenas presas ornamentadas presas ao redor do diamante.

O colar Págese perdido. Eu tinha razão. Rycroft tem isso.

— Eu tenho as minhas mãos sobre esta linha depois de ouvir que era a chave — diz Rycroft, dobrando o colarinho para esconder o colar.

— Como você descobriu isso?

De jeito nenhum Rycroft obteve a informação facilmente quando eu tive que vender meu país – e minha maldita alma – por isso.

— Eu sou um homem de aluguel — diz Rycroft. — E os Págese estão sempre procurando alguém para fazer seu trabalho sujo. Eu tive algumas palavras com um dos seus príncipes alguns anos atrás depois de completar um trabalho. Você ficaria surpreso com o quão solto seus lábios ficaram depois de alguns uísques e algumas nuanças doces.

Eu me arrepio. Rycroft tinha jogado o sedutor, usando um feitiço do inferno sabe onde, enquanto eu coloquei meu país na linha. Ele não tinha nada a perder, então ele não trocou nada. Considerando que eu tive um reino inteiro a perder e eu ofereci a um preço de barganha. Muito preso na minha

própria cruzada para parar para pensar. Patético. Eu estava começando a me sentir realmente patética.

— Por que você quer matar a Rainha do Mar? — Eu pergunto. — Ser herói não é exatamente seu lance.

Rycroft revira os ombros para trás.

— Eu não dou a mínima para sua pequena guerra com a vadia — diz ele. — Eu me preocupo menos com a vida dela do que com a sua.

— Então o que?

Os olhos de Rycroft estão com fome.

— Todo o poder do oceano — diz ele. — Se eu pegar o cristal, então eu controlo a magia mais antiga que já existiu. — Ele toma um gole de rum e, em seguida, bate a taça de volta sobre a mesa, com força. — E se a Rainha do Mar me causar algum problema, eu colocarei ela e suas putas de volta no lugar delas.

Os lábios de Lira se curvam.

— É assim mesmo?

— É um fato — ele diz a ela. — Deixe-as tentar vir para mim.

O tecido do vestido de Lira está entre os punhos, e quando ela faz como se ela fosse ficar, eu coloco uma mão no seu joelho. Estamos muito em desvantagem para começar a dar socos.

— Por que a farsa de ter seu homem vindo para Midas e me fornecer informações? — Eu pergunto. — Por que me envolver de alguma forma?

— Eu não sou um idiota — diz Rycroft, embora eu discorde. — Ninguém pode escalar a montanha e viver para contar a história. O príncipe do gelo pode ter estado disposto a me contar sobre algum colar antigo que ninguém tinha visto em algumas vidas, mas ele não iria desistir do segredo mais cuidadosamente guardado de sua linhagem.

— E você sabia que era informação que eu poderia conseguir.

— Você é o príncipe de Midas — diz ele. — Realeza varas juntos, não é? Eu sabia que todos estariam nos segredos sujos um do outro. Ou se você não fosse, você poderia ser.

E ele estava certo. Consegui infiltrar-me nos segredos da família de Sakura, exatamente como Rycroft sabia que eu aprenderia, coisas que não tinha o direito de fazer, para uma missão que ele havia planejado. Todos da minha palestra sobre ser um capitão, dizendo Kye eu não era um príncipe

ingênuo para ser avisado e influenciou, e todo o tempo eu estava jogando nas mãos de Tallis Rycroft e seu alegre bando de canalhas.

— Então você planejou me usar para descobrir o caminho da montanha.

— Não apenas isso — diz Rycroft. — Eu preciso de entrada também. Eu não vou começar uma guerra com o Págese invadindo a montanha deles. Eles saberiam que eu estava lá no segundo em que comecei a escalada, e eles estariam em mim e nos meus homens antes que eu chegasse perto do palácio de gelo. Um pirata não vai chegar perto desse cristal.

Lira volta para a cadeira, percebendo seu rosto no momento em que faz o meu.

— Mas um príncipe pode — diz ela.

Rycroft bate as mãos juntas.

— Garota esperta — diz ele, então se vira para mim, os braços abertos e acolhedores. — Suas conexões diplomáticas serão úteis, menino de ouro. Se minhas apostas estiverem certas, você já falou sobre o seu tipo de acordo com elas. Ofereceu-lhes algo em troca de entrada. Se eu estou com você, eu posso ir lá em cima sem ninguém nas minhas costas e, em seguida, saquear todo o maldito lugar. Quando eles perceberem o que eu e meu grupo estamos fazendo, já terei o poder do oceano em minhas mãos.

— Grande plano — eu digo. — Só problema sendo que eu não estou te dizendo nada e minha agenda está um pouco lotada para levá-lo em uma visita guiada de uma montanha.

— Não como eu pensei que você seria fácil — diz Rycroft. — Mas você não precisa me levar de qualquer maneira; nós estamos levando você.

O Xaprár se aproxima mais, criando um círculo ao nosso redor.

— Quanto às informações, posso torturar isso de você e da sua pequena lady no caminho. Vai ser uma economia de tempo.

Eu sorrio e olho para Lira. Ela pisca, não em choque, mas como se estivesse considerando o que ele está dizendo como uma proposição em vez de uma ameaça. Se ela está com medo, ela faz um bom trabalho em esconder isso.

Ela levanta o rum da mesa com uma mão lenta e firme.

— Apenas para nos entendemos — diz ela, girando a taça com indiferença. — Eu não sou sua lady.

Antes que eu possa registrar o olhar no rosto de Rycroft, Lira se inclina para frente e joga o líquido dourado diretamente em seus olhos. Rycroft solta

um uivo ímpio, e eu pulo de pé, com a faca puxada enquanto o pirata agarra seu rosto onde a poeira de ouro corta a cada piscada.

— Sua *vadia* — ele rosna, cegamente puxando sua espada.

Lira puxa a pequena adaga que ela colocou em sua bota mais cedo, e eu pressiono minhas costas para as dela. As sombras de Rycroft nos cercam e, pelo canto do olho, vejo atiradores de elite se reunirem no tombadilho. Posso levar uma dúzia de homens, talvez, mas nem mesmo sou à prova de balas. E Lira, por todo o fogo que corre em suas veias, não é invencível.

— Você acha que foi inteligente? — Rycroft enxuga os olhos com as costas da manga.

— Talvez não — diz Lira. — Mas foi engraçado.

— Engraçado? — Ele dá um passo mais perto, e eu vejo a raiva rolando dele como fumaça. — Eu vou te mostrar o que é engraçado.

Eu arqueio meu corpo, virando nossas posições para Lira se aproximar do Xaprár e fico cara a cara com Rycroft.

— Não adianta chorar pelo rum derramado — digo a ele.

Por um momento, Rycroft olha para mim, mortalmente imóvel. Seus lábios se curvam para cima e ele pisca um drible de sangue do olho esquerdo.

— Pensar — ele diz. — Quando eu te torturar, vou deixar você guardar seu apêndice mais precioso.

Quando ele avança, empurro Lira para o lado e volto para trás. Os Xaprár abrem um caminho para nós e, em seguida, circulam como abutres, prontos para bicar a carcaça restante da matança. Rycroft traz sua pesada espada para baixo e quando minha faca a encontrar, as faíscas estão cegando.

Eu chuto seu joelho e Rycroft tropeça para trás com um assobio, mas é apenas alguns segundos antes de ele estar em mim novamente, cortando e golpeando com sua espada. Golpes letais preparados para matar. Eu pulo para trás e sua lâmina corta meu peito.

Eu não tiro meu foco dele para registrar a dor. Ele está louco para tentar isso. Atacar não apenas um príncipe, mas um capitão. Derramar sangue real é punido com a morte, mas derramando o meu... bem, minha tripulação pensaria que a morte era muito gentil.

Eu empurrei meu braço para frente, apontando minha adaga para seu estômago. Rycroft sai do caminho, mal, e sinto meu tornozelo escorregar. Salvando a pouca graça que tenho, eu mergulho a lâmina em sua coxa. Eu

sinto o pote de osso quando ele se instala dentro de sua perna. Quando eu puxo, minha mão sai vazia.

Rycroft aperta a mão ao redor da faca. Ele parece desumano, como até a dor está com muito medo de tocá-lo agora. Sem cerimônia, ele puxa a maçaneta com força e a lâmina escoa dele. Ela sai com facilidade e por um momento eu me preocupo que Rycroft vai ver o brilho sobrenatural do aço, mas o pirata mal olha para ele antes de jogá-lo através do navio.

— E agora? — Pergunta ele. — Sem mais truques.

— Você mataria um homem desarmado? — Eu levanto um dedo insultado.

— Acho que nós dois sabemos que você nunca está desarmado. E que quando eu te matar, vai ser uma visão muito mais lenta do que isso.

Ele balança a cabeça em um gesto para alguém atrás de mim. Eu posso dar uma última olhada para Lira, absorvendo a luz ofuscante de seus olhos, queimando em alerta, antes de uma sombra se aproximar de mim. Eu lanço a cabeça para trás um segundo tarde demais, e uma dor cega explode no meu crânio.



# 27

## *Lira*

EU TRAGO MINHA LÍNGUA PARA o corte nos meus lábios. Minhas mãos estão presas a um grande feixe e, do outro lado da sala, amarrado a um poço idêntico, Elian afunda-se no chão.

Ele parece ser o belo príncipe, mesmo com a cabeça caída contra a madeira lascada, o ferimento no cabelo. Sua mandíbula tende enquanto ele dorme, e quando seus olhos se agitam como se estivessem prestes a abrir, algo entra no meu peito.

Ele não acorda.

Sua respiração está engatada, mas estou surpresa que ele esteja respirando. Eu ouvi o barulho quando o morcego se conectou com a parte de trás de sua cabeça. Um golpe de covarde. Elian estava ganhando, e em apenas mais alguns minutos - mesmo sem aquela faca que ele ama tanto - ele teria matado Tallis Rycroft. Com as próprias mãos, se fosse preciso. E eu teria ajudado.

Se eu tivesse a minha música, eu nem teria desperdiçado em um homem como o Tallis. Deixaria ele se afogar sabendo o horror da morte, sem o conforto da beleza ou do amor. Elian tem um exército e deveríamos ter usado isso para atacar Rycroft, mas o príncipe prefere truques para a guerra.

*Saia*, disse ele. *Antes que alguém possa perceber o que fizemos*.

Eu olho para minhas mãos, manchadas com o sangue de Elian. Isso não terminará bem.

No mar, as sereias cantam músicas sobre humanos. Há uma que cantarola como a canção de ninar de uma criança, que tece a história do massacre de Keto. Nele, as sereias falam de bravura humana e como eles reivindicaram a vitória contra todas as probabilidades, mas até eu ser arrastada para o navio de Elian, eu nunca vi a coragem de um ser humano. Mesmo os homens mais fortes caíram sob o meu feitiço, e aqueles que eu não atraí estavam com muito medo de me desafiar. Elian é diferente. Ele tem coragem, ou imprudência mascarada como algo parecido. E ele também tem misericórdia. Misericórdia até para criaturas como Maeve, cuja vida ele tomou como última opção. Ele não queria saboreá-lo; ele só queria acabar com isso. Como eu tive com o príncipe Kalokairin. Com a Crestell.

Eu me pergunto se eu seria esse tipo de assassina se eu tivesse sido criada humana. Misericordiosa e hesitante em derramar sangue. Ou, talvez, se eu não fosse uma assassina. Se eu fosse apenas uma garota, como qualquer outra que andou pelo mundo. Keto criou nossa raça na guerra e na selvageria, mas foram as rainhas do mar que tiraram seu ódio e tornaram nosso legado. Rainhas como minha mãe, que ensinaram seus filhos a serem guerreiros vazios.

A família de Elian o ensinou a ser outra coisa. O tipo de homem disposto a arremessar uma garota estranha para fora do perigo e combater um pirata tirânico em seu lugar. O cavalheirismo que eu costumava zombar disso salvou minha vida duas vezes agora. É isso que significa ser humano? Empurrando alguém para fora de perigo e jogando-se? Toda vez que eu protegia Kahlia, a Rainha do Mar me repreendia pela minha fraqueza e punia a ambas como se ela pudesse nos livrar do vínculo. Eu passei minha vida repensando cada olhar e ação para ter certeza de que não havia qualquer afeição visível em ambos. Ela me disse que me fez inferior. Que as emoções humanas foram uma maldição. Mas as emoções humanas de Elian o levaram

a me salvar. Para me ajudar. Para confiar que farei o mesmo quando chegar a hora.

Elian se agita e solta um gemido baixo. Sua cabeça balança e seus olhos se abrem. Ele pisca em seu entorno, e leva apenas alguns instantes antes de perceber as restrições que prendem suas mãos. Ele puxa, uma tentativa indiferente de escapar, e depois inclina a cabeça para mim. Do outro lado da sala, vejo sua mandíbula elegante afinar.

— Lira? — Sua voz é tão grossa quanto areia. Ele deve ver sangue em algum lugar - parece estar em toda parte - porque a próxima coisa que ele pergunta é: — Onde você está ferida?

Mais uma vez, eu lambo a rachadura no meu lábio, onde Tallis me atingiu. O sangue é quente e amargo.

— Eu não estou — eu inclino meu rosto para que ele não veja o contrário. — Você sangrou em cima de mim.

A risada de Elian é mais uma zombaria.

— Encantador como sempre — diz ele.

Ele respira fundo e fecha os olhos por um momento. A dor em sua cabeça deve estar recebendo o melhor dele, mas ele tenta escondê-la e parecer o bravo guerreiro. Como se fosse uma ofensa para mim vê-lo como qualquer outra coisa.

— Eu vou matá-lo por isso — diz Elian.

— Você deve ter certeza que ele não vai nos matar primeiro.

Elian puxa a corda novamente, torcendo o braço nos ângulos mais bizarros na tentativa de escorregar as restrições. Ele se move como uma enguia, escorregadio e rápido demais para eu ver o que ele está fazendo de onde estou sentada.

— Chega — eu digo, quando vejo a corda começar a avermelhar sua pele. — Você não está ajudando.

— Estou tentando — Elian me diz. — Sinta-se livre para arrancar seu próprio polegar da tomada a qualquer momento. Ou melhor ainda, que tal usar esse *Psáriin* para chamar algumas sirenas aqui e deixá-las nos matar antes que Rycroft tenha uma chance?

Eu levanto meu queixo para cima.

— Nós não estaríamos aqui se você não tivesse insistido em um plano tão ridículo.

— Acho que ter minha cabeça esmagada pode ter afetado minha audição.

— A voz de Elian perde sua musicalidade habitual. — O que você acabou de dizer?

— Você nem percebeu que ele estava enganando você — eu digo. — E você andou direto para mãos dele.

Os ombros de Elian se contraem.

— Ele tem o colar, então, se eu sabia da sua emboscada ou não, eu ainda teria vindo. Eu me sacrifiquei demais para cair no último obstáculo.

— Como se você já tivesse que sacrificar qualquer coisa — eu atiro de volta, pensando no reino que tenho pendurado na linha. — Você é o príncipe de um reino cheio de brilho e calor.

— E esse reino é exatamente o que eu sacrifiquei!

— O que isso significa?

Elian suspira.

— Isso significa que o meu acordo com a princesa era mais do que apenas um mapa e um colar. — Sua voz é triste. — Eu prometi que ela poderia governar ao meu lado se ela me desse sua ajuda.

Meus lábios se abrem enquanto o peso de suas palavras afunda no ar. Enquanto eu estou tentando tudo o que posso para roubar meu trono da minha mãe, Elian está ocupado em barganhar seu tesouro.

Assim como um pirata.

— Você é estúpido? — A descrença dispara como uma bala da minha boca.

— Encontrar o cristal pode salvar vidas — diz Elian. — E casar com uma princesa Págsica não seria exatamente ruim para o meu país. Se qualquer coisa, será mais do que meu pai jamais sonhou em alcançar. Eu serei um rei melhor do que ele poderia ter esperado.

Embora as palavras devam ser superadas com orgulho, elas são ásperas e amargas. Tingido de tanta tristeza quanto de ressentimento.

Penso em quanto tempo passei tentando deixar minha mãe orgulhosa. O suficiente para que eu me esquecesse de como era sentir-me contente ou qualquer coisa que não fosse ordenado sentir. Deixei que ela me presenteasse com um tritão como se eu não fosse nada além de carne que ele pudesse devorar, enquanto pensava que era algo que eu tinha que fazer pelo meu reino. E Elian empurrou essa própria perdição para si mesmo. Para cumprir o fardo do mundo e o dever de seu título, ele está disposto a perder as partes de

si mesmo que ele mais valoriza. A liberdade e a aventura e a alegria. Peças que mal me lembro de ter.

Eu olho para longe, desconfortável com o quanto de mim vejo nos olhos dele.

*De qualquer forma, você tem que tomar coração dele*, eu penso comigo mesma. *Que outra escolha existe?*

— Se o colar é tão precioso — eu digo. — Nós deveríamos ter apenas matado Tallis para obtê-lo.

— Você não pode simplesmente matar todo mundo que você não gosta.

— Eu sei disso. Caso contrário, você já estaria morto.

Mas não é verdade. Quase me surpreende como isso é falso. Porque eu poderia tê-lo matado - ou pelo menos tentado - e cumprir as ordens de minha mãe uma dúzia de vezes.

O teto bate antes que Elian possa responder. Há um estrondo baixo no vento, e por um momento eu acho que pode ser as ondas do mar batendo contra a patética desculpa de Tallis Rycroft para um navio, mas então o barulho cresce mais alto e um estrondo sacode a cabine. Poeira chove do teto, e abaixo de nós as tábuas do assoalho se estilhaçam.

Há um coro de gritos e depois nada além do som de canhões e tiros. De gritar e morrer. Do mundo descendo ao caos.

Elian puxa as cordas com uma nova ferocidade. Ele fecha os olhos e eu ouço um pop retumbante. Eu fico olhando incrédula enquanto ele tenta tirar a mão das restrições, o polegar esquerdo agora está folgado. Milagrosamente, escorrega até a metade antes que a corda se aloje contra sua pele.

— Droga — ele cospe. — Está muito apertado. Eu não posso sair.

A cabine geme. Uma grande fratura arrepiou a parede e a moldura da janela se rompe com a pressão. Acima de nós, passos batem no convés e o estrondo ensurdecedor de espadas perde apenas para o grunhido ensurdecedor de fogo de canhão.

— O que é isso? — Eu pergunto.

— Minha tripulação. — Elian puxa a corda novamente. — Eu reconhecia o som dos canhões *Saad* em qualquer lugar. — Ele me dá um sorriso para iluminar as nações. — Ouça a minha garota rugir.

— Eles vieram por nós?

— É claro que eles vieram por nós — diz Elian. — E se eles trouxeram meu navio fazendo isso, então vai haver um inferno para pagar.

Assim que as palavras saem de seus lábios, uma bala de canhão cai pela janela. Ela passa por mim e colide com a viga de madeira que segura Elian. Ele abaixa a cabeça com a velocidade da sereia e as aparas de madeira caem pelas costas. Minha respiração se aloja e uma sensação de náusea sobe pelo meu estômago. Então Elian levanta a cabeça e sacode a poeira dos cabelos.

Eu solto um longo suspiro e meu coração humano frenético retorna ao seu ritmo normal. Elian examina o massacre de madeira ao seu redor. E então lentamente, quase perversamente, ele sorri.

Ele se levanta e sai de baixo da viga despedaçada. Ele pula, trazendo as mãos amarradas sob os pés e ao peito em um movimento rápido. Brevemente, ele vasculha a sala úmida em busca de algo para cortar a corda, mas a cabana está deserta, exceto pelos dois prisioneiros.

Elian olha para mim e seu sorriso desaparece quando ele toma minhas restrições. O raio não danificado pronto para me derrubar com o navio. Ele olha para as mãos atadas, o polegar ainda dolorosamente desalojado da tomada. O quarto que é muito vazio para usar. A garota que ele não consegue salvar.

— Vá — eu digo a ele.

Os olhos de Elian endurecem. Escurecem. Aquele verde desaparecendo sob um redemoinho de raiva.

— Ser um mártir não combina com você — diz ele.

— Apenas *vá* — eu assobio.

— Eu não vou deixar você aqui.

O som do tiroteio perfura o ar. E um grito - um rugido de fúria - tão alto que eu estremeço. Elian se vira para a porta. Lá fora, sua tripulação poderia estar morrendo. Os homens e mulheres que ele chama de família marcam suas vidas como perdidos para salvar seu capitão. E para quê? Para ele entregar sua própria vida para salvar o monstro que ele estava caçando? Uma garota que está tramando para roubar seu coração debaixo dele? Um traidor em todos os sentidos da palavra.

Nós dois colocamos nossas vidas e nossos reinos na linha para encontrar o olho e derrubar minha mãe. Se nada mais, eu não ficarei parada e assistirei a outra pessoa perder o reino deles, assim eu não ficarei sozinho quando perder a minha.

— Elian. — Minha voz assume uma calma assassina.

— Eu…

— *Corra!* — Eu grito, e para minha surpresa, ele faz.

Seus dentes rangem por um momento antes, mandíbula pulsando sob o peso da decisão. E então ele se vira. Rápido como uma flecha, o jovem príncipe pula da cabana e me deixa para o meu destino.



# 28

## *Lira*

EU ESPERO A MORTE chegar.

Existe uma chance de que, quando eu morrer, eu volte à minha forma de sirena. O cadáver da poderosa Maldição dos Príncipes, preso dentro de um navio pirata. Possivelmente um navio submerso. Provavelmente onde ninguém, além das sereias, pode me achar. Minha mãe pode até fingir luto pela morte da sua herdeira. Ou simplesmente ordenar que o Comedor de Carne ajude-a a fazer uma nova herdeira.

Estou sentindo um pouco de pena de mim mesma quando Tallis Rycroft irrompe pela porta. Seus olhos arranham por toda a cabine fria e vazia, e ele rasga uma tábua de madeira disfarçada de concha da parede, seus pregos enferrujados estalando com força.

Suas calças estão manchadas de vermelho, onde entrou a faca de Elian. Através da lágrima eu posso ver pontos pretos grossos entrecruzando sua pele

de volta ao lugar. Um trabalho árduo, mas ele parece ter lidado com isso. Elian deve ter perdido alguma artéria.

As juntas de Tallis estão cruas e arranhadas de rosa. Quando ele atravessa a sala, está mancando irregularmente. Ele vê o raio quebrado onde Elian estava e rosna, chutando as lascas para mim.

Eu não recuo.

— Onde ele está? — ele late.

Eu cruzo uma perna sobre a outra e dou de ombros com indiferença.

— Você vai precisar ser um pouquinho mais específico.

Em dois passos, Rycroft atravessa a sala e envolve suas mãos grossas em volta do meu pescrosna. Ele me força a levantar e rosna.

— Você me diz onde ele está — Tallis assobia. — Ou eu vou arrebentar seu lindo pescocinho.

O peso das mãos dele ao redor da minha garganta me faz lembrar do aperto da minha mãe. Eu quero tossir e balbuciar, mas parece que não há ar suficiente. Há uma fúria sem medida nas minhas veias, empurrando e puxando meu interior até que tudo o que resta é um profundo abismo de repugnância.

Eu torço meus lábios em um rosnado.

— Você parece chateado — eu digo.

Tallis tira as mãos de mim.

— Eles estão rasgando meu navio em pedaços — ele ferve. — Quando eu achar esse bastardo, não há palavras para o que vou fazer. Ele declarou guerra.

— Eu acho que você fez isso quando atacou o príncipe Midasan e o levou como prisioneiro. Se você acha que isso é ruim, imagine toda a força do exército de ouro dedicado a caçar você.

Tallis estreita os olhos.

— Como eles chamam quando alguém ataca um membro de uma das famílias reais? Ah, sim. — Meu sorriso podia cortar carne. — Traição da Humanidade. Afogamento ainda é a punição?

O rosto de Tallis se afrouxa com a menção disso.

A última punição foi muito antes do meu tempo, mas as sereias ainda contam histórias. Humanos que pegaram em armas contra a realeza, quebrando o pacto de paz entre os reinos. Eles foram ancorados no oceano e deixados para minha espécie. Mas nenhuma sereia atacou. Em vez disso,

observaram os traidores perderem o fôlego e se agarrarem às suas próprias gargantas. Até, em seus momentos finais, aproximaram-e para que os humanos pudessem se afogar de medo. De acordo com minha mãe, foi apenas quando os corações dos humanos bombearam pela última vez, que as sirenas os arrancaram de seus peitos.

Pelo olhar no rosto de Tallis, ele ouviu os mesmos contos sombrios.

Ele puxa sua espada em um arco desajeitado e pressiona a lâmina na minha bochecha.

— Com o que você se importa? — Tallis sussurra. — Ele te deixou aqui, não foi?

Ele diz isso como se eu devesse me sentir traída, mas nada na acusação machuca. Elian foi embora porque eu disse para ir, e ele teria ficado se eu tivesse pedido. Ele teria morrido, talvez, se eu tivesse deixado. Mas eu não deixei. Eu recuperei uma pequena parte de mim que esqueci que existia - uma parte que eu tinha certeza de que minha mãe havia me arrancado - e eu o deixei ir.

— Podemos continuar esta conversa depois que você me matar? — Eu pergunto.

Tallis acaricia minha bochecha com sua lâmina. Então, antes que eu tenha tempo de recuar, ele ergue a espada no ar e a leva rapidamente para baixo.

Eu olho para minhas mãos libertas e a corda limpa cortada cai aos meus pés.

— Eu gosto de minhas mulheres com uma pequena briga — ronca Tallis. — Vamos ver o quanto você aguenta.

Eu não perco tempo com um sorriso antes de usar minhas unhas como garras.

O que quer que seja que Tallis estava esperando, eu tentar arrancar seu coração não era. Como um abutre, eu desço e o arranho até meus braços ficarem pesados. Seu peito. Seus olhos. Qualquer coisa que eu possa colocar minhas mãos. Quando ele me empurra, mal fico no chão por um segundo antes de voltar a ele.

Eu sou um animal, afundando meus dentes em sua delicada carne humana. Eu posso sentir o gosto dele na minha boca. Acre. Uma estranha mistura de metal e água. Eu mordo mais forte, até que ele me arranca do seu braço e um pedaço de sua pele vai comigo.

— Sua vadia imunda! — Ee grita.

Eu me pergunto o quanto eu me pareço com o Comedor de Carne agora, com um pedaço de Rycroft no canto dos meus lábios e um sorriso como o da deusa diabólica que fez todos nós. Eu passo minha língua pelos meus lábios, rosnando enquanto seus coágulos sanguíneos sujam bordas dos meus dentes.

Tallis caminha até mim, cada passo como um trovão contra as tábuas do chão decrépitas. Quando ele me alcança, ele me ergue pelos babados do meu vestido e me arremessa contra a parede. Suas pernas prendem a minha no lugar, joelhos cavando em minhas coxas.

Ele bate o meu rosto com o centro de sua palma e minha bochecha arranha contra uma unha torcida.

— Eu vou fazer você pagar por isso — diz ele, com a respiração quente em meu ouvido.

— Claro que você vai — eu mudo meus quadris no lugar, mantendo minhas mãos firmes quando chego sob o tecido de sua capa. — Mas primeiro, eu agradeceria se você não tivesse derramado o seu sangue em cima de mim.

Assim que sinto o punho da faca sob as roupas dele, puxo a mão para trás e depois a empurro violentamente para frente. Meu pulso torce para a esquerda e Tallis pisca. Quando eu levanto minha mão para cima, ele engole, um som sufocado e irregular.

Suas mãos caem da minha roupa e ele tropeça para trás.

Eu deslizo pela parede e solto um suspiro.

*Distração*, Elian disse. *Seja rápida demais para eles perceberem*.

Eu olho para Tallis. Seus olhos demoníacos e pele cinza. O olhar de medo e surpresa rola sobre ele como uma tempestade no mar. E a faca - sua própria faca - espetou seu intestino. Não foi difícil de levantar. Aparentemente, é difícil notar alguém roubando uma arma de seu cós quando esse alguém também está rasgando sua pele com os dentes.

A lâmina é tão profunda que o cabo mal consegue atravessar a camisa. Demora um momento antes de ele cair. Segundos dele franzindo a testa e ofegando antes que sua cabeça finalmente caia no chão.

Eu fico em pé sobre o corpo dele e engulo. Há um vazio no meu peito, e a agitação que geralmente vem com a morte é substituída por um buraco profundo que fica ao lado do meu coração batendo irregularmente. Esse é o primeiro assassinato que cometo desde que me tornei humana, e de alguma

forma eu achei que não ia importar, mas tem sangue em cima de mim e o rosto de Tallis é frouxo e eu não sei porque, mas eu estou tremendo.

Eu olho para ele e tudo o que posso ver é Crestell, morrendo ao som dos gritos de Kahlia. Minhas mãos extremamente molhadas com o sangue dela, uma promessa implorada entre nós.

*Torne-se a rainha que precisamos que você seja*.

Eu fecho meus olhos e espero o momento passar. Espero que isso aconteça, ou então eu posso enlouquecer nessa cabana. Não faz sentido para mim pensar nela agora; não é como se Tallis fosse a primeira pessoa que matei depois dela. Eu aperto meus punhos e sinto o cheiro de sangue sob minhas unhas. Mas Crestell foi o começo disso, aquela que minha mãe fez me levar até o limite. Como humana, eu poderia fingir que tinha algum tipo de ardósia limpa se quisesse. Pelo menos por um tempo. Mas agora não. Não mais. Eu sou uma assassina em todas as vidas.

Abro os olhos e, quando olho para baixo, Tallis é Tallis de novo, e o rosto de minha tia volta à memória. Eu suspiro de alívio e, em seguida, olho quando alguma coisa brilha no canto do meu olho. No sol crescente, eu pego a corda de metal em volta do pescoço de Tallis. A luz pisca, como uma pequena estrela lutando para ficar em chamas. Instável, eu me agacho ao lado do corpo do pirata e puxo o colarinho para trás.

O colar de Págese ainda está preso em torno dele. A chave para libertar o olho. Sorrio e torço o fecho com cuidado, como se fosse acordar o pirata adormecido e depois embolsar o artefato roubado.

Quando a porta da cabine se abre, eu sacudo. Meus ombros estão tensos, unhas prontas para se tornarem armas mais uma vez.

Elian nem ao menos olha de relance para Tallis Rycroft.

Ele atravessa a sala na minha direção, olhos brilhantes e tão verdes e tremeluzindo de alívio. Seu cabelo está varrido em todas as direções, arrepiando a testa, estalando o rosto. Sua camisa está rasgada, mas eu suspiro quando vejo que não há novos ferimentos. Apenas sujeira e os respingos de pólvora. Eu não percebo se estou aliviada porque ainda preciso dele, caso queira derrubar minha mãe ou se é algo totalmente diferente.

A faca de Elian está presa em seu cinto, a magia dela ainda é tão forte para mim, e em sua mão há uma espada - sua espada - ouro e cinza brilhando contra o vidro quebrado. Quando ele me alcança, ele se joga ao chão e segura

meus ombros. Seu sorriso não pode ser comparado com nada que eu já tenha visto antes.

Eu digo a primeira coisa que posso pensar, espelhando as palavras que ele disse para mim em Eidýllio.

— Tenho certeza que já me livrei de você.

As bochechas de Elian se contraem e ele lança um olhar por cima do ombro. Kye, Madri e Torik estão reunidos em uma linha bem agrupada atrás dele. Eles vieram. Não apenas pelo capitão, mas pela clandestina. A garota estranha que eles encontraram flutuando no meio do oceano. Eles vieram por mim.

Quando ele se vira para mim, seus olhos piscam sobre o meu rosto. Seus lábios ficam tensos em uma linha fina quando ele percebe os arranhões queimando em minha bochecha. O sangue que me cobre, boa parte é meu, mas outra boa parte não é nenhum pouco meu.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto.

Ele encolhe os ombros.

— O que eu faço de melhor.

— Me tirando dos nervos?

— Salvando você — ele responde, pegando sua espada. — Esta é a segunda vez. Não que eu esteja contando.

É a terceira, na verdade, se contarmos como ele me tirou do caminho de Rycroft no convés do navio. Elian pode não estar contando, mas eu estou.

— Eu não posso acreditar que você voltou por mim — eu digo.

Eu não me incomodo em manter a gratidão na minha voz.

Elian bate o cinto, onde sua faca está.

— Eu realmente voltei para isso — diz ele. — Resgatá-la foi principalmente uma reflexão tardia.

Eu levanto o olhar.

— Não preciso de resgate.

Pela primeira vez, Elian olha para o corpo em decomposição esparramado no chão. É como se ele tivesse acabado de perceber que o líder do infame Xaprár, sequestrador de piratas e príncipes, está sangrando a seus pés.

— Lembre-me de não ficar contra você — Elian diz.

— Tarde demais.

Ele sorri. Ele ainda está sorrindo quando vejo a cabeça de Rycroft se erguer das tábuas do assoalho. A mão do pirata está quase totalmente em sua

cintura e, quando ele a levanta no ar, fico surpreso ao ver que a pistola é tão preta quanto tinta de lula. No mesmo momento em que Elian vira a cabeça - enquanto sua tripulação se lança para frente em pânico - um tiro é disparado.

Não é a primeira vez que ouço uma arma sendo disparada, mas o som parece mais alto. Ele estremece através dos meus ossos e tambores na batida do meu coração. Tudo é uma agitação de sons. O cheiro de pólvora e o horrível grito de alerta que sai dos lábios de Kye. E então Elian. A maneira como o sorriso dele cai quando ele percebe o medo em meus olhos. Três dívidas de vida.

É quase como um reflexo quando eu o empurro para fora do caminho da bala.

Há um silêncio instantâneo que cobre o quarto. Um fragmento de segundo quando o mundo parece ter perdido todo o som. E então eu sinto isso. A dor do metal abrasador rasgando minha pele humana.

# 29

# *Elian*

EU UMA VEZ E não tenho sido capaz de fazer isso de novo desde então.

Eu tinha treze anos na época, ou algum outro número com a mesma sorte. A cerca de um quilômetro e meio da costa de Midasan, há um farol em um pequeno trecho de campo flutuante. Os guardas do mar usam isso como um ponto de vista, enquanto meus amigos e eu usávamos para provar a nossa bravura. A ideia era nadar a milha, tocar os tufos de grama ensopados e ficar em pé como um orgulhoso vencedor.

A realidade não estava se afogando.

Ninguém nunca nadou, porque ninguém estúpido o suficiente para considerar que era jovem demais, e qualquer um que tivesse idade suficiente, aprendera a utilidade dos barcos. Mas o fato de ninguém ter feito isso - e se conseguisse, seria o primeiro - só tornava a ideia mais atraente. E o rugido do meu cérebro me implorando para não morrer virou-se para um sussurro silencioso.

Cheguei ao farol, mas não tive forças para me levantar. Eu tive, no entanto, força para gritar antes de minha boca se encher de água e deixar o ouro me levar embora.

Não sei por quanto tempo fiquei morto, porque meu pai se recusa a falar dessas coisas e eu nunca perguntei a minha mãe. Pareceu uma eternidade. Depois, o mundo deve ter sentido muito por mim, por causa de todas as coisas loucas e mortais que eu fiz desde então - que superam em muito um mergulho de uma milha - eu ainda estou vivo. Intocado por outro toque de mortalidade. Tornei-me invencível, de alguma forma, por essa primeira fatalidade.

No momento em que a bala zumbe no ar e eu sinto as mãos frias de Lira nas minhas costas me empurrando para o chão, eu sinto raiva disso. Da minha invencibilidade. Meu talento para a sobrevivência, enquanto aqueles ao meu redor continuam morrendo.

— Não! — Grita Madrid, lançando-se para a frente.

Ela quebra a bota contra o queixo de Rycroft e manda seus dentes em várias direções, eu não consigo me concentrar. Kye agarra-a pela cintura, segurando-se desesperadamente enquanto ela tenta se soltar de seu aperto e acabar com o pirata. Aquele que roubou seu capitão. Quem poderia ou não tê-la vendido como escrava. Quem acabou de atirar em uma garota bem na frente dela.

Madrid grita e o amaldiçoa, enquanto Lira não faz som algum.

Ela franze a testa, o que parece mais alto, e pressiona a mão no buraco ao lado dela. Sua palma sai molhada e tremendo.

Ela olha para o sangue.

— Não queima — ela diz, e então se curva no chão.

Eu corro para ela, derrapando sob seu corpo frágil antes que ele se parta na madeira. Eu pego a cabeça dela em minhas mãos e ela solta um som abafado. Tem sangue. Muito sangue. Toda vez que eu pisco, parece se aproximar cada vez mais até que todo o lado direito do vestido esteja encharcado.

Eu coloco minha mão em sua costela e aperto. Ela está certa: não é quente. O sangue de Lira é como gelo derretido correndo entre meus dedos. Quanto mais eu pressiono, mais ela estremece. Convulsionando enquanto tento impedir mais do frio que vem dela.

— Lira — eu digo, a palavra mais como um apelo do que um nome. — Você não vai morrer.

Eu resisto a olhar para a ferida novamente. Não querendo, por medo de que ela pudesse realmente morrer e minhas últimas palavras para ela poderiam ser uma mentira e que coisa idiota seria.

— Eu sei — diz Lira. Sua voz é mais firme que a minha, como se a dor não fosse nada. Ou pelo menos, é algo mais fraco do que ela já sentiu antes. — Eu ainda tenho uma montanha para escalar.

Sua cabeça balança um pouco e eu seguro minha mão, sustentando-a. Se ela perder a consciência agora, não há como saber se ela vai acordar.

— Isso iguala a pontuação, você sabe — eu digo. — Mas eu ainda estou um ponto acima.

Lira se mexe.

— Rápido — diz ela. Meus dedos estão presos pelo sangue dela, com a camisa úmida contra o meu quadril. — Tome isso para compensar.

Ela levanta um braço trêmulo e um pequeno pingente cai da mão dela para a minha. Mais azul que seus olhos e delicada demais para ter tanto poder. O colar de Págese.

Ela conseguiu.

Eu rio e considero que comentário inteligente eu poderia fazer - dizer a ela que não é realmente meu estilo, ou que talvez eu já tenha isso em ouro - mas então os olhos de Lira tremem de volta e parece não haver muito sentido em ser engraçado se ela não for a pessoa que vai ouvir.

— Capitão! — grita Madrid, as mãos de Kye ainda se agarram à sua cintura. — Ela precisa de um médico.

Torik faz sombra sobre mim, apertando meu ombro com suas mãos poderosas e me trazendo de volta à realidade. Eu engulo. Aceno com a cabeça. Fico com Lira muito leve em meus braços. Saio do lixo do navio de merda de Rycroft, deixando um rastro de sangue em meu caminho.

— Vá em frente! — Eu grito, uma vez que estamos de volta ao *Saad*. — E exploda esse navio para o inferno em nossa retrolavagem.

O *Saad* balança e minha tripulação entra na anarquia. Eles correm de uma extremidade à outra do convés, puxando as linhas de seus guinchos e recolocando a lança. Aparam as velas e procuram pelo vento. Eu me movo para frente, empurrando os que param, observando a garota encharcada de sangue em meus braços e oferecendo sua mão.

— Elian — diz Kye. — Você está ferido. Deixe-me levá-la.

Eu o ignoro e me volto para Torik. Seu rosto é miserável quando ele olha para Lira. Ela pode não ter sido uma de nós antes, mas morrer no cumprimento do dever meio que garante a lealdade das pessoas.

— Certifique-se que o médico está pronto — eu digo, e meu primeiro colega acena.

Rycroft está pendurado descuidadamente sobre o ombro, o sangue escorrendo pelas costas de Torik. Ele está vivo, mas mal, e se eu colocar minhas mãos nele, ele não ficará assim por muito tempo. Com Lira ainda flácida em meus braços, eu grito para Torik trazer um médico e ele joga Rycroft no chão sem hesitação antes de correr para baixo.

Realmente, não temos um médico, mas meu assistente engenheiro viajou

com um circo de Plásmatash e isso é o suficiente. Enquanto eu carrego Lira em sua direção, através das torções e túneis do meu navio, sou pego de surpresa pela noção de que entre todos os príncipes e piratas e assassinos e condenados, um menino de um circo é o único que pode ajudar. Parece engraçado, e acho que Lira pode rir, sabendo que um engenheiro novato estará costurando sua pele novamente. Penso em que comentário mordaz ela usaria e como isso iria afundar em mim como um tipo perfeitamente maravilhoso de veneno. Como uma bala.

Eu empurro meu caminhar para o quarto apertado, Kye correndo atrás de mim. Os pretensos gestos médicos a uma mesa no meio da sala de engenharia.

— Coloque-a lá embaixo — diz ele em um suspiro de pânico. — E abra o vestido dela.

Eu faço o que ele diz e pego minha faca. O estranho é que no começo eu não acho que posso ver mais sangue jorrando da ferida - parece estar tudo em seu vestido e em mim - e então quando eu vejo sangue, não parece o suficiente. Ou talvez tudo já tenha saído. Talvez não haja mais nada.

— Deuses — Kye recua quando eu abro o vestido de Lira. — Ela vai viver?

— Você se importa? — Eu retruco de volta.

Não é culpa dele, mas gritar com Kye parece um pouco como gritar comigo mesmo, e eu preciso ser gritado agora. Porque isso é comigo. Se Lira morrer, então é comigo.

*Eu não posso acreditar que você voltou por mim.*

Mas eu a deixei primeiro.

— Eu não quero que ela morra, Elian — Kye aperta meu braço, mantendo-me firme enquanto as partes desgastadas por dentro ameaçam me desmontar. — Eu nunca quis. Além disso — Kye enfia a mão no bolso e suspira através das próximas palavras. — Ela protegeu você quando eu não pude.

— Parece um tiro limpo — diz o médico, e me viro, na ironia de me atormentar. Foi um tiro sujo, por completo.

— Apenas raspou as costelas — diz ele. — Eu tenho que checar se nenhum órgão foi danificado. — Ele aponta um dedo enluvado para Kye. — Não fique aí parado, sombreando minha luz. Me traga algumas toalhas.

Kye não se irrita com a ordem, ou argumenta que devemos deixar Lira morrer para ter certeza de que ela não pode nos trair. Ele se vira, sai correndo

da sala e nem perde tempo para encarar corretamente.

— Ela não cortou nada importante — diz o médico.

Ele formula a última parte como uma reflexão tardia, mas quando ele se vira para mim, seus olhos estão ansiosos.

— Eu não tenho certeza — digo a ele. — Havia muito sangue.

Ele dá de ombros e pega um instrumento que não parece inteiramente legítimo em uma caixa de ferramentas próxima.

— Não encontrei um motor que ainda não consegui consertar — diz ele. — O corpo humano é apenas outra máquina. — Ele olha para mim com olhos seguros. — Eu salvei um macaco com uma faca nas costelas uma vez. Houve um acidente com um balão explodindo. Não é tão diferente.

Acho que isso deveria ser reconfortante, então eu aceno quando Kye entra de novo no quarto com um punhado de toalhas limpas. Depois, nós voltamos do jeito que viemos, e eu não discuto. Fico feliz em ser mandado embora para que o médico possa trabalhar, livre de olhar para o corpo flácido de Lira e pensar em como eu nunca a vi tão vulnerável. Tão capaz de ser finito.

Eu não me dou um momento para respirar antes de voltar para o convés e para o corpo de Rycroft. Minha tripulação queima suas narinas, esperando para ser solta. Ao meu lado, sinto o jeito rígido como é normal de Kye. Mal consegue se conter e esperando desesperadamente que eu não pedir a ele que contenha os outros. Essa é a coisa da minha tripulação. Eles não precisam ser amigos. Eles nem precisam gostar um do outro. Estar no *Saad* é o mesmo que ser família, e ao me salvar, Lira provou algo para Kye. Eu a tranquei em uma gaiola e fiz ela trocar seu caminho para o meu navio, e ela me salvou do mesmo jeito, acreditando que era a escolha certa. Uma vida por uma vida. Confiança por confiança.

Tallis Rycroft olha para mim e ele não está vivo o suficiente para fazer parecer ameaçador. Seu olho esquerdo está fechado, um caroço se estendendo como o topo de uma montanha e as feridas em seu rosto tornam seus lábios indistinguíveis. O buraco em seu estômago sangra.

— O que você vai fazer com ele? — Kye pergunta. Sua voz não é totalmente calma, algo desequilibrado naqueles tons geralmente despreocupados. Ele quer vingança tanto quanto eu. E não apenas por tomar o seu capitão, mas pela menina quebrada deitada na escória do nosso navio.

— Eu não sei.

Madrid anda com um pequeno canivete entre os dedos. Quando ele a pica,

ela deixa o sangue pingar na perna machucada de Rycroft.

— Ele não merece viver — diz ela. — Você não tem que mentir para nós.

Um dos olhos de Rycroft pisca lentamente, enquanto ele compreende a tempestade que ele criou. O jovem príncipe em mim quer sentir pena dele, mas continuo olhando para as meias-luas e longas linhas serrilhadas que se retorcem em seus bíceps. As feridas tentaram afastá-lo. Marcas de unhas tão semelhantes às do meu próprio peito.

Hesito, sou pego de surpresa quando uma imagem distorcida da Maldição dos Príncipes passa pela minha mente. Ela poderia ter quebrado meu pescoço ou feito qualquer tipo de coisa para me incapacitar, mas ela deixou suas garras rasgarem lentamente pelo meu peito. Essa era a coisa sobre sirenas. Eles sempre foram direto para o coração.

— Capitão — diz Madrid, e eu pisco com a imagem.

— Eu vou encontrar algumas águas infestadas de tubarões — digo a ela, recuperando a compostura. — E depois soltar seu apêndice favorito.

Há um silêncio fleumático, enquanto todos ao alcance da voz consideram essas palavras. Rycroft pisca de novo.

— Da próxima vez — diz Kye, limpando a garganta. — Minta para nós.

— E quanto a Lira? — Pergunta Madrid.

Eu dou de ombros.

— Depende de quão agradável ela vai estar quando acordar.

— Eu quis dizer — ela diz. — Ela realmente vai ficar bem?

Eu olho para Rycroft, e é preciso todo o esforço que tenho para sorrir.

— Minha tripulação não é tão facilmente morta.

É uma besteira, mas preciso que todos acreditem. Eu preciso acreditar em mim mesmo. Eu imagino Lira, e é como se eu pudesse sentir seu sangue frio escorrendo pelas minhas mãos como gelo derretido. Se ela morrer, meu plano e toda essa missão morre com ela. Mais do que tudo, estou contando os minutos até que nosso engenheiro novato apareça e me diga que está tudo bem. Essa Lira não morreu por mim e ela ainda pode oferecer a última peça do quebra-cabeça para libertar o Cristal de Keto de sua gaiola.

Que talvez - apenas talvez - eu não precise arrancar Rycroft em mais pedaços.



# 30

## *Lira*

EU ACORDO E imediatamente desejo que eu não tivesse acordado.

Há uma dor crua em minhas costelas, como se houvesse uma criatura roendo minha pele, e eu me sinto tonta de uma forma que me diz que eu dormi demais.

O quarto em que estou está tão confuso quanto meus pensamentos. Eu tiro a minha camisa aberta do caminho e apoio minhas costelas pesadamente enfaixadas. Meus dentes rangem um contra o outro enquanto eu deixo minhas pernas balançarem ao ladodo banco. É um mero segundo de estar em pé antes de o roer se transformar em uma mordida.

— Há algo sobre uma ferida de bala que me faz querer pular da cama também.

Kye está lavando as mãos em uma pia próxima. É espesso com óleo e graxa. Quando ele termina, ele sacode a água das mãos e vira para mim com um olhar condenatório.

— Isso deveria ser uma cama? — Eu pergunto.

Ele coloca uma mão molhada contra a minha testa e eu resisto ao impulso de me afastar do frio.

— Eu não acho que você está morrendo agora — diz ele.

— Eu estava morrendo antes?

Ele encolhe os ombros.

— Talvez. Mas o pequeno médico de circo fez um bom trabalho. Ele até me ensinou a cobrir sua ferida para que ele pudesse se concentrar em ajudar o navio a se manter à tona. — Kye acena com a cabeça para as bandagens com um olhar presunçoso. — Perfeitamente perfeitos, não são? Meu primeiro.

— Você não poderia ter me dado uma cama também? — Eu pergunto, não deixando de notar que alguém – eu espero que Madrid ao invés de Kye – também tenha me vestido em algo mais simples e confortável do que o vestido que eu estava.

— Madrid trouxe travesseiros para você — Kye enxuga as mãos em um pano próximo. — Foi o melhor que pudemos fazer desde que mudar você de lugar não era uma opção.

Eu olho para o lençol manchado sobre mim. Há um travesseiro de veludo preto onde minha cabeça estava, suficientemente fofo para eu ter dormido confortavelmente por quanto tempo que fosse, e uma fina almofada oval é pressionada na forma dos meus pés. Não é exatamente adequado para uma rainha, mas para uma vítima de tiro a bordo de um navio pirata, pode ser considerado luxuoso.

— Como você está se sentindo? — Kye pergunta, e eu sorrio.

— Você estava preocupado? — Quando ele não responde, eu testo minhas costelas com um suspiro profundo. — Tudo bem — eu digo.

A bandagem está apertada em volta do meu corpo, e o curativo parece fresco e crocante contra a minha pele úmida. Deve ter sido mudado recentemente, percebo, o que significa que Kye esteve me vigiando.

— Eu esperava Madrid — digo a ele. — De todas as pessoas, eu não achei que seria você.

— Ela esteve aqui por um tempo — diz ele. — Mais do que um tempo, na verdade. Eu tive que mandá-la dormir um pouco antes de ela recorrer a grampear os olhos abertos — Ele olha para as mãos. — Ela estava preocupada que você seria apenas outra garota que não poderia escapar.

— Escapar do quê?

— Rycroft — diz ele, e depois embaralha desconfortavelmente. — Estou feliz que você esteja acordada.

O comentário não é tão descartável quanto ele gostaria que fosse. Apesar de toda a desconfiança entre nós, Kye e o resto da tripulação arriscaram a vida para voltar por mim e, enquanto eu jazia sangrando em seu navio, eles não me deixavam dormir na solidão. Eles ficaram. Eles vieram para mim e ficaram.

— Então você confia em mim agora? — Eu pergunto.

— Você quase morreu tentando salvar Elian — Kye limpa a garganta como se fosse uma luta para colocar as palavras para fora. — Então, como eu disse, estou feliz que você esteja acordada.

— Estou feliz que você não tenha me matado enquanto eu estava inconsciente.

Kye bufa um sorriso.

— Eu gosto do jeito que você diz obrigado.

Eu rio e depois estremeço.

— Quanto tempo eu dormi?

— Alguns dias — ele me diz. — Nós tínhamos uns sedativos fortes e todos nós pensamos que seria uma boa idéia para você descansar um pouco. — Ele pega o pano da pia e passa inquietamente entre as mãos. — Ouça — diz ele cautelosamente. — Eu sei que dificultei as coisas com você, mas isso é só porque Elian parece gostar de se colocar nas mãos da morte com muita frequência e é meu trabalho impedir que isso aconteça sempre que eu puder.

— Como um bom guarda-costas — eu digo.

— Como um bom amigo — ele corrige. — E eu acho que levar uma bala por ele te rendeu uma folga por eu ser uma merda — Ele suspira e joga o pano no meu colo. — Eu acho que isso oficialmente faz de você uma de nós.

Eu levo um momento para processar isso. A ideia de que eu pertenço a eles em um navio partindo para qualquer lugar e lugar nenhum. É o que eu queria, não era? Para ganhar a confiança da tripulação, para que eles não suspeitassem de mim. E no entanto, no instante em que Kye diz isso, não penso em como ganhei a confiança que planejo quebrar. Eu penso em como é diferente, ser um novo tipo de soldado, ganhando lealdade salvando vidas ao invés de destruí-las. Lutando uma guerra do outro lado.

— Eu não ouvi o pedido de desculpa — eu digo. — Você poderia repetir?

Kye olha, mas é diferente de antes, mais leve, nada hostil em cima dele.

Um sorriso se instala em seu rosto.

— Acho que Elian está te ensinando sua versão de humor — diz ele.

À menção do nome de Elian, eu paro.

Ele prometeu que não voltaria por mim se algo desse errado, mas ele fez isso mesmo assim. No momento em que ele se libertou das restrições e foi confrontado com a oportunidade de sair, ele não queria.

Eu fecho meus olhos enquanto minha cabeça começa a latejar. Todo o meu propósito de estar neste navio é matá-lo, e quando surgiu a oportunidade de alguém fazer isso, eu parei.

Eu o empurrei da bala da mesma maneira que ele me puxou do oceano. Sem pensar ou pesar o que isso poderia significar ou como isso poderia me beneficiar. Eu fiz isso porque parecia a única coisa a fazer. A coisa certa a fazer.

No meu mundo, Kahlia é o único remanescente da minha inocência perdida. A única prova de que há uma pequena parte de mim que eu não deixo minha mãe colocar as mãos. Eu não sei porquê, mas Elian evocou o mesmo sentimento feroz que costumava ser reservado apenas para ela. O desejo de permitir que faíscas de lealdade e *humanidade* toquem em mim. Nós somos iguais, ele e eu. Assim como olhar nos olhos de minha prima é como olhar para a memória de minha própria infância, estar perto de Elian parece estar em volta de uma versão alternativa de mim mesma. Reflexos um do outro em um reino diferente e uma vida diferente. Peças quebradas do mesmo espelho. Existem mundos entre nós, mas isso parece mais uma semântica do que uma evidência tangível de como somos diferentes.

Tudo é mais obscuro agora. E Elian transformou as coisas desse jeito em um único segundo, com uma ação tão fácil quanto respirar: ele sorriu. Não porque eu estivesse sofrendo, curvando-me ou tornando-me maleável para todos os seus caprichos e decretar como fiz com minha mãe. Ele sorriu porque me viu. Livre e viva, e já fazendo o caminho de volta para ele.

Estou tão focada em acabar com o reinado de minha mãe que não pensei em como posso acabar com a guerra dela. Mesmo que eu pusesse minhas mãos no olho, eu ainda planejava pegar o coração de Elian, exatamente como minha mãe ordenou, achando que isso provaria algo para o meu reino. Mas o que? Que eu sou igual a ela, valorizando a morte e a selvageria pela misericórdia? Que eu trairei alguém, mesmo aqueles que são leais a mim?

Se eu encontrar o olho, talvez não sejam apenas as sirenas que não

precisam mais sofrer, mas os humanos também. Talvez eu possa parar o rancor antigo que começou na morte. Seja um novo tipo de rainha, que não cria assassinos de filhas.

Eu penso em Crestell, protegendo Kahlia de mim e colocando sua própria vida em seu lugar.

*Torne-se a rainha que precisamos que você seja*.

— Eu deveria ir procurar o capitão — diz Kye, me tirando dos meus pensamentos.

Eu deslizo do banco, deixando a dor penetrar em mim e depois me afastar. Eu me reúno e concentro-me nessa urgência recém-descoberta.

— Não — eu digo a ele. — Não.

Kye hesita perto da porta, sua mão já está pressionando o cabo.

— Você não quer que ele venha? — Pergunta ele.

Eu sacudo minha cabeça.

— Ele não precisa — eu digo. — Eu vou encontrá-lo.

# 31

# *Elian*

PÁGOS SE APROXIMA, E a cada légua o ar fica mais rarefeito. Nós sentimos toda noite, nossos ossos estalando com o navio enquanto ele desliza sobre água que logo vai se tornar lodo e gelo. Não importa quão longe conseguiremos ir, porque Págos é algo que sempre é sentido por dentro. Mais e mais com cada braçada, ele aparece em algum lugar lá no fundo. A parte final de nossa busca, onde o Cristal de Keto espera para ser libertado.

Rycroft agora é mais um fantasma do que já era, escondido abaixo do convés quase sem gaze e remédios o suficiente para ficar vivo. O mínimo necessário para fazer a viagem conosco. Eu não estive lá embaixo, delegando essa responsabilidade para Torik e para os outros membros da tripulação que podem lidar bem com ele e mostrar controle.

Madrid não pode ser confiada. Não quando se trata de um de seus próprios conterrâneos. Suas memórias tendem a manchar sua moral e eu posso entender isso. Com Kye, é a mesma coisa. Não há uma parte de mim que confia nele para vigiar Rycroft e entregar-lhe comida que não esteja misturada com veneno. E então, mais do que qualquer um deles, eu mesmo. A pessoa em quem menos confio.

Lira pode estar viva, mas isso não coloca um fim com as coisas. O alívio encobriu minha raiva como um filme, mascarando a ira bem o bastante para não poder ser vista, mas nunca o bastante para ela desaparecer. Mas quer eu vá lá embaixo ou não, Rycroft pode sentir o destino que o aguarda. Mesmo ele pode ouvir o lento chamado selvagem de Págos. Das profundezas da cela de cristal, onde Lira uma vez esteve, e onde ele vai permanecer até que eu o entregue ao reino de gelo. Ele pode ouvir os assobios no vento, em um

aposento tão escuro quanto sua alma. E quando nós finalmente chegarmos, ele vai viver com eles enquanto ele apodrece em uma cadeira tão fria quanto seu coração.

— Você não está bebendo.

Lira para nos degraus da escada para a plataforma de proa. Um cobertor está enrolado frouxamente ao redor de seus ombros, e quando ele escorrega, ela o puxa mais alto. Eu tento não notar o estremecimento quando ela move o braço muito rápido, esticando seu lado e sacudindo a ferida.

Eu estico minha mão para ajudá-la, e o olhar que ela me lança não é nada além de venenoso.

— Você quer que eu corte sua mão fora? — Ela pergunta.

Mantenho minha mão pairando no espaço entre nós.

— Particularmente não.

— Então tire-a da minha frente.

Ela se arrasta sozinha pelo resto do caminho e se acomoda ao meu lado. As pontas de seu cobertor roçam meus braços. As noites agora são sempre tão frias, o bastante que dormir com minhas botas parece ser a única maneira de manter meus dedos. Mas há algo sobre estar aqui em cima, com as estrelas e o som do *Saad* nadando por aventura. Me faz sentir mais quente do que eu poderia estar na minha cabine.

— Eu não sou uma inválida — Lira diz.

— Você é um pouco.

Não preciso encará-la para ver que seus olhos estão queimando através do ar entre nós. Lira tem um jeito de olhar para as pessoas - de olhar para mim - que pode ser sentido tanto quanto pode ser visto. Se seus olhos não fossem de um tom tão surpreendente de azul, eu iria jurar que eles não eram nada mais do que carvão quente queimando no fogo por dentro.

Toco o colar Págese, que se pendura do meu pescoço como a concha do mar de Lira se pendura do dela. A chave para tudo. Para acabar com uma guerra que durou gerações.

— Se você levar um tiro — Lira diz, — vou tratar você como se você fosse incapaz de realizar as tarefas mais simples. — Ela abraça seus joelhos para manter o frio longe. — Vamos ver se você gosta quando eu esticar meu braço para ajudar você a caminhar, mesmo que você não tenha levado um tiro na perna.

— Eu ficaria lisonjeado — eu digo. — Que você iria procurar uma

desculpa apenas para segurar a minha mão.

— Talvez eu esteja apenas procurando uma desculpa para atirar em você.

Eu lhe dou um olhar de esguelha e me reclino em meus cotovelos.

O convés do *Saad* está cheio com meus amigos, derramando bebidas na madeira envernizada e cantando canções que batem contra as velas com as rajadas. Vê-los dessa maneira - tão felizes e à vontade - sei que nada poderia ser mais forte que o oceano que nos liga. Nem mesmo sangue.

— Madrid disse que você vai entregar Rycroft quando chegarmos a Págos.

— Faz algum tempo já que há um preço pela cabeça dele — eu digo. — Mas os serviços de Xaprár eram valiosos demais para qualquer reino justificar atacá-los. Agora que as sombras foram dizimadas por nós, eu não duvido que ele será um homem procurado. Se nada mais, será uma influência extra para garantir que o rei Págese nos permita acesso à montanha para que possamos pegar o cristal e terminar toda essa coisa.

Lira se inclina para trás para que estejamos nivelados. Seu cabelo está mais indisciplinado do que nunca, e o vento da tempestade que se aproxima não ajuda em nada. O sopra em seus olhos e se segura em seus lábios, se agarrando às sardas de suas bochechas pálidas. Eu cerro meus punhos aos meus lados, resistindo ao impulso de empurrá-los do seu rosto.

— Você realmente odeia sirenas tanto assim? — Ela pergunta.

— Elas matam a nossa espécie.

— E você mata a delas.

Minhas sobrancelhas se juntam.

— Isso é diferente — eu digo. — Nós fazemos o que fazemos para sobreviver. Elas fazem isso porque querem ver todos nós mortos.

— Então é vingança?

— É retribuição — eu me sento um pouco mais ereto. — Não é como se as sirenas possam ser racionais. Nós não podemos assinar um tratado de paz como com os outros reinos.

— Por que não?

A distância na voz de Lira me faz pausar. A resposta deveria vir rápida e facilmente: porque elas são monstros, porque elas são assassinas, por causa de mil razões. Mas eu não falo nenhuma delas. Na verdade, a ideia de isso não acabar em morte nunca passou pela minha cabeça. De todos os resultados e possibilidades que eu considerei, paz não era uma delas. Se eu tivesse a oportunidade, iria aceitar?

Lira não olha para mim e odeio o fato de não conseguir entender a expressão de seu rosto.

— Por que você está questionando isso? — Eu pergunto. — Pensei que a Rainha do Mar tirou tudo de você e que você queria o Cristal de Keto para acabar com a guerra. Você quer vingança pela sua família tanto quanto eu quero por Cristian.

— Cristian? — Lira olha pra mim agora, e quando ela diz o nome dele, congela o ar entre nós.

— Ele era o príncipe de Adékaros.

Corro uma mão pelo meu cabelo, de repente me sentindo bravo e desfocado. Um homem como Cristian morrer enquanto um homem como Tallis Rycroft ficar vivo é mais do que injusto.

Lira engole a seco.

— Vocês eram amigos.

Sua voz soa miserável e isso me distrai. Eu não consigo lembrar da voz dela soando nada menos que irritada.

— Como ele era? — ela pergunta.

Há inúmeras palavras que eu poderia usar para descrever Cristian, mas o caráter de um homem é melhor visto em suas ações do que no lamento daqueles que o amavam. Cristian era cheio de provérbios e sentimentos que eu nunca entendi e eu gostava de zombar deles tanto quanto eu gostava de ouvi-los. Não havia nenhuma situação em que nos encontrássemos que Cristian não achasse que pedia por um ditado. *Amor e loucura são duas estrelas no mesmo céu. Você não pode construir um telhado para evitar a chuva do ano passado*. Ele sempre tinha algo pronto para acalmar as partes mais desenfreadas de mim.

Penso no que Cristian diria agora se ele soubesse o que eu estou planejando. Qualquer outro homem iria querer vingança, mas sei que ele não veria o cristal como uma arma. Ele não iria querer nem que eu o encontrasse.

*Se seu único instrumento é uma espada, então você sempre vai atacar seus problemas*.

Instead of telling all of this to Lira, I clasp the Págese necklace and say,

Em vez de contar tudo isso a Lira, eu seguro o colar Págese e digo:

— Você acha que ela vai sentir?

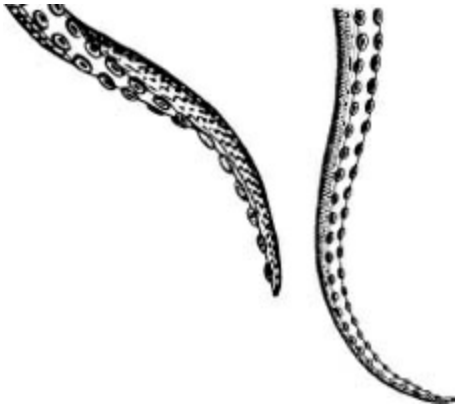
— Quem?

— A Maldição dos Príncipes — eu digo. — Você acha que ela vai sentir

quando a Rainha do Mar morrer?

Lira solta um suspiro que se torna fumaça em seus lábios. O ar é fino e perigoso. Vento corta entre nós como adagas enquanto uma tempestade se aproxima. Posso sentir o cheiro da chuva antes que ela chegue, e eu sei que dentro de instantes o céu vai começar a chorar em nós. Ainda assim, não me movo. A noite pisca e geme, nuvens espessas rastejando na direção umas das outras e se fundindo em uma sombra infinita que bloqueia as estrelas. Fica mais escuro a cada momento.

— Me pergunto se ela sente alguma coisa — Lira diz. Ela muda de posição, e quando se vira para mim seus olhos estão vazios. — Eu suponho que não vamos demorar a descobrir.



# 32

## *Lira*

NAQUELA NOITE EU SONHEI com morte.

Mares correndo vermelhos com sangue, e corpos humanos flutuando junto com a espuma dos meus antepassados caídos. Quando as ondas finalmente crescem o suficiente para acariciar a noite, elas desmoronam e os corpos se destroçam contra o fundo do mar.

A areia explode sob eles, espalhando meu reino em flocos dourados. Em meio a tudo, o tridente de minha mãe se liquefaz. Eu a chamo, mas eu não sou mais parte desse grande oceano, e assim ela não me escuta. Ela não me vê. Ela não sabe que eu estou observando a sua queda.

Ela deixa o tridente murchar e derreter.

Elian está parado ao lado dela, e a água recém iluminada se abre para ele, que possui olhos como piscinas vastas e uma mandíbula feita de naufrágios e corais quebrados. Cada movimento seu é tão rápido e fluido como um maremoto. Ele pertence ao oceano. Ele é feito dele, tanto quanto eu sou.

Parentes.

Elian olha o fundo do mar. Eu quero perguntar a ele por que ele é tão fascinado pela areia, quando há um mundo inteiro nesse oceano que ele não consegue começar a imaginar. Por que ele não o vê? Por que ele não se importa o bastante para olhar? Eu vi o mundo pelos olhos dele; ele não pode ver pelos meus?

O impulso de gritar me rasga, mas eu só consigo lembrar as palavras em *Psáriin* e eu não ouso falar essa linguagem para ele.

Eu o observo se virar para a areia, seu rosto tão claramente quebrado quanto o de minha mãe.

Apenas quando eu tenho certeza que irei ficar louca de angústia que me lembro da linguagem dele. Busco rapidamente pelo Midasan e encontro as palavras para dizer a ele. Eu quero explicar quão cheio de mágica e possibilidades meu mundo poderia ser se não fosse pelo reinado de minha mãe. Quero confortá-lo com a chance de paz, não importa quão pequena seja. Dizer a ele que as coisas poderiam ser diferentes se eu fosse rainha. Que eu não nasci uma assassina. Mas encontro as palavras tarde demais. Quando elas se tornam claras em minha cabeça, vejo a verdade que Elian descobre.

Ele não está encarando a areia, mas os corações que rompem dela.

*Não olhe*. *Não olhe*.

— Você fez isso? — Os olhos de Elian encontram os meus. — Você fez isso? — Ele pergunta novamente em *Psáriin*.

A lâmina da minha linguagem é o bastante para cortar sua língua, e eu estremeço enquanto sangue escorre de sua boca.

— Eu tomei muitos corações — eu confesso. — O dele foi o último.

Elian sacode a cabeça, e a risada que escapa de seus lábios é um eco perfeito do riso de minha mãe.

— Não — ele me diz. — Não foi.

Ele estica suas mãos e eu tropeço para trás em horror. Eu não estou mais em controle quando minhas pernas cedem e me jogam ao chão. Olho para o coração nas mãos de Elian, sangue se reunindo nas pontas de seus dedos. Não qualquer coração. O seu próprio.

— Era isso que você queria? — Ele grita.

Ele dá um passo para a frente e eu nego com minha cabeça, avisando-o para não se aproximar.

— Lira — Elian sussurra. — Não era isso que você queria?

Acordo ofegando por ar.

Minhas mãos agarram o fino lençol branco, e meu cabelo escorre pelos meus ombros nus. O navio balança lentamente para o lado, mas o movimento que eu costumava achar reconfortante me deixa mais nauseada a cada segundo. Meu coração tique-taqueia loucamente contra meu peito, tremendo mais do que batendo.

Quando solto meus punhos do forro de cama, há marcas de arranhões em minha palma. Riscos vermelhos e bravos pelas linhas de minha mão. Não importa o quanto eu tente, parece que não consigo recuperar o fôlego.

A imagem do coração de Elian é produzida em um vai e vem instável. A traição em seus olhos. O som castigante da risada de minha mãe.

Passei minha vida inteira me escondendo da possibilidade de algo ser diferente do que minha mãe me disse que eu precisava ser. Engolindo a criança com um desejo de ser algo diferente. Eu era uma sirena e então era uma assassina. Nunca era certo ou errado; apenas era a realidade. Mas agora minhas memórias são sonhos cruéis, distorcidas em visões impiedosas e acusando-me de um passado que não posso negar.

A verdade a respeito do que sou tornou-se um pesadelo.

# 33

## *Elian*

A ÁGUA ESTÁ LODOSA quando o *Saad* atraca. O frio tem uma presença fiel aqui, e com a poeira rapidamente se aproximando, o ar parece sempre gélido pela ausência iminente do sol. Apesar disso, é tão brilhante como se fosse de manhã. O espelho do céu congelado contra a água branca, salpicado por tufos de gelo e neve, contribui para um reino que é belamente vazio de escuridão. Mesmo na calada da noite, o céu não fica mais escuro que um azul mosqueado, e o próprio chão age como uma luz para guiar o caminho. Neve, refletindo o enfeite eterno das estrelas.

Págos.

Sinto o batimento do colar contra meu coração enquanto nós pisamos na neve. Finalmente o cristal está dentro de alcance. Eu tenho a chave e o mapa para encontrar o caminho, e tudo que resta é Lira me contar os segredos do ritual.

O ar está frio na minha pele, e apesar de minhas mãos estarem envoltas em luvas grossas, enfio meus punhos em meus bolsos assim mesmo. O vento penetra aqui através de cada camada, incluindo na pele. Estou vestido em pele tão grossa que caminhar parece um esforço. Me atrasa muito mais do que eu gostaria, e mesmo sabendo que não há ameaça iminente de ataque, ainda assim não gosto de estar despreparado caso um aconteça. Isso me abala mais do que o frio.

Quando me viro para Lira, as pontas de seu cabelo estão brancas de geada.

— Tente não respirar — eu digo a ela. — Pode ficar presa na metade do caminho.

Lira puxa o capuz pra cima.

— Você devia tentar não falar então — ela retruca. — Ninguém quer suas palavras sendo preservadas pela eternidade.

— Elas são pérolas de sabedoria, na verdade.

Mal posso ver os olhos de Lira sob a massa de pele escura de seu casaco, mas a curva sem alegria de seu sorriso está sempre presente. Se demora em divertimento calculado enquanto ela considera o que irá dizer em seguida. Preparada para ricochetear o próximo golpe.

Lira puxa uma linha de gelo de seu cabelo, artificialmente indiferente.

— Se é isso que pérolas valem hoje em dia, eu vou me certificar de investir em diamantes.

— Ou ouro — eu digo a ela presunçosamente. — Eu ouvi falar que vale seu próprio peso.

Kye sacode a neve de sua espada e bufa.

— A qualquer momento que vocês dois quiserem parar de me deixar nauseado, vão em frente.

— Você está com ciúmes porque eu não estou flertando com você? — Madrid pergunta a ele, aquecendo seu dedo no gatilho de sua arma.

— Não preciso que você flerte comigo — ele diz. — Eu já sei que você me acha irresistível.

Madrid recoloca sua arma no coldre.

— Na verdade é bem fácil de resistir a você quando você está vestido desse jeito.

Kye olha para baixo para o casaco vermelho macio ajustado confortavelmente a sua forma flexível. A gola de pele afaga sua mandíbula e obscurece a parte de baixo de suas orelhas, fazendo parecer que ele não tem pescoço nenhum. Ele atira um sorriso a Madrid.

— É por que você acha que eu pareço mais sexy não vestindo nada?

Torik solta um suspiro seco e belisca o topo de seu nariz. Eu não tenho certeza se é por causa das horas que ficamos sem comer ou de não poder vestir calções no frio mordente, mas sua paciência parece estar se acabando.

— Posso jurar que estou numa missão de vida ou morte com um bando de crianças carentes — ele diz. — Daqui a pouco, todos vocês irão estar escrevendo notas de amor em garrafas de rum.

— Está bem — Madrid diz. — Agora me sinto nauseada.

Eu rio, mas o som se perde contra o ritmo de batidas de tambores nômades que fica mais próximo. Mais à frente, uma linha de guerreiros se aproxima.

Há pelo menos uma dúzia deles, em um formato militar de flecha perfeito, marchando ferozmente em nossa direção. Mesmo com a nevasca, eles são fáceis de ver. A neve faz um trabalho ruim em obscurecer suas estaturas imponentes e impressionante formação sistemática. Eles escalam perfeitamente alinhados uns com os outros, pés esmagando a neve com cada batida do tambor. Eles parecem gigantes, seus uniformes tão escuros que mancham cada cenário.

Quando eles nos alcançam, há um momento de silêncio enquanto nós nos observamos mutuamente.

Mesmo com as camadas de pele e armadura, não é difícil de diferenciar a realeza de seus soldados. Os quatro membros da família Págese se destacam como titãs, magníficos chapéus de caçadores descendo pelas suas costas em casacos de pele gloriosos. Seus olhos observam por baixo das mandíbulas de seus respectivos animais: urso polar, raposa do Ártico, lobo selvagem, e no meio dos guerreiros e seus irmãos, o leão da neve.

Cada animal é um tom glorioso de branco que derrete na neve aos seus pés. É um forte contraste com as suas armaduras e armas pretas – lanças e espadas que são todas do tom de ébano mais escuro. Eles reluzem de uma maneira que é quase líquida.

Os irmãos Págese puxam para trás as peles de animais que os protegem do frio. Como esperado, o Rei Kazue é o leão da neve. A mais mortal de todas as criaturas. Embora seja mais alto que alguns homens, o rei Págese parece englobar o tamanho da criatura perfeitamente. Ele não parece diminuído pela carcaça de mamute.

— Príncipe Elian — Kazue cumprimenta.

Sua pele é tão branca que é quase azul. Seus lábios se misturam com o resto de seu rosto como uma sombra variante, e tudo nele é afiado e reto. Seus olhos são pontos severos que arqueiam para o fim de suas sobrancelhas, e seu cabelo é feito de raios de mechas como espadas que raspam contra seu armamento.

Kazue leva sua mão ao seu estômago e se inclina para a frente em uma reverência costumeira. Seus irmãos o imitam, enquanto os guardiões ao redor deles ficam firmemente eretos. Em Págos, não é costume os soldados se curvarem para a realeza. É um cumprimento feito apenas de uma elite para outra, e os soldados precisam ficar imóveis e imparciais. Despercebidos até serem reconhecidos.

— Sua Alteza Real — eu digo, retornando a saudação. — Eu gostaria de agradecer a você por nos receber em seu reino. É uma honra ser bem vindo aqui.

Me viro para os príncipes, seus chapéus de animais combinando de acordo com suas idades e, então, de acordo com o direito ao trono. O segundo mais velho, Príncipe Hiroki, é o urso polar; Tetsu, o lobo selvagem; e o príncipe mais novo, Koji, é a raposa do Ártico. Eu os cumprimento formalmente e eles se curvam de volta.

Me pergunto qual deles é a fonte de informações de Rycroft.

— É claro, não são apenas meu irmãos que o acolhem — Kazue diz. — Mas a nossa família inteira.

Ele acena sua mão para trás de si, e uma nova figura emerge dos soldados, vestida tão gloriosamente quanto a família real. Um quinto, mais baixo e com uma postura militar menor, mas com um senso semelhante de indignação. Não preciso que a adição sem precedentes remova a pele de animal para saber quem é.

Sakura sorri quando ela vê meu rosto travar, lábios azuis brilhantes combinando com a cor ímpia do céu. Seu cabelo está mais curto do que antes, com uma franja cortada descuidadamente para esconder as pontas de seus olhos. Uma pesada corrente de bronze desce de sua testa para um piercing branco como osso no lóbulo de sua orelha esquerda.

Ela não parece uma princesa; ela parece uma rainha. Uma guerreira. Uma adversária.

— Príncipe Elian — ela diz.

— Princesa Yukiko.

Ela sorri ao uso de seu nome verdadeiro.

Kye enrijece ao meu lado, seu ressentimento crescendo. Agora que minha tripulação se depara com a mulher que me manipulou para desistir do meu tempo no *Saad* – meu tempo, e o deles – dificilmente pode-se esperar que eles sorriam.

Rapidamente, cutuco Kye antes que ele tenha uma chance de dizer qualquer coisa. Quem sabe há quanto tempo a Princesa Yukiko contou a sua família sobre sua estadia em Midas? Que ela trocou tanto meus segredos reais quanto ela trocou bebida, passando suas noites jogando com os patifes do meu reino? Duvido. Mas mesmo que ela tenha contado, Kye falando com ela informalmente não vai passar despercebido. Ele pode ter sido o filho de um

diplomata uma vez, mas sua deserdação não é segredo. Além do mais, ela é uma princesa. Uma rainha em potencial. *Minha* rainha em potencial.

Recuo com o pensamento, torcendo que minha barganha com Galina seja o bastante para anular meu acordo com Yukiko.

Sinto os olhares de toda a centena de minha tripulação às minhas costas. Mas, por mais que eles queiram falar comigo, há muita coisa que quero dizer à princesa. O acordo que quero discutir e a contra oferta que estou desesperado para apresentar. No entanto, agora não é a hora. Não com tantos olhares indiscretos e orelhas afiadas.

Me curvo em saudação.

— Olhe para você, tentando esconder sua surpresa — Princesa Yukiko diz. — Não há razão para isso, você sabe. Esconder a surpresa. Nós não somos velhos amigos? Esse não é o meu lar? Onde mais eu deveria estar a não ser com meus queridos amigos e família?

— É claro — digo rigidamente. — Eu estou apenas surpreso em como você fez a jornada rapidamente.

— Nem todos os navios flutuam — Yukiko diz. — Alguns preferem voar.

Sua voz é indubitavelmente segura de si mesma, e diferentemente de Lira não há nada que eu gosto do tipo de arrogância dela. Resisto ao impulso de revirar os olhos e me contento com um curto aceno de entendimento.

Os navios aéreos de Págese estão entre os melhores dos cem reinos. Eles variam de pequenos navios – balões rápidos que mal tem espaço o suficiente para meia dúzia de passageiros – para navios exuberantes que são opulentos o bastante para serem confundidos com palácios voadores. Eles têm pelo menos oito rotores separados e abrangem até três andares, dependendo da carga ou, mais frequentemente, da posição social dos passageiros.

Os Págese sempre tiveram boa relação com os Efévresic, quem deram vida para as invenções mais grandiosas do mundo. Eles são um reino na vanguarda de praticamente qualquer triunfo tecnológico, e raramente há uma invenção hoje que não se possa traçar sua origem de volta a Efévresi. Págos tem sido seu aliado por tanto tempo que não importam se eles existem em extremos opostos do mundo. Raramente há algo mais forte que dois reinos unidos por uma aliança matrimonial de décadas. Significa que Págos têm acesso a muitos dos avanços tecnológicos que Efévresi tem, e então eles são um dos poucos reinos com os recursos para manter a maior parte de suas viagens no ar ao invés do mar. Para o resto dos cem reinos, navios aéreos

tendem a não ser confiáveis. O mau funcionamento não é incomum, e a não ser que a jornada se estenda por mais de um mês, é mais problemático do que vale a pena.

— Você é a princesa? — Lira pergunta.

Por mais que seu desprezo por todos ao seu redor geralmente me entretenha, mando a ela um olhar aguçado, avisando-a para não dizer nada fora da linha. Mas ou ela não percebe ou ela não liga. Posso adivinhar qual das duas coisas é mais provável.

Yukiko acena.

— Eu não tinha percebido que o príncipe estava recrutando novos membros para o *Saad*.

— Ah, não sou uma recruta — Lira diz. — Eu estou aqui apenas para matar ele. — Ela encara a princesa incisivamente. — E qualquer um que fique em meu caminho.

Kye faz uma tentativa frustrada de abafar o som de sua risada com as costas de sua mão.

Desvio meu olhar para Lira e cerro os dentes. Será que o frio afetou sua cabeça, ou ela está tão acostumada com a nossa dinâmica que ela pensa que pode agir da mesma maneira com toda a realeza? Tento conseguir sua atenção, mas ela está fixada em Yukiko.

Seus olhos estão tão frios quanto o vento.

— Ela está brincando — eu digo, empurrando Lira para trás de mim. — E provavelmente está bêbada.

Lira bufa e eu aperto minha mão em sua cintura para silenciá-la.

— Não prestem atenção em minha tripulação — eu digo, dando um sorriso alegre ao rei. — Quando a comida escasseia, eles tendem a sobreviver de rum.

O Rei Kazue recusa o comentário com uma risada, mesmo que seja tão calculada quanto seu posicionamento militar. Ao seu lado, Yukiko observa minha mão na cintura de Lira.

— Temos coisas mais importantes para discutir — Kazue diz. — Venham, nós devemos conversar no palácio, longe dos dentes de nosso clima. Pelo que minha irmã me disse, há uma barganha bastante interessante para ser combinada.

DEPOIS DE SERMOS APRESENTADOS AOS nossos quartos de hóspedes e receber comida o suficiente para acalmar o humor de Torik, sou escoltado ao grande hall. A pedido do Rei Kazue, estou sozinho, e ainda assim há sete guardas caminhando comigo enquanto o acompanhante real mostra o caminho. Entendi como um elogio quando eles vieram me buscar dos meus novos aposentos, armados até os dentes com lanças que parecem ter sido feitas de dentes. É quase um testemunho à minha reputação de que confiam tão pouco em mim.

O grande hall se esconde atrás de um conjunto de portas de iceberg que devem ser giradas através de um mecanismo de roda. As engrenagens fazem uma quantidade desproporcional de barulho enquanto elas abrem as grandes portas para revelar o aposento dentro. Não é um espaço grande, mas tudo sobre ele é grandioso e opulento. Candelabros pingam em lágrimas congeladas, e pingentes brotam do chão de gelo sólido como ervas daninhas. Eu piso nele, meio esperando cair com minhas pernas no ar, mas a superfície é surpreendentemente seca sob meus pés.

Os cinco irmãos de Págos me observam de seus tronos. Cada um deles está vestido em elegância preta que escoa deles como óleo. Atrás de seus assentos exuberantes, há uma única janela arranhada com geada azul. Ela se arrasta pelo painel como uma flor, obscurecendo os últimos minutos de raio de sol que poderiam penetrar a caverna.

— Creio que seus quartos são satisfatórios — Rei Kazue diz. — Preciso admitir que estou feliz que sua tripulação esteja um pouco mais reduzida. Uma centena de piratas é o suficiente; eu temo só de pensar como seria ter uma legião inteira no meu palácio.

— Muito divertido, eu aposto.

O jovem príncipe Koji murmura uma risada.

— As histórias falam por si mesmas — ele diz. — Eu estou um pouco triste que não vou poder experimentá-las em primeira mão.

— Da próxima vez — eu digo a ele. — Trarei a horda inteira. — Me viro de volta para o rei. — Nosso acordo ainda está de pé?

— Eu não me lembro de alguma vez ter feito um acordo com você — Rei Kazue diz. — Mas minha irmã parece pensar que ela tem autoridade para isso. — Ele lança um olhar irado para Yukiko, mas ela o desvia com uma movimento de seus olhos como se ele fosse o incômodo.

Príncipe Hiroki se inclina para seu irmão.

— Ela deu o mapa a ele — ele diz. — Espero que isso signifique que conseguiremos alguma coisa de igual valor.

— Vocês conseguiram — eu digo, e puxo o colar de meu bolso.

Deixo-o pendurar no ar entre nós, uma bonita gota de azul que dança da corrente. Ainda manchado com o sangue de Lira.

Os punhos do Rei Kazue se apertam ao redor dos braços de seu trono.

— Que coisa para você nos apresentar tão casualmente — ele diz. — Onde você o encontrou?

— No mesmo lugar que encontrei o prisioneiro que está trancado em suas masmorras.

Príncipe Hiroki se remexe em seu assento, e paro de me perguntar sobre qual dos irmãos do rei, Rycroft estava falando.

— O Xaprár — Rei Kazue rosna. — Tallis Rycroft e seu bando de ladrões desgraçados. Eu devia saber que qualquer coisa perdida iria encontrar um caminho até suas mãos.

— Não está nas mãos dele agora — eu digo, apertando o colar. — Está nas minhas.

Príncipe Tetsu se inclina para a frente com um ronco.

— Você faria bem em entregá-lo.

— Não agora, irmão. — O rei ri. — Tenho certeza que esse é o plano dele.

— É claro — eu digo. — Assim que a oferta certa for feita.

O sorriso de Yukiko é lento e tortuoso.

— Você precisa admirar a coragem dele — ela diz.

O Rei Kazue se levanta.

— Você quer entrar na nossa montanha para que possa encontrar o Cristal de Keto — ele diz. — E então o quê?

— Então eu devolvo a você seu colar inestimável e o cristal também, quando eu terminar de usá-lo. Essa é a chance de Págos de entrar para a história como o reino que ajudou a destruir as sirenas de uma vez por todas. Sua família será lembrada como lendas.

— Lendas? — O riso agudo do rei corta o ar. — O que me impede de apenas tomar o colar de você agora?

— Uma vez que o Cristal de Keto seja libertado, a Rainha do Mar irá saber — eu digo a ele. — E você é um monte de coisas, Sua Alteza, mas não é um

assassino de sirenas. Se ela vai morrer, terá que morrer pelas minhas mãos. Deixe-me escalar a montanha e poderemos fazer história juntos.

— É uma jornada perigosa — diz o rei. — Mesmo com o nosso caminho sagrado. O que seu pai diria se eu colocasse o filho dele em perigo desse jeito? Mesmo que fosse por algo tão nobre como salvar o mundo. Além disso - ele balança a cabeça para a irmã - Yukiko viajou por todo esse caminho, finalmente voltando para casa depois de tantos anos. Parece curioso para mim que ela tenha feito isso só por acreditar em sua causa.

Yukiko me olha com diversão, sentindo prazer na ideia de que eu pudesse me contorcer. Como se eu fosse dar essa satisfação a eles. Não tenho certeza se o rei está me provocando, ou se Yukiko realmente não lhe contou sobre o nosso noivado, mas sei que não vou ser o primeiro a falar sobre isso.

— Claro que não — diz Yukiko ao irmão. — Eu vim porque quero ser a primeira a ver isso. Quero estar lá quando o Cristal de Keto for finalmente encontrado.

Minha mandíbula aperta quando cerro os dentes. A última coisa que preciso é de uma princesa assassina me seguindo até a Montanha da Nuvem.

— Eu não acho que isso seria particularmente seguro — eu digo. — Como o rei mencionou, é uma jornada perigosa.

— Uma jornada que ela já percorreu antes — Hiroki corta. — Que todos nós percorremos.

— Nem todos nós — Koji emenda.

Hiroki lança um olhar carinhoso para seu irmão mais novo e depois vira os olhos pálidos para o rei.

— Se ela for com ele, então pelo menos podemos ter certeza de que não seremos enganados.

Tento não parecer ofendido.

— E dessa forma, um dos nossos estará lá quando o cristal for finalmente liberado das profundezas da cúpula — diz Tetsu.

Yukiko se inclina para trás.

— Fico feliz que você esteja tão ansioso para se livrar de mim depois de apenas alguns dias na minha companhia.

O rei Kazue olha de relance para a irmã e depois olha para mim com uma expressão cautelosa.

— Se você conseguir matar a Rainha do Mar e a Maldição dos Príncipes — ele diz. — Você terá que dizer ao mundo que ajudamos.

Não é um pedido, e por isso inclino a cabeça de acordo, sentindo a fragilidade do momento. Estou tão perto de alcançar o cristal que quase posso senti-lo no fundo da garganta, como a sede.

— O cristal, o colar e a glória — Rei Kazue desliza de volta para seu trono com os olhos famintos. — Quero que Págos tenha tudo isso.

— Vou dizer a eles o que você quiser — eu digo. — Enquanto a Maldição dos Príncipes estiver morta, isso não importará para mim.

Os irmãos Págese olham para mim de seus tronos de gelo e, um por um deles sorriem.

QUANDO FINALMENTE DEIXO o grande salão, Lira está esperando, um pé encostado contra as portas de gelo. Seu cabelo está úmido devido ao frio e ela está usando um suéter grosso de malha que ultrapassa seus pulsos finos. Quando ela me vê, solta um suspiro e se afasta da porta.

— O que você está fazendo? — eu pergunto.

Lira encolhe os ombros.

— Só tendo certeza de que você não estava morto.

Dou a ela um olhar não convencido.

— Você estava escutando.

— E agora eu terminei — diz ela, e levanta as sobrancelhas, como se me desafiasse a fazer algo sobre isso.

Antes que ela tenha a chance de ir embora, agarro seu pulso rapidamente e a puxo de volta contra mim. Lira gira tão rápido que seu cabelo se espalha em seu rosto. Ela balança a cabeça para afastá-lo dos olhos e depois olha para as nossas mãos juntas, franzindo a testa.

— Quero saber o que você estava pensando antes — eu digo. — Ameaçando matar uma princesa em seu próprio reino. Não é a sua melhor tentativa de humor.

Lira tira a mão dela da minha.

— Kye achou engraçado.

— Enquanto fico feliz que vocês dois estão se unindo, você deve tentar lembrar que Kye é um idiota.

Ela sorri.

— E você também é um idiota, se confia nos Págese.

— Eu não preciso confiar em ninguém. Só preciso que eles confiem em mim.

— Para um pirata, você não é um bom mentiroso — diz ela. — E você não é muito bom em barganhar. Tudo o que você desistiu parece tão grande comparado ao nada que você vai ganhar em troca.

— Não é nada. É para acabar com a guerra.

— Você realmente é uma criança, se acredita que será assim tão fácil.

— Você acha que entregar o meu reino à princesa Yukiko foi fácil? — Pergunto. — Não é só casar com ela, você sabe. Tenho que desistir de todos os sonhos que eu já tive e vou ter que ficar preso a deveres dos quais passei a minha vida tentando escapar.

Minhas mãos apertam-se reflexivamente ao meu lado enquanto observo sua reação. Quero que Lira entenda que não estou fazendo negócio apenas por um capricho e que me arrependo disso desde o dia em que concordei. Conheço as consequências de minhas ações e estou fazendo tudo o que posso para encontrar uma saída.

Lira olha para mim sem palavras e não tenho certeza de como espero que ela reaja, ou se tenho o direito de esperar qualquer reação, mas o silêncio dela é mais enervante do que qualquer coisa que eu poderia ter antecipado.

O relógio do grande salão toca, marcando o início dos ventos da noite. Lira espera um momento, até que todos os três sinos gritem, e então, finalmente, ela engole em seco. O som é alto.

— Você realmente vai se casar com ela? — Ela pergunta, e depois balança a cabeça como se não quisesse saber a resposta. — É um plano inteligente, suponho — diz ela. — Você obtém o Cristal de Keto e uma aliança com um reino poderoso. Mesmo que você tenha que desistir da vida no Saad, você ainda sairá como um vencedor. — Seu sorriso forçado hesita um pouco na última parte, e quando ela fala de novo, sua voz é baixa e severa. — Você nunca parece perder, não é, Elian?

Não sei como responder a isso, já que sinto que tudo o que tenho feito ultimamente é perder. E este acordo com Yukiko é apenas mais um golpe nessa coluna.

Eu suspiro, e quando Lira afasta o cabelo do rosto, sinto a necessidade de explicar o meu plano. Tudo o que orquestrei para escapar de meu contrato com Yukiko permanece na ponta da minha língua como um impulso. Sei que não deveria ter que me defender de Lira, ou de ninguém, mas sinto a compulsão de fazer exatamente isso.

— Não importa qual barganha tenha feito quando isso acabar — eu digo.

— Se eu sobreviver, então terei uma proposta que Yukiko não poderá recusar.

— Você não acha que fez propostas o suficiente? — Lira pergunta.

Não há nada simpático na maneira como ela olha para mim agora.

— Você está colocando todo o seu reino em perigo, se deixando ser manipulado por uma princesa sedenta de poder que...

Ela se interrompe e olha para o chão com uma expressão ilegível.

— Lira.

— Não — ela levanta a mão, mantendo a distância entre nós. — Você não me deve nada, especialmente uma explicação. A realeza nunca deve nada a ninguém.

Seu uso da palavra *realeza* doeu mais do que deveria. Eu passei tanto tempo tentando escapar desse estereótipo, e ela dizer isso com tanta certeza, como se nunca tivesse me visto como outra coisa, dói. Sempre um príncipe, nunca apenas um homem.

Exalo com cuidado e enfio as mãos nos bolsos.

— Eu nunca disse que devia a você alguma coisa.

Lira se vira. Se ela me ouviu ou não, não posso ter certeza, mas ela vai embora sem olhar para trás e eu não a sigo. Há uma parte de mim que quer - uma parte maior do que gostaria de admitir - mas não saberia o que dizer se fizesse isso.

Corro a mão pelo meu cabelo. Esta noite realmente não vai terminar rápido o suficiente.

— Eu não sou cega.

Yukiko sai das sombras como um fantasma. Na pálida luz das tochas, os olhos dela parecem quase brancos, e quando ela se aproxima de mim, o brilho das chamas endurece as rugas de seu rosto até que ela pareça gentil. Amável.

A luz realmente cria truques na mente.

— Isso não importa para mim — diz ela.

— Tenho certeza de que não sei sobre o que você está falando.

— Aquela garota — diz Yukiko. — Lira.

— Eu suponho que é difícil não vê-la.

— Sim — o sorriso de Yukiko queima mais do que o fogo. — Está claro que você acredita nisso.

Esfrego minhas têmporas, não para mais uma conversa enigmática.

— Diga o que você tem a dizer, Yukiko. Não estou no clima para

joguinhos.

— Uma mudança do habitual, então — ela responde. — Mas eu atenderei a solicitação, já que você é um convidado em minha casa.

Ela passa os dedos pelos cabelos e morde o canto dos lábios azuis. O gesto parece muito mais agourento do que provocador.

— Você pode se importar com ela — diz Yukiko. — Mas isso não mudará nada. O amor não foi feito para príncipes, e certamente não foi para reis. Você me prometeu que se tornaria um rei. Meu rei. Eu quero lembrá-lo dessa promessa.

O olhar selvagem nos olhos de Lira passa pela minha mente. Ela nem me deu um segundo olhar antes de se afastar. A última coisa que ela parecia querer ouvir eram razões ou explicações. *Você está se deixando manipular*, ela disse. *A realeza nunca deve nada a ninguém*. Mas isso não é verdade. Devo muitas coisas a muitas pessoas, e Lira não é uma exceção. Talvez eu não lhe deva uma explicação, mas devo a ela minha vida, e isso parece a mesma coisa.

Mudo, e quando percebo que essa é exatamente a reação que Yukiko queria, eu paro.

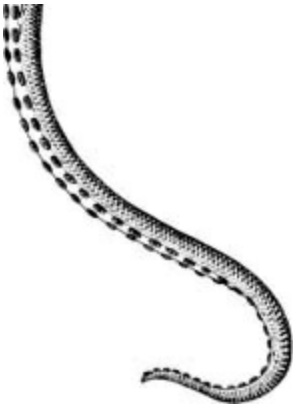
— Não prometi a você um rei — eu digo. — Acredito que a condição do nosso acordo era um reino. Você se importa com qual reino seja?

— Isso soa muito como se você quisesse quebrar o nosso acordo.

— Não quebrar — eu digo. — Renegociar.

Yukiko sorri e se inclina sobre o meu ombro, roçando uma mão no meu peito. Sua respiração fria pressiona contra o meu pescoço, e quando viro minha cabeça, ouço o sorriso em sua voz.

— Tantos truques — ela sussurra. — Você vai precisar de mangas mais resistentes para esconder todos eles.



# 34

## *Lira*

A PONTA DA MONTANHA está escondida por nuvens, e uma tempestade de neve que parece ser interminável obscurece sua maior parte. Mesmo assim, eu a admiro. Eu sei que muito além do céu que esconde metade da fachada rochosa existe um pico sem fim. Um portão de entrada para as estrelas. A Montanha de Nuvens de Págos é o ponto mais alto do mundo, mais distante do mar e assim sendo mais distante da minha mãe. E de mim. Se o Segundo Olho de Keto realmente estiver nesta montanha, então seria o esconderijo perfeito. Longe de onde eu conseguiria ir. Até agora.

Meu rosto está coberto por camadas de tecido grosso que tampa tudo menos meus olhos eu tento puxar o pano e pelos do meu rosto, mas o frio é mais forte do que consigo suportar. E não me atrevo a soltar os bastões que ajudam a me firmar na neve. Eu nem tenho certeza se conseguiria. Minhas mãos parecem ter sido congeladas em pedras de gelo.

Nós seguimos a trilha na grande montanha por dias que acabam se transformando em semanas, e com mais silêncio do que eu jamais ouvi na tripulação do *Saad*. Até mesmo Kye, que anda ao lado de Elian, olhando ocasionalmente para Madrid - talvez para ter certeza de que ela não congelou ou foi jogada do penhasco pelo vento - permanece quieto. Elian não é diferente.

Eu estou estranhamente confortada pelo fato de que não é só comigo que ele parece não estar falando. Ele permanece firme, seguindo reto o rastro da princesa. Por alguma razão, isso é menos confortante.

Sei que casamento é um efeito colateral da realeza. Assim como muitas coisas são. Obstáculos disfarçados de deveres. Desafios feitos para serem soluções e responsabilidades feitas para os que menos podem suportar. Tudo isso, nada mais que uma série de consequências que acompanham o fato de se ser herdeiro de um reino. O efeito colateral de Elian é Yukiko, assim como o Comedor de Carnes é o meu. Ele trocou a si mesmo pelo mapa em uma nobre tentativa de de salvar sua missão sacrificando seu próprio orgulho. Coisas desse tipo são esperadas. Previsíveis. Mas também frustrantes.

Não sei o que eu esperava quando confrontei Elian no palácio, mas não foram semanas de silêncio. Eu nem tenho certeza por que perguntei sobre Yukiko; não foi por isso que eu esperei enquanto ele lidava com a realeza Págese. Mas não consegui me segurar. Ultimamente parecia impossível me segurar. Talvez isso se virou a meu favor, porque o meu motivo original da conversa - perguntar, talvez, se ele nunca consideraria uma aliança - não era muito melhor. Era estúpido pensar que eu poderia simplesmente perguntar se ele estava disposto a estabelecer paz entre nossa espécie. *Eu não te mato se você não me matar*. Ridículo. É fácil para mim considerar fazer um acordo com alguém que me mostrou nada além de lealdade e uma maneira diferente de lidar com as coisas que eu nunca sequer tinha pensado ser possível antes. Livre da escuridão do reino de minha mãe, uma nova era que não seria determinada por mortes. Paz, talvez. Mas como eu posso esperar que Elian faça o mesmo quando ele não sabe quem sou? Quando eu matei seu amigo e inúmeros príncipes? Quando eu planejei o matar?

Eu escalo com Elian de costas para mim, mas seu rosto está nítido em minha mente. Conforme o céu escurece e o sol nasce novamente, nós seguimos o caminho. Quanto mais subimos, mais eu começo a enlouquecer

com pensamentos. Repetindo conversas, ações e oportunidades. Me perguntando quando foi que comecei a me sentir tão humana.

O céu muda tantas vezes de cor que eu perco a conta. Suas cores se misturando perfeitamente entre as nuvens. Pintando-se como um cenário para o brilho da lua.

— Temos que ir mais rápido! — Yukiko grita. Eu quase não consigo ouvir sua voz por causa dos ventos gelados. — Nosso próximo acampamento está duas horas à frente, e precisamos chegar antes do pôr do sol.

Elian para e segura o mapa, a tempestade bate em suas mãos. As bordas estão congeladas, e quando seus dedos apertam com mais força, tentando manter firme enquanto o vento ganha força, elas se despedaçam.

— O pôr do sol é em uma hora! — Elian grita de volta.

Por conta do frio, a respiração de Yukiko é visível entre eles.

— Por isso precisamos ir mais rápido.

O vento abafa suas vozes, mas até eu consigo ouvir o som do suspiro de Elian. Seus ombros caem um pouco e ele nos olha e verifica se todos nós ainda estamos atrás dele.

— Nós iremos conseguir — ele fala em nossa direção, embora não tenha certeza se ele está nos afirmando ou tentando se convencer.

— Eu não tenho certeza se consigo andar sem meus dedos — diz Kye.

— Madrid pode te carregar.

— Eu também estou sem meus dedos, para falar a verdade — Madrid levanta as mãos com luva e lamenta. — Eu acho que perdi alguns ontem.

— Pelo menos eles vão estar bem preservados — Kye pressiona sua bota para dar ênfase. — Se os pegarmos no caminho, um médico pode costurar eles de volta.

Embora eu só consiga ver os olhos de Madrid, eu tenho certeza que ela faz uma careta.

— Não temos tempo para isso — diz Yukiko. — Parem de desperdiçar energia e continuem andando.

Madrid enfia o bastão na neve e abaixa o pano que cobre seu rosto. Neve se acumula em seus lábios.

— Isso é um comando real? — Ela pergunta.

Yukiko joga para trás seu cabelo e é como se o clima frio viesse dela. Ela comanda com frieza, assim como eu costumava fazer.

— Você está no meu reino.

— Mas não é sua corte — diz Madrid. Ela limpa a bochecha, onde começou a inchar por causa do vento gelado, e acena em direção de Elian. — Nosso rei está ali.

— Você está esquecendo alguma coisa, não está? Ele ainda não é rei.

Se o ar já não estivesse frio, eu tenho certeza que o último comentário teria feito isso. Kye endurece e vejo sua mão se contorcer ao seu lado. Rapidamente, Elian lança um olhar em sua direção e, com relutância, Kye relaxa. Ainda assim, suas mãos continuam se contraindo.

Eu percebo que as minhas também.

Torik resmunga. Ele não parece conseguir traduzir as expressões de Elian assim como Kye consegue, e assim que Elian se distrai, ele se aproxima violentamente. Quando Torik está quase perto de Yukiko, consigo ver pela primeira vez a ameaça que representa. Não é mais o gentil gigante que vigia o *Saad*. Ele avança em direção à princesa, chutando a neve a cada passo.

— Seu pedaço de mer...

— Chega.

A voz de Elian corta o caminho de Torik. Ele estende um braço e Torik para.

— Capitão — ele diz.

— Eu disse que já chega — repete Elian. Como de costume, sua voz não revela nada além do que ele quer. Perfeita calma e indiferença. Mas mesmo daqui, posso ver seu olhos piscando contra a tempestade, como janelas ferozes do seu coração.

— Já terminamos? — Yukiko pergunta.

A cada segundo seus lábios azuis incham mais, e os meus soltam um grunhido sob o pano. Eu dou um passo à frente e puxo o pano do meu rosto. O ar me machuca.

— Ainda não — eu digo.

Yukiko vira em minha direção com seu olhar me perfurando. Pelo canto do olho, vejo Elian subitamente se enrijecer. Quando Yukiko dá um passo em minha direção, sua mão se move lentamente para o lado de seu corpo. Para a faca que eu sei que está escondida lá.

— Tem alguma coisa a dizer?

*Muitas*, eu penso.

O jeito que ela olha para Elian é o pior, como se ela fosse melhor que ele. Manipulando o príncipe para colocar as mãos no reino dele, assim como

minha mãe me manipulou para roubar o meu e estender seu reinado. Assim como eu caí na armadilha da Rainha do Mar, Elian vai cair na de Yukiko. Talvez tenha sido diferente antes, mas agora que eu sei que não posso roubar o Olho e deixar meu reino se erguer enquanto o de Elian desmorona por causa da dívida com ela. Tem que existir uma maneira de nós dois ganharmos essa batalha.

Não somos herdeiros ingênuos a serem moldados como desejarem. Nós somos guerreiros. Nós somos governantes.

— Elian até pode não ser rei — digo a ela. — Mas você também não é rainha. A não ser que você mate seus irmãos.

— Quem tem tempo para assassinato nos dias de hoje? — diz Yukiko. — Mais fácil tomar outro reino do que esperar por este.

Eu entendo sua insinuação. Ela acredita que pode me provocar com o acordo que ela e Elian fizeram. E suponho que ela possa. Porque eu não consigo deixar de odiar vê-lo ser submisso a ela, sem ter uma escolha no seu próprio futuro. Ela o usa para seus planos desonestos, assim como eu pretendia. Isso me lembra muito da minha vida antes do *Saad*. Antes de Elian me fazer perceber como era ser livre. A pessoa que me deu um vislumbre de esperança e que agora está disposta a sacrificar a sua própria.

— Você deveria tomar cuidado — digo a Yukiko. — O perigo de pegar algo que não é seu, é que sempre haverá alguém disposto a pegá-lo de volta.

— Eu suponho que terei que me vigiar, então.

— Não precisa — digo a ela. — Eu consigo te vigiar perfeitamente.

Yukiko morde o canto do lábio, meio entretida e meio curiosa. Quando ela se vira, ouso olhar para Elian. Há um canto perigoso para o sorriso dele, e conto os segundos enquanto ele me olha. Verde perfurando todo o branco do mundo. Até que, finalmente, Kye aperta seu ombro e o empurra para frente.

Quando a noite chega, nós montamos o acampamento na parte mais plana da montanha. As barracas ficam montadas em volta de uma fogueira. Nós nos juntamos ao redor do fogo e cozinhamos os restos de comida que ainda temos. O frio parece que piora quando ficamos quietos, então colocamos nossas mãos tão perto do fogo que arriscamos a sermos queimados.

O vento fica mais forte e a tripulação aquece seus corpos com o rum que Madri trouxe no lugar de mais comida. Conforme o tempo passa e os risos do pessoal diminui, eu ouço o som do vento, sabendo que não vou conseguir dormir. Não com o Olho de Keto tão perto. Minha missão de tomar o trono

de minha mãe e o destino de Elian ameaçados a se entrelaçar e eu não consigo fechar meus olhos sem pensar em como essa guerra acabará.

Depois de um tempo, a neve começa a cair de forma mais suave contra a tenda, e mesmo com o vento forte percebo um par de passos se aproximando. Eu os ouço antes de ver a sombra, desenhada pelo brilho baixo da minha lanterna.

Quando o zíper da barraca abre, não fico surpresa de ver Elian agachado ao lado dela.

— Vem comigo — ele diz, e assim eu faço.

EU NUNCA TINHA VISTO AS estrelas. Não do jeito que Elian já viu. Existem tantas coisas que eu nunca fiz. Experiências que Elian parece ter tido e que mais ninguém, especialmente eu, poderia sonhar. As estrelas são uma delas. Elas são de Elian de uma forma que não são de mais ninguém.

Elian não só olha para as estrelas, mas também as imagina. Ele cria imagens em sua mente, criando histórias sobre deuses e guerras e as almas dos exploradores. Ele imagina para onde sua alma irá quando morrer e se ele se tornará parte da noite.

Tudo isso ele me conta no topo da Montanha da Nuvem, com a lua e o vento e o espaço vazio do mundo à nossa frente. A tripulação está dormindo, assim como a princesa Págese. Parece que o mundo inteiro está dormindo. E nós - apenas nós - estamos finalmente acordados.

— Eu nunca mostrei isso para ninguém — Elian diz.

Ele não se refere às estrelas, mas sim o jeito como as vê. Elas são o seu segredo assim como o oceano é o meu, e quando ele fala delas, seu sorriso se ilumina como elas. E me pergunto se eu já tive esse olhar. Se meus olhos brilham quando eu pensava em casa, me levando com uma onda e me transformando tão fácil como transformava antes.

— Eu acho que existem várias coisas que você nunca mostrou para ninguém.

Nós não conversamos sobre Yukiko, ou sobre o casamento que parece tão iminente quanto a nossa guerra. Nós não fazemos nada além de fingir que existe algo diferente de escuridão e escolhas que serão feitas no pesadelo que está por vir.

Elian respira fundo. Sua mão permanece ao lado da minha.

— Eu imaginava que quando eu encontrasse o cristal, eu fosse sentir alguma coisa — ele diz.

— Vitorioso?

— Em paz. Mas estamos tão perto e eu sinto completamente o oposto. É como se eu temesse o momento que abríssemos a cúpula.

Algo pesa em meu peito. Esperança, talvez.

— Por que?

Elian não responde, e isso é o suficiente. Apesar de tudo, ele não quer a responsabilidade de destruir uma raça inteira, não importa o quão mau ele pensa que somos. Eu quero dizer a ele que também sinto: a sensação de pavor misturada com dever. Eu quero dizer que nós não nascemos monstros.

O Segundo Olho de Keto poderia destruir qualquer um de nós, e nenhum de nós parece querer ser a pessoa a usá-lo. Eu brinco com a ideia de lhe revelar a verdade, como se talvez isso o fizesse vir para meu lado do mesmo jeito que ele me fez ir para o dele. Mas parece mais um conto de fadas, porque se eu disser a Elian quem sou, ele nunca me aceitará. Eu poderia jurar que mudei. Ou não mudei, mas mudei de volta. Para quem eu era e poderia ter sido, se não fosse por minha mãe. Essa humanidade me transformou de uma maneira que é muito mais profunda do que a calda para pernas e escamas para pele. Estou tão diferente por dentro quanto por fora. Eu sinto horror de lembrar o que fiz e o enorme desejo de começar tudo de novo. Para me tornar o tipo de rainha que imagino que Crestell sempre quis que eu fosse.

Eu me viro para Elian, deixando a neve molhar minha bochecha.

— Você uma vez me pediu para te dizer algo sobre as sirenas que você não conhecia — eu digo. — Existe uma lenda entre elas sobre o que pode acontecer caso um humano consiga o coração de uma sirena.

— Eu nunca ouvi falar sobre isso.

— Isso é porque você não é uma sirena.

— Você também não — Elian diz, usando o mesmo tom irônico que eu.

Eu lhe dou um sorriso seco e continuo.

— Elas dizem que se qualquer humano conseguir tomar o coração de uma sirena, eles ficariam eternamente imunes ao efeito da música.

Elian arqueia uma sobrancelha em dúvida.

— Imunidade ao efeito de uma música da morte?

— De qualquer música das sirenas.

Eu não sei por que estou lhe contando, talvez na esperança de que, se a

guerra não acabar, ele consiga sobreviver a ela. Ou tenha no mínimo algum tipo de chance.

— De acordo com as histórias — eu digo. — A razão pela qual as sirenas dissolvem tão rápido é para impedir que isso aconteça.

Elian considera isso.

— E você acha que é possível? — ele pergunta. — Se, de alguma forma, eu conseguir roubar o coração de uma sirena antes dela desaparecer, eu vou de repente, poder enfrentar qualquer sirena sem precisar me preocupar de cair sob seus encantamentos?

— Suponho que não importa — digo a ele. — Se você planeja matar todas elas de qualquer forma.

Seus olhos perdem um pouco de luz.

— Eu acho que agora entendo o porquê de as famílias originais não usarem o cristal quando ele foi criado pela primeira vez — diz ele. — Genocídio não parece certo, não é? Talvez assim que matarmos a Rainha do Mar, será suficiente. Elas podem todas parar. Talvez até a Maldição dos Príncipes pare.

Eu me volto para o céu e, em silêncio, pergunto:

— Você realmente acredita que os assassinos podem deixar de ser assassinos?

— Eu quero acreditar.

Sua voz soa tão diferente do príncipe confiante que conheço há um tempo. Ele não é o homem que comanda um navio ou o menino nascido para comandar um império. Ele é ambos e nenhum dos dois. Ele é algo que existe no meio, onde só eu posso ver. Um vislumbre do mundo onde ele está preso.

Meu pensamento ilumina algo dentro de mim. Eu tiro meus olhos das estrelas e me viro para ele, minha bochecha úmida pela neve. Elian é muito parecido com as águas nas quais navega. Tranquilo e pacífico na superfície, mas por dentro uma loucura.

— E se eu fosse te contar um segredo? — Eu pergunto.

Elian se vira para mim, e de repente, só de olhar para ele dói. Um perigoso anseio, e diversas vezes eu me desafio a lhe contar tudo. Revelar a verdade e ver se os humanos são capazes de perdoar assim como são capazes de se vingar.

— E se você fosse?

— Isso mudaria a forma como me vê.

Elian dá de ombros.

— Então não me conte.

Eu reviro meus olhos.

— Mas e se você precisasse saber?

— As pessoas não contam segredos porque alguém precisa saber. Elas fazem isso porque precisam de alguém para contar.

Eu engulo em seco. Meu coração bate tão alto que eu consigo ouvir.

— Então eu vou te perguntar algo.

— Para manter um segredo?

— Para me fazer um favor.

Elian afirma com a cabeça, e eu esqueço que somos assassinos e inimigos e que quando minha identidade for revelada, ele pode muito bem tentar me matar. Eu não penso em Yukiko reivindicando-o como um prêmio que ela nem sabe o valor. E eu não penso na Rainha do Mar, e nem na noção de traição. Eu penso no meu coração humano, de repente batendo forte - muito forte - e o vinco entre as sobrancelhas de Elian enquanto ele espera minha resposta.

— Você nunca irá me beijar?

Devagar, Elian responde.

— Isso não é um favor.

Sua mão se move ao lado da minha e sinto uma ausência repentina. E então ele coloca na minha bochecha, segurando meu rosto, acariciando meus lábios. Parece ser a pior coisa que eu já fiz e a melhor coisa que eu poderia fazer e estranhamente os dois sejam iguais.

Que estranho que em vez de tomar seu coração, eu esteja esperando que ele tome o meu.

— Você se lembra de quando nos conhecemos pela primeira vez? — Ele pergunta.

— Você disse que eu era mais encantadora quando eu estava inconsciente.

Elian gargalha, e ele está tão perto que eu sinto seu corpo tremer contra o meu. Eu consigo ver todas as cicatrizes e sardas da sua pele. Cada traço de cor dos seus olhos. Eu lambo meus lábios. Eu quase posso sentir o gosto dele.

— Pergunte-me novamente — diz ele.

Sua testa pressiona-se contra a minha, a respiração irregular nos meus lábios. Fecho os olhos e o respiro. Alcaçuz e sal do mar e se eu me mover, se respirar, então qualquer coisa frágil entre nós desaparecerá com o vento.

— Só me beije logo — eu digo.

Então ele me beija.



# 35

## *Lira*

A TRILHA TERMINA EM ÁGUA, assim como começou.

Com Yukiko como nossa guia nos levando por sua rota secreta, nós cortamos nossa jornada pela metade, sem nos perder ou oscilar. Ela nos leva a acampamentos com fogueiras tão altas que quase conseguem criar um buraco na montanha. Rotas mais rápidas, percursos mais breves, trilhas cheias de buracos. Um conhecimento que nos leva pelo caminho certo. Não é uma surpresa que a realeza Págese possa sobreviver à escalada com tantos truques à sua disposição. Também não é uma surpresa que alguém que não seja da linhagem não consiga sobreviver.

Embora eu odeie elogiar Yukiko, eu tenho que admitir que os truques de sua família são inteligentes. Usando tudo o que podem para perpetuar a lenda de suas origens, assegurando a lealdade de seu povo através de nada mais que admiração. É uma boa jogada. Assim como Elian e seu sangue de ouro. Ou eu e o poder mortal de Keto. Apesar de que no meu caso, a lenda é verdade.

Eu paro e o resto da tripulação cessa os passos ao meu lado. A mão enluvada de Elian paira bem perto da minha, e embora eu sinta a tensão entre nós, não olho para ele. Eu só consigo olhar para frente, meus pés se enterrando cada vez mais na neve quanto mais fico parada. Mas também não consigo me mexer. O que vejo na frente me deixa admirada. Um palácio construído dos últimos suspiros da minha deusa Keto.

Apesar de não estarmos a mais de cento e cinquenta metros do pico da montanha, nós nos encontramos na base de um grande desfiladeiro, cercado por correntes de água que caem sobre um amontoado de pedras negras. Elas parecem ser restos de um deslizamento de terra, e quando a água bate contra elas, cria uma onda de vapor que sobe até finalmente se dissipar nas nuvens. Em meio à espuma, as rochas flutuam sem rumo nas bordas do desfiladeiro, como uma barreira para manter, milagrosamente, a água descongelada. No centro, cercado por flocos de neve, está o palácio. É uma geleira que se eleva até a altura das cachoeiras, com lacunas causadas pelo vento que se curvam e se projetam em ângulos estranhos. É uma estrutura de gelo, uma fortaleza feita de inclinações e extremidades que esconde a glória da própria montanha.

Um caminho despedaçado por gelo leva ao palácio, mas é fragmentado e instável demais para garantir a passagem segura de um exército de cem pessoas. Em vez disso, encontramos vários barcos a remo nos arredores do fosso, onde fica mais calmo, mais distante das três correntezas de água que nos cercam. Nós nos dividimos entre os barcos e seguimos em direção a entrada do palácio, nosso barco sendo empurrado metade por Torik e metade pelas rajadas de vento que nos impulsionam para frente em uma linha curva.

Quando desembarcamos, o palácio está acima de nós, e tenho que arquear a cabeça para ter uma boa visão. Mas não temos tempo para admirar, ou ficar imaginando como é um possível que um palácio construído a partir de tempestades de neve pareça ser mais quente. Um grau ou dois a mais do que o resto da montanha. Yukiko toma a dianteira e nós a seguimos até as profundezas da geleira, usando a luz da sua tocha para nos guiar quando ela anda rápido demais para nós mantermos seu ritmo.

Tas paredes brilham como um salão cheio de espelhos, de modo que, de repente, parece que estamos duplicados. Triplicados. Tudo o que vejo são rostos e restos de ar que se misturam entre nós como neblina. Nós ficamos um pouco para trás, andando mais devagar tentando decifrar o que é um reflexo e o que é realmente Yukiko. Quando ficamos muito para trás e ela faz

uma curva muito à nossa frente, ficamos numa escuridão passageira. E então, a mão de Elian encontra a minha. Ele a aperta apenas uma vez, e tudo dentro de mim se acelera. Se aquece. Meu corpo se curva em sua direção e eu pressiono minha mão livre nas paredes da geleira. Quando encontramos a curva, a luz de Yukiko ilumina nossos rostos mais uma vez.

Eu não solto a mão de Elian.

Yukiko pausa em uma grande parede de gelo que brilha contra o calor da chama, refletindo nossos rostos de volta. Ela prende a tocha em um pequeno suporte e dá um passo para trás.

— Chegamos — diz ela.

Elian me olha rapidamente, e em seguida, solta a chave presa em seu pescoço e entrega a Yukiko. Seus olhos impacientes enquanto Yukiko a segura contra a parede. O reflexo da parede espelha o colar perfeitamente. É a fechadura perfeita para nossa chave, e quando Yukiko pressiona o colar na parede, ele se encaixa firmemente no lugar.

Neve cai do teto e escorre pela parede em gotas de água. Há um barulho alto, e então a espessa parede de gelo se ergue para trás e revela uma caverna grande demais para um palácio tão contido.

Elian entra como um explorador sedento. Eu o sigo rapidamente, não prestando atenção na princesa quando passo por ela. Tudo é azul. Pedaços enormes de gelo se pressionam contra o teto e depois caem de volta em pequenos flocos. Eles saem da parede como galhos, gelo pavimentando o chão como raízes. É uma floresta de neve e gelo.

A tripulação se vira lentamente e olha em volta, maravilhada e de olhos arregalados. Ao contrário do resto da geleira, a caverna é verdadeiramente linda. Um lugar tocado por Keto. Mas Elian não se maravilha com o que o rodeia. Ele olha diretamente à frente, no centro da cúpula.

A torre de água flutua em uma mistura perfeita de esmeralda e safira, e eu a reconheço instantaneamente como água vinda do Mar de Diávolos. Da minha casa.

E em seu coração está o Segundo Olho de Keto.

É como nada que jamais presenciei. Até mesmo o Olho do tridente da Rainha do Mar não se compara, com sua forma desgastada e sua cor apagada pelas décadas submersas. Esta pedra não é afetada por nada disso. Ela é trabalhada em um círculo perfeitamente geométrico, é tingida com os olhos elegantes de minha mãe e litros de sangue derramado em seu nome.

A torre que a abriga é uma sólida escultura de gelo, mas quando Elian estende a mão para tocá-la, não recua. Não está congelado, mas sim suspenso. Suspenso no tempo, no lugar.

— Não podemos derreter, então — diz Elian.

— Não podemos quebrá-lo — insiste Yukiko. — Pode acabar quebrando o cristal.

Ele vira para ela.

— Eu duvido que pudéssemos quebrá-lo de qualquer maneira. *Parece* ser impenetrável.

Yukiko sacode a cabeça furiosamente.

— Temos que abri-lo — diz ela. — O ritual. Qual é?

Todos os olhos se voltam para mim e eu respiro fundo, me preparando. Este é o momento pelo qual tenho esperado. O porquê eu entrei no barco de Elian. Eu o olho e em como seu cabelo se enrola nas orelhas, bagunçado de uma forma que mostra exatamente como ele dormiu na barraca. O franzir que que marca sua mandíbula. O cheiro de alcaçuz sempre que ele suspira

Eu estou tão perto.

Eu limpo minha garganta.

— Sangue de sirena — eu digo.

Elian se viram para mim.

— O quê?

— Você acha que qualquer um pode usar o cristal de Keto? — eu pergunto. — Tem que ser um guerreiro digno de sua magia.

— Um guerreiro — ele diz.

— Um assassino de sirenas.

Mentiras e mentiras, todas misturadas com meias-verdades na minha língua.

Kye joga as mãos para o alto e dá um passo à frente.

— Onde iremos achar sangue de sirena? — pergunta ele. — Por que esperou tanto para nos dizer isso?

— Não faria diferença quando ela nos falasse — diz Madrid, olhando em minha direção com uma expressão indecifrável. — As sirenas não têm sangue; elas têm ácido. Nós não podemos capturar seu sangue se elas se dissolvem no mar, e mesmo se conseguíssemos, corroeria qualquer coisa onde guardássemos.

— Sua espada — eu aponto para o cinto de Elian. — É a única coisa nessa

terra que pode carregar sangue de uma sirena.

— Ela não carrega — Elian diz. — Ela bebe.

— Absorve — eu o corrijo. — Não me diga que não reparou que sempre que mata uma sirena ela parece ficar mais forte? Mais pesada?

Elian permanece em silêncio.

— Como você sabe? — Yukiko inclina seu rosto para o lado. — Tem alguma coisa sobre você que eu não consigo decifrar.

Eu a ignoro e continuo com meu foco em Elian. Suas sobrancelhas franzem e eu sei que naquele momento ele duvida de mim. Mesmo que eu esteja ignorando Yukiko, ele não está. Ele está desconfiado – talvez sempre esteve – e embora ele tenha todo o direito de estar e parte de mim fique orgulhosa dele por isso, ainda dói. Não sou de confiança e me mata saber que ele sabe disso.

Mesmo assim, não posso deixar ele libertar o Olho.

Eu lhe dou um sorriso despreocupado.

— Eu te falei que seria útil me ter por perto.

Elian puxa a espada do cinto e a segura contra a luz da caverna. Ele mexe a lâmina em sua mão e dá um passo em minha direção. Eu considero recuar, mas fico parada no lugar. Recuar agora só vai me fazer parecer culpada.

— Então? — eu pergunto.

— Então nada — ele diz. — Eu acredito em você.

Ele faz uma pausa, como se esperasse que eu voltasse atrás e falasse que é um erro. O mais ridículo é que eu quero fazer isso. Eu desejo lhe dizer que ele nunca deveria ter feito algo tão estúpido como acreditar em mim. Mas eu não digo nada, e então Elian vira para a água congelada de Diávolos e enfia sua espada no centro.

EU DEVERIA ME SENTIR feliz quando falhou.

O sangue de dentro da espada sumiu há muito tempo. Embriagado e substituído por magia que a mantém invencível e a permite absorver a vida de uma sirena. Eu sabia disso, mas eu dei esperança a Elian, porque é isso que mentirosos fazem quando não querem ser pegos. Eu precisava deixá-los acreditar que a espada funcionaria, porque por qual outra razão eu os teria feito esperar até agora para dizer que sangue era a chave?

Eu tive que deixar Elian falhar para que eu pudesse ter sucesso. Eu só não deveria me sentir tão mal com isso.

Horas se passaram e tenho certeza que já deve ser de noite. De qualquer forma, a tripulação está dormindo em pequenas cabanas fora da caverna. Eles estão determinados a não sair até encontrar uma maneira de libertar o Olho. Se o jeito de Elian não fosse o suficiente, a fúria de Yukiko teria mantido todos lá de qualquer maneira.

*Tente* ela disse. *Tente ir embora sem a glória que você prometeu a meu irmão*.

Eu agarro a minha espada e olho para o Segundo Olho de Keto, suspenso na água de minha casa. Contra minha pele, o colar de concha me chama. Ele anseia se reunir com o poderoso mar que o criou. Eu consigo sentir também, Diávolos tentando me atrair.

Eu aperto a espada e corto a palma da minha mão.

Não sinto nada quando o sangue escorre pelo meu braço e cai no Olho. Não sinto dor. É quente e vermelho e tão humano. E mesmo assim.

Quando o sangue toca a água, ele se dissolve. A parte superior da torre se dobra, fazendo uma abertura grande o suficiente para eu conseguir alcançar dentro. Eu pego a pedra e suspiro. Parece tão pequena agora, mas eu posso sentir o poder correndo através de mim. Todo seu potencial. Quase queima na minha mão.

— Todo esse tempo, eu sentia algo sobre você.

Eu me viro, apertando o Olho com força no meu punho.

— Eu sabia que algo não estava certo — diz a princesa Yukiko. Ela respira como se pudesse sentir o cheiro do monstro em mim. — Você não é humana.

Eu levanto a espada e mantenho minha voz baixa.

— Você não sabe o que está dizendo.

— Provavelmente não, mas direi mesmo assim. Você é uma delas, não é? Uma sirena.

Eu não respondo e ela parece tomar isso como resposta. Ela sorri, seus lábios finos se inclinando e realçando as maçãs de suas bochechas.

— Como você conseguiu esse disfarce? — ela pergunta. — Como é possível?

Eu trinco meus dentes; odiando o jeito que ela olha para mim, como um peixe em uma vara de pescar. Como se eu fosse algo para ser examinado e estudado, em vez de temido. Ela caminha em minha direção, circulando até que ela se encontra do outro lado da torre congelada.

Eu lhe lanço um olhar fulminante.

— A Rainha do Mar parecia pensar que era mais uma punição do que um disfarce — eu digo.

— E roubar o cristal é a sua forma de se redimir? — ela pergunta. Ainda curiosa, ainda sem medo. — Eu me pergunto que crime você cometeu para ser punida desse jeito.

— Nascer, para começar — eu digo. — A Rainha do Mar nunca gostou de competição.

O sorriso deixa os lábios de Yukiko, e é substituído por algo novo. Confusão, substituída por choque. Admiração por incerteza. Curiosidade, por medo.

— Você é ela — diz Yukiko. — A Maldição dos Príncipes.

Sua expressão permanece hesitante por mais um momento, e em seguida, com a mesma rapidez, a hesitação deixa seu rosto. Ela sorri, ardilosamente e de forma perspicaz.

— Você de todas as pessoas não sabia? — ela pergunta.

Demora um momento para eu perceber que ela não está falando comigo.

Eu levo meu rosto em direção a entrada, onde Elian se encontra. Seu rosto inexpressivo, os olhos focados no Olho em minha mão. Eu perco a cor e meu coração erra as batidas. De repente, nada parece real, exceto pelo ar preso em meu peito.

*Eu acredito em você.*

Por um momento, eu imagino que talvez ele não tenha ouvido. Mas quando seus olhos encontram os meus, sei que ele sabe. Eu sei que ele juntou o quebra-cabeça que eu tanto tentei quebrar. E quando ele pegar sua espada, eu sei que está noite terminará em sangue.

# 36

# *Elian*

A MALDIÇÃO DOS PRÍNCIPES

Não consigo processar nada além daquelas quatro palavras. O mundo para e eu procuro em minha memória - uma pista, um sinal, um vestígio. Ao invés de achar alguma coisa, eu descubro que sou um tolo.

Nós resgatamos a Lira do meio do oceano, sem nenhum outro navio à vista. Quando ela acordou pela primeira vez, havia algo inexplicavelmente fascinante sobre ela, quebrado somente quando ela tentou me atacar. Ela falava *Psáriin* no convés do meu navio. E - Meu Deus - aquela sirena. O que ela tinha dito? *Parakaló.* Ela implorou por sua vida e eu não pensei em questionar, mesmo sabendo que uma sirena nunca tinha feito isso. É óbvio que ela imploraria. Não para mim, mas para uma de sua espécie. Para sua princesa.

— Você de todas as pessoas não sabia? — Pergunta Yukiko.

Eu não respondo.

Eu sabia que Lira estava escondendo alguma coisa, mas nunca imaginei isso.

Minha mão pousa no meu peito, pressionando minhas cicatrizes que estão sob o tecido da minha camisa. Cicatrizes tão semelhantes com as que vi em Rycroft depois que Lira o atravessou com suas unhas. Naquele dia em Midas, a Maldição dos Príncipes me encontrou quando eu não consegui encontrá-la. Ela deixou uma sereia me afogar e, em seguida, enfiou as garras no meu coração enquanto se preparava para arrancá-lo do meu peito. Se os guardas reais não tivessem vindo, ela teria me matado.

Lira teria me matado.

Eu puxo minha espada no momento que os olhos de Lira se encontram com os meus. No momento eu não tenho certeza do que pretendo fazer, agarro a lâmina com tanta força que esmaga meus ossos. Mas quando Lira não se move, mesmo quando eu avanço mais e mais, isso só inflama a raiva dentro de mim. A traição. Ela nem sequer tem a decência de recuar.

— Elian.

Ela diz meu nome em um suspiro e eu perco todos os sentidos.

— Eu vou matar você.

Mesmo como humana, Lira é rápida. Mais rápida do que a maioria dos lutadores iniciantes que encontrei e muito mais leve. Ela é desleixada, mas tem alguma coisa primitiva sobre isso. Eu levo minha lâmina em sua direção e ela se move para trás em um movimento ligeiro. Ela parece chocada, mas se recupera o suficiente para tentar me dar um soco. Eu pego seu pulso a centímetros do meu rosto e torço. Com os dentes trincados, ela me chuta com força. Eu me viro para fora do caminho, mas o pé dela prende minha coxa e a dor sobe minha perna.

Eu aceno para o cinto dela.

— Sua espada — eu digo.

— Você se importa se eu estou desarmada? — Ela pergunta.

— Não confunda honra com preocupação — eu rosno. — Se eu precisar, vou te deixar sem defesa.

Eu ando em sua direção e ela se move desajeitadamente para fora do meu caminho. Quando ela não está no meu alcance, ouço o som do metal sendo puxado.

Lira ergue sua espada, do jeito que eu a ensinei, e rosna.

Eu vejo o animal nela.

Nossas espadas gritam juntas. Aço em aço.

Eu bloqueio quando Lira tenta dar um golpe no ar, e eu agarro seu pulso mais uma vez. Quando eu viro para a esquerda, sua espada cai de sua mão. Eu a viro para mim, prendendo seus braços contra ela. Meu coração bate furiosamente em suas costas enquanto ela se contorce tentando sair do meu aperto. Ela está gelada - sempre está - mas o suor escorre entre nós.

— Acabe com ela! — Yukiko grita.

Eu engulo em seco e olho para a espada entre nós. Minhas mãos não conseguem se mover para ter um ângulo melhor, e só de pensar em estar tão

perto - de ser capaz de ouvir sua respiração e sentir a vida deixar seu corpo - é demais.

Eu estou enjoado só de pensar.

Eu penso no gosto de seu beijo, com as estrelas acima de nós. Uma galáxia inteira nos assistindo enquanto seu corpo se curvava no meu. Quando ela pediu para beijá-la e foi tudo o que eu consegui fazer para me manter firme.

Lira inclina seu rosto para mim e solta um suspiro baixo.

Então ela levanta o cotovelo e bate no meu queixo. Eu a solto e ela se arremessa para frente e recupera sua espada. Com uma risada irônica, eu pressiono a mão na minha boca.

— Você certamente vive de acordo com sua lenda — eu digo.

— Chega, Elian. — Ela coloca sua espada entre nós como uma barreira.

Eu cuspo sangue no chão.

— Só será o suficiente quando você estiver morta.

Quando eu ataco novamente, eu ignoro tudo além da traição que ecoa sobre mim. Eu dou golpe após golpe, jogando minha lâmina nela. De novo e de novo. Cada ataque grita pelo ar, e o tempo parece passar rápido e ao mesmo tempo como se tivesse parado. Segundos e minutos infinitos, até que ela cai de joelhos e o cristal cai no chão junto com ela.

Lira não tenta alcançá-lo e eu também não. Eu me pergunto quanto tempo ela irá manter sua espada acima de sua cabeça. Esperando o meu ataque.

Ela recebe cada golpe com um olhar exausto. Então seus cotovelos começam a tremer e seu tornozelo finalmente cede. A espada faz barulho na superfície fria. Lira se esparrama no chão, esperando, sua expressão indiferente. Me dando a oportunidade que eu pensei que queria.

Ela aperta o colar de concha e eu recuo. É como se ela estivesse me provocando com todas as pistas para as quais fui cego. Eu levanto minha espada novamente, sentindo o aço pesado em minhas mãos. Eu posso ter a vingança por Cristian. A vingança por todo príncipe que morreu no oceano e por todos que ainda podem morrer. Eu posso matá-la e acabar com tudo isso.

Eu solto minha espada.

Lira solta um suspiro. Suor pinga de sua testa e seu olhar inquieto me atinge. Eu queria tê-la matado. Eu gostaria que ela tivesse me matado. Eu vez disso, olhamos uLira solta um suspiro. Suor pinga de sua testa e seu olhar inquieto me atinge. Eu queria tê-la matado. Eu gostaria que ela tivesse me

matado. Eu vez disso, olhamos um para o outro, e então Lira sacode a cabeça e chuta minhas pernas.

Quando eu caio no chão ao lado dela, ela solta um suspiro frustrado.

— Da próxima vez que você quiser matar alguém — ela diz. — Não hesite.

— Eu não deveria estar dizendo isso a você?

— O que você está fazendo? — Pergunta Yukiko. Eu me sento enquanto a princesa Págese me lança um olhar ameaçador. — Ela é a Maldição dos Príncipes.

Ela diz como se eu tivesse esquecido. Como se eu tivesse deixado Lira viver porque sou estúpido e não porque sou tão humano.

Eu me levanto e me afasto.

— Eu estou ciente disso — eu digo, e pego as duas espadas no chão.

— Ela veio pelo o cristal — diz Yukiko. — Assim como nós viemos.

— E agora ela vai embora sem ele.

Lira olha para o Cristal de Keto a poucos centímetros de onde está debruçada no chão. Mas ela nem tenta alcançar a coisa para a qual ela veio atrás.

— Levante-se — eu digo.

Yukiko se lança para frente.

— Você não pode fazer isso — diz ela, indignada. — Se sua tripulação não estivesse dormindo como cadáveres do outro lado do palácio, eles diriam que você não pode simplesmente deixá-la ir embora.

Eu inclino lentamente minha cabeça na direção de Yukiko.

— Você não é rainha ainda. Não pense por nenhum segundo que você pode me dizer o que fazer.

Eu limpo o sangue seco da minha boca. Eu sempre pareço ter sangue em mim, mas esta noite é uma das poucas vezes que é meu. A última vez foi abaixo do convés do navio de Rycroft. A última vez foi o sangue de Lira.

No mesmo momento, Lira se levanta e observa o que vou fazer em seguida. Eu não quero me abalar, mas me abalo. Eu a vejo parada ali, esperando pelo meu próximo comando como um membro leal da tripulação, e o que me segura firme se quebra como cordas.

— Volte para onde você veio — eu digo a Lira. — Agora mesmo.

Eu agarro o cristal do chão e Lira se mexe. Eu vejo sua sombra se mover relutante na luz fraca. O tempo passa pela sala como lama.

— Eu gostaria que este fosse o fim — diz ela.

Soa mais como um aviso do que uma ameaça, se é que existe diferença entre os dois. Um aviso sobre a inevitável batalha que está por vir. Eu não respondo. Em vez disso, espero que seus passos desapareçam, e é só quando tenho certeza que ela se foi que me levanto.

— Você não pode deixar ela viver — diz Yukiko sombriamente.

— Ela terá muito tempo para morrer — eu seguro o cristal. — Ao lado de sua mãe.

Yukiko parece não acreditar.

— Eu te avisei sobre isso — ela diz. — Amor não é para reis. Você logo verá isso quando nos casarmos.

— Você já pode parar de falar sobre casamento — digo a ela. — Não vai acontecer.

Yukiko me olha com rispidez.

— Um príncipe que não cumpre com sua palavra. Essa é uma novidade.

— Eu avisei que lhe daria uma alternativa. — Impaciência se infiltra em minha voz. — Eu posso não ser o rei de Midas, mas sei com toda certeza que não quero que você seja rainha.

— E que oferta você poderia me dar que seria melhor?

Eu cerro meus dentes. Reações minhas parece ser tudo o que Yukiko quer, e Lira levou às últimas que me restaram.

— Creio que você sabe da doença da Rainha Galina.

— Meu irmão me informou quando assumiu o trono.

— Kardiá está ganhando destaque por meio de acordos comerciais com outros reinos. Sua rainha está se mostrando popular no Norte. Galina não pode competir com isso se seu povo tiver medo de ser infectado. Eidýllio está sofrendo porque ela escolheu não se casar com um homem novamente para poder ajudá-la a governar.

Yukiko finge desinteresse.

— Por que eu deveria me importar?

— Porque ela não disse nada sobre casar-se com uma mulher.

— Você quer que eu me torne a rainha de Eidýllio? — Yukiko pergunta incrédula.

— *Uma* rainha — eu corrijo.

— E por que Galina concordaria com isso?

— O poder dela não afeta as mulheres. Você poderia entrar em contato

com os outros reinos em seu nome, reunindo pessoas importantes e diplomatas. Você veria as pessoas e inspiraria lealdade. Todas as coisas que Galina não pode fazer.

— E sobre herdeiros? — Pergunta Yukiko.

— Ela não tem interesse em continuar sua linhagem amaldiçoada.

— Você pensou em tudo — Yukiko praticamente ronrona. — Até mesmo falou com a rainha?

— Galina concordou que seria um acordo mutuamente benéfico, especialmente se isso criaria laços entre Efévresi e Págos. E, claro, Midas ficaria em dívida com ela.

— E se eu recusar?

Eu travo meu maxilar.

— Ou você se casa com uma rainha poderosa e pode governar ao seu lado, ou você fica em Midas com um futuro rei que questionará cada movimento seu. — Eu coloco o cristal no meu bolso ao lado da minha bússola. — Quem sabe se irei ao menos sobreviver a hoje? Você realmente quer ser noiva de um príncipe sentenciado a morte?

Yukiko me avalia e eu sei que é irrelevante se isso é ou não benéfico. Agora ela só se importa em ganhar, e se ela aceitar com tanta facilidade, não importa se ela ganha um reino poderoso como prêmio. Para ela, perder é pior do que ganhar um reino.

— Eu tenho uma condição — ela diz.

— É claro que você tem.

— Quando chegar a hora, eu quero que a Maldição dos Príncipes morra pela sua espada.

Minhas mãos apertam no meu bolso, os nós dos dedos estalando contra a bússola. Assim como o dono do Golden Goose que é imoral com seus clientes, a princesa faz exigências com o destino da humanidade em jogo.

Eu pisco meus olhos para tirar a imagem da sombra de Lira e o olhar em seus olhos quando ela percebeu que eu sabia a verdade de sua identidade. Como ela me empurrou do caminho da bala de Rycroft e me pediu para beijá-la na beira da montanha. Eu me forço a lembrar que mentir é seu maior talento.

Eu escondo meus pensamentos com indiferença em meu rosto.

— Eu posso te garantir — eu digo a Yukiko. — Da próxima vez que a ver, nem sequer piscarei.

Sinto a bússola se sacudir contra minha mão, e lentamente, o ponteiro se desloca.



# 37

## *Lira*

EU CORRO MAIS RÁPIDO QUE eu pensava que podia. Através do labirinto do palácio de gelo e dos túneis onde a tripulação de Elian ainda dorme. Corro até que nem sinto vontade de correr, mas como se estivesse flutuando. Vôo. Nadando pelo labirinto como eu fiz o oceano. Corro até sentir o cheiro da água e vejo a luz espreitar do fim do caminho.

Elian me deixou viver, mas foi um pequeno ato de misericórdia que será desfeito na próxima batalha. Ele fez isso porque sabia que isso não importaria? Porque ele queria que eu visse a minha mãe morrer primeiro? Eu não quero me apegar à ideia de ser algo mais, mas não posso me ajudar. Brinquei com a possibilidade de que a traição de minha identidade não desfizesse qualquer ponte que tivesse se construído entre nós.

Quando ele largou a espada, havia algo tão completamente esgotado que eu não consigo encontrar as palavras para descrevê-lo em qualquer idioma. A ideia de que ele não me quer morta é impossível, mas eu seguro isso mais

desesperadamente do que nunca me apeguei a qualquer coisa na minha vida viciosa. Ele me beijou, afinal. Roçando minha bochecha com tanta delicadeza e pressionando seus lábios nos meus de um jeito que disparou fogo através de mim, derretendo quaisquer pedaços da montanha que se alisavam na minha pele.

Coisas assim não podem ser esquecidas mais do que podem ser desfeitas.

Eu me liberto do palácio de gelo e pego os remos em um dos pequenos barcos a remo. Chego ao outro lado do grande fosso sem fôlego e agarro o colar de conchas na minha mão. Os sulcos grossos pressionam contra minha palma enquanto debato a escolha à minha frente. Elian vai pensar que ele pode usar o olho para matar minha mãe e cada sereia no oceano. Ele arriscara a vida dele, acreditando que ele tem uma arma, quando na verdade essa arma é inútil em suas mãos.

Com meu sangue, não pode ter outro mestre.

Havia muitas coisas que a Rainha do Mar me contou sobre o olho de Keto, mas o que eu mais lembro é claramente: quem liberta o olho se tornará seu mestre. Eu não menti para Elian quando disse que o sangue era necessário; só não precisava ser sangue de sirena. Se Elian tivesse cortado as próprias mãos pelas águas, o Segundo Olho de Keto teria sido usado por ele. Isso teria dado a ele os mesmos poderes que o tridente da minha mãe a presenteava. Foi assim que as famílias originais planejaram para os humanos derrubar a Rainha do Mar: uma batalha de magia.

Eu enfiei o colar de conchas no fosso como fiz em Eidýllio, só que desta vez eu me concentro na imagem da minha mãe. Chamo-a para dentro da minha mente, alto o suficiente para perfurar uma montanha inteira e se espalhar pelos mares. No começo, eu não tenho certeza se vai funcionar, mas a água começa a ferver e ao meu redor o gelo que se espalha sobre o fosso derrete.

Canta como um fogo invisível e uma rajada de água jorra. O preto flui como sombras derramando-se em luz. Eu ouço um zumbido familiar e, em seguida, inconfundível, o som de risadas.

Do abismo, minha mãe aparece.

Ela ainda é linda, como todas as sereias rainhas, e horrível de uma forma que só ela conseguiu ser. Seus olhos queimam os meus e seus longos dedos acariciam seu tridente como um animal de estimação. Todo o poder do

mundo na ponta dos dedos, pronto para dobrar os mares e seus monstros ao seu capricho.

Por alguma razão, ela parece tão estranha para mim agora.

A Rainha do Mar sorri com sangue fresco nos dentes.

— Você vai falar? — Ela pergunta.

Eu olho de volta para o palácio, esperando que Elian chegue a qualquer momento, mas a entrada permanece clara e a água está firme por seus pés e a Rainha do Mar simplesmente aguarda.

— Você sabe onde estamos?

Ela lança um olhar despreocupado para os arredores, descansando os longos dedos entrelaçados no tridente. Há apenas um lampejo nos olhos esculpidos quando ela diz:

— A Montanha da Nuvem.

— Este lago — minha respiração oscila entre nós. — É onde o Segundo Olho de Keto estava escondido. Eu segui o príncipe cujo coração você queria que eu levasse e ele me levou até aqui. Para o que você estava procurando. Eu encontrei este lugar quando você não conseguiu. Você não podia sentir com todo esse poder em seu maldito tridente?

Não é até que ela pisque que eu percebo que estou gritando.

De repente, todos os enganos e desculpas que eu tinha certeza de que eu poderia tecer não parecem importantes. Minha mente está em branco, exceto por um pensamento: como me sinto razoavelmente justa. Quando a água se abriu, achei que havia algo estranho nela. Uma pequena mudança na minha ausência que eu não conseguia identificar. Agora percebo que não é que ela pareça estranha, mas que parece uma estranha.

A Rainha do Mar ri e o chão racha aos meus pés. Ela reclina e a água borbulha para encontrá-la como um trono.

— Você ainda é a criança estúpida — ela repreende. — Posso sentir cada xícara de água que um humano pressiona em seus lábios? Você acha que isso é parte do nosso mundo só porque flui da mesma maneira?

A Rainha do Mar raspa uma presa no lábio.

— Tudo isso é um disfarce — diz ela. — Essa montanha - esse fosso - não é nossa. É deles. Os touros originais dessa infestação de reinos humanos. Feito pelo homem; *magia feita*. Não há nada de nossa deusa nessas águas. Eu não teria sido capaz de aparecer aqui se você não tivesse usado a concha para me ligar. Eu não saberia que tal lugar poderia ser alcançado.

— E agora você sabe.

— E quando você me der o olho, eu posso trazer tudo para as profundezas de Diávolos.

Eu sorrio levemente.

— Isso parece um bom plano. Se fosse o que eu tinha em mente.

A Rainha do Mar estende a palma da mão, os dedos afiados até o osso. Uma mão de facas.

— Filha — ela ordena. — Me dê o segundo olho de Keto enquanto ainda estou sendo agradável.

— Isso é um pouco impossível, já que eu não tenho ele no momento.

O rosto esculpido da Rainha do Mar se quebra. Uma pequena contração em suas sobrancelhas e a força de seus lábios repentinos demais para ser um sorriso. Ela inclina a cabeça, estudando minha postura rígida. Avaliando essa mudança repentina em mim. Ainda a criança insolente, mas com algo muito mais duvidoso para o meu olhar.

Lentamente, a Rainha do Mar se aproxima. Seus olhos brilham contra a luz.

— Onde está?

Eu convoco as partes de mim melhor aprendidas com Elian. A bravata bem praticada que vem de um jeito de sobrevivência e a noção de que a sorte pode nunca acabar. Só desta vez eu quero ver algo verdadeiro dela. Uma reação que ela não mediu ou calculou.

— Com o príncipe que veio procurá-lo — eu digo. — Eu deixei ele tê-lo em troca da minha vida.

Eu sinto o impacto do chão antes de registrar o sangue. Quando eu abro minha boca para respirar, ela jorra do nariz e da minha língua.

— Lixo insolente! — Grita a Rainha do Mar.

Seus tentáculos se debatem violentamente, batendo no ar entre nós. Eu a sinto fervendo contra a minha pele enquanto ela prende um tentáculo no meu pescoço e aperta.

— Você acha que sua vida vale mais do que esse olho?

Minha mãe se lança para frente e suas unhas cortam meus pulsos como lâminas de barbear. Eu tento me libertar, mas o aperto dela é inquebrável. Quanto mais eu luto, mais ela pressiona, até que eu sinto que com mais um movimento meus ossos vão arrebentar.

Ela me arrasta pelo caminho, cada vez mais perto do palácio de gelo.

Minhas articulações estalam a cada empurrão violento, arrastando os pés ao longo da água. Minha garganta queima em seu aperto, mas eu não deixo meu sorriso vacilar. Eu não faço nada além de esperar até que ela pare e me jogue de volta no chão.

Eu nem sequer penso em dizer a ela que fui eu quem liberou o olho e que quando eu me reunir com ele, seu poder será meu. Admitindo que isso colocaria a vida de Elian em risco. Agora minha mãe o vê como a ameaça e é exatamente disso que eu preciso.

*Distração*, Elian disse. Ele ficará orgulhoso de ver como aprendi bem.

A Rainha do Mar me considera uma doença.

— Você acha que sua vida vale alguma coisa?

— Talvez não para você — eu digo. Eu inclino a cabeça para o lado e cuspo. — Mas para ele pode ser.

— Eu sabia que você era fraca — diz ela. — Mas eu nunca percebi a extensão disso. A herdeira do reino marinho de Keto, que eu tive que bater com brutalidade. Que preferiria ver um jovem príncipe se afogar a arrancar seu coração enquanto ainda batia. Que chorou enquanto assassinou a minha irmã?

À menção de Crestell, meu peito arfa. A Rainha do Mar olha para mim como se eu fosse uma coisa lamentável, não mais sua filha do que qualquer outra criatura em seu domínio. O completo oposto do modo como Crestell olhou para Kahlia quando ela salvou sua vida.

— Eu pensei que eu tinha rasgado isso de você — diz a Rainha do Mar. — Olha o quanto sobreviveu. Como uma praga, essa humanidade te infectou muito antes de eu roubar suas barbatanas.

— Vou tomar isso como um elogio — eu digo. — Você queria que eu aprendesse uma lição com essa punição e eu aprendi. Eu sei que o príncipe não é meu inimigo. Na verdade, ele é apenas uma versão mais honrosa de mim. — Eu olho em seus olhos de pedra. — E em outra vida, se eu tivesse uma escolha sobre quem seria, talvez eu fosse como ele.

— Chega! — Ela exige. — Você vai me dar o que é meu antes de eu matar você.

— Não — eu digo. — Eu acho que primeiro vou pegar o que é meu.

Um som irônico perfura seus lábios.

— Você quer minha coroa?

— É a minha coroa, na verdade.

Os pontos de suas presas brilham à luz do dia.

— Você acha que pode me matar, Lira? — Ela pergunta. — A mesma que te trouxe a este mundo?

Sem medo, apenas curiosidade. Em camadas de tanto divertimento quanto descrença.

— Se estivéssemos no oceano, você teria um exército — eu digo. — Mas esta é a Montanha da Nuvem, e nós estamos os mais distantes que podemos de casa. Neste lugar, com Elian e sua tripulação, você é praticamente uma carniça.

— *Elian?* — Ela diz seu nome com bílis em sua boca. — Você e seu imundo príncipe humano pensam que eu preciso do oceano para o meu exército? Onde quer que eu vá, meu poder segue e eles também. Se você realmente quer acabar com essa guerra, então eu vou obrigar. Como mãe, devo conceder à minha filha o desejo dela.

Ela abaixa seu tridente profundamente na água, observando meu rosto carrapato. O preto chora da espinha do tridente como lágrimas. Ele borra no fosso e depois flutua a poucos centímetros da água, formando grandes círculos escuros pelo caminho. Portais para Diávolos.

Uma mão perfura a primeira, mais próxima dos meus pés. Então outro. Um exército vale a pena seguir, e a água geme com essa magia negra, tremendo enquanto uma a uma as sirenas rasgam a seu caminho para a montanha. Garras e dentes e barbatanas e olhos frios e frios.

E então, não muito longe de mim, uma visão muito pior.

Eu sinto o poder do olho antes de ver Elian sair do palácio com sua tripulação com um exército se alinhando atrás dele. Ele examina o exército em ascensão com um olhar igual em admiração e horror. Eu solto um suspiro, e mesmo a partir daqui eu posso sentir seu cheiro de pescador na brisa. Ela parte de mim que já está crua.

Como se ele pudesse sentir isso, os olhos de Elian encontram os meus. Ele parece cansado, mas pronto para a guerra. Sempre preparado para o que está por vir, mesmo que isso possa ser a morte. Enquanto ele me observa, algo estranho cruza seus olhos estrondosos. Incerteza. Alívio. Uma coisa tão totalmente conflitante que eu só posso franzir a testa em resposta. Seja o que for, foi longe demais para eu decifrar.

Eu abro minha boca para chamá-lo - avisá-lo para correr ou se esconder, embora eu saiba que ele não fará nada - mas então ele pisca e sua expressão

fica mais nítida. Eu posso dizer apenas por aquele único olhar que a Rainha do Mar entrou em sua linha de visão. No momento em que eles se fixaram um no outro, meu coração bate contra minhas costelas..

As sirenas crescem, preparando-se para o ataque, e sei que nenhum delas usará a música para deixar Elian e sua tripulação morrerem em paz. Isto não é uma caçada; isso é guerra. E eles vão querer uma morte justa. Uma vitória brutal o suficiente para deixar sua rainha orgulhosa.

A Rainha do Mar se curva para baixo, seus tentáculos roçando minha mão, lábios como vidro quebrado no meu ouvido.

— Menina estúpida — ela sussurra, e então como se fosse a pior coisa que ela poderia dizer. — Menina humana estúpida.

# 38

## *Elian*

A ÁGUA ESTÁ PRETA com sirenas e o mundo segue.

Eles fuligem a montanha com sua presença quase demoníaca, e enquanto o sol se esforça para se elevar, ele machuca o céu. Há uma série de gritos sibilantes e infernais enquanto as sereias abrem caminho até o topo da água, seus sorrisos impiedosos e sedutores. Eu não posso deixar de ser hipnotizado. Essas lindas criaturas. Tais coisas encantadoras e mortais. Mesmo enquanto eles afiam suas presas em seus lábios e passam as mãos com garras pelo cabelo líquido, eu não consigo desviar o olhar.

Tudo sobre eles é horrível, mas nada sobre eles é horrível.

O fosso se estende por meia milha em cada direção, e as sirenas parecem preencher tudo. Deve haver algumas centenas deles, superando em número de dois para um.

— Deuses — a voz de Kye está aturdida. — Elas estão em todo lugar.

— Nós notamos — Madrid linhas a visão de sua besta. — O que vamos fazer, Cap?

— Esteja no seu melhor comportamento — eu digo.

Ela abaixa a besta e franze a testa.

— O que?

Eu aceno para o centro do caos.

— Estamos na presença da realeza.

A Rainha do Mar é uma visão à nossa frente, com tentáculos da meia-noite e sua filha pronta para o lado. Uma formidável díade. Independentemente do novo manto da humanidade de Lira, quando ela está ao lado de sua mãe, parece que eles podem se divertir com a luz do dia.

A Rainha do Mar flutua pela água, Lira seguindo o caminho instável ao seu lado. Quando ela me alcança, percebo que os olhos dela são da mesma cor dos lábios dela.

— Assassino de sirenas — diz a Rainha do Mar, a título de saudação.

Quando ela fala, mesmo essas poucas palavras, e até na minha língua, é como nada que eu já tenha ouvido. Sujo e odioso, sedutor e repulsivo. A melodia disso me deixa com um tipo diabólico de melancolia. É como ela fala em canções fúnebres.

— Sua Majestade. — Curvo apenas o suficiente para que meus olhos nunca a deixem.

— Lira — Madrid balança a cabeça, a traição encharcando sua voz. — Não pode ser verdade, certo? Você é uma de nós.

O riso da Rainha do Mar borbulha como água.

— Você logo descobrirá que minha filha não tem lealdade — ela torce os olhos para Lira. — Ela não é nada além de uma traidora.

— Eu sabia — diz Kye, embora não haja satisfação em sua voz. — Eu sabia que não devíamos confiar em você e eu fiz de qualquer maneira. Você estava jogando conosco o tempo todo?

É uma pergunta, como se ele não acreditasse. Como ele não vai, apesar de todas as suas suspeitas, até que Lira confirme por si mesma. Mas ela não responde. Seja porque ela não se importa o suficiente ou porque há muito a dizer, não tenho certeza. Mas ela não olha para ele, para qualquer um de nós, para mim. Seus olhos estão fixos em sua mãe. Vagando por ela. Sempre que a Rainha do Mar se move, os ombros de Lira se contraem em nossa direção.

— Você tem algo meu — diz a Rainha do Mar.

O cristal ressoa no meu bolso.

— Não se preocupe. Eu pretendo devolver isso.

A Rainha do Mar inclina a cabeça para baixo, os braços para fora em um gesto de provocação.

— Então, por todos os meios — diz ela. — Vamos começar.

Eu avanço para frente.

A Rainha do Mar desliza para fora da minha linha em um movimento elegante, e uma vez que ela está fora do caminho, sua horda sobe. Sirenas saem da água, pulam na minha tripulação e gritam enquanto suas unhas e dentes cavam em qualquer carne que possam encontrar.

Lira mergulha para o lado e um registro da minha tripulação corre atrás

dela. Eu tento mantê-la no meu foco, mas há muitas espadas e corpos, e é apenas alguns segundos antes de eu perder de vista ela.

Eu posso ver a rainha, no entanto. Ela paira no centro do fosso em uma linha de gelo que rompe a água como uma pequena ilha. Com o cristal de Keto em minha posse, ela deixará suas sirenas fazerem o trabalho sujo. Veja como eles se sacrificam por seu tesouro, nunca uma vez arriscando seu próprio pescoço por isso.

Se eu puder chegar perto o suficiente dela, então eu posso usar o cristal para mandá-la de volta para o inferno de onde ela veio.

Eu pulo dentro e fora das sirenas, minha tripulação quente atrás de mim. Nós cortamos nossas espadas neles, com cuidado para evitar os borrifos de sangue ácido. Kye grita alguma coisa, e eu viro bem a tempo de vê-lo cair no chão, uma sirene inclinada em cima dele. Madri a expulsa antes que o sangue tenha tempo de causar dano, e leva Kye de volta a seus pés.

— Continue! — Yukiko grita, apontando para a rainha com sua espada. — Nós vamos segurá-los.

Ela é o epítome de uma princesa Págese naquele momento, acima dos limites do ciúme e das ofertas pelo poder. Um guerreiro puro e cru, como cada um de seus irmãos e os reis e rainhas antes deles. Ela lança sua espada sobre a cabeça, circulando-a pelo ar com força suficiente para criar uma tempestade. Ela está pronta para matar.

— Vamos lá! — Kye ruge.

Ele me empurra para frente, Madrid atirando contra o fogo atrás de nós. O som de tiros e gritos sacode a montanha. A cada passo que damos, outro membro da minha tripulação se afasta para guerrear contra uma sirene atacante. Eles estão em toda parte, saltando da água e escorregando pelo chão como cobras. Eu corro por tantos corpos, minhas botas escorregadias de gelo e morte, até que uma legião de gritos diabólicos me impede de morrer.

Um grupo de seis sirenas salta da água, as unhas brilhando como adagas. Eles pousam como gatos, nadadeiras dobradas no meio e mãos arqueadas em garras.

— Cuidado! — Kye grita, e Madri grunhe ao lado dele.

— Eu sei — diz ela, salpicando as criaturas mortais com flechas. — Eu não sou cega.

As sirenas saem do caminho, enganosamente ágeis mesmo em terra. Suas guelras se expandem contra suas costelas nuas, revelando a carne crua

abaixo.

— Você tem certeza disso? — Pergunta Kye, e Madrid o acotovela no lado antes de empurrar a balestra no chão e desembainhar sua espada.

Nós atacamos com mais brutalidade do que nunca.

Eu vou para a garganta antes que qualquer um deles possa abrir a boca para cantar. Ao nosso redor canções de ninar quebram e ecoam ao lado dos gritos de piedade, mas há muito barulho para que isso tenha algum efeito além da tontura. Muita morte para suas músicas tomarem forma. Ainda assim, não vou arriscar. Uma nota e eles poderiam nos enviar em um frenesi.

Eu ataco com a minha espada, cortando uma jugular. E depois outro. Eles vêm grossos e rápidos e gostam das cabeças da Hidra. Sempre que eu deixo uma sirene cortada no chão, outra pula em seu lugar.

OUm deles apunhala Kye, as unhas escorregando em seu joelho. Seu dedo vai tão longe, eu meio que espero que o resto de sua mão siga, mas ele pressiona uma pistola em sua testa e quando ela cai sem vida no chão, ele puxa sua perna para fora de seu aperto sem estremecer.

— Vá em frente! — Madrid grita, atirando o braço de Kye por cima do ombro. Ela mergulha sua espada na boca de uma sirene. — Pegue a rainha!

Eu corro, rolando para o chão em um pato enquanto outra sirene salta em minha direção. Eu posso sentir minha pele chiando embaixo da manga da minha camisa quando a apunhalo. Sirene sangue, comendo o seu caminho. Eu arranco o tecido e coloco neve sobre a pele carbonizada antes de continuar.

Balas caem ao meu redor, disparando pelo ar como fogos de artifício. A água está cheia deles, junto com os corpos flutuantes das sirenas. Eu ouço a batalha chora e a morte chora. Minha tripulação está morrendo, as sirenas estão morrendo e parece que não sei dizer quais gritos pertencem a quem.

Eu suspiro quando finalmente alcanço a bifurcação de terra na água. Meus pés batem forte, mas eu mal tenho a chance de chegar perto o suficiente da Rainha do Mar antes que algo me atinja, levantando-me do chão. Minha bochecha se quebra no chão.

Não é uma sirena. É um tritão.

A criatura volta para a água e ruge com os dentes lascados de um tubarão. Eu engasgo um pouco, mas quando ele ataca novamente, estou pronto. Eu sou um tornado de aço e fúria, cortando limpo em sua carne de borracha,

através de seu peito de marca e estômago profundamente sulcado. Mas o tritão não cede, não importa o quanto sangre.

Ele me agarra pela garganta com uma mão palmada e ruge alto o suficiente para dividir meus ouvidos. Eu solto minha espada. As pontas dos dedos espetados perfuram meu pescoço e me levantam do chão com um braço musculoso. Eu luto, tateando cegamente enquanto engasgo com a respiração. Quando minhas mãos trancam a lâmina gritando, não perco tempo.

Eu bato minha faca na base de seu queixo, conduzindo a lâmina até que o cabo bate contra o osso. O poder atravessa o aço, como se não matasse antes. É puro animal e instinto e como minha faca bebe, eu também.

A criatura cai no chão aos meus pés e as narinas da Rainha do Mar se incendeiam.

— *Tha pethánete* — ela late.

— Desculpe — eu esfrego a mão na minha garganta. — Eu não falo a linguá de vadias.

A água ferve em fúria ao redor dela.

— Quando você morrer — ela diz. — Você acha que minha filha vai chorar?

Eu levanto minha espada.

— Me mate e descubra.

# 39

## *Elian*

EU TIRO A MINHA ESPADA do chão e a pego, segurando as duas lâminas diante da Rainha do Mar.

Ela assobia.

— Assim como um ser humano, confiar em armas para matar.

Com a mão levantada, a Rainha do Mar levanta um volume de água e o envia em minha direção. Eu mergulho fora do caminho, mas a borda da grande onda prende meu tornozelo e me faz girar no ar. Eu aterrisso com uma derrapagem, gelo queimando através do tecido da minha perna.

Ela me olha com um olhar travesso de satisfação e, em seguida, levanta a mão mais uma vez. Eu me preparo para o impacto, mas a batida nunca vem. Em vez disso, ela envia um martelo de água para uma fila de meia dúzia de meus homens. Envolve-os instantaneamente e, em seguida, os arrasta para o poço de sirenas.

Eu rosno e jogo minha espada em sua direção, mas ela salta de sua pele de vidro.

— Tolo — ela cospe. — *Ilthia anóitos*.

— Você já perdeu — digo a ela, levantando-me de pé. — Eu tenho o cristal de Keto. Lira não pôde tirar isso de mim.

Mas mesmo quando eu digo as palavras, eu não tenho certeza. O cristal podia estar zumbindo antes, mas, no mínimo, parece peso morto no meu bolso agora.

A Rainha do Mar recua com a visão do cristal na minha mão.

— Eu vou ter a certeza que Lira será punida por isso quando tudo isso acabar — diz ela, deslizando para trás. — Na verdade, acho que ela já está

sendo.

Eu sigo sua linha de visão e congelo.

Do outro lado, Lira está lutando contra Yukiko. A princesa a empurra com força contra um pilar de gelo, e Lira se inclina para frente para cortar sua espada contra o peito. Eu não tenho que ouvi-los para saber que Yukiko está rindo. Lira pode ser uma assassina no oceano, mas Yukiko é uma guerreira Págese, e na terra e na neve e especialmente nesta montanha, isso significa muito mais. Os Págese são treinados para serem implacáveis, e para Yukiko, Lira é apenas mais uma sereia. Só agora ela é presa fácil.

Alguns membros da minha tripulação a cercam, suas lâminas ansiosas para levar uma facada a traidora. Eu perdi a visão de Kye e Madri, mas mesmo se eles estivessem perto, eu não sei o que eles fariam. Se eles ajudariam Lira ou Yukiko.

Yukiko levanta a mão para manter minha tripulação de volta. Sinalizando que ela quer Lira para si mesma.

Lira torce o braço para socar, mas Yukiko se esquiva e, em seguida, dá um tapa com força na bochecha. Eu quase posso sentir o impacto. Lira cospe e, no momento seguinte, Yukiko a agarra rudemente, rasgando o material em seu ombro. Lira chuta para fora, mas quando Yukiko bate nela desta vez, ela bate no chão.

A princesa Págese remove uma pistola do coldre e a Rainha do Mar faz um som de advertência.

— Veja — ela ronrona. — Assim como uma humana.

A falta de preocupação em sua voz me choca mais do que deveria. É um jogo para ela. Tudo, desde a guerra até a morte da filha. Ela deixaria Lira ser morta para que eu pudesse carregar a culpa disso. Ela se recusaria a salvá-la para que eu pudesse ser desonrado quando eu fizesse isso.

Estou correndo em direção a elas antes de pensar em um plano sólido, e a Rainha do Mar me permite abandoná-la nas profundezas da água. Eu não preciso olhar para trás para saber que ela está me olhando com um sorriso satisfeito. Sorrindo enquanto faço seu trabalho sujo, como outro de seus assuntos.

Chego tarde demais.

Algo cai em Yukiko, fazendo-a derrapar dez metros pela neve. A sereia rosna, o cabelo amarelo se enrolando diante dos olhos dela. Ela arqueia os

ombros, lambe os lábios e depois salta mais uma vez. Tiros são disparados, mas a besta é rápida demais para as balas manterem.

Fitas cortam o corpo de Yukiko, e eu engulo uma mordaça quando a sirena rosna e pressiona a mão contra o peito da princesa, pronta para levar seu coração ainda batendo como um troféu. Eu punho minha espada, respiro em um estrondo baixo, e pronto para o golpe mortal.

— Kahlia! — Lira grita.

A sirena corta para me encarar, gotas vermelhas no rosto e cabelo.

Lira pula entre nós como um raio. Eu mal consigo parar a lâmina antes de cortar o pescoço dela. Eu arregalo meus olhos, o braço tremendo enquanto mantenho a espada pairando instavelmente em sua garganta. Me desafiando a deixá-la viver novamente.

Lira engole - o movimento batendo contra o aço - mas ela não recua. Sua bochecha está roxa e eu me esforço para desviar o olhar da marca.

— Ela não — diz ela, dobrando-se entre mim e a sirena.

Furioso, eu avanço até a minha sombra aparecer no rosto dela.

— Você acha que eu não vou matar nenhuma dessas coisas porque você me disse para não fazer isso? — Pergunto. — Ela apenas tentou matar a princesa de Págos.

Lira lança um olhar para trás para Yukiko.

— Ela parece viva o suficiente — diz ela, e abre os braços para fora de seus lados, protegendo a sirena. — A princesa era a única com uma arma na minha cabeça.

— Eu não me importo.

Eu me movo para passar por ela, mas Lira pressiona as mãos no meu peito. É quase um empurrão, mas quando eu tropeço para trás alguns passos, ela segue, as palmas das mãos ainda achatadas contra a minha camisa. A conexão desencadeia uma tempestade em mim.

Não é pele na pele, mas também pode ser. Eu sinto o frio ecoando dela e o calor confuso que isso traz. Eu quero estender a mão e puxá-la para perto, salvá-la assim como nós a salvamos no navio de Rycroft. Mas esse instinto é o problema, e o fato de que ela tentaria usá-lo contra mim - a própria fraqueza que ela criou - me deixa fervendo.

Eu olho para a mão de Lira, pressionada contra o meu coração.

— Você está louca — eu digo. Não é uma pergunta.

— Elian — ela sussurra. — Você não pode.

Eu jogo as mãos do meu peito com um olhar penetrante.

— Errado.

Eu vou empurrá-la novamente, mas ela me agarra em desespero, deslizando os dedos nos meus como se fosse a coisa mais natural do mundo. Eu aproveito.

— Elian — ela diz novamente. Seu pulso bate contra o meu. — Ela é minha prima.

Eu recuo.

Quando olho para a sirena de novo, vejo que ela não pode ter mais do que quinze anos, com um olho do mesmo amarelo leitoso que o cabelo dela, e o outro um par perfeito como o de Lira. *Primas*. Ela olha para nós interrogativamente, mas não é minha espada, ou a pedra serrada no mesmo punho, que parece manter o interesse dela. Mas minha outra mão, enfiou-se descontroladamente em Lira. Suas sobrancelhas finas cintilam sobre os olhos arregalados e de repente ela parece muito mais garota do que demônio.

Eu recuo, minha mão caindo da de Lira.

Lira estende a mão para mim novamente, mas eu fecho meu queixo e abro a palma da mão para revelar o Cristal de Keto. Um aviso, eu acho, embora eu não tenha certeza se é para mim ou para ela.

Lira balança a cabeça, sem se deter e dá um passo em frente.

O cristal queima a palma da minha mão quando ela se aproxima. Batendo tão furiosamente quanto meu coração.

— Pare — eu exijo, e minha voz se quebra.

Não acabar com essa guerra agora colocaria a humanidade em risco. As sirenas mostraram que não podem ser confiáveis ou negociadas. Permitir que sua raça assassina continue seria uma afronta a tudo em que acredito. E permitir que a Maldição dos Príncipes viva... de todas as coisas que fiz, essa seria o pior. Colocar tantas pessoas em perigo seria monstruoso. E, no entanto, uma olhada nos olhos suplicantes de Lira e sei exatamente o que vou fazer.

Eu deixo cair a mão e olho para o chão, desonrado.

Ao me apaixonar por um monstro, eu me tornei um para ela.

— *Anóitos*.

A voz da Rainha do Mar é clínica quando ela desce para minha linha de visão. Lindamente grotesco. Raiva explode através de mim, e só de vê-la me

deixa com a necessidade de mergulhar minha faca em seu coração negro e frio.

— Lira. — A cabeça da Rainha do Mar racha em direção a sua filha. — *Párte to apó ton*.

Lira me observa com cuidado, seus olhos como ímãs nos meus. Quando ela balança a cabeça, é lenta e quase imperceptível. Ela não olha para a mãe.

— Eu não vou — diz ela em Midasan nítida, deixando-me saber que ela não está apenas conversando com sua mãe. Ela está falando comigo. Para a tripulação, que ela se tornou parte. Para o exército de seus parentes que olham para fora da água. Desobedecendo qualquer ordem que tenha sido dada para que todos possam ouvir.

A Rainha do Mar arqueia uma sobrancelha.

— Você ama essa língua mais do que a sua? — Ela pergunta. — Talvez eu deva cortar a sua, então?

Um tentáculo atinge as costas de Lira, arremessando-a para frente. O som da barbatana contra a pele corta o ar como um chicote e eu me inclino na direção de Lira. Eu a agarro antes que ela caia no chão, derrapando no chão em seu lugar. Minha perna queima contra a neve, o tornozelo torcendo quando meus braços pegam sua cintura.

A mão de Lira se enrola no meu pescoço e ela cai no punho do meu joelho.

— Você tem bons reflexos — diz ela, e sorri de uma forma que detona através de mim.

Eu a aperto com mais firmeza.

— Você não faz ideia.

A Rainha do Mar rosna e gira em torno de um floreio para abordar o resto de seus súditos. Tudo o que ela faz é um show, toda ameaça disfarçada de espetáculo. Ela é uma artista tanto quanto uma rainha.

Ao nosso redor, a guerra chega a uma pausa.

— Veja como esses seres humanos podem se tomar até meus mais leais contra mim — diz a Rainha do Mar em Midasan, então até minha tripulação pode entender. — Minha filha foi vítima de mentiras e charme. Tanto é assim que eu tenho que me sujar com essa linguagem até mesmo para ela me ouvir. Você vê agora como os humanos podem nos matar com mais do que apenas lanças e facas? Esse príncipe - ela aponta o dedo para mim como uma pistola carregada - deve morrer nas mãos da sirena que ele enfeitiçou. E assim eu vou restaurá-la à sua antiga glória. Ela se vira para Lira com um sorriso

serpentino e levanta seu tridente em um brinde. — Viva a Maldição dos Príncipes.

Isso acontece em segundos.

A Rainha do Mar empurra seu tridente para o céu, e quando seus braços não podem esticar mais, ele sobe sem ela. Pairando sobre sua cabeça, então girando tão rapidamente que o brilho do rubi se torna um perpétuo raio de sol, cegando a todos nós. E então, de repente, ele para.

Lira empurra meus braços e me afasta. Eu recuo bem a tempo de ver a luz disparar como uma lança do tridente em seu peito. E então explodir.

Lira está de joelhos e seus braços explodem como asas de seus lados.

Um grito desumano se solta de sua garganta e, de repente, Kye está ao meu lado, a mão apertando brutalmente meu pulso. É só então que percebo que fui pra frente. Que eu estava prestes a correr para ela novamente. Que mesmo agora, com a mão dele me segurando com tanta força que meus ossos estralam, eu não consigo tirar meus olhos dela. Eu não posso deixá-la sair de minha vista.

A luz vem em uma explosão, mas uma vez que não há mais grito deixado nela, ela se enrola em seu corpo. Lira convulsiona, dura e tremendo de uma só vez. Seus olhos rolam para trás e então fecham, e eu praticamente posso ouvir seus dentes rangendo juntos.

Todo mundo para. Minha tripulação faz uma pausa horrorizada. As sirenas vigiam fervorosamente.

Alguns soltam canções como respirar em antecipação, mandíbulas penduradas famintas. Outros observam com incerteza, os olhos estreitados em fendas e as presas presas nas bordas dos lábios. A sirena de antes - Kahlia - observa cada estremecimento de Lira. Quando o pescoço da prima se contrai, ela empalidece.

Todo o tempo, a Rainha do Mar saliva.

Contra o gelo picado, as pernas de Lira se costuram juntas. A pele se funde e se mistura até as escamas irromperam dos pés e se misturarem até a cintura. É uma cor que eu nunca vi antes, salpicada com tantos tons de laranja, é como a luz do sol. Ele se mistura perfeitamente em seus quadris, logo abaixo da curva de seu umbigo.

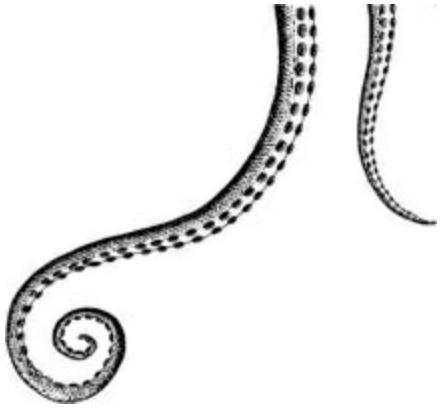
Acima disso, sua pele começa a clarear.

Começa ao longo da curva de suas costelas e depois se enrola como uma maré. Não é que ela fique mais pálida - não acho que seja possível - mas a

pele dela começa a brilhar. Luz líquida dançando pelos braços e pelo peito. Rolando sobre o arco recém-delicado de sua clavícula. Seu cabelo corre sobre seus ombros como contas de romã, e quando ela se joga de volta, braços abertos, a neve se transforma em um anjo ao seu redor.

Lira arqueia, saboreando o frio em seu corpo, abrindo as brânquias que atravessam suas costelas a cada turno. Ela se enrola de lado, meio de frente para a água e meio de frente para mim. Há um momento em que ela mente assim - olhos ainda fechados, aninhados na neve que espelha sua pele, nunca parecendo menos humana - onde eu me sinto estranhamente em paz.

Então Lira abre os olhos e vejo que apenas um é o azul que me lembro. E o outro é puro fogo do inferno.



# 40

## *Lira*

EU TINHA QUASE ESQUECIDO da minha força - minha velocidade - mas quando me atirei na água ela voltou como uma onda para mim. Eu rugi, uivei como um caçadora por debaixo da água, e o frio borbulhou na minha garganta e golpeou as minhas guelras. Não era o oceano, mas era água tão selvagem como eu, e isto bastava.

Elian me observa resurgir sobre a água. Há tantas emoções passando pelo seu rosto e reverberando sobre mim que eu não consigo decifrar um tipo de emoção da outra e qual pertence a mim ou a ele. Ver ele agora é como o ver com novos olhos.

Ele está mais brilhante, mais vivo. Olhos refletindo cada reflexo do sol e a pele dele não conseguiria ser menos dourada que as terras de onde ele vem. Cada pedaço dele é um contraste, luz e escuridão , se misturando, ondulando uma na outra, até eu ser capaz de parar de olhar.

Eu repouso meus braços na neve e observo ele como uma caçadora.

— Me traga o coração dele — a Rainha do Mar diz.

A ordem dela sibila pelo vento, e quando eu paro de olhar Elian, eu vejo os dedos dela sobre o tridente, onde a sua parte dos olhos de Keto's espera ser reunido com sua irmã. Eu posso ouvir agora. O chamado de duas metades enquanto elas deslizam para perto uma da outra. È muito estável para ser uma música e muito selvagem para ser uma batida. Uma batida de coração, é isso. Martelando sem parar nos meus ouvidos, enquanto o meu sangue corre por um ouvido, e a mágica da minha mãe corre pelo outro.

— Tome dele — a Rainha do Mar sibila na nossa língua assassina.

A Voz dela parece um pouco desesperada. Causado pelo fato de que ela pensa que Elian libertou o olho de onde ele estava escondido. Ela teme o que vai acontecer se ele tentar usar o olho contra ela e se a sua mágica vai sobrepor o poder do tridente que ela usou para escravizar nosso povo nessa carnificina.

Elian pode não saber, mas agora a Rainha do Mar acha que ele é seu parceiro.

Eu viro meu pescoço para Elian e estendo minha mão para mover ele em minha direção, há um tique nos seus olhos, mas ele não vem, e eu até sorriria se eu não soubesse que isso a fachada que estou tentando manter. Ao invés disso eu jogo minha cabeça para trás e respiro o vento, deixando meu cabelo boiar na água.

Atrás de mim as sereias começam a cantar.

A melodia delas atinge os humanos e os mantém hipnotizados. Refrãos delicados que faz com que a tripulação se mova para onde elas estão perdendo todo o senso de perigo. Ameaças se transformam em sonhos e medos são uma memória distante, até que o coração deles batem no mesmo ritmo que a área mortal.

— É linda — Madrid diz, o corpo dela para.

Elian assiste sua tripulação encantada se deixar levar pela melodia do exército da rainha, desorientados pela mudança repentina. Quando se ele volta e olha pra mim, o queijo dele pulsa e só essa cara que ele faz é capaz de transformar essa água que é incongelável numa geleira.

Eu sorrio, abro meus lábios e deixo a música seguir.

E o som da minha voz, Elian anda nessa direção, e quando eu transformo meu murmúrio em cantoria, ele se ajoelha na minha frente. Ele ainda tem um plano para cada letra do alfabeto, e embora ele desempenhe papel muito bem,

eu posso sentir seu coração acelerando através de cada batida. Seus movimentos são só um pouquinho rígidos demais. Muito ensaiados. E eu posso ver o fogo incendiando nos seus olhos.

Ele não é afetado pela música.

Elian se apega ao cristal de Keto como se sua vida dependesse disso. Até onde ele sabe essa nova imunidade da qual ele é capaz se deve a esse pequeno pedaço da minha divindade que ele mantém em sua palma. Eu sorrio pra isso, porque ele de todas as pessoas deveria entender melhor. Ele deveria sabe a ter mais fé nos mitos e nos contos de fadas.

Quando Maeve se dissolveu em espuma marinha no deque do *Saad*, a pequena parte de mim que acreditou em histórias ficou feliz que o príncipe não teve a chance de pegar o coração dela e ter imunidade para a canção das sereias, mas quando eu contei para o Elian sobre a lenda de nossas mortes, eu sabia que não era só mais uma história. Eu sentia a verdade naquilo. E agora a verdade está se ajoelhando diante de mim com olhos selvagens feitos de terra e oceano. Folhas e algas marinhas inundando juntas.

*Qualquer humano que capturar o coração de uma sereia vai ser imune ao poder de sua canção*.

Só que Elian não tinha que tomar meu coração, eu dei meu coração a ele.

Eu levantei minha mão para tocar seu rosto, e seus olhos se fecharam um pouquinho. Ele respira como se cada respiração estivesse construindo uma memória. Eu passei meus dedos pelas maçãs do rosto dele. Ele ainda estava quente, e diferente de antes quando o sol fez meu corpo de sereia se romper e tremer, o calor de Elian fez meu corpo se contrair de uma maneira totalmente nova e diferente.

Eu deslizei minha mão em volta do pescoço dele e trouxe sua cabeça na minha direção, usando o peso dele para sair um pouco da água. O desejo é mais do que eu posso suportar.

— Você sabe o que eu quero de você? — Eu suspiro.

Elian engole em seco.

— Eu não vou te dar o cristal.

Quando eu respondo , minha voz é uma som gutural.

— Eu não estou falando sobre isso.

— Então o que?

Eu sorrio, me sentindo mais maldosa de uma forma como nunca me senti.

— Seu coração — eu digo, e eu o beijo.

Não foi como aquele macio e romântico que a gente deu debaixo das estrelas, este é selvagem e queima, há um novo território aqui sendo explorado, seus lábios tocam os meus violentamente, quente e macio, e quando eu sinto sua língua roçar na minha, cada parte animal em mim vem à vida. Este sentimento está dentro dele também. Esse impulso predatório. Nós reivindicamos um a outro, aqui mesmo no meio da guerra.

Elian passa suas mãos pelo meu cabelo e eu me agarro a ele, apertando ele e colocando o corpo dele mais próximo de mim. Mesmo estando tão pertos parecemos estar longe demais. As mãos dele apertam meu queixo e nós somos um emaranhado de dedos e dentes. Tudo é maravilhoso.

Eu mordo os lábios dele e ele geme na minha boca, nós devoramos um ao outro, tentando respirar desesperadamente até que nos falta ar.

E assim como foi o beijo, brutal e selvagem, Elian para de me beijar. Ele não se afasta de mim de modo que a gente se separe totalmente, só tira seus lábios de mim. Quando ele me olha, seus olhos são um espelho selvagem dos meus próprios olhos. Aturdidos e furiosos e tão, tão famintos.

Eu passo minha língua pelo meu lábio inferior, o seu gosto ainda está ali.

Minha mãe nos observa do lado, reluzente. Ela não percebe que Elian não está encantado, não mais do que percebe que exército dele está para ganhar mais um soldado.

— Elian — eu sussurro, baixo o bastante para que a rainha do mar não escute. Eu mantenho os meus dedos pressionando a base do pescoço dele, inclinando ele para mim. — Você tem que confiar nisso.

— No que? — ele pergunta, rouco e desconfiado. — Em você?

— No seu sonho — eu digo. — Que assassinos podem parar de serem assassinos.

Os olhos de Elian procuraram os meus.

— Como posso acreditar em qualquer coisa que você diz?

— Porque você é imune à nossa música.

Ele franze a testa e para por um minuto, o seu olhar analisando, antes das minhas palavras o atingirem. Eu posso praticamente ver a memória correr pela sua mente e o novo tipo de incerteza que isso traz. Isso quase me mata, mas não há nada mais que eu possa fazer além de ter fé que ele irá se lembrar que isso é mais que uma estória e menos que isto é uma traição minha. Eu preciso que ele se apoie no meu gosto e pense em como nós salvamos um ao

outro, como nós poderíamos fazer isso novamente tão facilmente agora, e tomar o mundo juntamente com nós.

— Elian — eu digo, e ele molha os lábios dele.

— Eu ouvi você — mas seu rosto não me diz nada.

— E?

— E nada. — Devagarinho, Elian tira a minha mão do pescoço dele, os olhos dele fixos como um alvo nos meus. Ele balança a cabeça como se não pudesse compreender o que ele está prestes a fazer. E então: — Eu acredito em você — ele diz, e desliza o olho na palma da minha mão.

No momento em que toca minha pele, eu sou infinita.

O que eu senti dentro do palácio de gelo é uma mera fração do que sinto agora, e agora eu sou um incêndio florestal, queimando, queimando. Um tsunami se formando e varrendo mundo afora. Eu não tenho apenas poder; eu sou o poder. Ele flui por mim, substituindo o sangue ácido por magia espessa e negra.

O segundo olho de Keto fala comigo em centenas de línguas diferentes, me dizendo todos os modos que eu posso usar para matar os humanos. Uma pintura tão vívida está sendo formada na minha mente, do olho se fundindo com o tridente de minha mãe e juntos criando uma rainha do mar com todo o poder de Keto. Uma deusa de direito, modelando um mundo onde sereias podem nadar e caçar com grama e solo entre seus dedos. Peles impenetráveis e vozes encantadas e toda morte que se seguirá.

E ao lado disso, um sonho.

O oceano brilha como se fosse cristalizado, e um barco humano para no meio de sua jornada, nenhuma terra há vista por milhas e milhas. A tripulação cansada, maltratada, pula na beirada do seu navio, sentindo as borboletas de vento antes de suas peles atingir a água. Sereias pairam em volta, mas não os atacam. Elas não estão calculando e caçando, mas assistindo, como uma confusão em harmonia.

Paz.

— Me dê o olho — a Rainha do Mar exige, me tirando do transe.

Eu fecho minha mão em torno do olho.

— Ao invés disso eu prefiro mata-la.

Elian deixa escapar um suspiro de divertimento e surpresa a algo perto de orgulho. Eu olho rapidamente para ele e então volto a mirar a rainha do mar, decidida com a nova força que isso me dá.

— Você não tem esse tipo de poder — ela diz.

— Ah, mas você está errada — eu dou a ela um sorriso que inicia guerras, ou talvez termine com elas. — Veja, não foi o príncipe que libertou o olho da sua câmara, Mãe, foi eu.

Quando ela gritou, as montanhas tremeram.

Eu sou o pior pensamento dela se tornando realidade. A filha que ela sempre relutou em deixar assumir a coroa dela, a primeira a usurpá-la. Só agora eu percebo que ela não tem poder sobre mim. Pela primeira vez, nós estamos em nível de igualdade. Cada uma possui um olho de uma deusa, e Cada uma com um tipo de lealdade pelos nossos povos. Há um exército nessas águas, mas a sua fidelidade pode ser de qualquer uma de nós duas nesse momento. Eles podem escolher tanto o meu lado quanto o dela.

A Rainha do mar rosna e olha para a direita dela e deixa um rugido perverso de *Psáriin*. A garganta dela se tenciona e treme, e por alguns momentos contornos cinza passam pelos meus olhos.

Me leva um tempo para perceber que Elian se foi.

Eu bato na minha cabeça e olho a grande porção de água atrás de mim, percorrendo ela com meus olhos de caçadora. Há um flash cegante de movimentos, tão veloz e bárbaro que até eu tenho que parar que minha visão perceba o que é.

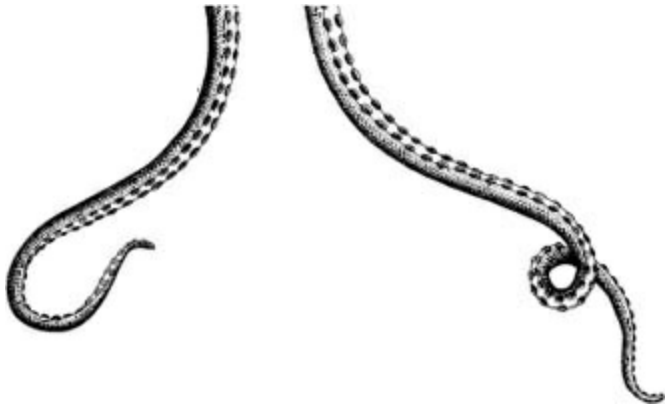
Elian está no centro do fosso, cercado por sereias que espumam pela boca quando o odor dele salga a água. Elas boiam em direção a ele, mas quando elas chegam muito perto, ele se desvia violentamente para o outro lado. Puxado mais longe pelo colarinho de sua camisa.

Minha respiração treme enquanto eu assisto seu atacantes.

O Comedor de Carne.

Sua cauda de tubarão é grossa e cinza, canelada e manchada, como se fosse um vírus o devorando. Cada mordida de demônio que eu me lembro, com o rosto de um verdadeiro assassino. Suas características são uniformes, olhos como buracos abertos na cabeça, e lábios como meros cortes pelo seu rosto. Ele sãos marcado por crostas que foram formadas por quem quer que seja que foi devorado por eles em batalha.

O Comedor de Carne sorri, saliva escorre através dos seus dentes de tubarão, cauda de tubarão martelo forjada pelo coração do meu príncipe.



# 41

## *Lira*

EU ESTOU SENDO segurada por meia dúzia de Braços. As sereias me cercam, suas unhas estão enterradas na minha pele. O Comedor de Carne já é mortal em oceano aberto com os tritões que vivem em total solidão, mas aqui, Sob o comando da Rainha do mar ele é mais perigoso.

Eu ofego, lutando contra as sereias, mas elas são muitas para mim, e com a tripulação de Elian hipnotizada ao meu lado, em poucos minutos ele será rasgado ao meio pelo Comedor de Carne.

O olho brilha na palma da minha mão. A magia negra chama, implorando para eu me render a ela. Eliminar cada inimigo no meu caminho. Canta comigo o mesmo desejo maligno que pertence à minha mãe. Mas me entregar a isso seria seguir os mesmos caminhos dela, e eu não posso me permitir fazer isto. Eu só provaria para os outros que eu sou como ela e como todas as rainhas que vieram antes dela. Se eles vão juramentar sua aliança a mim, tem que ser por algo além do medo que sentem.

— Deixe-me salvar ele! — digo.

Eu me viro um pouco para ver a Rainha do mar se aproximar de mim, os tentáculos dela ondulando em meios aos seus soldados.

— Você realmente acha que eu permitiria que você o resgatasse?

— Eu não estou falando com você — sibilo.

Ela fica sem reação.

— As sereias não seguem você — ela diz. — Eu sou a Rainha delas.

— Não por escolha — digo para ela. Eu volto meus olhos para as sereias que me seguram. — É desse modo que vocês querem continuar? Lutando e morrendo sempre que ela ordenar, sabendo que a vida de vocês não significa nada a não ser que vocês a ajudem de alguma forma?

— Cala a sua boca!

A rainha do mar me atinge com um tentáculo, meu pescoço estala no lado que ela me acertou, deixando uma linha vermelha na minha bochecha. Eu sinto as sereias soltarem um pouco, chocadas pelo acontecimento repentino.

— Esta é a chance de vocês — eu continuo, sendo mais coragem do que deveria. — Se vocês me seguirem, eu irei pôr um fim a tudo isso de uma vez por todas. Vocês podem ser livres.

A rainha do mar ergue outro tentáculo.

— Sua vadiazinha — diz.

E então...

— Livre?

Uma das sereias larga meu pulso e retira uma mecha de cabelo azul de seu rosto.

— Como nós seríamos livres?

— Fique quieta! — a Rainha demanda.

— O que mudaria? — Outra pergunta, enfraquecendo a força que me retém.

— O Mundo — eu respondo honestamente. — Poderia haver paz.

— Paz? — A Rainha do Mar arqueia uma de suas sobrancelhas em dúvida. — Com esses humanos inúteis?

A cada palavra que ela diz o olho queima em minhas mãos. Só um movimento meu poderia mandá-la para longe. Eu poderia fazê-la sangrar aqui na frente de todos.

— O que faz com que A Maldição dos Príncipes se importe com paz? — uma sereia pergunta.

— Porque eu já via as verdades que existem nas mentiras da rainha — eu olho nos olhos da minha mãe. — Eu passei tempo suficiente com os humanos para saber que eles não querem guerra. Eles só querem viver. Quanto mais cedo isso acabar, mais cedo todos nós podemos parar de morrer em nome de uma rixa que nenhum de nós viu ser formada.

Há uma discórdia repentina entre elas. Murmúrios sendo formados onde havia concordância, gritos raivosos. As sereias discordam ao serem apresentadas a essa tentação, e eu pisco, tentando perceber para qual dos lados elas irão jogar suas fichas e se ao mesmo tempo eu ainda sou capaz de salvar Elian.

Conforme o tempo passa, eu fico mais e mais impaciente. Cada segundo que demora a elas se decidirem é mais um segundo que ele está no poder do Comedor de Carne,com seus dentes prontos para perfurar seu pescoço.

— Eu estou com você.

Uma voz surge em meio ao caos, e vejo minha prima. Khilia está cercada por um grupo de jovens sereias, juventude com sorrisos de água salgadas imaculados. Crianças forjadas pela rebelião.

— Lira sempre foi a mais forte de todas — Kahlia diz. — E agora ela tem o segundo olho de Keto sob o seu comando. Há alguém aqui entre vocês que realmente duvida que ela seja uma comandante honrada? — A autoridade na sua voz me pega de surpresa. É clara e evidente, como se a ideia de não ficar ao meu lado fosse ridícula.

— Sua enguia amotinada — a Rainha do Mar ferve.

— Não é motim se estamos seguindo nossa rainha — ela diz. — É lealdade. Por minha soberana e por minha família.

Eu sei que ela está pensando em Crestell, porque eu também estou.

— Lira irá tomar seu lugar num instante — Diz Kahlia a cada palavra dita sua voz é está mais forte e ousada. — isto só significa que assim que ela fizer isso, o primeiro ato dela como rainha será terminar uma guerra que já matou muito de nós. E quando ela tomar o tridente… — Os Olhas de Kahlia tremem enquanto ela desafia… — Ela terá duas vezes mais poder que você jamais teve.

— Eu poderia usar o olho agora mesmo para fazer todas vocês se curvarem diante de mim — digo. — Eu poderia derrubar cada uma de vocês que está me segurando com o poder de Keto. — As sereias se agitam, aumentando sua

distância. — E ao invés disto eu estou assegurando vocês. Pedindo pela sua aliança quando eu poderia muito bem tomá-la.

Ao levantar minha cabeça eu analiso cada uma delas, fogo tremula em meu olho direito. No primeiro momento o silêncio me dá uma pausa, e eu começo a me perguntar se o controle da minha mãe é forte demais. Então, lentamente, eu vejo um novo tipo de entendimento surgir em seus rostos.

Uma por uma, elas curvam suas cabeças na minha direção, e as sereias que me seguravam se afastam, as mãos delas deixam meu corpo e se levantam junto aos seus peitos num gesto de fidelidade. Então, enquanto meus olhos se movam entre elas, o exército começa a se partir e uma linha começa a se formar até o fundo do fosso.

Um caminho livre até o Comedor de Carne.

O soldado monstruoso dá uma olhada em direção às sereias traidoras às suas costas e leva Elian para baixo da superfície.

Eu os sigo com uma velocidade enlouquecedora, como se tivesse sido atirada por um arco e flecha naquela direção, braços para fora da água,usando mais a força do ódio como impulso do que a água. Só leva alguns segundos até eu alcançá-los, mas leva mais tempo do que eu esperava. O Comedor de Carne prega Elian a uma ripa, com as mãos em volta do seu pescoço está pronto para rompê-lo totalmente.

Ele só me vê quanto estou há centímetros de alcançá-los, e ele levanta Elian com suas garras oleosas e pegajosas como se ele fosse um prêmio a ser conquistado. Eu aperto meus dentes uns contra os outros, um grito surgindo da minha garganta. O Comedor de Carne é um monstro, um guerreiro e um matador feroz. E ele não tem nenhuma chance.

Eu não preciso do olho para fazer isto. Eu vou quebrá-lo ao meio.

Eu ameaço atacar, e o Comedor de Carne joga elian para longe como se ele fosse um saco de lixo. Eu paro apenas por um momento e vejo o príncipe nadar de volta para a superfície afim de respirar antes de nadar para longe.

O punho do Comedor de Carne explode contra meu rosto. Há um estalo e uma sensação estranha de queimação e esmago antes de eu sentir a dor do golpe. Pura fúria e força ressoam de seus dedos fechados, e quando o soco me atinge novamente o mundo escurece por um instante.

Eu pego o pulso dele e mando embora a tontura dos meus ossos. Ele é forte, mas é uma força vazia, há uma ideia de dever e violência pela violência somente, e pela primeira vez, eu estou lutando por algo. Eu vejo o rosto de

Elian na minha mente, de novo e de novo, e no momento que eu percebo que é a vida dele, a vida do meu reino, a dor vai embora.

Eu torço o braço do Comedor de Carne, e um estalo ressoa pela água. Ele vocifera e o maxilar se abrindo para mostrar cada um de seus dentes de predador. Ele desliza de volta para meu lado, pronto para chocar o cotovelo contra meu peito. Mas eu sou rápida e flexível, e quando eu escapo do golpe, ele rosna.

E o seguro por trás, esmagando meu corpo contra o dele o máximo que meus ossos permitem. Ele cai contra a cama de água, com o rosto sendo enterrado na areia. Tem sangue. Tanto que eu gosto disso.

Ele se joga para cima e tira um dos seus braços do meu controle, por um momento eu me surpreendo que ele ao invés de me socar incessantemente, usa sua vantagem para me arrastar pela água, eu percebo tarde demais o que ele está para fazer. Ele morde meu ombro, e eu sinto a carne se separar dos meus ossos.

Eu grito e bato minha cabeça contra a dele, várias vezes seguidas, até que a minha dor se misture com a dele. Mas ele é implacável, roendo e cortando e me mastigando. Saboreando-me de uma maneira que ele nunca foi capaz antes. E não é até que eu sinta um forte golpe nas palmas das minhas mãos que eu me lembro do olho que está no meu punho.

O poder pedindo para ser domado.

Em um movimento certeiro, eu atinjo seu estômago com meu punho, e quando ele o atravessa ele paralisa. Eu puxo meu punho de volta, não ousando olhar a ferida no meu ombro. Ele pisca devagar, surpreso que de repente há um buraco atravessando seu corpo. Que algo poderia perfurar algo feito de pedra tão facilmente.

Atrás dele, Elian afunda.

Ele encara meus ombros por sobre o corpo do Comedor de Carne, e não há dúvida que está tão ruim quanto a sensação que tenho. Eu faço o mesmo, olhando no corte vermelho na sua bochecha que vai até seus lábios e como seu braço esquerdo não está se movendo direito e flutua pela água.

Quanto eu estou prestes a nadar em sua direção, o Comedor de Carne envolve a sua garra calosa em volta do meu pescoço. É um ato final de brutalidade, e eu sinto a instabilidade de sua força. A cada momento que passa seu aperto oscila entre intolerável à praticamente nulo.

Devagar, eu seguro seu pulso e aperto.

Em torno de nós, as sereias descem. Elas assistem o soldador bárbaro tentar se agarrar desesperadamente à Princesa delas. Elas me veem corajosamente esperar que a morte o clame. E quando Elian mergulha sua faca no crânio do Comedor de Carne, elas somente sorriem.

QUANDO NÓS SUBIMOS PARA a superfície, um pedaço do Comedor de Carne vem junto com nós.

Elian retira o pedaço de pele das suas escápulas e curva seus lábios. Por algum motivo isso é engraçado. O guerreiro mais leal e impossível de combater, destruído por um príncipe humano que enjoa ao menor sinal de carne morta. Eu tento segurar o riso e Elian se vira pra mim e me olha com um olhar incrédulo.

— Aquilo foi engraçado para você?

— Sua cara é sempre engraçada para mim — eu digo a ele.

Ele franze os olhos, mas por debaixo da água seus dedos seguram os meus.

Eu aperto suas mãos e encaro a Rainha do Mar, que nos assiste com um ódio virulento. Os seus tentáculos estão espalhados em todas as direções, criando um paraquedas que a joga para cima da água conforme ela flutua.

— Vocês dois morrem hoje.

A água começa a se agitar à nossa volta, um furacão vomitando bolhas negras. Elian vacila assim que elas atingem a sua pele, e quando eu vejo ela deixa sua carne exposta através da pele, eu puxo ele para mim e seguro fortemente no olho de Keto. Eu convoco a magia dentro dele para nos proteger, respondendo seus chamados desesperados com o meu próprio chamado de desespero. Minha pele irradia e me corpo relaxa conforme o poder emana para fora de mim, partindo a água como a maré.

O preto se dispersa a nossa volta, deixando círculos de água fresca intocadas onde Elian e eu nos encontramos seguros.

As sereias pulam para fora da água fervendo, sibilando enquanto suas peles começam a formar bolhas e se dissolver. Elas se jogam para a neve e a tripulação de Elian dá um pulo, eles não estão mais sobre o encanto da canção.

Nem todas elas conseguem..

Sereias que estão no meio da água se contorcem como chamas antes que eu seja capaz de pensar em algo capaz de salvá-las. Não demora muito para que

seus gritos se transformem em vento e seus corpos em espuma, e o caldeirão de água clama seus corpos como se elas nunca tivessem existidos.

As sereias remanescentes aninham-se na neve e soltam uma série de gritos de lamento.

— Vamos ver se seu exército traiçoeiro ajudará você agora — a rainha do mar diz.

— Elian, pato! — o Chamado de Kye atravessa o barranco.

Nós nos viramos juntos para ver Madrid apontar sua arma para a rainha do mar. O tiro dispara e graças à habilidade de Madrid, atinge a rainha no meio das costas. Se fosse qualquer outra besta, teria atravessado seu coração. Mas minha mãe foi forjada por algo vindo das profundezas do inferno, e quando a bala ricocheteia para fora dela, a mesma se despedaça.

Em um rápido movimento a rainha do mar rodopia seu tridente contra eles. É como se o inferno fosse lançado de cada dente dele, chamas sendo lançadas pelo ar até que uma linha de fogo é disparada pela neve, cortando nosso exército ao meio. Eu mal posso ver eles por entre as chamas.

A Rainha do Mar ri e grita:

— Ninguém pode salvar vocês — ela diz.

Eu me agito, apertando a mão de Elian só um pouquinho mais forte.

— Eu sou perfeitamente capaz de matar você sozinha.

— Mas você não está sozinha — ela diz. — Ainda.

Meus olhos se arregalam no momento que ela se vira na direção de Elian, eu uso todo meu poder para empurrá-lo em outra direção. Lançado-o em um arco na direção do ar, a proteção do olho que o cerca ainda forma uma órbita em sua volta. Eu escuto seu corpo atingir a água ao mesmo tempo em que o tentáculo da minha mãe atinge meu peito. Quebrando minha costela.

Minha mãe não perde tempo. Pequenos tornados se formam no ar, eles circundam ela como se demonstrassem lealdade. Se movendo como se tivessem consciência, e quando minha mãe aponta o dedo em minha direção , eles se jogam contra mim. Sem pensar, eu jogo meus braços na água e ela forma um escudo de proteção na minha frente. E se transforma em uma onda que se quebra, engolindo e dissolvendo todos os tornados.

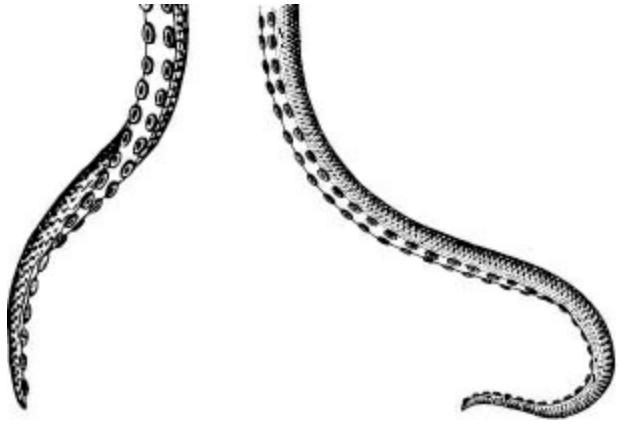
Minha mãe pode ter seus truques, mas eu também tenho os meus agora. Assim que a onda desmancha sua mágica, eu me sinto mais calma. Como se cada vez que eu usasse o olho, um pedaço da minha voracidade fosse levada embora. Alimentando o poder dentro de mim.

A Rainha do Mar grita e um trovão atira ao meu lado. Acima, as nuvens começam a roncar e ficar pretas. O trovão geme e sinto o cheiro da eletricidade da tempestade que chega.

— Você tem muito que aprender — minha mãe diz.

Ela levanta seu Tridente no ar, num movimento circular. A cada círculo completado, o céu parece se torcer, nuvens se agitando até que todo o céu tenha uma única cor cinza.

Então uma chuva de raios cai sobre mim.



# 42

## *Lira*

UMA EXPLOSÃO ATINGE A água a centímetros da minha cintura. A energia vibra pelo meu corpo como se eu fosse uma vela acessa, e uma chuva de relâmpagos me circundam, me prendendo numa gaiola de luz e fogo.

Elian grita meu nome e eu ranjo meus dentes. Com o som da sua voz a Rainha do Mar olha lentamente para ele. Como se ele fosse uma mosca da qual só agora ela tenha se lembrado. Eu não tenho certeza quanta proteção o olho pode dar a ele ao mesmo tempo em que consegue me manter viva, mas a única coisa que eu tenho certeza é que eu não posso a deixar machucá-lo. Eu não posso deixar ela o matar no fundo dessas águas negras.

Outra chuva de raios repentinamente cai do céu e eu me impulsiono para fora da água para captá-los. Minha pele parece líquida recebendo os raios de luz, e eu sei que não posso suportar por muito tempo. Mas eu não preciso. Apenas por alguns segundos – suficiente para eu mirar com uma precisão que faria inveja à Madrid – e eu jogo os raios pelo ar.

Eles explodem diretamente ao lado da Rainha do mar.

Ela dá um grito monstruoso, pele e ossos e sangue e magia. Eles escapam dela e se espalham como poeira estelar. A ferida está aberta, mas se a dor é a única coisa que a rainha do mar consegue sentir, ela mal dá uma trégua. Ela joga uma onda de água pelo ar em minha direção.

Eu mergulho bem fundo na água com toda a força do impacto antes mesmo de sentir a mão de Elian em mim, me trazendo de volta para a superfície.

— Afaste-se — eu digo a ele, enviando uma rajada de vento em direção a minha mãe.

Ela continua se aproximando a uma velocidade alarmante, e eu procuro por algo desesperadamente – *qualquer coisa* – que possa fazê-la desacelerar um pouco. Meus olhos então percebem a estrutura do palácio de gelo, e eu nem paro para pensar direito antes erguer uma rajada de água e bloqueá-lo com uma parece de icebergs. Elas se erguem mais e mais alto, formando pilares de água congelada que nos guardam como estacas de uma cerca.

— Eu tenho que deixá-lo seguro — eu digo a Elian. — Nós podemos nadar por debaixo d'água. Se eu pagar o fogo, você pode procurar abrigo atrás da sua tripulação.

Elian me olha de um modo selvagem.

— Eu não vou me *esconder* — diz.

Um estrondo ressoa através da linha de icebergs quando minha mãe se joga contra eles. Usando seus punhos ou sua magia, eu não sei ao certo. Mas a força é suficiente para fazer a água tremer, e eu sei que a nova parede não vai ser o suficiente.

— Tudo bem — eu respondo. — Não se esconda; corra então. Eu não me importo desde que você saia daqui.

Elian ri, uma risada exausta e fora de ritmo.

— Você não está me entendendo — ele diz ao pegar minha mão. — Eu não vou abandonar você.

— Elian, eu...

— Não vá dizer nada heroico e auto sacrificante — ele me diz. — Porque senão eu vou começar a pensar que tem alguma humanidade dentro de você.

Eu sorrio.

— Isso não teria graça alguma.

Ele concorda, juntando a testa em mim. Os icebergs que eu criei se chacoalham, e grandes blocos monstruosos de granito caem à nossa volta.

Parece que o mundo está desabando.

— Eu não gosto de você porque você é gentil — Elian me diz. A sua testa toca a minha, seus lábios exalando um respiro.

— Isso diz muito sobre sua sanidade.

Ele me beija então. Delicadamente de um jeito que eu só conheço com ele. E então os icebergs desabam e formam uma onda que nos engole inteiramente. Eu jogo meus braços em volta de Elian e deixo minha mágica nos envolver. Protegendo-nos das rajadas de neve que ameaçam nos esmagar contra o corpo de água.

Quando acaba, eu levanto minha cabeça do conforto do seu ombro e respiro novamente. Minha mãe acena através dos gelo moído da parede de gelo que foi dizimada.

— Ia ser uma mancha na sua lenda morrer assim num abraço — ela diz. — Poderia fazer com que cantassem canções sobre o poder da Maldição do Príncipe. Poderia fazer com que se esquecessem da contaminação da sua linhagem e lembrar só da glória do seu passado.

Eu empurro Elian para trás de mim, mantendo minha mão grudada na dele.

— Isso é engraçado — eu digo a ela. — Porque eu planejo fazê-los esquecerem de tudo sobre você. Exceto a sua morte. Eu farei com que se lembrem dela.

O Vento acelera com a fúria da minha mãe o agitando e rodopiando, lá longe ele faz aumentar as chamas que matem meu exército longe de mim. A tripulação de Elian. Muitas pessoas que morreriam pela gente. Mas eu não preciso que mais pessoas morram por mim. Eu não preciso mais que eles morram por causa de mim também. A matança e o sacrifício terminam aqui, e eu quero que cada um deles seja capaz de ver para que acreditem nas mudanças que eu prometi. Um novo mundo, com uma nova rainha no comando desse Leme.

Fumaça sobe pelo céu, mas dessa vez é minha magia a causa. Eu capturo um vento até que ele se transforme em um ciclone que se ergue até a altura do sol. E então outro. E um terceiro, um quarto, e enquanto a água se agita minha mãe assiste tudo com uma expressão fria e vazia.

O vento apaga e a fumaça se dissolve, e no abismo de neve queimada e areia derretida, dois exércitos nos encaram. Humanos e Sirenas, lado a lado, esperando que seu príncipe e sua princesa entreguem a promessa que fizeram.

— Eu sinto muito que tenha que ser deste modo — eu digo à minha mãe.

Mesmo que eu a odeie, há algo lamentável pressionando meu peito, esse sentimento é só aliviado pela força gentil da mão de Elian na minha. Prendendo-me ao precioso resíduo de humanidade que ainda me resta.

A expressão da rainha do mar permanece vazia.

— Você é fraca então — ela diz, nem um sinal de remorso. — Iria ser um uma demonstração de inaptidão que um de vocês sobrevivesse. — Ela passa a sua língua bifurcada por sobre os lábios, há uma escuridão implacável em seus olhos. — Eu nunca poderia deixar você viver.

— Eu sei — digo. A velocidade do vento aumenta. — E eu também não posso deixar você viver.

Eu jogo minhas mãos para frente e os ciclones explodem contra ela. Ela se sacode em um emaranhado de tentáculos furiosos se atirando contra as rajadas incontroláveis. Seu tridente se acende, mas ela não o usa. Mesmo quando ela é levada da água e jogada pelo ar como um trapo.

Eu entendo nessa hora que ela não pode. Meu corpo pulsa com o poder, mas é preciso que eu use cada pedaço do meu foco para manter os ciclones. Uma coisa dessas exige o mesmo tanto de controle do que exige ferocidade. Um deslize da minha mente poderia fazer com que minha mãe voltasse em um segundo ao oceano e ganhasse de volta o controle que ela tinha.

Eu invoco um sifão de mágica através dos meus dedos, ignorando os uivos nefastos da rainha do mar. Os ciclones se reúnem como uma espiral de açúcar, se fundindo enquanto eles a devoram.

Algo se fragmenta. Um estrondo tremendo sacode a montanha. E então há um sentimento de que o mundo está se transformando de dentro para fora.

Elian me chama e eu deixo minhas mãos caírem. Eu não vejo onde o corpo da minha mãe caiu, mas há uma rachadura como nunca vi e o tridente se enfiou no chão através da barbatana de Kahlia.

— Lira! — ela grita.

Uma sombra começa a se formar.

Eu olho para cima e vejo um cume se formar sobre nós.

Pedaços de rocha rolam pelas cachoeiras com uma velocidade alarmante, se moldando à nevasca formando uma explosão gigante de fumaça branca. Rapidamente, eu uno meus braços em volta de Elian e uso todo meu poder para formar um cobertor de energia por cima de nós.

Os blocos de gelo da geleira se chocam contra o escudo de magia. Eu não o olho, meus olhos estão fechados enquanto eu me seguro desesperadamente

em Elian, rezando para que a defesa aguente. Agradecida que os outros estão salvos do outro lado da água.

A neve sufoca o ar e eu tusso contra o peito de Elian enquanto os cristais de gelo penetram nas minhas guelras. Ele me aperta mais perto dele, tão apertado que deveria doer. Mas meus ossos são como areia agora, e a cada pedra que se joga contra nosso escudo, meu crânio explode de dor.

Parece que o tempo de uma vida se passou antes que o desabamento cesse e o peso seja retirado do meu corpo machucado. Eu olho para ver se os outros estão intactos, mas o ar é um espaço branco. Elian corre suas mãos sobre meus ombros e pelos meus braços, por um momento eu não tenho certeza porque ele faz isso, depois eu entendo que ele está procurando por ferimentos. Tendo certeza de que eu estou bem antes que ele possa ver com os próprios olhos.

Suas mãos correm pelo meu cabelo, e o que eu mais quero é que este sentimento de contentamento total se mantenha como um abrigo para meu coração. Mas como todas as coisas, ele se esvai, enxugado assim que o mundo começa a voltar em foco.

Quando o nevoeiro se vai, o corpo da minha mãe está quebrado por sobre a neve.

Eu nado até ela, Elian seguindo logo atrás de mim. Sua tripulação nos levanta por sobre a água. Madrid olha para a minha barbatana, mas a mão dela pega a minha firmemente. Eu quero explicar as coisas para ela - para todos eles - mas as palavras não vêm.

Elian se mantém ao meu lado, me acolhendo em seus braços. Quando ele me levanta, minhas mãos envolvem seu pescoço como se fosse a coisa mais natural de se fazer, e eu não penso em como é sentir ele me segurando - como ele vê cada pedaço de mim por completo. Eu não consigo focar em como meu coração bate contra meu peito. Eu olho para o tentáculo que foi arrancado e está diante de nós, e ele finalmente morre.

As sirenas se juntam ao redor da minha mãe. Assim que Elian se aproxima comigo em seus braços elas deslizam para nos dar passagem. Ele me coloca no chão ao lado dela e se afasta para me dar o espaço necessário que eu preciso, mas que não quero.

A Rainha do Mar é uma massa na neve.

Os grandes tentáculos dela se emaranhavam como se fossem uma teia de aranha, criando um padrão de membros quebrados. Não há sangue, e por um

momento eu acho que ela pode não estar morta. Não parece justo que ela possa parecer tão pura, como uma estátua bem esculpida de uma besta.

Eu a encaro num silêncio atônita, a barbatana brilhando contra o granizo, com o peso de dois exércitos ás minhas costas. Eu espero como uma filha obediente, pela espuma do mar que sairá de seus ossos e a derreterá como a neve na qual ela se encontra deitada. Segundos se passam e nada acontece com seu corpo estranhamente jogado e com a luz vermelha de seus olhos.

Ninguém fala nada. O tempo é algo que corre fora da montanha, no mundo distante de nós. Aqui há só o silêncio e o infinito que vem com a espera. Leva uma eternidade até eu escutar o pequeno movimento e o cheiro fresco do vento doce e negro.

Elian se agacha ao meu lado, colocando seus braços em volto dos meus ombros, me circundando com o seu calor, nós ficamos sentados assim por uma eternidade até que a Rainha do Mar finalmente desapareceu.

# 43

## *Elian*

A CHUVA VEM EM torrentes, alisando meu cabelo ao meu pescoço. O sol ainda está alto, como um crescente meio escondido atrás das nuvens, criando uma teia de cores no ar. O reino da minha irmã brilha em algum lugar atrás de mim, embora com nosso destino tão próximo, pode muito bem estar a um mundo de distância.

De certo modo, suponho que seja um mundo distante.

— Não muito tempo agora — diz Kye, batendo palmas nas costas de Madri. — Logo você poderá desfrutar de mim em toda a minha glória.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele, um sorriso bem passado em seus lábios.

— Afogamento, você quer dizer?

— Não — diz ele, com uma lesão falsa. — Encharcado.

Madri tira a mão com uma carranca.

— Eu prefiro o afogamento.

Eu sorrio para eles e pego a bússola do meu bolso. O ponto gira loucamente em todas as direções, deixando-me saber que Kye está certo. Estamos perto. Perto de um lugar onde a verdade e o engano se misturam como velhos amigos. Onde toda palavra falada é embebida em ambos e em nenhum dos dois.

O *Saad* corre pela água e eu ando até a beira do navio enquanto Torik se dirige um pouco para a esquerda. Abaixo, nossos guias mantêm o ritmo tão facilmente como se estivéssemos nos arrastando em um barco a remo. Suas barbatanas atravessam a água batida como flechas prismáticas. Desfoca e mistura e tons criando um escudo de cor ao redor do meu navio.

Eles nadam sem nenhum esforço, e quase quero me sentir insultado pelo fato de o ritmo do *Saad* ser tão facilmente combinado. Em vez disso, tomo isso como um elogio. Que o *Saad* possa acompanhar com eles é prova de sua glória.

Algumas das sirenas se separam da multidão e se dirigem para a frente do navio, liderando o caminho. Como se eu já não tivesse memorizado. É um pouco engraçado vê-los se encaixando nesses papéis precariamente esculpidos com tanta facilidade. Guiar marinheiros, em vez de perseguir seus navios em busca de sinais de fraqueza. Ajudando, em vez de caçar.

A Rainha do Mar forjou um novo mundo, tanto na terra como no mar.

Uma vez que os olhos de Keto estavam reunidos, criando um tridente sem limites, havia tantas escolhas a serem feitas quanto promessas a serem quebradas. Embora uma coisa permanecesse clara durante todo o tempo: o oceano precisava de uma rainha. Passei a vida inteira tentando fugir, tornando-me rei, sabendo que Amara seria uma governante muito melhor – seu coração permanecendo ancorado por cada batida que a minha vagueava – mas até eu entendia que algumas coisas eram mais importantes do que o capricho. Os sonhos nem sempre podiam triunfar sobre o dever, e o compromisso era o alicerce de qualquer bom tratado de paz.

Lira também sabia disso. E assim, em vez de explorar o mundo, ela criou um novo.

Quando Diávolos abriu suas águas e o reino marítimo de Keto abriu os portões, os reinos humanos retornaram o gesto. Pelo menos a maioria deles. A paz não vem fácil, mas mais da metade do mundo aceitou a nova ordem, e com o apoio de a nova rainha Midasan e seu irmão errante, a hesitação está se tornando uma coisa do passado. Novos tratados estão sendo acertados, e depois que as dúzias iniciais retornaram do reino marítimo de Keto com suas vidas intactas, outros fizeram a jornada para buscar uma audiência com a Rainha do Mar. Para oferecer comércio ao lado de tratados e aproveitar as maravilhas desta dinastia recém-desbloqueada.

Reino cento e um.

— Capitão! — Torik berrou de cima, sinalizando nossa chegada.

Eu não preciso da ligação dele, porque sei o momento em que nos cruzamos das águas humanas para os mares de Diávolos. A água se torna um fluxo interminável de safiras, misturando-se ao céu e captando todos os raios que o sol espalha. Não há mais chuva ou escuridão. É mais brilhante do que

qualquer coisa tem o direito de ser, mas não de calor. Nunca aqueça. As safiras são nítidas e glaciais, encharcadas nas pontas dos meus dedos. Vidros azuis árticos sobre todos nós.

Abaixo, o coro das sirenas.

Continuamos até chegarmos ao arco. O azul se funde em laranja poeirenta e as torres de formação rochosa atingem a altura de cem navios. Um marcador para o mundo, para sinalizar o reino de Keto abaixo.

Estendendo-se à largura de uma milha, o arco é tanto um portal quanto uma porta qualquer. Naves se amarram aos grandes espigões que cortam de sua curva, vazios, exceto por alguns humanos que sobraram para vigiar os decks em caso de piratas. Embora os piratas pareçam ter se tornado alguns dos mergulhadores mais regulares aqui e as sirenas se deliciam com a companhia deles tanto quanto a rainha.

Há cinco navios no total e reconheço pelo menos um como real. A bandeira de Eidllion acena uma saudação ventosa. Yukiko não mencionou que ela estava vindo, mas ela não gosta de mencionar muito para mim se ela puder ajudar. Se ela não fosse adepta da arte do segredo, eu diria que Galina a ensinou bem. O casamento deles é de constante colaboração e compensação; ensinando uns aos outros todos os truques que eles mantiveram escondidos até agora. Um par formidável, ofuscando lentamente os kardianos que ameaçavam o reinado de Galina.

Não que eu espere que eles me agradeçam, mas desde que meu pai já enviou mais ouro do que é adequado - como compensação pela minha evasiva matrimonial e as novas cicatrizes de Yukiko - eu pensei que isso nos faria equilibrados. Ou, pelo menos, em terreno sólido o suficiente para avisar sobre uma visita à Rainha do Mar. Então a outra parte poderia evitar a região completamente.

Aparentemente, Yukiko ainda gosta de surpresas.

Nós atracamos o mais distante possível deles, e minha tripulação prepara seu equipamento de mergulho. Eles escorregam em roupas de mergulho como uma segunda pele, que suponho que se tornaram. Eu volto para trás, observando enquanto preparam o aparato pesado do Efévresic. Algo que eu nunca precisei - não com magia do meu lado.

Eu sorrio quando as sirenas começam a cantarolar, sabendo melhor do que ninguém o que essa música significa. A água espuma e partes, voltando-se

para um glorioso prata ao redor do pequeno redemoinho que se forma. Quando sua música atinge o seu pico, a Rainha do Mar aparece.

Ela sobe do oceano de uma maneira que é nada menos que celestial. A água a segue em um trono, elevando-a até a altura do meu navio. O cabelo encharcado do oceano percorre todo o comprimento de seu corpo, e ela mantém o brilho sobrenatural que sempre parece iluminar sua pele lunar. Só agora ela é algo mais do que apenas uma sereia ou uma garota disfarçada de pirata.

Ela é uma deusa.

Oito linhas largas de ônix fluem do corpo curvo de Lira, mais como asas do que tentáculos. Esferas violetas gloriosas ficam em baixo, e quando ela sobe o suficiente para que seus olhos se conectem com os meus, eu sorrio. Seus olhos ainda são os mesmos, como brotos pontiagudos de rosas que florescem à noite, que só crescem mais, florescendo quando eu me aproximo.

Ela não pode ver o mundo comigo, então nos contentamos em trazer o mundo para ela. Não mais caçando, mas sempre procurando. Por experiências, por aventura, e pelas histórias para salvar e trazer de volta. Por dias como esse, isso nunca vem logo.

— Sua Majestade — eu digo.

— Você já está aqui.

Sua voz é como música e, mesmo agora, acho difícil ajustar. Cada palavra um refrão, falado com o comando real.

— Se você quiser, eu posso sair e voltar.

Os lábios de Lira roçam em um sorriso e o tempo se torna uma coisa do passado.

— Você iria? — ela pergunta, combinando com o meu tom de provocação. — Isso me daria mais tempo para se preparar para a sua chegada. Eu planejei erigir uma estátua.

Eu estendo minha mão para ela.

— Pensativo de sua parte.

A mudança é tão notável quanto sempre.

Um momento, ela é a Rainha do Mar, um conto de fadas como qualquer outra que eu já li, e no dia seguinte ela é algo ainda mais milagroso. Seus tentáculos se inundam e assumem a forma de pernas; seus tons de ameixa se desvanecem para dar lugar à pele furiosamente pálida. Sua cintura brinca e curvas, e os trevos polidos que cobriam seus seios se transformam em uma

camisa de gola folgada com pesadas mangas de franja. Seu cabelo permanece da cor do vinho, longe do marrom vermelho mosqueado com o qual eu estava acostumada, e seus olhos ainda tremulam em duas cores distintas. Uma combinação de Rainha do Mar e pirata, de um passado vivido e um futuro ainda por ser escrito.

Lira desce graciosamente para o *Saad*, segura com firmeza minha mão estendida. Eu a levo aos lábios com um sorriso provocador e, em seguida, pressiono a mão na bochecha dela. É suave e agudo e tão cheio de contradições quanto ela.

— Você está pronto? — Ela pergunta.

Beijo-a como resposta, surpreendendo-me por ter esperado um minuto inteiro. É uma demonstração incomum de paciência da minha parte.

Lira sorri, seus dentes roçam meus lábios e deixa sua língua correr pela minha. Ela agarra a gola da minha camisa e eu envolvo meus braços em volta da sua cintura. É como segurar uma história em vez de uma pessoa; ela se sente selvagem e infinita em meus braços.

Ela enlaça a minha mão na dela e me puxa para o lado do navio. Os olhos entrelaçados de Keto estão sobre a clavícula em um lavalore ornamental. Na Rainha do Mar que me cumprimentou momentos atrás, parecia uma gargantilha grandiosa, adequada a uma régua do oceano. Em Lira, em sua humanidade enganosamente delicada, parece pesada o suficiente para afundá-la no fundo do oceano.

Lira me chama a atenção e arqueia a sobrancelha.

— Você está olhando para os meus peitos ou para meu colar?

Eu dou a ela um sorriso sem vergonha.

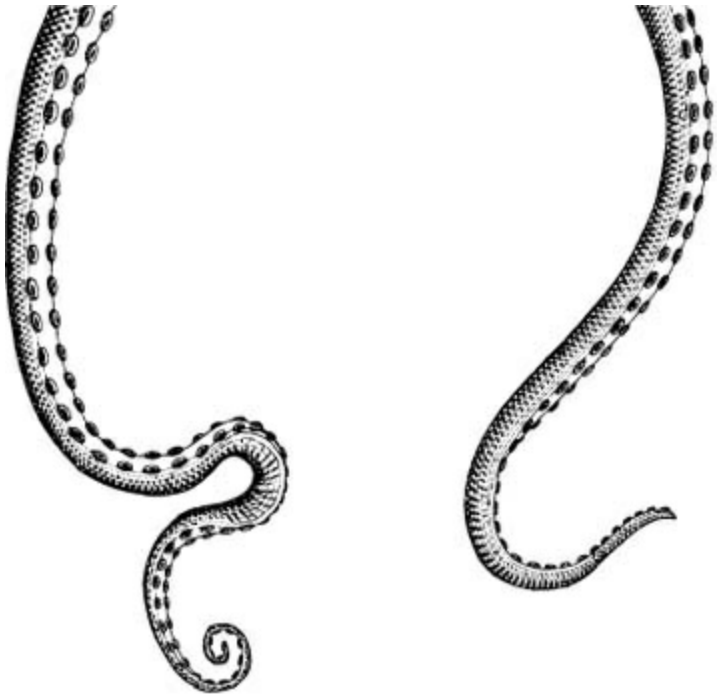
— Qual deles não vai me dar um tapa na cara?

— Eu só estou tentando avaliar se você está ou não planejando roubá-lo — ela passa o dedo sobre a pedra. — Você é um pirata, afinal.

— É verdade — eu digo. — Mas então, você também está.

Lira olha para sua roupa. As calças da marinha que estufavam as coxas e as botas marrons até o joelho com ouro suficiente nas fivelas para comprar um reino. Ela ri e o rubi brilha contra seu busto. Sal e magia.

Ela me puxa para mais perto dela, seus dedos apertados sobre os meus, e juntos nós mergulhamos.





# AGRADECIMENTOS

VOCÊ FEZ ISSO até o fim! Obrigado por ler a história de Lira e Elian e, em seguida, virar a página para descobrir um pouco mais sobre a minha (a menos que você tenha pulado direto para cá sem ler. Nesse caso, alerta de spoiler: todos morrem).

Este livro tornou-se uma coisa real fora da minha imaginação por causa de um monte de pessoas incríveis, e por isso vou fazer o meu melhor para garantir que todos saibam o quão bons eles são.

Aos meus pais, que nunca me disseram para parar de sonhar. Por ser hilário e esquisito e não apenas ótimo pessoal, mas também ótimos amigos. Mamãe, obrigado por me ligar todos os dias para verificar se eu ainda estou vivo e por ser alguém com quem posso conversar sobre absolutamente qualquer coisa (mas não para sempre escolher a pintura errada errada. Todo tempo.) Pai, obrigado por sempre ser o sorriso na sala e consertar qualquer problema que eu tenha, não importa o que seja (mas não por pensar que você pode Artex).

Para o resto da minha família (e, cara, há muito de você) por ser uma fonte constante de encorajamento e loucura. E para Nick, especialmente, porque eu prometi que nomearia um personagem depois de você uma vez e então eu totalmente não.

Para meus amigos, que são o grupo mais edificante do mundo. Jasprit e Rashika, vocês dois são o melhor tipo de pessoa – os que eu não pude fazer e não consigo me lembrar de não saber. Obrigado por me apoiar em tudo o que faço, sendo infinitamente no meu comprimento de onda e me fazendo rir mais do que nunca. E para Siiri, por ser uma explosão de positividade e um dos primeiros amigos verdadeiros que eu fiz no mundo dos blogs (e por ser alguém para quem eu posso falar sobre K-dramas sempre que estou procrastinando. O que é sempre).

Para Charles e Alan, dois dos mais bizarros e talentosos professores de redação criativa. Vocês me fizeram esquecer tudo o que eu sabia sobre escrever e aprender todas as coisas divertidas.

Para o pessoal da & Friends por ser o time dos sonhos e me dar a capa mais incrível! E para Anna, por me ajudar a resolver as dificuldades e contar a história que precisava ser contada, e por me fazer sentir em casa em todo esse processo.

Para a equipe da Hot Key Books, por ser uma equipe tão incrível e apaixonada para trabalhar e ajudar este livro a chegar ao Reino Unido. Agora todos em casa podem acreditar em mim quando digo que realmente tenho um livro!

Para o meu agente, Emmanuelle, cujo amor e empolgação por este livro impediram que o meu sempre vacilasse. Obrigado por defender Lira e Elian tanto e por ver potencial em sua história. E em mim E para Whitney, para garantir que Lira e Elian realmente viajassem pelo mundo!

Por último, para os leitores, todos vocês, por continuarem a inspirar e a se lançarem em novas histórias a cada dia. Por acreditar em magia e maravilha, tanto no mundo real quanto nos mundos não tão reais.

Thank you for choosing a Hot Key book.

If you want to know more about our authors and what we publish, you can find us online.

You can start at our website

**www.hotkeybooks.com**

And you can also find us on:

**We hope to see you soon!**

First published in Great Britain in 2018 by
HOT KEY BOOKS
80–81 Wimpole St, London W1G 9RE
www.hotkeybooks.com

Text copyright © Alexandra Christo, 2018

All rights reserved.
No part of this publication may be reproduced, stored or transmitted in any form by any means, electronic, mechanical, photocopying or otherwise, without the prior written permission of the publisher.

The right of Alexandra Christo to be identified as author of this work has been asserted by them in accordance with the Copyright, Designs and Patents Act, 1988

This is a work of fiction. Names, places, events and incidents are either the products of the author's imagination or used fictitiously. Any resemblance to actual persons, living or dead, is purely coincidental.

A CIP catalogue record for this book is available from the British Library.

ISBN: 978-1-4717-0740-6

Hot Key Books is an imprint of Bonnier Zaffre Ltd,
a Bonnier Publishing company
www.bonnierpublishing.com